O MEDO VAI APRENDER
A ME TEMER



# INCENDEIA-ME

TAHEREH MAFI

AUTORA BEST-SELLER DO *THE NEW YORK TIMES*

Nova Concelho

# Sumário

Capa

Sumário

Folha de Rosto

Folha de Créditos

Dedicatória

Capítulo 1

Capítulo 2

Capítulo 3

Capítulo 4

Capítulo 5

Capítulo 6

Capítulo 7

Capítulo 8

Capítulo 9

Capítulo 10

Capítulo 11

Capítulo 12

Capítulo 13

Capítulo 14

Capítulo 15

Capítulo 16

Capítulo 17

Capítulo 18

Capítulo 19

Capítulo 20

Capítulo 21

Capítulo 22

Capítulo 23

Capítulo 24

Capítulo 25

Capítulo 26

Capítulo 27

Capítulo 28

Capítulo 29

Capítulo 30

Capítulo 31

Capítulo 32

Capítulo 33

Capítulo 34

Capítulo 35

Capítulo 36

Capítulo 37

Capítulo 38

Capítulo 39

Capítulo 40

Capítulo 41

Capítulo 42

Capítulo 43

Capítulo 44

Capítulo 45

Capítulo 46

Capítulo 47

Capítulo 48

Capítulo 49

Capítulo 50

Capítulo 51

Capítulo 52

Capítulo 53

Capítulo 54

Capítulo 55

Capítulo 56

Capítulo 57

Capítulo 58

Capítulo 59

Capítulo 60

Capítulo 61

Capítulo 62

Capítulo 63

Capítulo 64

Capítulo 65

Capítulo 66

Capítulo 67

Capítulo 68

Capítulo 69

Capítulo 70

Capítulo 71

Capítulo 72

Capítulo 73

Capítulo 74

Capítulo 75

Capítulo 76

Capítulo 77

Capítulo 78




# Tahereh Mafi

Tradução:
Bárbara Menezes



Título original: *Ignite me*
Copyright © 2014 by Tahereh Mafi
Copyright © 2014 Editora Novo Conceito
Todos os direitos reservados.

Esta é uma obra de ficção. Nomes, personagens, lugares e acontecimentos descritos são produto da imaginação do autor. Qualquer semelhança com nomes, datas e acontecimentos reais é mera coincidência.

Versão digital — 2014

Produção Editorial:
Equipe Novo Conceito

Este livro segue as regras da Nova Ortografia da Língua Portuguesa.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Mafi, Tahereh
Incendeia-me / Tahereh Mafi ; tradução Bárbara Menezes. -- Ribeirão Preto, SP : Novo Conceito Editora, 2014.

Título original: Ignite me.
ISBN 978-85-8163-440-1

1. Ficção norte-americana I. Título.

14-02861 | CDD-813

Índices para catálogo sistemático:
1. Ficção : Literatura norte-americana 813




Rua Dr. Hugo Fortes, 1885 — Parque Industrial Lagoinha

14095-260 — Ribeirão Preto — SP

www.grupoeditorialnovoconceito.com.br

Para meus leitores. Por seu amor e apoio. Este é para vocês.




Sou uma ampulheta.

Meus 17 anos desmoronaram e me enterraram de dentro para fora. Minhas pernas parecem cheias de areia e grampeadas uma na outra, minha mente transborda de grãos de indecisão, escolhas não feitas e a impaciência conforme o tempo escoa de meu corpo. O ponteiro pequeno de um relógio bate em mim à uma e às duas, três e quarto, sussurrando olá, acorde, levantar, é hora de

acordar

acordar

— Acorde — ele sussurra.

Uma ingestão cortante de ar e estou acordada, mas não me levanto; surpresa, mas não com medo; de alguma forma encarando os olhos muito desesperadamente verdes que parecem saber demais, bem demais. Aaron Warner Anderson está curvado sobre mim, seus olhos preocupados me inspecionando, sua mão parada no ar como se pudesse ter estado prestes a me tocar.

Ele se afasta de repente.

Fica me olhando, sem piscar, o peito subindo e descendo.

— Bom dia — suponho.

Não tenho certeza da minha voz, da hora e do dia, destas palavras saindo dos meus lábios e deste corpo que me contém.

Percebo que ele está usando uma camisa branca social, meio enfiada em sua calça social preta curiosamente sem nenhum amassado. Suas mangas estão dobradas, puxadas para trás dos cotovelos.

Seu sorriso parece doer.

Ergo-me para me sentar e Warner muda de lugar para me acomodar. Tenho de fechar os olhos para aplacar a tontura repentina, mas me forço a permanecer parada até a sensação passar.

Estou cansada e fraca pela fome, mas, exceto por algumas dores gerais, pareço estar bem. Estou viva. Estou respirando e piscando e sentindo-me humana e sei exatamente o porquê.

Cruzo meu olhar com o dele.

— Você salvou minha vida.

Eu levei um tiro no peito.

O pai de Warner colocou uma bala em meu corpo e eu ainda consigo sentir seus ecos. Se me concentrar, posso reviver o momento exato em que aconteceu; a dor; tão intensa, tão lancinante; nunca poderei esquecê-la.

Puxo uma respiração assustada.

Enfim estou ciente da estranheza familiar daquele quarto e logo sou tomada por um pânico que grita que eu não acordei onde adormeci. Meu coração está acelerado e estou me afastando dele devagar, batendo as costas contra a cabeceira, agarrando estes lençóis, tentando não olhar o lustre de que me lembro muito bem...

— Tudo bem — Warner está dizendo. — Está tudo bem...

— O que estou fazendo aqui?

Pânico, pânico; o terror nubla minha consciência.

— Por que você me trouxe para cá de novo...?

— Juliette, por favor, não vou machucá-la…

— Então por que você me trouxe para cá?

Minha voz está começando a falhar e eu estou me esforçando para mantê-la estável.

— Por que me trazer de volta para este *inferno*...

— Eu precisava escondê-la.

Ele solta o ar, olha para cima pela parede.

— O quê? Por quê?

— Ninguém sabe que você está viva.

Ele se vira para me olhar.

— Tive que voltar para a base. Eu precisava fingir que tudo tinha voltado ao normal e estava ficando sem tempo.

Esforço-me para afastar o medo.

Estudo o rosto dele e analiso seu tom paciente e sincero. Lembro-me dele na noite anterior — deve ter sido a noite anterior —, lembro-me de seu rosto, lembro-me dele deitado a meu lado no escuro. Ele foi carinhoso e gentil e me salvou, salvou minha vida. Provavelmente me carregou até a cama. Acomodou-me a seu lado. Deve ter sido ele.

Porém, quando olho para baixo pelo meu corpo, percebo que estou usando roupas limpas, sem sangue nem buracos nem nada em nenhum lugar e pergunto-me quem me lavou, pergunto-me quem me trocou e fico preocupada que tenha sido Warner também.

— Você...

Eu hesito, tocando a bainha da blusa que estou usando.

— Foi… Digo… Minhas roupas…

Ele sorri. Fica me olhando até eu corar e decido que eu o odeio um pouco e, depois, ele faz que não com a cabeça. Olha para a palma de suas mãos.

— Não — ele diz. — As garotas cuidaram disso. Eu apenas a carreguei para a cama.

— As garotas — sussurro, pasma.

*As garotas.*

Sonya e Sara. Elas estão ali também, as gêmeas curandeiras, elas ajudaram Warner. Elas o ajudaram a me salvar porque ele é o único que pode me tocar agora, a única pessoa no mundo que foi capaz de transferir o poder curativo delas com segurança para meu corpo.

Minha cabeça está pegando fogo.

*Onde estão as garotas o que aconteceu com as garotas e onde está Anderson e a Guerra e ah meu Deus o que aconteceu com Adam e Kenji e Castle* e eu preciso me levantar eu preciso me levantar e eu preciso me levantar e sair da cama e ir em frente

mas

Tento me mexer e Warner me segura. Estou sem equilíbrio, instável; ainda sinto como se minhas pernas estivessem ancoradas naquela cama e, de repente, não consigo respirar, vejo manchas e sinto que vou desmaiar. Preciso levantar. Preciso sair.

Não consigo.

— Warner.

Meus olhos encaram frenéticos o rosto dele.

— O que aconteceu? O que está acontecendo na batalha...?

— Por favor — ele diz, segurando meus ombros. — Você precisa começar devagar; devia comer alguma coisa...

— *Me diga...*

— Você não quer comer antes? Ou tomar um banho?

— Não — me ouço dizer. — Eu preciso saber agora.

Um instante. Dois e três.

Warner respira fundo. Mais um milhão de vezes. Mão direita sobre a esquerda, girando o anel de jade no seu dedo mínimo de novo e de novo e de novo

— Acabou — ele diz.

— O quê?

Digo as palavras, mas meus lábios não fazem som. Estou entorpecida, de alguma forma. Piscando e não vendo nada.

— Acabou — ele fala de novo.

— Não.

Eu exalo a palavra, exalo a impossibilidade.

Ele faz que sim com a cabeça. Está discordando de mim.

— Não.

— Juliette.

— Não — eu falo. — Não. Não. Não seja bobo — digo para ele. — Não seja ridículo — digo para ele. — *Não minta para mim, seu maldito.* — Agora, minha voz está alta e falha e trêmula e — Não — eu ofego —, não, não, *não...*

Eu chego a me levantar desta vez. Meus olhos estão se enchendo depressa com lágrimas e eu pisco e pisco, mas o mundo está uma bagunça e eu quero rir porque tudo em que consigo pensar é em como é horrível e lindo, que nossos olhos embaçam a verdade quando não aguentamos ver.

O chão é duro.

Sei que isso é um fato comprovado porque ele de repente está pressionado contra meu rosto e Warner está tentando me tocar mas acho que eu grito e bato na mão dele para afastá-la porque já sei a resposta. Eu devo já saber a resposta porque sinto a revolta borbulhar e desarranjar minhas entranhas, mas pergunto de qualquer forma. Estou na horizontal e, de alguma maneira, ainda tombando, e os buracos na minha cabeça estão se rasgando e abrindo e estou encarando um ponto no tapete a menos de 3 metros de distância e não tenho certeza nem se estou viva mas preciso ouvi-lo dizer.

— Por quê? — pergunto.

Apenas duas palavras, idiotas e simples.

— Por que a batalha acabou? — questiono.

Não estou respirando mais, nem falando nada; apenas expelindo letras pelos meus lábios.

Warner não está olhando para mim.

Ele está olhando para a parede e para o chão e para os lençóis e para a maneira como os nós de seus dedos ficam quando ele aperta as mãos em punhos mas não, não para mim ele não olha para mim e suas palavras seguintes são muito, muito suaves.

— Porque eles estão todos mortos, amor. Eles estão todos mortos.




Meu corpo trava.

Meus ossos, meu sangue, meu cérebro congelam no lugar, prendendo-se em algum tipo de paralisia repentina, incontrolável, que se espalha por mim tão depressa que parece que não consigo respirar. Estou engolindo fôlegos chiados, profundos e tensos, e as paredes não param de balançar em frente a mim.

Warner puxa-me para seus braços.

— Solte-me — eu grito, mas, ah, apenas na minha imaginação, porque meus lábios pararam de trabalhar e meu coração acabou de deixar de funcionar e minha mente foi para o inferno pelo restante do dia e meus olhos meus olhos acho que estão sangrando. Warner está sussurrando palavras de consolo que não consigo escutar e seus braços estão enrolados inteiramente ao redor de mim, tentando me manter inteira por meio de pura força física mas não adianta.

Não sinto nada.

Warner está fazendo “shh”, balançando-me para a frente e para trás e é apenas neste momento que percebo que estou fazendo o som mais lancinante e de romper os tímpanos, a agonia me rasgando. Quero falar, protestar, acusar Warner, culpá-lo, chamá-lo de mentiroso, mas não consigo dizer nada, não consigo formar nada além de sons tão dignos de pena que quase tenho vergonha de mim. Liberto-me dos braços dele, ofegando e dobrando o corpo, apertando a barriga.

— Adam. — Engasgo com o nome dele.

— Juliette, por favor…

— Kenji.

Estou hiperventilando contra o tapete agora.

— Por favor, amor, deixe que eu ajude...

— E James? — eu me ouço dizer. — Ele foi deixado no Ponto Ômega... Não deixaram que ele viesse...

— Tudo foi destruído — Warner diz devagar, em voz baixa. — Tudo. Eles torturaram alguns de seus membros para dizerem a localização exata do Ponto Ômega. Depois, bombardearam a coisa toda.

— Ah, *meu Deus*.

Eu cubro a boca com uma das mãos e encaro, sem piscar, o teto.

— Sinto muito — ele diz. — Você não faz ideia do quanto eu sinto.

— Mentiroso — eu sussurro, veneno na minha voz.

Estou brava e cruel e não me dou ao trabalho de me importar.

— Você não sente nem um pouco.

Dou uma olhada para Warner apenas tempo o bastante para ver a mágoa aparecer e sumir de seus olhos. Ele limpa a garganta.

— Sinto muito — ele repete, em voz baixa, mas firme.

Ele pega o casaco de onde estava pendurado em um cabideiro próximo; veste-o balançando os ombros sem uma palavra.

— Aonde você vai? — pergunto, culpada no mesmo instante.

— Você precisa de tempo para processar isso e claramente minha companhia não é útil. Vou cuidar de algumas tarefas até você estar pronta para conversar.

— Por favor, diga que você está errado.

Minha voz falha. Minha respiração para.

— Diga que existe uma chance de você estar errado...

Warner me encara pelo que parece um longo tempo.

— Se existisse pelo menos a menor chance de eu poder poupá-la dessa dor — ele diz, enfim —, eu teria aproveitado. Você precisa saber que eu não teria dito isso se não fosse absolutamente verdade.

E é isso — a sinceridade dele — que por fim me parte ao meio.

Porque a verdade é tão insuportável que eu queria que ele me entregasse uma mentira.

Não lembro quando Warner saiu.

Não lembro como ele saiu ou o que disse. Tudo o que sei é que estou deitada aqui enrolada no chão há muito tempo. Tempo bastante para as lágrimas virarem sal, tempo bastante para minha garganta secar e meus lábios racharem e minha cabeça latejar tão forte quanto meu coração.

Sento-me devagar, sinto meu cérebro se torcer em algum lugar do meu crânio. Consigo subir na cama e sento-me ali, ainda entorpecida, porém menos, e puxo os joelhos para o peito.

A vida sem Adam.

A vida sem Kenji, sem James e Castle e Sonya e Sara e Brendan e Winston e todos do Ponto Ômega. Meus amigos, todos destruídos

em um piscar de olhos.

*A vida sem Adam.*

Eu me aperto bastante, rezo para que a dor passe.

Não passa.

*Adam se foi*.

Meu primeiro amor. Meu primeiro amigo. Meu único amigo quando eu não tinha nenhum e agora ele se foi e não sei como eu me sinto. Estranha, na maior parte. Delirante também. Sinto-me vazia e quebrada e traída e culpada e brava e desesperadamente, desesperadamente triste.

Nós estávamos nos distanciando desde que escapamos para o Ponto Ômega, mas foi culpa minha. Ele queria mais de mim, e eu queria que ele tivesse uma vida longa. Eu queria protegê-lo da dor que eu lhe causaria. Tentei esquecê-lo, seguir em frente sem ele, preparar-me para um futuro separado e à parte dele.

Pensei que ficar longe o manteria vivo.

Menina estúpida.

As lágrimas são novas e caem depressa, viajando em silêncio pelo meu rosto e entrando em minha boca aberta e ofegante. Meus ombros não param de sacudir e meus punhos continuam se fechando e meu corpo está paralisado e meus joelhos estão se batendo e antigos hábitos estão rastejando para fora de minha pele e estou contando rachaduras e cores e sons e tremores e balançando para a frente e para trás e para a frente e para trás e para a frente e para trás e preciso deixá-lo partir preciso deixá-lo partir preciso preciso

Eu fecho os olhos

E *respiro*.

Respirações ásperas, difíceis, arranhadas.

Para dentro.

Para fora.

Conte-as.

Já estive aqui antes, digo a mim mesma. Já fui mais solitária do que isso, com menos esperança do que isso, mais desesperada do que isso. Já estive aqui antes e sobrevivi. Posso passar por isso.

Mas eu nunca havia sido tão completamente roubada. Amor e possibilidade, amizades e futuros: foram-se. Preciso começar do zero agora; enfrentar o mundo sozinha de novo. Tenho de fazer uma última escolha: desistir ou ir em frente.

Assim, fico de pé.

Minha cabeça está girando, os pensamentos trombando uns nos outros, mas engulo as lágrimas. Aperto os punhos e tento não gritar e guardo meus amigos no coração e

*a vingança*

eu penso

nunca pareceu tão doce.



*Aguente firme*

*Segure-se bem*

*Melhore*

*Fique forte*

*Aguente bem*

*Segure firme*

*Pareça forte*

*Fique por cima*

*Um dia eu posso romper*

*Um dia eu posso*

*r o m p e r*

*e me libertar*

Warner não consegue esconder a surpresa quando entra de novo no quarto.

Olho para cima, fecho o caderno nas minhas mãos.

— Vou pegar isso de volta — falo para ele.

Ele pisca para mim.

— Você está se sentindo melhor?

Faço que sim com a cabeça.

— Meu caderno estava simplesmente aqui, na mesa de cabeceira.

— Sim — ele diz devagar. Com cuidado.

— Vou pegar de volta.

— Entendo.

Ele ainda está de pé perto da porta, ainda congelado no mesmo lugar, ainda encarando.

— Você vai…

Ele sacode a cabeça.

— Desculpe, você vai para algum lugar?

É apenas nesse momento que percebo que já andei metade do caminho até a porta.

— Preciso sair daqui.

Warner não diz nada. Ele dá alguns passos cautelosos para dentro do quarto, tira o casaco, coloca-o sobre uma cadeira. Tira três armas do coldre preso às suas costas e demora-se enquanto as coloca sobre a mesa onde meu caderno antes estava. Quando enfim levanta o olhar, tem um leve sorriso no rosto.

Mãos nos bolsos. O sorriso um pouco maior.

— Aonde vai, amor?

— Preciso cuidar de algumas coisas.

— É mesmo?

Ele inclina um ombro contra a parede, cruza os braços contra o peito. Não consegue parar de sorrir.

— Sim.

Estou ficando irritada.

Warner espera. Fica olhando. Faz que sim com a cabeça uma vez, como se dissesse “continue”.

— Seu pai...

— Não está aqui.

— Ah.

Tento esconder meu choque, mas então não sei por que eu tinha tanta certeza de que Anderson ainda estaria aqui. Isso complica a situação.

— Você achou mesmo que poderia simplesmente sair andando deste quarto — Warner diz para mim —, bater na porta do meu pai e acabar com ele?

Sim.

— Não.

— Mentirosa, seu nariz vai crescer — Warner diz com suavidade.

Olho brava para ele.

— Meu pai foi embora — Warner diz. — Ele voltou para a capital e levou Sonya e Sara com ele.

Eu seguro um grito, horrorizada.

— Não.

Warner não está mais sorrindo.

— Elas estão... vivas?

— Não sei.

Um simples dar de ombros.

— Imagino que devam estar, já que não têm utilidade para meu pai em nenhuma outra condição.

— Elas estão *vivas*?

Meu coração acelera tão rápido que eu posso estar tendo um infarto.

— Eu preciso trazer as duas de volta... Eu preciso encontrar as garotas, eu...

— Você o quê?

Warner está me olhando com atenção.

— Como você vai chegar até meu pai? Como vai lutar com ele?

— Não sei!

Estou andando de um lado para o outro no quarto agora.

— Mas preciso encontrar as duas. Talvez elas sejam as minhas únicas amigas que restam neste mundo e…

Eu paro.

Viro-me de repente, o coração na boca.

— E se houver outros? — sussurro, com muito medo de ter esperança.

Vou até Warner do outro lado do quarto.

— E se houver outros sobreviventes? — pergunto, a voz mais alta. — E se estiverem escondidos em algum lugar?

— Parece improvável.

— Mas há uma chance, não há?

Estou desesperada.

— Se houver mesmo a menor chance…

Warner suspira. Passa uma mão pelo cabelo da nuca.

— Se você tivesse visto a devastação da maneira como eu vi, não estaria dizendo coisas assim. A esperança vai despedaçar o seu coração de novo.

Meus joelhos começam a dobrar.

Eu me agarro à estrutura da cama, a respiração agitada, as mãos tremendo. Não sei de mais nada. Não sei de verdade o que aconteceu com o Ponto Ômega. Não sei onde é a capital ou como eu chegaria lá. Nem sei se eu conseguiria chegar a Sonya e Sara a tempo. Mas não consigo afastar essa esperança repentina e estúpida de que mais de meus amigos tenham, de alguma maneira, sobrevivido.

Porque eles são mais fortes que isso; mais espertos.

— Eles estavam planejando uma guerra fazia tanto tempo — eu me ouço dizer. — Eles devem ter tido algum tipo de plano de apoio. Um lugar para se esconderem…

— Juliette…

— Droga, Warner! Eu tenho que tentar. Você tem que me deixar procurar.

— Isso não é bom.

Ele não me olha nos olhos.

— É perigoso você pensar que há uma chance de que alguém ainda possa estar vivo.

Encaro o perfil forte e estável dele.

Ele estuda as próprias mãos.

— Por favor — eu sussurro.

Ele suspira.

— Preciso ir aos aglomerados amanhã ou depois, só para supervisionar melhor o processo de reconstrução da área.

Ele fica tenso enquanto fala.

— Perdemos muitos civis — ele declara. — Demais. Os cidadãos que restaram estão traumatizados e derrotados, o que é fácil de compreender, como era a intenção do meu pai. Foram destituídos de qualquer última esperança que poderiam ter de rebelião.

Uma respiração nervosa.

— E, agora, tudo precisa ser colocado de novo em ordem, depressa — ele conta. — Os corpos estão sendo retirados ou incinerados. As unidades de residência danificadas estão sendo substituídas. Civis estão sendo forçados a voltar ao trabalho, os órfãos estão sendo realocados e as crianças restantes estão sendo obrigadas a frequentar as escolas de seus setores.

— O Restabelecimento — ele diz — não dá tempo para as pessoas se lamentarem.

Há um silêncio pesado entre nós.

— Enquanto eu estou supervisionando os aglomerados — Warner fala —, posso encontrar uma maneira de levá-la de volta ao Ponto Ômega. Posso mostrar o que aconteceu. Então, depois de ter provas, você vai ter que fazer uma escolha.

— Que escolha?

— Você precisa decidir seu próximo passo. Pode ficar comigo — ele diz, hesitante —, ou, se preferir, posso organizar uma forma de você viver sem ser detectada, em algum lugar de uma área não regulamentada. Mas será uma existência solitária — ele acrescenta em voz baixa. — Você nunca pode ser descoberta.

— Ah.

Uma pausa.

— Sim — ele diz.

Outra pausa.

— *Ou* então — falo para ele — eu saio, encontro seu pai, mato-o e lido com as consequências sozinha.

Warner tenta conter um sorriso e não consegue.

Ele olha para baixo e ri um pouco antes de me olhar bem nos olhos. Faz que não com a cabeça.

— O que é tão engraçado?

— Minha querida menina.

— *O quê?*

— Eu estava esperando por este momento fazia muito tempo.

— O que você quer dizer?

— Você enfim está pronta — ele diz. — Você enfim está pronta para lutar.

O choque flui por mim.

— É claro que estou.

Em um instante, sou bombardeada por memórias do campo de batalha; o terror de levar um tiro fatal. Eu não esqueci meus amigos ou minha convicção renovada, minha determinação em fazer as coisas de um modo diferente. Em fazer a diferença. Em lutar de verdade desta vez, sem hesitação. Não importa o que aconteça — e não importa o que eu descubra —, não há mais volta para mim. Não há alternativas.

Eu não esqueci.

— Eu sigo em frente ou morro.

Warner ri alto. Parece que pode chorar.

— Eu *vou* matar seu pai — digo a ele — e vou destruir O Restabelecimento.

Ele ainda está sorrindo.

— Eu *vou*.

— Eu sei — ele afirma.

— Então por que você está rindo de mim?

— Não estou — ele fala com suavidade. — Só estou me perguntando se você gostaria da minha ajuda.




— O quê?

Eu pisco depressa, sem acreditar.

— Eu sempre disse para você — Warner fala — que nós formaríamos um time excelente. Eu sempre disse que estava esperando que você ficasse pronta; que você reconhecesse sua raiva, sua própria força. Estou esperando desde o dia em que a conheci.

— Mas você queria me usar para O Restabelecimento; você queria que eu torturasse pessoas inocentes...

— Não é verdade.

— O quê? Do que você está falando? Você *mesmo* me disse…

— Menti.

Ele encolhe os ombros.

Meu queixo cai.

— Há três coisas que você deveria saber a meu respeito, amor.

Ele dá um passo à frente.

— A primeira — diz — é que eu odeio meu pai mais do que você um dia poderá ser capaz de entender.

Ele limpa a garganta.

— A segunda é que eu sou uma pessoa egoísta sem culpa, que, em quase todas as situações, toma decisões com base inteiramente no meu próprio interesse. E a terceira.

Uma pausa enquanto ele olha para baixo. Ri um pouco.

— Eu nunca tive nenhuma intenção de usá-la como arma.

Fiquei sem palavras.

Mexo-me para trás até a cama, sento-me.

Entorpecida.

— Aquele foi um esquema elaborado que eu criei para o meu pai — Warner conta. — Eu tinha que convencê-lo de que era uma boa ideia investir em alguém como você, que poderíamos usá-la para vantagens militares. E, para ser bem, bem honesto, ainda não tenho certeza de como consegui isso. A ideia é ridícula. Gastar todo aquele tempo, dinheiro e energia para recuperar uma garota supostamente psicótica só para a tortura?

Ele faz que não com a cabeça.

— Eu sabia desde o começo que seria uma empreitada sem frutos; uma perda de tempo completa. Há métodos muito mais eficazes de extrair informações de quem não quer dar.

— Então, por que… por que você me queria?

Os olhos dele estão tremendo em sua sinceridade.

— Eu queria estudá-la.

— O quê? — eu ofego.

Ele vira as costas para mim.

— Você sabia — ele diz, com a voz tão baixa que tenho de me esforçar para escutá-lo — que minha mãe vive naquela casa?

Ele olha para a porta fechada.

— Aquela para onde meu pai a levou? Aquela onde você levou o tiro? Ela estava no quarto dela. No final do corredor em relação a onde você estava sendo mantida presa por ele.

Como não respondo, Warner se vira para me olhar.

— Sim — sussurro. — Seu pai mencionou alguma coisa sobre ela.

— Ahn?

O susto aparece e some dos traços dele. Ele rapidamente mascara a emoção.

— E o que — ele fala, fazendo um esforço para soar calmo — ele disse sobre ela?

— Que ela está doente — conto a ele, odiando-me pelo tremor que atravessa meu corpo. — Que ele a guarda lá porque ela não fica bem nos aglomerados.

Warner inclina-se contra a parede, parecendo precisar do apoio. Puxa uma respiração pesada.

— Sim — ele diz finalmente. — É verdade. Ela está doente. Ela ficou muito doente de repente.

Os olhos dele estão focados em um ponto distante em outro mundo.

— Quando eu era criança, ela parecia perfeitamente bem — conta, virando e virando o anel de jade no dedo. — Um dia, ela simplesmente... desmoronou. Durante anos, briguei com meu pai para buscar tratamento, para encontrar uma cura, mas ele nunca se importou. Eu fiquei sozinho na busca por ajuda para ela e, não importava com quem eu entrava em contato, nenhum médico conseguiu tratá-la. Nenhum — ele diz, mal respirando agora — sabia o que havia de errado com ela. Ela vive em um estado constante de agonia — fala — e eu sempre fui muito egoísta para deixá-la morrer.

Ele levanta o olhar.

— E, então, fiquei sabendo sobre você. Eu tinha ouvido histórias sobre você, rumores — diz. — E isso me deu esperança pela primeiríssima vez. Eu queria acesso a você; eu queria estudá-la. Eu queria conhecê-la e entendê-la em primeira mão. Porque, em toda a minha pesquisa, você era a única pessoa de quem eu já tinha ouvido falar que poderia ser capaz de me oferecer respostas sobre a condição da minha mãe. Eu estava desesperado — ele afirma. — Estava disposto a tentar qualquer coisa.

— O que você quer dizer? — pergunto. — Como alguém como eu poderia conseguir ajudá-lo com sua mãe?

Os olhos dele encontram os meus de novo, brilhando de angústia.

— Porque, amor, você não pode tocar em ninguém. E ela — ele diz —, ela não pode ser tocada.

# 5



Eu perdi a capacidade de falar.

— Eu enfim entendo a dor dela — Warner diz. — Eu enfim entendo como deve ser para ela. Por sua causa. Porque eu vi o que fez com você, o que faz com você, carregar esse tipo de fardo, existir com tanto poder assim e viver entre aqueles que não entendem.

Ele inclina a cabeça para trás contra a parede, aperta a base das mãos nos olhos.

— Ela, de maneira bem parecida com você — ele fala —, deve se sentir como se houvesse um monstro dentro dela. Porém, diferente de você, a única vítima dela é ela mesma. Ela não consegue viver no próprio corpo. Ela não pode ser tocada por ninguém; nem por suas próprias mãos. Nem tirar um cabelo da testa ou apertar os punhos. Ela tem medo de falar, de mexer as pernas, de esticar os braços, até de mudar para uma posição mais confortável, simplesmente porque a sensação da sua pele raspando contra ela mesma causa uma quantidade excruciante de dor.

Warner baixa as mãos.

— Parece — continua, lutando para manter a voz estável — que alguma coisa no calor do contato humano dispara esse poder terrível e destrutível dentro dela e, como ela é ao mesmo tempo a origem e a receptora da dor, de alguma forma é incapaz de se matar. Em vez disso, vive como prisioneira dos seus próprios ossos, incapaz de escapar dessa tortura causada em si mesma.

Meus olhos estão ardendo muito. Eu pisco depressa.

Durante muitos anos eu achei que minha vida fosse difícil; eu pensei que entendesse o que significava sofrer. Mas isso. Isso é algo que eu não consigo nem começar a compreender. Nunca parei para pensar que outra pessoa pudesse ter uma situação pior que a minha.

Faz com que eu tenha vergonha de ter sentido tanta pena de mim mesma.

— Durante um longo tempo — Warner continua —, eu pensei que ela estivesse apenas... doente. Pensei que ela houvesse desenvolvido algum tipo de doença que estava atacando seu sistema imunológico, algo que deixava sua pele sensível e dolorida. Presumi que, com o tratamento adequado, ela acabaria se curando. Continuei tendo esperança — ele diz — até enfim perceber que anos haviam se passado e nada tinha mudado. A agonia constante começou a destruir a estabilidade mental dela; ela acabou desistindo da vida. Ela deixou a dor assumir o controle. Ela se recusou a sair da cama ou a comer com regularidade; parou de se importar com a higiene básica. E a solução do meu pai foi drogá-la. Ele a mantém trancada naquela casa sem ninguém além de uma enfermeira para fazer companhia. Agora ela está viciada em morfina e perdeu completamente a cabeça. Nem sabe mais quem eu sou. Não me reconhece. E, nas poucas vezes em que eu tentei tirá-la dos remédios — ele conta, em voz baixa agora —, ela tentou me matar.

Ele fica um segundo em silêncio, parecendo ter se esquecido de que eu ainda estou no quarto.

— Minha infância foi quase suportável em alguns momentos — diz — apenas por causa dela. E, em vez de cuidar dela, meu pai a transformou em algo irreconhecível.

Ele levanta o olhar, rindo.

— Sempre achei que poderia consertar isso — ele fala. — Eu achava que, se pudesse encontrar a causa disso... Eu achava que poderia fazer alguma coisa. Eu achava que poderia…

Ele para. Passa uma mão pelo rosto.

— Não sei — sussurra.

Vira-se para o outro lado.

— Mas eu nunca quis usar você contra sua vontade. A ideia nunca me pareceu boa. Eu apenas tinha que manter o fingimento. Meu pai, sabe, não aprova meu interesse no bem-estar da minha mãe.

Ele abre um sorriso estranho e torto. Olha na direção da porta. Ri.

— Ele nunca quis ajudá-la. Ela é um fardo que o deixa com nojo. Ele acha que, ao mantê-la viva, está fazendo a ela uma grande gentileza, pela qual eu tenho que ser grato. Ele acha que isso deve ser suficiente para mim, poder ver minha mãe se transformar em uma criatura selvagem tão totalmente consumida por sua própria agonia que se retirou por completo de sua mente.

Warner passa uma mão trêmula pelo cabelo, agarra a nuca.

— Mas não foi — diz em voz baixa. — Não foi suficiente. Fiquei obcecado por tentar ajudá-la. Trazê-la de volta para a vida. E eu queria sentir — ele diz, olhando diretamente em meus olhos. — Eu queria saber como seria aguentar uma dor como aquela. Eu queria saber o que ela devia passar todo dia. Eu nunca tive medo de tocar em você — ele declara. — Na verdade, era algo bem-vindo. Eu tinha muita certeza de que, em algum momento, você me atacaria, você tentaria se defender de mim; e estava ansioso por esse momento. Mas você nunca me atacou.

Ele faz que não com a cabeça.

— Tudo o que eu tinha lido nos seus arquivos me dizia que você era uma criatura incontrolável e má. Eu estava esperando que você fosse um animal, alguém que tentaria me matar e matar meus homens em todas as oportunidades; alguém que precisava ser supervisionada com atenção. Mas você me decepcionou sendo humana demais, adorável demais. Tão insuportavelmente inocente. Você não revidava.

Os olhos dele estão sem foco, lembrando.

— Você não reagiu contra minhas ameaças. Você não reagia às coisas importantes. Você agia como uma criança insolente — ele diz. — Você não gostava das suas roupas. Você não queria comer a comida chique.

Ele ri alto e revira os olhos e eu, de repente, esqueci minha compaixão.

Fico tentada a jogar alguma coisa nele.

— Você ficou muito magoada — ele fala — por eu ter pedido que usasse um *vestido*.

Ele então olha para mim, os olhos brilhando de diversão.

— Lá estava eu, preparado para defender minha vida contra o monstro incontrolável que podia matar — diz —, matar um homem só com as mãos...

Ele morde os lábios para conter outra risada.

— E você fez escândalos por causa de roupas limpas e refeições quentes. Ah — ele continua, fazendo não com a cabeça, olhando o teto —, você foi ridícula. Você foi completamente ridícula e foi a maior diversão que eu já tive. Não sei dizer o quanto gostei. Eu adorava deixá-la brava — ele me conta, os olhos perversos. — Eu adoro deixá-la brava.

Estou agarrando um dos travesseiros dele com tanta força que tenho medo de que possa rasgá-lo. Olho irritada para ele.

Ele ri de mim.

— Eu estava muito distraído — ele fala, sorrindo. — Sempre queria passar um tempo com você. Fingindo planejar coisas para seu suposto futuro com O Restabelecimento. Você era inofensiva e bela e sempre *gritava* comigo — ele afirma, sorrindo bastante agora. — Meu Deus, você gritava comigo pelos motivos mais insignificantes — diz, lembrando. — Mas nunca encostou uma mão em mim. Nem uma vez, nem para salvar sua própria vida.

O sorriso dele diminui.

— Isso me preocupava. Eu ficava assustado em pensar que você estava muito disposta a se sacrificar antes de usar suas habilidades para se defender.

Solta a respiração.

— Assim, mudei de tática. Tentei provocá-la para você me tocar.

Eu me encolho, lembrando-me muito bem daquele dia na sala azul. Quando ele me insultou e manipulou e eu cheguei muito perto de machucá-lo. Ele enfim encontrara as palavras exatas a dizer para me machucar o bastante e eu querer machucá-lo de volta.

Eu quase fiz isso.

Ele tomba a cabeça. Solta um suspiro profundo e derrotado.

— Mas isso não deu certo também. E eu rapidamente comecei a perder de vista meu objetivo original. Eu fiquei tão focado em você que tinha me esquecido do porquê de levá-la para a base, para início de conversa. Eu estava frustrado por você não ceder, por você se recusar a atacar mesmo quando eu sabia que você queria. Mas, toda vez que eu ficava pronto para desistir, você tinha uns momentos — ele diz, fazendo que não com a cabeça. — Você tinha uns momentos fantásticos quando enfim mostrava vislumbres de força pura e descontrolada. Era incrível.

Ele para. Inclina-se de novo contra a parede.

— E, então, você sempre recuava. Como se tivesse vergonha. Como se não quisesse reconhecer aqueles sentimentos em você. Assim, mudei de tática de novo. Tentei outra coisa. Algo que eu

sabia, com certeza, que a forçaria além do seu ponto de controle. E devo dizer, foi mesmo tudo o que eu esperava que fosse.

Ele sorri.

— Você parecia viva de verdade pela primeira vez.

De repente, minhas mãos estão frias como o gelo.

— A sala de tortura — ofego.

# 6



— Acho que pode chamar assim.

Warner encolhe os ombros.

— Nós chamamos de câmara de simulação.

— Você me fez torturar aquela criança — digo a ele, a raiva e a fúria daquele dia aumentando dentro de mim.

Como eu poderia esquecer o que ele fez? O que ele me fez fazer? As memórias horríveis que ele me forçou a reviver só para sua diversão.

— Nunca vou perdoá-lo por isso — disparo, ácido na minha voz. — Nunca vou perdoá-lo pelo que você fez com aquele menininho. Pelo que você me fez fazer com ele!

Warner franze as sobrancelhas

— Desculpe… O quê?

— Você sacrificaria uma *criança*! — Minha voz está tremendo agora. — Pelos seus jogos idiotas! Como pôde fazer algo tão

desprezível?

Jogo o travesseiro nele.

— Seu *monstro* doente e sem coração!

Warner pega o travesseiro quando ele lhe atinge o peito, encarando-me como se nunca tivesse me visto antes. Porém, neste momento, uma espécie de compreensão cai sobre ele e o travesseiro escorrega de suas mãos. Vai para o chão.

— Ah — ele diz, bem devagar.

Está apertando muito os olhos fechados, tentando conter sua diversão.

— Ah, você vai me matar — diz, rindo abertamente agora. — Acho que não aguento isso...

— Do que você está falando? Qual é o seu problema? — questiono.

Ele ainda está sorrindo quando diz:

— Conte para mim, amor. Conte exatamente o que aconteceu naquele dia.

Eu aperto os punhos, ofendida pela frivolidade dele e tremendo com uma raiva renovada.

— Você me deu roupas idiotas e minúsculas para vestir! E, depois, você me levou para os andares mais baixos do Setor 45 e me trancou em uma sala velha e suja. Lembro com perfeição — digo para ele, esforçando-me para permanecer calma. — Tinha paredes amarelas nojentas. Tapete verde velho. Um enorme espelho falso.

Warner levanta as sobrancelhas. Faz um gesto para eu seguir em frente.

— Depois… você apertou um tipo de interruptor — falo, forçando-me a continuar falando.

Não sei por que eu estou começando a duvidar de mim mesma.

— E uns espetos de metal enormes começaram a sair do chão. E, depois — eu hesito, preparando-me —, uma criancinha entrou. Ela estava com uma venda nos olhos. Você disse que era seu substituto. Você disse que, se eu não a salvasse, você também não a salvaria.

Warner está me olhando com mais atenção agora. Estudando meus olhos.

— Tem certeza de que eu disse isso?

— Sim.

— Sim?

Ele tomba a cabeça.

— Sim, você me viu dizer isso com seus próprios olhos?

— N-não — falo depressa, sentindo-me na defensiva —, mas havia alto-falantes... Eu podia ouvir sua voz…

Ele respira fundo.

— Certo; é claro.

— Eu *podia* — digo a ele.

— Então, depois de você me ouvir dizer isso, o que aconteceu?

Engulo com dificuldade.

— Eu tinha que salvar o menino. Ele ia morrer. Ele não conseguia enxergar aonde ia e iria ser empalado por aqueles espetos. E tive de pegá-lo nos braços e tentar achar uma maneira de segurá-lo sem matá-lo.

Uma batida de silêncio.

— E você conseguiu? — Warner pergunta para mim.

— Sim — eu sussurro, incapaz de entender por que ele está me perguntando isso se viu tudo acontecer pessoalmente.

— Mas o menino ficou mole — eu falo. — Ele ficou paralisado por um tempo em meus braços. E, depois, você apertou outro interruptor de os espetos desapareceram e eu o coloquei no chão e ele... ele

começou a chorar de novo e bateu nas minhas pernas nuas. E ele começou a gritar. E eu… eu fiquei tão brava com você...

— Que atravessou o concreto — Warner diz, um sorriso leve tocando seus lábios. — Você atravessou uma parede de concreto só para tentar me estrangular até a morte.

— Você merecia — eu me ouvi dizer. — Você merecia coisa pior.

— Bem. — Ele suspira. — Se eu fiz, de verdade, o que você diz que eu fiz, com certeza parece que eu merecia.

— O que você quer dizer com *se* você fez? Eu *sei* que você fez...

— É mesmo?

— É claro que é!

— Diga então, amor, o que aconteceu com o menino.

— O quê?

Eu congelo; pingentes de gelo sobem se arrastando por meus braços.

— O que aconteceu com aquele menininho? Você diz que o colocou no chão. Mas depois partiu para atravessar uma parede de concreto com um espelho grosso de quase dois metros de largura, sem preocupação aparente com a criancinha que você alega que estava andando pela sala. Não acha que a pobrezinha seria ferida em uma exibição tão selvagem e descuidada? Meus soldados com certeza foram. Você quebrou uma parede de concreto, amor. Você destruiu um pedaço enorme de vidro; você não parou para verificar onde os blocos ou os estilhaços tinham caído ou quem poderia ter se machucado no processo.

Ele faz uma pausa. Encara.

— Parou?

— Não. — Eu ofego, o sangue deixando meu corpo.

— Então, o que aconteceu depois que você saiu? — ele pergunta. — Ou você não se lembra dessa parte? Você se virou e saiu, logo

depois de destruir a sala, machucar meus homens e me jogar no chão. Você se virou — ele diz — e saiu direto.

Estou entorpecida agora. É verdade. Foi o que fiz. Não pensei. Apenas sabia que precisava sair dali o mais rápido possível. Eu precisava ir embora, aliviar a cabeça.

— E o que aconteceu com o menino? — Warner insiste. — Onde ele estava quando você estava indo embora? Você o viu?

Um erguer de sobrancelhas.

— E quanto aos espetos? Você se deu ao trabalho de olhar com atenção para o chão e ver de onde eles poderiam ter saído? Ou como poderiam ter perfurado um chão acarpetado sem causar nenhum dano? Você sentiu a superfície sob seus pés rasgada ou irregular?

Estou com a respiração pesada agora, esforçando-me para me manter calma. Não consigo me libertar do olhar dele.

— Juliette, amor — ele diz com suavidade. — Não havia alto-falantes na sala. A sala é toda à prova de som, equipada com nada além de sensores e câmeras. É uma câmara de simulação.

— Não — eu suspiro, recusando-me a acreditar.

Sem querer aceitar que eu estava errada, que Warner não é o monstro que eu sempre achei que fosse. Ele não pode mudar as coisas agora. Não pode me confundir assim. Não é assim que devia funcionar.

— Isso não é possível.

— Sou culpado — ele diz — por forçá-la a passar por uma simulação tão cruel. Eu aceito a culpa por isso e já me desculpei por minhas atitudes. Eu apenas quis forçá-la a finalmente reagir e sabia que esse tipo de recreação iria disparar depressa alguma coisa dentro de você. Mas, pelo bom Deus, amor — ele faz que não com a cabeça —, você deve ter uma opinião absurdamente ruim a meu respeito se acha que eu roubaria o filho de alguém só para vê-la torturá-lo.

— Não foi real?

Eu não reconheço minha própria voz rouca e em pânico.

— Não foi *real*?

Ele me oferece um sorriso compreensivo.

— Eu criei os elementos básicos da simulação, mas a beleza do programa é que ele evolui e se adapta conforme processa as respostas mais viscerais de um soldado. Nós o usamos para treinar soldados que precisam superar medos específicos ou se preparar para uma missão especialmente delicada. Podemos recriar quase qualquer ambiente — ele conta. — Mesmo soldados que sabem pelo que vão passar vão se esquecer de que estão fazendo uma simulação.

Warner desvia os olhos.

— Eu sabia que seria assustador para você e foi assim mesmo. E, por tê-la machucado, eu me arrependo de verdade. Mas, não — ele fala em voz baixa, olhando-me nos olhos de novo. — Nada daquilo foi real. Você imaginou minha voz na sala. Você imaginou a dor, os sons, os cheiros. Tudo estava na sua mente.

— Não quero acreditar em você — falo para ele, minha voz não é nem um sussurro.

Ele tenta sorrir.

— Por que você acha que eu dei aquelas roupas para você? — pergunta. — O material daquela roupa era forrado com um produto químico desenvolvido para reagir com os sensores daquela sala. E, quanto menos roupa você usasse, mais fácil ficaria para as câmeras rastrearem o calor do seu corpo, seus movimentos.

Ele faz que não com a cabeça.

— Eu nunca tive uma oportunidade de explicar o que você passou. Eu queria segui-la imediatamente, mas achei que deveria dar tempo para você se recuperar. Foi uma decisão idiota da minha parte.

Seu queixo fica tenso.

— Eu esperei e não devia. Porque, quando a encontrei, era tarde demais. Você estava pronta para pular de uma janela só para se afastar de mim.

— Por um bom motivo — eu disparo.

Ele levanta as mãos se rendendo.

— Você é uma pessoa *horrível*! — eu estouro, jogando o restante dos travesseiros no rosto dele, brava e horrorizada e humilhada ao mesmo tempo. — Por que me faria passar por algo assim se *sabe* pelo que já passei, seu idiota, arrogante...

— Juliette, por favor — ele diz, dando um passo para a frente, desviando-se de um travesseiro para tentar pegar meus braços. — Eu *sinto muito* por tê-la machucado, mas eu acho mesmo que valeu a pena...

— Não toque em mim!

Eu me afasto depressa, olhando feio, agarrando o pé da cama dele como se pudesse ser uma arma. — Eu devia atirar em você de novo por ter feito isso comigo! Eu devia… Eu devia…

— O quê? — Ele ri. — Vai jogar outro travesseiro em mim?

Eu o empurro, com força, e, como ele não se mexe, começo a disparar socos. Estou atingindo o peito dele, seus braços, sua barriga e suas pernas, qualquer lugar que eu consiga alcançar, desejando mais do que nunca que ele não fosse capaz de absorver meu poder, que eu realmente pudesse esmagar todos os ossos de seu corpo e fazê-lo se retorcer de dor sob minhas mãos.

— Seu... *monstro*… egoísta!

Continuo lançando punhos sem mira na direção dele, sem perceber o quanto o esforço me deixa exausta, sem perceber quão depressa a raiva se dissolve em dor. De repente, tudo o que quero fazer é chorar. Meu corpo está sacudindo tanto de alívio quanto de terror, enfim livre do medo de eu ter causado algum tipo de dano

irreparável a outra criança inocente e, ao mesmo tempo, horrorizada por Warner um dia ter me forçado a algo tão terrível. Para me *ajudar*.

— Sinto muito — ele diz, aproximando-se. — Sinto muito mesmo, de verdade. Eu não a conhecia na época. Não como a conheço agora. Eu nunca faria isso com você agora.

— Você não me conhece — eu balbucio, limpando as lágrimas. — Você acha que me conhece só porque leu meu diário... Seu *imbecil* estúpido, enxerido e ladrão de privacidade...

— Ah, certo… Sobre isso…

Ele sorri, uma mão rápida tirando o diário de meu bolso enquanto vai na direção da porta.

— Receio que eu não tenha terminado de ler isto.

— Ei! — protesto, lançando o braço na direção dele enquanto ele se afasta. — Você disse que iria me devolver!

— Eu não disse nada disso — ele fala, calmo, largando o diário no bolso de sua calça. — Agora, por favor, espere um instante aqui. Vou buscar alguma coisa para você comer.

Ainda estou gritando quando ele fecha a porta atrás de si.




Eu caio para trás na cama.

Faço um barulho irritado bem no fundo da garganta. Lanço um travesseiro na parede.

Preciso fazer alguma coisa. Preciso começar a me mexer.

Preciso terminar de bolar um plano.

Estive na defensiva e fugindo por tanto tempo que minha cabeça frequentemente esteve ocupada com sonhos elaborados e impossíveis sobre derrubar O Restabelecimento. Passei a maior parte dos meus 264 dias naquela cela fantasiando exatamente sobre esse tipo de momento impossível: o dia em que eu conseguiria cuspir na cara daqueles que me oprimiram e oprimiram todos logo além de minha janela. E, apesar de eu ter sonhado com um milhão de cenários diferentes em que eu me defenderia, nunca pensei de verdade que teria uma chance de fazer isso acontecer. Eu nunca pensei que teria o poder, a oportunidade ou a coragem.

Mas agora?

Todos se foram.

Talvez eu seja a única que restou.

No Ponto Ômega, eu ficava feliz em deixar Castle liderar. Eu não sabia muito sobre nada e ainda estava muito assustada para agir. Castle já estava no comando e já tinha um plano e, assim, eu confiei que ele era o que mais sabia; que eles sabiam mais.

Um erro.

Eu sempre soube, bem lá no fundo, quem deveria liderar aquela resistência. Eu sinto em segredo há algum tempo, sempre com muito medo para levar as palavras a meus lábios. Alguém que não tem mais nada a perder e tudo a ganhar. Alguém que não tem mais medo de ninguém.

Não Castle. Não Kenji. Não Adam. Nem mesmo Warner.

Deveria ser eu.

Olho com atenção minha roupa pela primeira vez e percebo que devo estar usando uma das roupas antigas de Warner. Estou me afogando em uma camiseta laranja desbotada e uma calça de moletom cinza que quase cai de meus quadris sempre que fico em pé. Tiro um instante para recuperar o equilíbrio, testando meu peso todo no tapete grosso e macio sob meus pés descalços. Eu enrolo a cintura da calça algumas vezes, só até ela se acomodar bem ao meu osso do quadril, e, depois, eu enrolo para cima o material extra da camiseta e dou um nó atrás. Estou vagamente ciente de que devo parecer ridícula, mas fazer a roupa caber no meu corpo me dá um pouco de controle, e eu me agarro a ele. Isso me faz sentir um pouco mais acordada, um pouco mais no controle de minha situação. Tudo de que preciso agora é um elástico. Meu cabelo é muito pesado; começou a parecer que está me sufocando, e estou desesperada para tirá-lo do pescoço. Estou desesperada para tomar um banho, na verdade.

Viro-me com o barulho da porta.

Sou pega no meio de um pensamento, segurando meu cabelo para cima com as duas mãos em um rabo de cavalo de mentira e, de repente, precisamente ciente do fato de não estar usando roupa de baixo.

Warner está segurando uma bandeja.

Ele está me olhando sem piscar. Seu olhar varre meu rosto, desce pelo meu pescoço, meus braços. Para na minha cintura. Sigo seus olhos e percebo que meus movimentos ergueram a blusa e expuseram minha barriga. E, de repente, eu entendo por que ele está encarando.

A lembrança de seus beijos pelo meu torso. Suas mãos explorando minhas costas, minhas pernas nuas, a parte de trás de minhas coxas, seus dedos prendendo-se em volta do elástico de minha roupa de baixo...

*Ah*

Baixo as mãos e o cabelo ao mesmo tempo, as ondas castanhas caindo depressa e com força em volta de meus ombros, minhas costas, atingindo minha cintura. Meu rosto pega fogo.

Warner de repente está muito interessado em um ponto acima da minha cabeça.

— Provavelmente, eu deveria cortar o cabelo — eu digo para ninguém em especial, sem entender por que falei isso.

Não quero cortar o cabelo. Quero me trancar no banheiro.

Ele não responde. Carrega a bandeja até mais perto da cama e é apenas quando vejo os copos de água e os pratos de comida que percebo exatamente quão faminta estou. Não consigo me lembrar da última vez em que comi alguma coisa; eu estava sobrevivendo com a recarga de energia que recebi quando meu ferimento foi curado.

— Sente-se — ele diz, sem me olhar nos olhos.

Ele assente e olha para o chão antes de se agachar no tapete. Eu me sento diante dele. Ele empurra a bandeja em frente a mim.

— Obrigada — digo, meus olhos focados na refeição. — Parece delicioso.

Há salada com molho e arroz colorido e cheiroso. Batatas temperadas cortadas em cubos e uma pequena porção de legumes preparados no vapor. Um *ramequin* com pudim de chocolate. Uma tigela de frutas recém-cortadas. Dois copos de água.

É uma refeição que eu teria desprezado quando cheguei.

Se soubesse na época o que sei agora, eu teria tirado vantagem de cada oportunidade que Warner me dera. Eu teria comido as refeições e pegado as roupas. Eu teria aumentado minha força e prestado mais atenção quando ele me exibisse pela base. Eu teria procurado rotas de fuga e desculpas para passear pelos aglomerados. E, depois, teria fugido. Eu teria encontrado uma maneira de sobreviver sozinha. E nunca teria arrastado Adam comigo. Nunca teria me colocado e colocado tantos outros nessa bagunça.

Eu queria ter comido as estúpidas refeições.

Eu era uma menina assustada e despedaçada, lutando da única maneira que sabia. Não é de se admirar que eu tenha falhado. Eu não estava pensando direito. Eu estava fraca e aterrorizada e cega para a ideia de possibilidade. Não tinha experiência com ações furtivas e manipulação. Eu mal sabia como interagir com as pessoas; mal podia entender as palavras em minha própria cabeça.

Fico chocada ao pensar no quanto mudei nos últimos meses. Sinto-me uma pessoa totalmente diferente. Mais esperta, de alguma forma. Mais endurecida, com certeza. E, pela primeira vez na vida, disposta a admitir que estou brava.

É libertador.

Levanto o olhar de repente, sentindo o peso da observação de Warner. Ele está me encarando como se estivesse intrigado,

fascinado.

— No que você está pensando? — pergunta.

Apunhalo um pedaço de batata com o garfo.

— Estou pensando que fui idiota por um dia ter recusado um prato de comida quente.

Ele levanta as sobrancelhas para mim.

— Não posso dizer que discordo.

Lanço um olhar feio para ele.

— Você estava muito destruída quando chegou aqui — ele diz, respirando fundo. — Eu estava muito confuso. Ficava esperando que você enlouquecesse, pulasse na mesa no jantar e começar a acertar os meus soldados. Eu tinha certeza de que você tentaria matar todo mundo e, em vez disso, você foi teimosa e mal-humorada, recusou-se a trocar suas roupas imundas e reclamou de comer os legumes.

Eu fico cor-de-rosa.

— No começo — ele fala, rindo —, pensei que você estivesse tramando alguma coisa. Pensei que você estivesse fingindo ser complacente apenas para me distrair de um objetivo maior. Achei que sua braveza por coisas pequenas fosse uma distração — ele conta, seus olhos fazendo piada de mim. — Achei que tinha de ser.

Cruzo os braços contra o peito.

— A extravagância era nojenta. Tanto dinheiro desperdiçado no exército enquanto outras pessoas morriam de fome.

Warner balança uma mão, negando com a cabeça.

— Não é essa a questão. A questão é que eu não lhe forneci nenhuma daquelas coisas por um motivo calculado e escuso. Não era um tipo de teste.

Ele ri.

— Eu não estava tentando desafiá-la e desafiar seus escrúpulos. Eu achava que estava fazendo um favor a você. Você tinha vindo de um buraco nojento e miserável. Eu queria que tivesse um colchão de verdade. Pudesse tomar banho em paz. Tivesse roupas bonitas e limpas. E você precisava comer — ele diz. — Tinha passado fome até quase morrer.

Eu fico rígida, um pouco menos brava.

— Talvez — falo. — Mas você era louco. Era um maníaco controlador. Nem me deixava falar com os outros soldados.

— Porque eles são animais — ele dispara, a voz inesperadamente cortante.

Levanto o olhar, pasma, e encontro seus olhos verdes bravos e faiscantes.

— Você, que passou a maior parte da sua vida presa — ele continua —, não teve a oportunidade de entender quão linda é, ou que tipo de efeito isso pode causar em uma pessoa. Eu estava preocupado com a sua segurança — ele conta. — Você era tímida e fraca e vivia em uma base militar cheia de soldados solitários, muito armados e imbecis com três vezes o seu tamanho. Eu não queria que eles a assediassem. Fiz um espetáculo com a sua demonstração com o Jenkins porque queria que eles tivessem a prova das suas habilidades. Precisava que eles vissem que você era uma oponente formidável; uma de quem eles fariam bem em manter a distância. Eu estava tentando protegê-la.

Não consigo desviar da intensidade nos olhos dele.

— Você deve ter uma opinião ruim a meu respeito.

Ele faz que não com a cabeça, em choque.

— Eu não fazia ideia de que você me odiava tanto. Que tudo o que eu tentei fazer para ajudá-la tinha de passar por um exame minucioso.

— Como você pode estar surpreso? Que escolha eu tinha a não ser esperar o pior de você? Você era arrogante e grosseiro e me

tratava como se fosse meu dono...

— Porque eu precisava! — ele me interrompe, sem arrependimento. — Todas as minhas ações, todas as minhas palavras, são monitoradas quando não estou confinado nos meus próprios aposentos. Minha vida toda depende de manter um certo tipo de personalidade.

— E quanto ao soldado que você acertou com um tiro na testa? Seamus Fletcher? — eu o desafio, brava de novo.

Agora que eu a deixei entrar na minha vida, estou percebendo que a raiva é um pouco natural demais para mim.

— Aquilo foi tudo parte do seu plano também? Não, espere, não me conte. — Eu levanto uma mão. — Foi só uma simulação, certo?

Warner fica rígido.

Ele se senta; seu maxilar se contrai de repente. Olha para mim com um misto de tristeza e ira nos olhos.

— Não — diz enfim, mortalmente suave. — Aquilo não foi uma simulação

— Então você não tem problema com isso? — pergunto a ele. — Você não se arrepende de ter matado um homem porque ele roubou um pouco de comida a mais? Por tentar sobreviver, como você?

Warner morde o lábio inferior por meio segundo. Une as mãos no colo.

— Uau. Como você foi rápida para defendê-lo.

— Ele era um homem inocente — digo a ele. — Não merecia morrer. Não por isso. Não daquele jeito.

— Seamus Fletcher — Warner fala com calma, olhando para a palma de suas mãos abertas — era um imbecil alcoólatra que estava batendo na esposa e nos filhos. Ele não os alimentava fazia duas semanas. Ele deu um soco na boca da filha de nove anos, quebrando os dois dentes da frente e fraturando o maxilar dela. Ele bateu na esposa grávida com tanta força que ela perdeu o bebê. Ele

tinha outros dois filhos também — diz. — Um menino de sete anos e uma menina de cinco.

Uma pausa.

— Quebrou os dois braços deles.

Minha comida está esquecida.

— Eu monitoro a vida dos nossos cidadãos com muita atenção — Warner fala. — Gosto de saber quem eles são e como estão se fortalecendo.

Ele encolhe os ombros.

— Eu provavelmente não deveria me importar — diz —, mas me importo.

E eu estou pensando que nunca mais vou abrir a boca.

— Eu nunca aleguei que vivo com base em nenhum conjunto de princípios — Warner me diz. — Nunca aleguei que sou correto, bom, nem justifiquei minhas atitudes. A verdade simples é que não me importo. Eu fui forçado a fazer coisas terríveis na vida, amor, e não estou buscando nem o seu perdão nem a sua aprovação. Porque eu não tenho o luxo de filosofar sobre escrúpulos quando estou sendo forçado a agir movido por instintos básicos todos os dias.

Ele me olha nos olhos.

— Pode me julgar — afirma — o quanto quiser. Mas eu não tolero — ele diz, seco — um homem que bate na esposa. Nenhuma tolerância — fala — com um homem que bate nos filhos.

Ele está com a respiração acelerada agora.

— Seamus Fletcher estava matando a família. E você pode chamar do que quiser, diabos, mas eu nunca vou me arrepender de matar um homem capaz de bater o rosto da esposa contra uma parede. Nunca vou me arrepender de matar um homem capaz de dar um soco na boca da filha de nove anos. Não me sinto mal — declara. — E não vou pedir desculpas. Porque uma criança está

melhor sem pai, e uma mulher está melhor sem marido, do que com um como aquele.

Observo o movimento duro da sua garganta.

— Eu sei bem.

— Sinto muito… Warner, eu…

Ele levanta uma mão para me fazer parar. Recompõe-se, os olhos focados nos pratos de comida intocada.

— Já falei, amor, e fico triste de ter de repetir, mas você não entende as escolhas que tenho de fazer. Você não sabe o que já vi e o que sou forçado a testemunhar todo santo dia.

Ele hesita.

— E eu não iria querer que você soubesse. Mas não suponha que entende minhas ações — ele diz, enfim olhando-me nos olhos. — Porque, se fizer isso, posso garantir que só vai encontrar decepções. E, se insistir em continuar a fazer suposições quanto ao meu caráter, dou apenas este conselho: presuma que sempre vai estar errada.

Ele se levanta com uma elegância casual que me assombra. Alisa a calça. Puxa as mangas para trás de novo.

— Fiz seu guarda-roupa ser trazido para o meu closet — conta. — Há coisas para você vestir, se quiser. A cama e o banheiro são seus. Tenho trabalho a fazer — fala. — Vou dormir no meu escritório hoje.

E, com isso, ele abre a porta para o escritório anexo e tranca-se lá dentro.

# 8



Minha comida está fria.

Cutuco as batatas e me forço a terminar a refeição apesar de ter perdido o apetite. Não consigo deixar de me perguntar se finalmente fiz Warner passar do limite.

Pensei que as revelações tivessem acabado pelo restante do dia, mas estava errada de novo. E isso me faz pensar o quanto ainda falta, quanto mais vou aprender sobre Warner nos próximos dias. Meses.

E estou com medo.

Porque, quanto mais descubro a respeito dele, menos desculpas tenho para afastá-lo. Ele está se desvendando diante de mim, tornando-se algo diferente por completo; aterrorizando-me de um modo que eu nunca poderia ter esperado.

E tudo em que consigo pensar é *agora não*.

Aqui não. Não quando tantas coisas são incertas. Queria que minhas emoções entendessem a importância de saberem o

momento exato para aparecer.

Nunca percebi que Warner não sabia quão profundamente eu o detestara. Suponho que, agora, eu possa entender melhor como ele se via; que nunca achara suas atitudes culpadas ou criminosas. Talvez ele pensasse que eu teria lhe dado o benefício da dúvida. Que eu teria sido capaz de lê-lo com tanta facilidade quanto ele conseguira me ler.

Porém, eu não conseguia. Não fiz isso. E, agora, não posso deixar de me perguntar se fui capaz de decepcioná-lo, de alguma forma.

Por que eu me importo?

Levanto-me com dificuldade e suspiro, odiando minha própria incerteza. Porque, embora eu possa não conseguir negar minha atração física por ele, ainda não posso eliminar minhas impressões iniciais de seu caráter. Não é fácil, para mim, mudar tão de repente; reconhecê-lo como qualquer coisa além de algum tipo de monstro manipulador.

Preciso de tempo para me acostumar à ideia de Warner como uma pessoa normal.

Mas estou cansada de pensar. E, neste momento, tudo o que quero fazer é tomar um banho.

Eu me arrasto na direção da porta aberta do banheiro antes de me lembrar do que Warner dissera sobre minhas roupas. Que ele trouxera meu guarda-roupa para seu closet. Olho ao redor, procurando outra porta e sem encontrar nenhuma além da porta trancada do escritório dele. Estou meio tentada a bater e perguntar a ele diretamente, mas decido não fazê-lo. Em vez disso, examino as paredes com mais atenção, perguntando-me por que Warner não me deu instruções se o closet era difícil de encontrar. Mas, então, eu vejo.

Um interruptor.

É mais um botão, na verdade, e ele está no mesmo nível da parede. Seria quase impossível vê-lo se você não o estivesse

procurando ativamente.

Eu aperto o botão.

Um painel da parede desliza para fora do lugar. E, conforme eu atravesso a soleira, o lugar se ilumina sozinho.

Este closet é maior que o quarto dele todo.

As paredes e o teto são forrados com placas de pedra branca que brilham com a iluminação fluorescente embutida; os pisos são cobertos de tapetes orientais espessos. Há um pequeno sofá de camurça na cor verde-jade claro colocado bem no centro do local, porém é um tipo estranho de sofá: não tem encosto. Parece uma otomana enorme. E, o que é mais estranho: não há um único espelho aqui. Eu me viro, os olhos procurando, certa de que devo ter deixado de ver um elemento básico tão óbvio, e estou tão tomada pelos detalhes do espaço que quase não percebo as roupas.

As *roupas*.

Elas estão por toda parte, expostas como se fossem obras de arte. Móveis de madeira escura e brilhante estão instalados nas paredes, prateleiras forradas com fileiras e fileiras de sapatos. Todo o restante do espaço do closet é dedicado a araras, cada parede abrigando categorias diferentes de roupas.

Tudo está combinado por cores.

Ele tem mais casacos, mais sapatos, mais calças e camisas do que já vi na vida. Gravatas e gravatas-borboleta, cintos, cachecóis, luvas e abotoaduras. Tecidos lindos e luxuosos: misturas de seda e algodão engomado, lã macia e casimira. Sapatos sociais e botas de couro macio lustradas e engraxadas até a perfeição. Um *caban* de um tom escuro e queimado de laranja; um *trench coat* de um azul-marinho profundo. Um *toggle coat* em um tom forte e estonteante de roxo. Eu ouso passar os dedos pelos diferentes materiais, perguntando-me quantas daquelas peças tinham realmente sido usadas.

Estou abismada.

Sempre fora claro que Warner orgulhava-se de sua aparência; suas roupas são impecáveis; elas se ajeitam a ele como se fossem cortadas para seu corpo. Porém, agora eu enfim entendo por que ele deu tanta atenção a meu guarda-roupa.

Ele não estava tentando ser superior a mim.

Ele estava se divertindo.

Aaron Warner Anderson, comandante-chefe e regente do Setor 45, filho do supremo comandante d'O Restabelecimento.

Ele tem uma queda por moda.

Depois que meu choque inicial diminui, consigo localizar com facilidade meu velho armário. Foi colocado sem cerimônia em um canto do cômodo, e eu quase tenho pena dele. Ele se destaca de um jeito estranho do restante do espaço.

Procuro depressa nas gavetas, grata pela primeira vez por ter coisas limpas para me trocar. Warner previu todas as minhas necessidades antes de eu chegar à base. O armário está cheio de vestidos e blusas e calças, mas também tem um estoque de meias, sutiãs e calcinhas. E, embora eu saiba que isso deveria me fazer sentir esquisita, de alguma forma não faz. As calcinhas são simples e discretas. Peças básicas que são exatamente comuns, e perfeitamente funcionais. Ele comprou essas coisas antes de me conhecer, e saber que não foram compradas com nenhum nível de intimidade me faz ficar menos envergonhada.

Pego uma camiseta pequena, uma calça de algodão de pijama e todas as minhas novíssimas calcinhas e deslizo para fora do closet. As luzes se apagam na hora assim que volto ao quarto, e eu aperto o botão para fechar o painel.

Olho ao redor pelo quarto com novos olhos, reacostumando-me com esse espaço menor e meio padrão. O quarto de Warner parece quase idêntico ao que eu ocupava quando estava na base, e sempre me perguntei por quê. Não há efeitos pessoais aqui; sem fotos, sem bibelôs estranhos.

Porém, de repente, tudo isso faz sentido.

O quarto não significa nada para ele. É pouco mais do que um espaço para dormir. Mas seu closet… Aquele é seu estilo, seu design. Provavelmente é o único espaço que lhe importa neste quarto.

Isso me faz imaginar como é o interior de seu escritório, e meus olhos pulam para sua porta antes de eu me lembrar de que ela está trancada por dentro.

Eu reprimo um suspiro e sigo na direção do banheiro, planejando tomar um banho, trocar de roupa e cair no sono imediatamente. Este dia parece ter durado anos, e eu estou pronta para chegar ao fim dele. Com sorte, amanhã eu poderei voltar ao Ponto Ômega e enfim fazer algum progresso.

Porém, não importa o que aconteça a seguir, e não importa o que a gente descubra, estou determinada a encontrar Anderson, mesmo se tiver que ir sozinha.




Não consigo gritar.

Meus pulmões não se expandem. Minha respiração fica vindo em fôlegos curtos. Meu peito parece muito apertado e minha garganta está se fechando e estou tentando berrar e não consigo, não consigo parar de chiar quando puxo o ar, de jogar os braços e de tentar desesperadamente respirar, mas o esforço é inútil. Ninguém pode me ouvir. Ninguém vai saber que estou morrendo, que há um buraco em meu peito enchendo-se de sangue e dor e uma agonia tão insuportável e há muito dele, muito sangue, quente e acumulando-se em volta de mim e não consigo, não consigo, não consigo respirar...

— Juliette… *Juliette*, amor, acorde… *Acorde*…

Eu levanto tão depressa que me dobro ao meio. Estou arfando com uma respiração profunda, rouca e ofegante, tão destruída, tão aliviada por conseguir levar oxigênio aos pulmões que não consigo falar, não consigo fazer nada além de tentar inspirar o máximo possível. Todo o meu corpo está tremendo, minha pele está úmida,

indo de quente a fria rápido demais. Não consigo me recompor, não consigo parar as lágrimas silenciosas, não consigo afastar o pesadelo, não consigo afastar a memória.

Não consigo parar de ofegar em busca de ar.

As mãos de Warner envolvem meu rosto. O calor da pele dele me ajuda a me acalmar de alguma maneira, e eu enfim sinto os batimentos de meu coração começarem a desacelerar.

— Olhe para mim — ele diz.

Eu me forço a olhar nos olhos dele, tremendo enquanto recupero o fôlego.

— Está tudo bem — ele sussurra, ainda segurando meu rosto. — Foi só um pesadelo. Tente fechar a boca — diz — e respirar pelo nariz.

Ele faz que sim com a cabeça.

— Pronto. Devagar, você está bem.

A voz dele é tão suave, tão melódica, tão inexplicavelmente gentil.

Eu não consigo desviar de seus olhos. Tenho medo de piscar, medo de ser puxada de volta para o pesadelo.

— Não vou soltar até você estar pronta — ele me diz. — Não se preocupe. Não se apresse.

Fecho os olhos. Sinto meu coração desacelerar até um batimento normal. Meus músculos começam a se soltar, minhas mãos se estabilizam do tremor. E, embora eu não esteja chorando ativamente, não consigo impedir as lágrimas de escorrerem pelo meu rosto. Porém, neste momento, alguma coisa em meu corpo quebra, dobra-se por dentro e, de repente, estou tão exausta que não consigo mais me sustentar.

De alguma forma, Warner parece entender.

Ele me ajuda a me sentar de novo na cama, puxa os cobertores em volta de meus ombros. Estou tremendo, limpando o restante das

lágrimas. Warner passa a mão em meu cabelo.

— Está tudo bem — fala com suavidade. — Você está bem.

— V-você não vai dormir também? — eu gaguejo, perguntando-me que horas são.

Reparo que ele ainda está totalmente vestido.

— Eu… Sim — ele diz.

Mesmo naquela luz fraca, posso ver a surpresa em seus olhos.

— Em algum momento. Não costumo ir para a cama tão cedo assim.

— Ah.

Eu pisco, respirando com um pouco mais de facilidade agora.

— Que horas são?

— Duas da manhã.

É minha vez de ficar surpresa.

— Você não precisa se levantar daqui a algumas horas?

— Sim.

O fantasma de um sorriso toca seus lábios.

— Mas quase nunca posso dormir quando devo. Parece que não consigo desligar minha mente — ele diz, sorrindo para mim apenas mais um momento, antes de se virar para sair.

— Fique.

A palavra escapa de meus lábios antes mesmo de eu ter tido a chance de pensar bem. Não tenho certeza de por que disse isso. Talvez porque seja tarde e ainda esteja tremendo, e talvez tê-lo por perto possa assustar meus pesadelos e mandá-los embora. Ou talvez seja porque esteja fraca e angustiada e precise de um amigo agora. Não tenho certeza. Mas tem algo na escuridão, na calmaria desta hora, eu acho, que cria uma linguagem própria. Há um tipo esquisito de liberdade no escuro; uma vulnerabilidade aterrorizante

que permitimos a nós mesmos exatamente no momento errado, enganados pela escuridão, pensando que ela guardará nossos segredos. Esquecemos que a escuridão não é um lençol; esquecemos que o sol nascerá logo. Mas, no momento, pelo menos, nós nos sentimos corajosos o bastante para dizer o que nunca diríamos na claridade.

Exceto por Warner, que não fala nada.

Por um milésimo de segundo, ele parece mesmo alarmado. Está me encarando em terror silencioso, muito admirado para falar, e estou prestes a retirar tudo e me esconder sob os cobertores quando ele pega meu braço.

Eu me acalmo.

Ele me puxa para a frente até eu estar aninhada contra o seu peito. Seus braços caem em volta de mim com cuidado, como se ele me dissesse que posso me afastar, que ele entenderia, que a escolha é minha. Mas eu me sinto tão segura, tão aquecida, tão devastadoramente contente que parece que não consigo pensar em um único motivo para não aproveitar este momento. Aperto-me mais junto dele, escondendo o rosto nas dobras macias de sua camisa, e seus braços me envolvem com mais força, seu peito subindo e descendo. Minhas mãos sobem para se apoiar contra sua barriga. Os músculos duros tensos sob meu toque. Minha mão desliza em volta das costelas dele, sobem pelas suas costas, e Warner congela, seu coração batendo acelerado sob minha orelha. Meus olhos se fecham bem quando eu o sinto tentar inspirar.

— Meu Deus — ele ofega.

Afasta-se rápido, separa-se de mim.

— Não posso fazer isso. Não vou sobreviver.

— O quê?

Ele já está em pé e só consigo enxergar o suficiente de sua silhueta para ver que está tremendo.

— Não posso continuar fazendo isso.

— Warner...

— Eu pensei que poderia me afastar da última vez — ele diz. — Pensei que poderia deixá-la ir e odiá-la por isso, mas não posso. Porque você faz ser incrivelmente difícil — afirma, a voz irregular. — Porque você não joga limpo. Você vai e faz alguma coisa como ser baleada — diz — e *acaba* comigo no processo.

Tento permanecer perfeitamente imóvel.

Tento não emitir nenhum som.

Porém, minha mente não para quieta e meu coração não para de martelar e com apenas algumas palavras ele conseguiu desmontar meus esforços mais concentrados de esquecer o que eu fiz a ele.

Não sei o que fazer.

Meus olhos enfim se ajustam à escuridão e eu pisco e o descubro olhando nos meus olhos como se pudesse ver minha alma.

Não estou pronta para isso. Ainda não. Ainda não. Assim não. Mas sentimentos e as imagens das mãos dele, de seus braços, de seus lábios estão correndo pela minha cabeça e eu tento, mas não consigo afastar esses pensamentos, não posso ignorar o aroma de sua pele e a familiaridade louca de seu corpo. Posso ouvir seu coração bater ritmado em seu peito, posso ver o movimento tenso de seu queixo, posso sentir o poder calmamente contido dentro de Warner.

E, de repente, seu rosto muda. Preocupações.

— Você está com medo? — ele pergunta.

Eu me assusto, a respiração acelerada, grata por ele só poder sentir a direção geral dos meus sentimentos e nada mais que isso. Por um momento, quero mesmo dizer que não. Não, não estou com medo.

Estou petrificada.

Estar tão perto assim de você está provocando coisas em mim. Coisas estranhas e irracionais e coisas que flutuam contra meu peito

e trançam meus ossos. Quero respostas e claridade e livros de revelações. Quero um bolso cheio de sinais de pontuação para finalizar os pensamentos que ele forçou para dentro da minha cabeça.

Mas não digo nada disso.

Em vez disso, faço uma pergunta para a qual já sei a resposta.

— Por que eu estaria com medo?

— Você está tremendo — ele diz.

— Ah.

As duas letras e seu som discreto e assustado passam direto pela minha boca para buscar refúgio em um lugar longe daqui. Fico desejando ter força para desviar do olhar dele em momentos assim. Fico desejando que minhas bochechas não se inflamassem com tanta facilidade. Fica gastando meus desejos com coisas estúpidas, eu acho.

— Não, não estou com medo — digo por fim.

Preciso mesmo que ele se afaste de mim. Preciso mesmo que ele me faça esse favor.

— Só estou surpresa.

Ele fica em silêncio então, os olhos me implorando por uma explicação. Ele se tornou tanto familiar quanto estranho para mim em um período muito curto; exatamente e nada como eu pensei que ele fosse.

— Você permite que o mundo pense que você é um assassino sem coração — digo a ele. — E não é.

Ele ri, uma vez; suas sobrancelhas se levantam de surpresa.

— Não — ele fala. — Acho que sou apenas um assassino do tipo comum.

— Mas por que… por que você fingiria ser tão impiedoso? — pergunto. — Por que permite que as pessoas o tratem assim?

Ele suspira. Empurra as mangas da camisa para trás dos cotovelos de novo. Não consigo deixar de acompanhar o movimento, meus olhos demorando-se em seus antebraços. E eu percebo, pela primeira vez, que ele não tem nenhuma tatuagem militar como todos os outros. Pergunto-me por quê.

— Que diferença faz? — ele diz. — As pessoas podem pensar o que quiserem. Não desejo a aprovação delas.

— Então você não se importa — pergunto a ele — de as pessoas o julgarem com tanta dureza?

— Não tenho ninguém para impressionar — ele fala. — Ninguém se importa com o que acontece comigo. Não estou empenhado em fazer amigos, amor. Meu trabalho é liderar um exército, é a única coisa no que sou bom. Ninguém — acrescenta — teria orgulho das coisas que conquistei. Minha mãe nem me reconhece mais. Meu pai acha que sou fraco e patético. Meus soldados querem que eu morra. O mundo está indo para o inferno. E estas conversas que tenho com você são as mais longas que já tive.

— O quê… Sério? — pergunto, os olhos arregalados.

— Sério.

— E confia em mim para me dar todas essas informações?

Estou chocada.

— Por que compartilhar seus segredos comigo?

Os olhos dele escurecem, de repente. Ele olha na direção da parede.

— Não faça isso — pede. — Não me faça perguntas para as quais já sabe a resposta. Duas vezes eu me expus para você e tudo o que consegui foi um ferimento de bala e um coração partido. Não me torture — ele diz, olhando nos meus olhos de novo. — É algo cruel a se fazer, até com alguém como eu.

— Warner…

— Não entendo!

Ele desmorona, enfim perdendo a compostura, a voz ficando mais aguda.

— O que o *Kent* — ele diz, cuspindo o nome — poderia fazer por você?

Estou tão chocada, tão despreparada para responder a uma pergunta assim que fico momentaneamente sem fala. Nem sei o que aconteceu com Adam, onde ele pode estar ou o que nosso futuro reserva. Neste momento, tudo a que me agarro é a uma esperança de que ele escapou com vida. Que ele está lá fora em algum lugar, sobrevivendo, apesar da improbabilidade. Neste instante, essa certeza seria suficiente para mim.

Assim, respiro fundo e tento encontrar as palavras certas, a maneira certa de explicar que há muitos assuntos maiores e mais pesados com que lidar, mas, quando levanto o olhar, descubro que Warner ainda está me encarando, esperando uma resposta para uma pergunta que eu agora percebo que ele estivera tentando suprimir com esforço. Algo que devia o estar corroendo.

E eu suponho que ele mereça uma resposta. Em especial depois do que fiz com ele.

Assim, respiro fundo.

— Não é algo que eu sei explicar — digo. — Ele é… Não sei.

Olho para minhas mãos.

— Ele foi meu primeiro amigo. A primeira pessoa a me tratar com respeito… A me amar.

Fico quieta por um instante.

— Ele sempre foi muito gentil comigo.

Warner se retrai. A surpresa está espalhada pelo seu rosto.

— Ele sempre foi muito *gentil* com você?

— Sim — eu sussurro.

Warner dá uma risada rouca e cínica.

— Isso é incrível — diz, olhando para a porta, uma mão no ar. — Eu fui consumido por essa pergunta pelos últimos três dias, tentando desesperadamente entender por que você se entregaria a mim de tão boa vontade só para arrancar meu coração no último instante por causa de um... um robô insípido e totalmente substituível. Eu fiquei pensando que tinha que haver um grande motivo, algo que eu não tinha visto, algo que eu não consegui entender — ele declara, focando em mim agora. — E eu estava pronto para aceitar — afirma. — Eu me tinha me forçado a aceitar, porque pensei que seus motivos eram profundos e estavam além da minha compreensão. Eu estava disposto a abrir mão de você se você tivesse descoberto alguma coisa extraordinária. Alguém que podia conhecê-la de maneiras que eu nunca seria capaz de compreender. Porque você merece isso — ele diz. — Eu disse a mim mesmo que você merece mais do que eu, mais do que minhas ofertas sofríveis.

Ele faz que não com a cabeça. Baixa as mãos.

— Mas isso? — ele fala, abismado. — Essas palavras? Essa explicação? Você o escolheu porque ele é *gentil* com você? Porque ele ofereceu a você uma *caridade* básica?

De repente, estou brava.

De repente, estou mortificada.

Estou ultrajada pela permissão que Warner concedeu a si mesmo de julgar minha vida; por ele pensar que tinha sido *generoso* ao sair do caminho. Aperto os olhos, fecho os punhos.

— Não é caridade — disparo. — Ele se importa comigo... E eu me importo com ele!

Warner faz que sim com a cabeça, não está impressionado;

— Você devia pegar um cachorro, amor. Ouvi dizer que eles têm muitas das mesmas qualidades.

— Você é inacreditável!

Eu me jogo para cima, levantando-me desajeitada e me arrependendo. Tenho de agarrar a estrutura da cama para me

equilibrar.

— Meu relacionamento com Adam não é da sua conta!

— Seu *relacionamento*?

Warner ri, alto. Ele se mexe depressa para me encarar do outro lado da cama, deixando vários metros entre nós.

— Que relacionamento? Ele ao menos sabe alguma coisa sobre você? Ele a entende? Ele conhece seus desejos, seus medos, a verdade que você esconde no seu coração?

— Ah, e aí? Você sabe?

— Você sabe muito bem que eu sei! — ele grita, apontando um dedo acusador para mim. — E estou disposto a apostar *minha vida* que ele não faz ideia de como você é de verdade. Você é muito cuidadosa com os sentimentos dele, fingindo ser uma menina bozinha para ele, não é? Você tem medo de assustá-lo e ele fugir. Você tem medo de contar coisas demais para ele...

— Você não sabe de *nada*!

— Ah, eu sei — ele diz, avançando depressa. — Entendo perfeitamente. Ele se apaixonou pela sua casca quieta e tímida. Por quem você *costumava* ser. Ele não faz ideia do que você é capaz. O que você pode fazer se for forçada além do limite.

A mão dele desliza para a minha nuca; ele se inclina até nossos lábios estarem apenas a centímetros de distância.

O que está acontecendo com meus pulmões.

— Você é uma covarde — ele sussurra. — Quer ficar comigo e isso a deixa apavorada — diz. — Com vergonha por querer alguém como eu. Não é?

Ele baixa o olhar e seu nariz roça o meu e quase posso contar os milímetros entre nossos lábios. Estou me esforçando para ficar concentrada, tentando lembrar que estou brava com ele, brava com alguma coisa, mas a boca dele está bem em frente à minha e minha

mente não consegue parar de pensar em como acabar com o espaço entre nós.

— Você me deseja — ele diz baixinho, suas mãos subindo pelas minhas costas — e isso a está matando.

Eu me afasto depressa, libertando-me, odiando meu corpo por reagir a ele, por desmoronar assim. Minhas articulações parecem frágeis, minhas pernas perderam os ossos. Preciso de oxigênio, preciso de um cérebro, preciso encontrar meus pulmões...

— Você merece muito mais do que caridade — ele fala, seu peito arfando. — Você merece viver. Você merece estar *viva*.

Ele está me encarando, sem piscar.

— Volte para a vida, amor. Eu estarei aqui quando você acordar.

# 10



Acordo deitada de bruços.

Meu rosto está enterrado nos travesseiros, meus braços abraçando seus contornos macios. Pisco várias vezes, meus olhos vermelhos absorvendo o lugar à minha volta, tentando me lembrar de quem eu sou. Aperto os olhos com a claridade do dia. Meu cabelo cai no rosto quando levanto a cabeça para olhar em volta.

— Bom dia.

Fico assustada sem razão, sentando-me muito depressa e apertando um travesseiro contra o peito por um motivo igualmente inexplicável. Warner está parado ao pé da cama, totalmente vestido. Ele está usando calça preta e uma malha verde-ardósia que se agarra à forma de seu corpo, as mangas puxadas para trás nos antebraços. Seu cabelo está perfeito. Seus olhos estão alertas, acordados, impossivelmente mais brilhantes com o verde da malha. E ele está segurando uma caneca que solta vapor. Sorrindo para mim.

Dou para ele um aceno fraco.

— Café? — ele pergunta, oferecendo-me a caneca.

Fico olhando para ela, em dúvida.

— Nunca tomei café.

— Não é horrível — ele diz, encolhendo os ombros. — Delalieu é obcecado por ele. Não é, Delalieu?

Faço um movimento brusco para trás na cama, a cabeça quase batendo na parede atrás de mim.

Um cavalheiro mais velho e de aparência gentil sorri para mim do canto do quarto. Seu cabelo castanho fino e seu bigode com as pontas viradas parecem vagamente familiares para mim, como se eu já o tivesse visto na base antes. Percebo que ele está parado ao lado de um carrinho de café da manhã.

— É um prazer conhecê-la oficialmente, senhorita Ferrars — ele diz.

Sua voz é um pouco trêmula, mas nada intimidadora. Seus olhos são sinceros de uma forma inesperada.

— O café é mesmo muito bom — ele diz. — Eu tomo todo dia. Embora sempre tome o m-meu com...

— Creme e açúcar — Warner diz com um sorriso sarcástico, seus olhos rindo como se fosse uma piada secreta. — Sim. Embora eu tema que açúcar seja um pouco demais para mim. Descobri que prefiro a amargura

Ele olha para mim.

— A escolha é sua.

— O que está acontecendo? — pergunto.

— Café da manhã — Warner diz, seus olhos não revelam nada. — Pensei que você poderia estar com fome.

— Tudo bem ele estar aqui? — sussurro, sabendo muito bem que Delalieu pode me ouvir. — Ele saber que estou aqui?

Warner faz que sim com a cabeça. Não me oferece nenhuma explicação.

— Certo — digo a ele. — Vou experimentar o café.

Eu rastejo pela cama para pegar a caneca e os olhos de Warner seguem meus movimentos, passando de meu rosto para a forma de meu corpo e para os travesseiros e lençóis amassados sob minhas mãos e meus joelhos. Quando ele enfim me olha nos olhos, desvia depressa demais, entregando-me a caneca e, depois, ficando a um quarto inteiro de distância de mim.

— Então, quanto o Delalieu sabe? — pergunto, olhando para o velho cavalheiro.

— O que você quer dizer?

Warner levanta uma sobrancelha.

— Bem, ele sabe que vou embora?

Eu levanto uma sobrancelha também. Warner fica olhando.

— Você prometeu me tirar da base — digo a ele — e espero que Delalieu esteja aqui para ajudá-lo com isso. Mas, se for dar muito trabalho, eu sempre estou disposta a usar a janela.

Eu tombo a cabeça.

— Funcionou bem para mim da última vez.

Warner aperta os olhos na minha direção, seus lábios uma linha fina. Ele ainda está me olhando fixamente quando faz um movimento com a cabeça em direção ao carrinho de café da manhã a seu lado.

— É assim que vamos tirá-la daqui hoje.

Eu engasgo no meu primeiro gole no café.

— O quê?

— É a solução mais fácil e eficiente — Warner diz. — Você é pequena e leve e consegue se dobrar com facilidade em um lugar apertado, e os painéis de tecido vão mantê-la escondida. Eu

trabalho com frequência no meu quarto — ele continua. — Delalieu traz bandejas de café da manhã para mim de tempos em tempos. Ninguém vai suspeitar de nada fora do comum.

Eu olho para Delalieu esperando algum tipo de confirmação.

Ele faz que sim com a cabeça, animado.

— Como você me trouxe para cá, para início de conversa? — pergunto. — Por que não podemos simplesmente fazer o mesmo?

Warner examina um dos pratos de café da manhã.

— Temo que essa opção não esteja mais disponível para nós.

— O que quer dizer?

Meu corpo é tomado por uma ansiedade repentina.

— Como você me trouxe para cá?

— Você não estava exatamente consciente — ele conta. — Tivemos de ser um pouco mais... criativos.

— Delalieu.

O velho levanta o olhar ao som da minha voz, é clara sua surpresa por eu tê-lo chamado tão diretamente.

— Sim, senhorita?

— Como vocês me trouxeram para o prédio?

Delalieu olha para Warner, cujo olhar agora está fixado na parede. Delalieu olha para mim, dá um sorriso de desculpas.

— Nós… Bem, nós a transportamos para dentro — diz.

— Como?

— Senhor — Delalieu diz de repente, seus olhos implorando pela orientação de Warner.

— Nós a trouxemos para dentro — Warner explica — em um saco para cadáver.

Meus braços e pernas endurecem de medo.

— Vocês *o quê*?

— Você estava inconsciente, amor. Não tínhamos muitas opções. Eu não podia carregá-la para dentro da base em meus braços.

Ele me lança um olhar.

— Houve muitas baixas na batalha — afirma. — Dos dois lados. Um saco de cadáver era fácil de ignorar.

Estou contendo gritos e olhando para ele.

— Não se preocupe.

Ele sorri.

— Cortei alguns buracos nele para você.

— Você foi muito atencioso — disparo.

— Foi atencioso — ouço Delalieu falar.

Olho para ele e vejo ele está me observando em choque, é óbvio que está abismado com meu comportamento.

— Nosso comandante estava salvando sua vida.

Eu me retraio.

Fico olhando para dentro da caneca de café, o calor colorindo minhas bochechas. Minhas conversas com Warner nunca tiveram plateia antes. Pergunto-me o quê nossas interações devem parecer para um observador de fora.

— Está tudo bem, tenente — Warner diz. — Ela costuma ficar brava quando tem medo. Não passa muito de um mecanismo de defesa. A ideia de ficar dobrada em um espaço tão pequeno pode disparar as tendências claustrofóbicas dela.

Olho para cima de repente.

Warner está olhando direto para mim, os olhos profundos com um entendimento não dito.

Sempre me esqueço de que Warner consegue sentir minhas emoções, que ele sempre sabe o que estou sentindo de verdade. E

ele me conhece bem o bastante para poder colocar tudo no contexto certo.

Para ele, sou completamente transparente.

E, de alguma forma, neste exato instante, pelo menos, fico grata por isso.

— É claro, senhor — Delalieu diz. — Peço desculpas.

— Fique à vontade para tomar um banho e se trocar — Warner diz para mim. — Deixei algumas roupas para você no banheiro... Nenhum vestido — ele fala, segurando um sorriso. — Vamos esperar aqui. Delalieu e eu temos algumas coisas a discutir.

Faço que sim com a cabeça, libertando-me da roupa de cama e ficando em pé desajeitada. Agarro a bainha de minha camiseta, envergonhada de repente, sentindo-me amassada e desgrenhada em frente a estes dois militares.

Fico olhando os dois por um momento.

Warner faz um gesto para a porta do banheiro.

Levo o café comigo quando saio, perguntando-me enquanto isso quem é Delalieu e por que Warner parece confiar nele. Pensei que ele tivesse dito que todos os seus soldados o queriam morto.

Eu queria poder ouvir a conversa deles, mas os dois são cuidadosos em não dizer nada até a porta do banheiro se fechar atrás de mim.

# 11



Eu tomo um banho rápido, com cuidado para não deixar a água tocar meu cabelo. Já o lavei na noite anterior e a temperatura está fresca nesta manhã; se vamos sair, não quero correr o risco de pegar uma gripe. É difícil, no entanto, evitar a tentação de um banho longo — e da água quente — no banheiro de Warner.

Visto-me depressa, pegando as roupas dobradas que Warner deixou em uma prateleira para mim. Calça jeans escura, malha azul-marinho. Meias e lingerie limpas. E um par novinho de tênis.

Os tamanhos são perfeitos.

É claro que são.

Eu não uso jeans há tantos anos que, no início, o tecido parece estranho para mim. A calça é tão justa, as pernas vão ficando tão estreitas; tenho de dobrar os joelhos para esticar um pouco o tecido. Porém, quando eu enfio a malha pela cabeça, enfim me sinto confortável. E, embora eu sinta falta do meu traje, há algo bom em usar roupas de verdade. Nada de vestidos chiques, nada de calças

cargo, nada de elastano. Apenas jeans e uma malha, como uma pessoa normal. É uma realidade estranha.

Dou uma olhada rápida no espelho, piscando para meu reflexo. Eu queria ter algo para prender meu cabelo; fiquei bastante acostumada em poder tirá-lo do rosto quando estava no Ponto Ômega. Desvio o olhar com um suspiro resignado, esperando começar este dia o mais cedo possível. Porém, no momento em que abro a porta do banheiro, ouço vozes.

Congelo no lugar. Ouvindo.

— … tem certeza de que é seguro, senhor?

Delalieu está falando.

— Desculpe — o velho diz rapidamente. — Não quero parecer impertinente, mas não posso deixar de ficar preocupado...

— Vai ficar tudo bem. Só garanta que nossas tropas não estejam patrulhando aquela área. Devemos ficar fora por apenas algumas horas no máximo.

— Sim, senhor.

Silêncio.

Depois

— Juliette — Warner diz e eu quase caio para dentro do banheiro. — Venha para cá, amor. É falta de educação escutar escondido.

Eu saio do banheiro devagar, o rosto corado com o calor do banho e a vergonha de ser pega em um ato tão infantil. De repente, não tenho ideia do que fazer com minhas mãos.

Warner está gostando do meu constrangimento.

— Pronta para ir?

Não.

Não estou.

Esperança e medo estão me estrangulando e eu tenho de me lembrar de respirar. Não estou pronta para encarar a morte ou a destruição de todos os meus amigos. É claro que não estou.

Mas “sim, é claro” é o que digo em voz alta.

Estou me preparando para a verdade, seja lá como ela chegue.

# 12



Warner estava certo.

Ser levada de carrinho pelo Setor 45 foi muito mais fácil do que eu esperava. Ninguém reparou em nada e o nicho embaixo do carrinho era, na verdade, espaçoso o suficiente para eu me sentar com conforto.

É apenas quando Delalieu abre um dos painéis de tecido que percebo onde estamos. Olho ao redor depressa, meus olhos fazendo um inventário de todos os tanques militares estacionados neste vasto local.

— Rápido — Delalieu sussurra.

Ele faz um gesto para o tanque parado mais perto de nós. Eu observo a porta ser aberta por dentro.

— Depressa, senhorita. Você não pode ser vista.

Eu me apresso.

Pulo para fora da parte de baixo do carrinho e corro para a porta aberta do tanque, subindo com dificuldade e indo para o assento. A porta se fecha atrás de mim, e eu me viro e vejo Delalieu olhando com atenção, seus olhos úmidos apertados de preocupação. O tanque começa a se mexer.

Eu quase caio para a frente.

— Fique abaixada e aperte o cinto, amor. Estes tanques não foram construídos para serem confortáveis.

Warner está sorrindo enquanto olha direto para a frente, as mãos protegidas por luvas de couro pretas, o corpo envolvido por um sobretudo cinza como o aço. Eu me abaixo em meu assento e procuro o cinto, prendendo-me o melhor que consigo.

— Então você sabe chegar lá? — pergunto.

— É claro.

— Mas seu pai disse que você não conseguia se lembrar de nada do Ponto Ômega.

Warner vira para mim, seus olhos rindo.

— Que conveniente para todos nós eu ter recuperado a memória.

— Ei… Como foi que você escapou de lá, afinal? — questiono. — Como passou pelos guardas?

Ele encolhe os ombros.

— Eu disse a eles que tinha permissão para sair do quarto.

Olho para ele admirada.

— Você não está falando sério.

— Muito sério.

— Mas como você encontrou a saída? — pergunto. — Você passou pelos guardas, tudo bem. Mas aquele lugar era como um labirinto… Eu não sabia andar por ali mesmo depois de viver lá por um mês.

Warner verifica um mostrador no painel. Aperta alguns botões para funções que não entendo.

— Eu não estava totalmente inconsciente quando fui levado para dentro — diz. — Forcei-me a prestar atenção na entrada — ele conta. — Fiz o melhor que pude para memorizar qualquer marco óbvio. Também observei quanto tempo foi necessário para me levarem da entrada para a ala médica e, depois, da ala médica para o meu quarto. E, sempre que Castle me levava nas minhas rondas até o banheiro — fala —, eu observava os arredores, tentando avaliar quão longe eu estava da saída.

— Então…

Eu franzo as sobrancelhas.

— Você poderia ter se defendido dos guardas e tentado escapar muito antes. Por que não fez isso?

— Eu já disse para você. Era estranhamente luxuoso estar confinado daquele jeito. Eu pude recuperar semanas de sono. Eu não precisava trabalhar ou lidar com qualquer assunto militar. Mas a resposta mais óbvia — ele diz, soltando o ar — é que fiquei porque eu podia vê-la todo dia.

— Ah.

Warner ri, os olhos fechados e apertados por um segundo.

— Você nunca quis ficar lá de verdade, não é?

— O que você quer dizer?

Ele faz que não com a cabeça.

— Se é para você sobreviver — ele diz para mim —, nunca pode ser indiferente aos seus arredores. Não pode contar com outras pessoas para cuidarem de você. Não pode presumir que mais alguém vai fazer as coisas do jeito certo.

— Do que você está falando?

— Você não se importava — ele fala. — Você estava ali, no subterrâneo, havia mais de um mês, agrupada com rebeldes de inclinação sobrenatural, cuspindo ideais grandes e nobres sobre salvar o mundo, e diz que nem sabia andar pelo lugar. É porque você não se importava — ele afirma. — Você não queria participar. Se quisesse, teria tomado a iniciativa de aprender o máximo possível sobre sua nova casa. Teria ficado fora de si de animação. Em vez disso, estava apática. Indiferente.

Eu abro a boca para protestar, mas não tenho chance.

— Eu não a culpo — ele garante. — Os ideais deles eram fora da realidade. Não me importa quão flexíveis seus braços e pernas sejam ou quantos objetos você consiga mover com a mente. Se você não entende seu oponente, ou, pior, se você subestima seu oponente, vai perder.

Seu maxilar fica duro.

— Eu ficava tentando avisá-la — ele diz — de que Castle iria levar seu grupo para um massacre. Ele era otimista demais para ser um líder adequado, esperançoso demais para pensar de maneira lógica nas probabilidades que se empilhavam contra ele, e muito ignorante sobre O Restabelecimento para entender de verdade como ele lida com as vozes da oposição. O Restabelecimento — Warner continua — não está interessado em manter uma fachada de gentileza. Os civis não são nada além de peões para eles. Eles querem poder — ele me diz — e querem entretenimento. Não estão interessados em consertar nossos problemas. Só querem garantir que estão o mais confortáveis possível enquanto cavamos nosso próprio túmulo.

— Não.

— Sim — ele diz. — É exatamente simples assim. Todo o resto é só uma piada para eles. Os textos, os artefatos, as linguagens. Eles só querem assustar as pessoas, mantê-las submissas e arrancar sua individualidade; pastoreá-las para uma única mentalidade que atende apenas ao objetivo deles. Por isso eles podem e vão destruir todos os movimentos rebeldes. E esse é um fato que seus amigos

não entendiam por completo. E, agora — ele fala —, eles sofreram por sua ignorância.

Ele para o tanque.

Desliga o motor.

Destrava minha porta.

E eu ainda não estou pronta para encarar isso.

# 13



Qualquer pessoa conseguiria achar o Ponto Ômega agora. Qualquer cidadão, qualquer civil, qualquer um que enxergue poderia dizer onde a grande cratera do Setor 45 está localizada.

Warner estava certo.

Eu solto meu cinto devagar, estendendo a mão em direção à maçaneta da porta sem enxergar. Sinto como se estivesse me mexendo em meio à névoa, como se minhas pernas tivessem sido moldadas em argila fresca. Não calculo a altura do tanque acima do chão e tropeço para o ar livre.

É isso.

O pedaço vazio e estéril que eu passara a reconhecer como a área ao redor do Ponto Ômega; a terra que Castle nos disse que já fora suntuosa com folhagens e vegetação. Ele disse que tinha sido o esconderijo ideal para o Ponto Ômega. Mas isso foi antes de as coisas começarem a mudar. Antes de o clima se deformar e as plantas terem de se esforçar para nascer. Agora, é um cemitério.

Árvores esqueléticas e ventos uivantes, uma camada fina de neve polvilhada sobra a terra fria e prensada.

O Ponto Ômega se foi.

Não é nada além de um buraco enorme no chão com cerca de 1,5 quilômetro de diâmetro e 15 metros de profundidade. Uma tigela cheia de entranhas, de morte e destruição, silêncio depois de uma tragédia. Anos de esforço, tanto tempo e energia gastos por um objetivo específico, uma finalidade: um plano para salvar a humanidade.

Apagados de um dia para o outro.

Um sopro de vento entra nas minhas roupas e, depois, envolve meus ossos. Dedos gelados escalam as pernas da minha calça, apertam-se em volta de meus joelhos e puxam; de repente, não tenho certeza de como ainda estou de pé. Meu sangue parece congelado, quebradiço. Minhas mãos estão cobrindo minha boca e eu nem sei quem as colocou ali.

Algo pesado cai nos meus ombros. Um casaco.

Olho para trás e vejo que Warner está me observando. Ele estende um par de luvas.

Pego as luvas e enfio-as sobre meus dedos congelados e me pergunto por que ainda não acordei, porque ninguém estendeu a mão para me dizer que está tudo bem, que é só um pesadelo, que tudo vai ficar bem.

Sinto-me como se eu tivesse sido escavada por dentro, como se alguém tivesse tirado com uma colher todos os órgãos de que preciso para viver e me deixado com nada, apenas vazio, apenas descrença total e completa. Porque isso é impossível.

Ponto Ômega.

Sumido.

Completamente destruído.

— JULIETTE, SE ABAIXE…

# 14



Warner me joga no chão bem quando o barulho de tiros enche o ar.

Seus braços estão debaixo de mim, aninhando-me em seu peito, seu corpo protegendo o meu de qualquer que seja o desastre iminente no qual acabamos de nos meter. Meu coração bate com um barulho tão alto que mal posso ouvir a voz de Warner quando ele fala no meu ouvido.

— Você está bem? — ele sussurra, apertando-me mais contra si.

Tento fazer que sim com a cabeça.

— Fique abaixada — diz. — Não se mexa.

Eu não estava planejando me mexer, não falo isso para ele.

— FIQUE LONGE DELA, SEU SACO DE MERDA INÚTIL…

Meu corpo fica duro.

Essa voz. Eu conheço essa voz.

Ouço passos se aproximando, esmagando a neve e o gelo e a terra. Warner começa a soltar os braços a meu redor e percebo que

ele está levando a mão para a arma.

— Kenji… Não… — tento gritar, minha voz abafada pela neve.

— LEVANTE! — Kenji grita, ainda se aproximando. — Levante, seu covarde doente!

Comecei oficialmente a entrar em pânico.

Os lábios de Warner roçam minha orelha.

— Eu já volto — ele sussurra.

E, bem quando me viro para protestar, o peso de Warner é erguido. Seu corpo se foi. Ele desapareceu completamente.

Eu me levanto sem jeito, virando-me.

Meus olhos pousam em Kenji.

Ele está parado no mesmo lugar, confuso e passando os olhos pela área, e estou muito feliz em vê-lo para me dar ao trabalho de me importar com Warner agora. Quase estou pronta para chorar. Eu falo o nome de Kenji com um gritinho.

Seus olhos se prendem aos meus.

Ele avança, diminuindo a distância entre nós e me agarrando em um abraço tão forte que praticamente corta minha circulação.

— Puta que pariu, como é bom vê-la — diz, sem fôlego, me apertando mais.

Eu me agarro a ele, tão aliviada, tão abismada que nem sei o que dizer. Fecho e aperto os olhos, incapaz de parar as lágrimas.

Kenji se afasta para me olhar nos olhos, seu rosto iluminado de dor e alegria.

— Que diabos você está fazendo aqui? Eu pensei que você estivesse *morta*…

— Eu pensei que *você* estivesse morto!

Ele para então. Seu sorriso some do rosto.

— Aonde Warner foi? — ele diz, os olhos absorvendo os arredores. — Você estava com ele, não? Não estou enlouquecendo, estou?

— Sim… Ouça… Warner me trouxe aqui — digo a ele, tentando falar com calma, esperando aplacar a raiva em seus olhos. — Mas ele não está tentando lutar. Quando ele me contou o que tinha acontecido com o Ponto Ômega, eu não acreditei nele e, assim, pedi para me mostrar a prova...

— É mesmo? — Kenji questiona, seus olhos brilhando com um tipo de ódio que eu nunca vira nele antes. — Ele veio mostrar a você o que ele fez? Mostrar a você quantas pessoas ele MATOU?

Kenji se afasta de mim, tremendo com uma fúria que eu não sabia que ele era capaz de ter.

— Ele contou quantas crianças estavam ali? Ele contou quantos dos nossos homens e mulheres foram *massacrados* por causa dele?

Ele para, ofegando.

— Ele contou isso? — ele pergunta de novo, gritando para o ar. — SAIA DE NOVO AQUI, SEU IMBECIL DOENTE!

— Kenji, *não*…

Mas Kenji já tinha ido, afastando-se tão depressa que agora era apenas um ponto a distância. Sei que ele está procurando no vasto espaço vislumbres de Warner e preciso fazer alguma coisa, preciso impedi-lo, mas não sei como...

— Não se mexa.

Warner sussurra no meu ouvido, suas mãos apoiadas com firmeza em meus ombros. Tento me virar e ele me segura no lugar.

— Eu disse para não se mexer.

— O que você está…

— Shh — ele diz baixinho. — Ninguém consegue me ver.

— *O quê*? — eu ofego.

Estendo o pescoço para trás e tento olhar atrás de mim, mas minha cabeça bate no queixo de Warner. No seu queixo *invisível*.

— Não — eu me ouço ofegar. — Mas você não está tocando nele...

— Olhe bem para a frente — ele sussurra. — Não vai nos ajudar se você for pega falando com pessoas invisíveis.

Eu viro o rosto para olhar para a frente. Kenji não está mais visível.

— Como? — pergunto a Warner. — Como você...

Warner encolhe os ombros atrás de mim.

— Eu me senti diferente desde que fizemos aquele experimento com o seu poder. Agora que sei exatamente como é pegar a habilidade de outra pessoa, consigo perceber isso com mais facilidade. Como agora — ele diz. — Sinto como se eu pudesse literalmente estender a mão e pegar sua energia. Foi simples assim com o Kenji — ele explica. — Ele estava parado bem ali. Meus instintos de sobrevivência assumiram o controle.

Embora seja um péssimo momento para pensar nessas coisas, eu não consigo me impedir de entrar em pânico. Pelo fato de Warner poder com tanta facilidade projetar seu poder. Sem treinamento. Sem prática.

Ele pode aproveitar minhas habilidades e usá-las como quiser.

Isso não pode ser bom, de jeito nenhum.

As mãos de Warner apertam meus ombros.

— O que você está fazendo? — eu sussurro.

— Estou tentando ver se consigo passar o poder para você… Se consigo transferir de alguma maneira e fazer com que nós dois fiquemos invisíveis… Mas parece que não. Depois de eu pegar a energia de alguém, posso *usá-la*, mas parece que não posso compartilhá-la. Depois de eu liberar a energia, ela só pode voltar para o dono.

— Como você já sabe tanta coisa? — pergunto a ele, pasma. — Você só ficou sabendo disso há alguns dias.

— Tenho praticado — ele diz.

— Mas como? Com quem?

Faço uma pausa.

— *Ah.*

— Sim — ele fala. — Tem sido incrível tê-la hospedada comigo. Por muitos motivos.

Suas mãos caem dos meus ombros.

— Eu estava preocupado porque poderia machucá-la com o seu próprio poder. Eu não tinha certeza se conseguiria absorvê-lo sem usá-lo por acidente contra você. Mas parece que nós cancelamos um ao outro — ele explica. — Depois de eu pegar de você, eu só posso devolver.

Não estou respirando.

— Vamos — Warner diz. — Kenji está saindo do alcance e eu não vou poder manter a energia dele por muito mais tempo. Temos que sair daqui.

— Não posso ir embora — digo a ele. — Não posso simplesmente abandonar o Kenji, não assim...

— Ele vai tentar me matar, amor. E, embora eu saiba que provei o contrário no seu caso, posso garantir que, em geral, não sou capaz de ficar esperando enquanto alguém põe minha vida em risco. Por isso, a menos que você queira me ver atirar nele primeiro, eu sugiro que a gente saia daqui o mais rápido possível. Posso sentir que ele está voltando.

— Não. Você pode ir. Você *deve* ir. Mas eu vou ficar aqui.

Warner fica imóvel atrás de mim.

— O quê?

— Vá — falo para ele. — Você precisa ir para os aglomerados... Você tem coisas para cuidar. Você deve ir. Mas eu preciso estar aqui. Eu preciso saber o que aconteceu com todos os outros e preciso seguir daí para a frente.

— Você está me pedindo para deixá-la aqui — ele diz, sem se importar em esconder seu choque. — Indefinidamente

— Não sei — respondo. — Não vou embora até conseguir algumas respostas. E você está certo — digo. — Kenji com certeza vai atirar primeiro e fazer perguntas depois, então é melhor você ir embora. Vou falar com ele, tentar dizer a ele o que aconteceu. Talvez nós todos possamos trabalhar juntos...

— *O quê*?

— Não precisamos ser apenas eu e você — afirmo. — Você disse que queria me ajudar a matar seu pai e a derrubar O Restabelecimento, certo?

Ele faz que sim devagar.

— Certo. Então.

Eu respiro fundo.

— Aceito sua oferta.

Warner fica rígido.

— Você aceita minha oferta?

— Sim.

— Você entende o que está dizendo?

— Eu não diria se não fosse verdade. Não tenho certeza se vou conseguir fazer isso sem você.

Sinto o ar sair depressa dele, seu coração batendo com força contra minhas costas.

— Mas preciso saber quem mais ainda está vivo — insisto. — E nós podemos trabalhar juntos. Seremos mais fortes assim e todos

nós vamos lutar pela mesma meta...

— Não.

— É a única maneira...

— Tenho que ir — ele diz, virando-me. — Kenji está quase aqui.

Ele empurra um objeto duro de plástico na minha mão.

— Ative este *pager* — fala — quando estiver pronta. Fique com ele e eu saberei como encontrá-la.

— Mas…

— Você tem quatro horas — avisa. — Se eu não tiver notícia antes disso, vou supor que você está correndo algum perigo e virei encontrá-la pessoalmente.

Ele ainda está segurando minha mão. O *pager* ainda apertado contra minha palma. É a sensação mais louca, sermos tocados por alguém que não podemos ver.

— Você entendeu? — ele sussurra.

Eu faço que sim com a cabeça, uma vez. Não faço ideia de para onde olhar.

E, depois, congelo, cada centímetro meu quente e frio ao mesmo tempo porque ele aperta os lábios contra a parte de trás dos meus dedos em um momento único e carinhoso e, quando ele se afasta, estou cambaleante, inebriada, instável.

Porém, assim que recupero o equilíbrio, ouço um familiar barulho elétrico e monótono e percebo que Warner já começou a dirigir e ir embora.

E sou deixada ali perguntando com que diabos acabei de concordar.

# 15



Kenji avança em passos barulhentos na minha direção, seus olhos flamejando.

— Aonde ele foi? Você viu para onde ele foi?

Faço que não com a cabeça enquanto estendo as mãos, agarrando os braços dele em uma tentativa de focar seus olhos.

— Fale comigo, Kenji. Conte o que aconteceu… Onde está todo mundo…?

— Não tem *todo mundo*! — ele dispara, libertando-se. — O Ponto Ômega se foi... Todos se foram... *Tudo…*

Ele se ajoelha, ofegando enquanto cai para a frente, sua testa enterrando-se na neve.

— Eu pensei que você estivesse morta também... Eu pensei…

— Não — eu ofego. — Não, Kenji... Eles não podem todos ter morrido... Não todos...

Não Adam.

Não Adam.

Por favor por favor por favor não *Adam*

E eu estou falando, tenho certeza de que estou falando, mas o mundo todo parece estar sangrando nos cantos.

Eu tinha sido muito otimista quanto a este dia.

Eu tinha mentido para mim mesma.

Eu não acreditei de verdade em Warner. Eu não acreditei que podia ser tão ruim assim. Mas, agora, ver a verdade e ouvir a agonia de Kenji... A realidade de tudo o que aconteceu está me atingindo com tanta força que eu sinto que estou caindo para trás dentro de meu próprio túmulo.

Meus joelhos bateram no chão.

— Por favor — estou dizendo —, por favor, me diga que há outros... Adam tem que estar vivo…

— Eu cresci aqui — Kenji está dizendo.

Ele não está me escutando e eu não reconheço sua voz áspera e dolorida. Eu quero o velho Kenji, o que sabia assumir o comando, assumir o controle. E este não é ele.

Este Kenji está me aterrorizando.

— Esta foi minha vida toda — ele diz, olhando na direção da cratera que costumava ser o Ponto Ômega. — O único lugar... Todas aquelas pessoas…

Ele engasga.

— Elas eram minha *família*. Minha única família…

— Kenji, por favor…

Tento sacudi-lo. Tento arrancá-lo de seu sofrimento antes de eu sucumbir a ele também. Temos que sair de um lugar tão visível e só agora estou começando a perceber que Kenji não se importa. Ele *quer* se colocar em perigo. Ele *quer* lutar. Ele quer *morrer.*

Não posso deixar isso acontecer.

Alguém precisa assumir o controle desta situação bem agora, e bem agora eu posso ser a única capaz.

— Levante — eu brigo com ele, minha voz mais dura do que eu queria. — Você precisa se levantar e precisa parar de agir sem cuidado. Sabe que não estamos seguros aqui fora e temos que nos mexer. Onde você está ficando?

Eu agarro o braço dele e puxo, mas ele não se mexe.

— Levante! — grito de novo. — Levan...

E, então, simples assim, eu me lembro de que sou muitíssimo mais forte do que Kenji jamais será. Isso quase me faz sorrir.

Fecho os olhos e me concentro, tentando me lembrar de tudo que ele me ensinou, tudo que aprendi sobre como controlar minha força, como aproveitá-la quando preciso. Passei tantos anos reprimindo tudo e guardando tudo longe, o que os olhos não veem o coração não sente, que ainda levo algum tempo para me lembrar de que ela está aqui, esperando que eu a aproveite. Mas, no momento em que eu a recebo, sinto-a entrar depressa em mim. É um poder puro tão potente que faz com que eu me sinta invencível.

E, então, simples assim, eu puxo Kenji do chão e jogo-o por cima do meu ombro.

*Eu*.

Eu faço isso.

Kenji, é claro, libera uma fila dos palavrões mais sujos que já ouvi. Ele está me chutando, e eu mal sinto; meus braços o estão envolvendo sem apertar muito, minha força cuidadosamente controlada para não esmagá-lo. Ele está bravo, mas pelo menos está falando palavrões de novo. Isso é algo que eu reconheço.

Eu o interrompo em meio aos xingamentos.

— Diga onde você está ficando — falo para ele — e se recomponha. Você não pode desmoronar agora.

Kenji fica em silêncio por um instante.

— Ei, hum, me desculpe por incomodá-la, mas estou procurando uma amiga minha — ele diz. — Você a viu? Ela é uma coisinha pequena, chora muito, passa muito tempo com os seus sentimentos...

— Cale a boca, Kenji.

— Ah, espere! — ele fala. — É você.

— Aonde vamos?

— Quando você vai me deixar descer? — ele rebate, não está mais alegre. — Digo, tenho uma vista excelente da sua bunda daqui, mas, se você não se importar de eu ficar olhando...

Eu o derrubo sem pensar.

— *Droga*, Juliette… Que *diabos*…

— Como é a vista daí?

Fico parada acima do corpo esparramado dele, os braços cruzados em frente ao peito.

— Eu te odeio.

— Levante, por favor.

— Quando você aprendeu a fazer isso? — ele resmunga, cambaleando para levantar e esfregando as costas.

Eu reviro os olhos. Olho para longe. Nada nem ninguém à vista até então.

— Não aprendi.

— Ah, certo — ele diz. — Porque isso faz sentido. Porque jogar um homem adulto sobre o ombro é tão ridiculamente fácil. Esse tipo de merda é natural para você.

Eu encolho os ombros.

Kenji solta um assobio baixo.

— Metida feito o diabo também.

— É.

Faço sombra sobre os olhos contra a luz fria do sol.

— Acho que passar todo aquele tempo com você me estragou de verdade.

— Ó-ó — ele fala, batendo as mãos, nada contente. — Levante-se, princesa. Você é uma comediante.

— Já estou de pé.

— Isso se chama piada, espertinha.

— Aonde vamos? — pergunto de novo.

Começo a andar para nenhuma direção em especial.

— Preciso mesmo saber para onde estamos indo.

— Área não regulamentada.

Ele acompanha meu passo, pegando minha mão para mostrar o caminho. Ficamos invisíveis imediatamente.

— Foi o único lugar em que nós conseguimos pensar.

— *Nós*?

— É. É a antiga casa do Adam, lembra? É onde eu, pela primeira vez...

Eu paro de andar, o peito arfando. Estou esmagando a mão de Kenji na minha e ele a puxa para se soltar, disparando palavrões enquanto faz isso, deixando-nos visíveis de novo.

— Adam ainda está vivo? — pergunto, procurando nos olhos dele.

— É claro que ele está vivo.

Kenji me vira uma cara feia enquanto esfrega a mão.

— Você não ouviu nada do que eu estou falando para você?

— Mas você disse que todos tinham morrido — ofeguei. — Você disse...

— Todos *estão* mortos — Kenji diz, seu rosto se fechando de novo. — Havia mais de cem de nós no Ponto Ômega. Só sobraram oito.

# 16



— Quem? — pergunto, meu coração se apertando. — Quem sobreviveu? Como?

Kenji solta um longo suspiro, passando as duas mãos pelo cabelo enquanto se concentra em um ponto atrás de mim.

— Você só quer uma lista? — ele questiona. — Ou quer saber como tudo aconteceu?

— Quero saber tudo.

Ele faz que sim com a cabeça. Olha para baixo, pisa com força em um monte de neve. Ele pega minha mão de novo e começamos a andar, duas crianças invisíveis no meio do nada.

— Acho — Kenji enfim diz — que, de alguma forma, temos que agradecer a você por ainda estarmos vivos. Porque, se nunca tivéssemos ido procurá-la, provavelmente teríamos morrido no campo de batalha com todos os outros.

Ele hesita.

— Adam e eu percebemos que você tinha sumido bem rápido, mas, quando abrimos caminho de volta para o front lutando, era tarde demais. Ainda estávamos talvez a 6 metros de distância e pudemos apenas vê-los levando você para o tanque.

Ele faz que não com a cabeça.

— Não podíamos simplesmente correr atrás de você — ele diz. — Estávamos tentando não levar um tiro.

A voz dele fica mais ressonante e sombria conforme ele conta a história.

— Assim, decidimos pegar um caminho alternativo… Evitando as estradas principais... Para tentar segui-la de volta para a base, porque era para lá que pensamos que você ia. Mas, assim que chegamos lá, encontramos Castle, Lily, Ian e Alia, que estavam saindo. Eles tinham conseguido concluir sua missão com sucesso; invadiram o Setor 45 e roubaram Winston e Brendan de volta. Eles dois estavam quase mortos quando Castle os encontrou — Kenji diz em voz baixa.

Ele toma um fôlego cortante.

— E, depois, Castle nos disse o que eles tinham ouvido enquanto estavam na base, que as tropas estavam se mobilizando para um ataque aéreo no Ponto Ômega. Eles iriam jogar bombas em toda a área, esperando que, se a atingissem com força suficiente, tudo que havia no subterrâneo simplesmente desabaria sobre si mesmo. Não haveria escapatória para ninguém lá dentro e tudo o que construímos seria destruído.

Eu o sinto ficar tenso a meu lado.

Paramos de andar por apenas um instante antes de sentir Kenji puxar minha mão. Eu me abaixo contra o frio e o vento, fortalecendo-me contra o clima e as palavras dele.

— Parece que tinham torturado alguns de nós no campo de batalha para conseguir a localização — ele diz. — Pouco antes de os matarem.

Ele faz que não com a cabeça.

— Sabíamos que não tínhamos muito tempo, mas ainda estávamos perto o bastante da base para eu conseguir tomar um dos tanques do exército. Nós entramos e fomos direto para o Ponto, esperando tirar todo mundo a tempo. Mas acho que, bem no fundo, sabíamos que não iria funcionar. Os aviões estavam acima de nós. Já a caminho.

Ele ri, de repente, mas a ação parece lhe causar dor.

— E, por algum milagre estranho de insanidade, interceptamos James a quase um quilômetro e meio de distância. Ele tinha conseguido sair escondido e estava a caminho do campo de batalha. O pobre menininho tinha feito xixi em toda a parte da frente da calça de tão assustado, mas ele disse que estava cansado de ser deixado para trás. Disse que queria lutar com seu irmão.

A voz de Kenji estava tensa.

— E o mais louco nessa merda — ele afirma — é que, se James tivesse ficado no Ponto como lhe dissemos para ficar, onde pensamos que estaria seguro, ele teria morrido com os outros.

Kenji ri um pouco.

— E foi isso. Não havia nada que pudéssemos fazer. Tivemos apenas que ficar parados ali, observando enquanto eles jogavam bombas em trinta anos de trabalho, matavam todos os muito jovens ou muito velhos para lutar e, depois, massacravam o restante do nosso time no campo de batalha.

Ele aperta a mão em volta da minha.

— Eu volto aqui todo dia — ele conta. — Esperando que alguém apareça. Esperando achar alguma coisa para levar de volta.

Ele então para, a voz tensa de emoção.

— E aqui está você. Essa merda nem parece real.

Eu aperto seus dedos, com delicadeza desta vez, e me aproximo mais dele.

— Vamos ficar bem, Kenji. Prometo. Vamos ficar juntos. Vamos sair desta.

Kenji puxa sua mão e a tira da minha só para deslizá-la em volta do meu ombro, apertando-me com força contra a lateral de seu corpo. Sua voz está suave quando ele fala:

— O que aconteceu com você, princesa? Você parece diferente.

— Diferente ruim?

— Diferente bom — afirma. — Como se enfim tivesse virado mocinha.

Eu dou uma risada alta.

— Estou falando sério — ele avisa.

— Bem.

Faço uma pausa.

— Às vezes, diferente é bom, não?

— É — Kenji diz. — É, acho que é.

Ele hesita.

— Então… você vai me dizer o que aconteceu? Porque, da última vez em que a vi, você estava sendo jogada no banco de trás de um tanque do exército e, hoje de manhã, você aparece de banho tomado e com tênis brancos brilhantes e está andando por aí com o *Warner* — ele fala, soltando meu ombro e pegando minha mão de novo. — E não precisa ser um gênio para perceber que essa porcaria não faz sentido.

Eu respiro fundo e com equilíbrio. É estranho não poder ver o Kenji agora; parece que estou fazendo essas confissões para o vento.

— Anderson atirou em mim — conto a ele.

Kenji fica imóvel a meu lado. Eu posso ouvir sua respiração acelerada.

— *O quê*?

Faço que sim com a cabeça, embora ele não consiga me ver.

— Eu não fui levada de volta para a base. Os soldados me entregaram para o Anderson; ele estava esperando em uma das casas da área sem regulamentação. Acho que ele queria privacidade — digo a Kenji, sendo cuidadosa para omitir qualquer informação sobre a mãe de Warner.

Aqueles segredos são muito particulares, e não são meus, não posso compartilhar.

— Anderson queria vingança — eu digo, em vez disso — pelo que eu fiz com as pernas dele. Ele estava aleijado; quando eu o vi, ele estava usando bengala. Mas, antes de eu poder entender o que estava acontecendo, ele puxou uma arma e atirou em mim. Bem no peito.

— Puta que pariu — Kenji suspira.

— Eu me lembro muito bem daquilo.

Eu hesito.

— Morrer. É a experiência mais dolorosa que já tive. Eu não conseguia gritar porque meus pulmões estavam rasgados ou cheios de sangue. Não sei. Eu só fiquei deitada lá, tentando respirar, esperando morrer o mais rápido possível. E, durante o tempo todo — conto —, durante o tempo todo fiquei pensando que tinha passado a vida toda sendo covarde, e isso não me levou a nada. E eu sabia que, se tivesse a chance de fazer tudo de novo, eu faria diferente. Eu prometi a mim mesma que enfim pararia de ter medo.

— É, isso é tudo muito tocante — Kenji fala —, mas como foi que você sobreviveu a um tiro no peito? — ele pergunta. — Você devia estar morta agora.

— Ah.

Eu limpo um pouco a garganta.

— É, hum, Warner salvou minha vida.

— Cale a boca.

Eu tento não rir.

— Estou falando sério — afirmo, tirando um minuto para explicar que as garotas estavam lá e Warner usou o poder delas para me salvar.

Que Anderson me deixou para morrer e Warner me levou de volta para a base com ele, me escondeu e me ajudou a me recuperar.

— E, a propósito — digo a Kenji —, Sonya e Sara estão quase definitivamente vivas. Anderson as levou de volta para a capital com ele; ele quer forçá-las a servirem como suas curandeiras pessoais. Provavelmente já as fez consertar sua perna a esta altura.

— Certo, quer saber?

Kenji para de andar, agarra meus ombros.

— Você só precisa voltar um pouco, certo? Porque está despejando informações demais em mim de uma vez, e preciso que você comece do começo e preciso que você me conte *tudo* — ele diz, a voz ficando mais aguda. — O que está acontecendo? As garotas ainda estão vivas? E o que você quer dizer com Warner transferir o poder delas para você? Como isso é possível?

Eu então conto a ele.

Enfim eu lhe conto o que eu sempre quis confessar. Conto a verdade sobre a habilidade de Warner e a verdade sobre como Kenji foi ferido do lado de fora da sala de jantar naquela noite. Eu conto que Warner não tinha ideia do que era capaz e que eu o deixei praticar comigo no túnel enquanto todos estavam na ala médica. Que, juntos, quebramos o chão.

— Puta que pariu — Kenji sussurra. — Então aquele imbecil tentou me *matar*.

— Não de propósito — eu observo.

Kenji murmura algo ofensivo.

E, embora eu não mencione nada sobre a visita inesperada de Warner a meu quarto mais tarde naquela noite, conto a Kenji como Warner escapou, e que Anderson estava esperando Warner aparecer antes de atirar em mim. Porque Anderson sabia o que Warner sentia por mim, conto a Kenji, e queria puni-lo por isso.

— Espere — Kenji me interrompe. — O que você quer dizer com ele sabia o que Warner *sentia* por você? *Todos* nós sabíamos o que Warner sentia por você. Ele queria usá-la como uma arma — Kenji diz. — Isso não devia ter sido uma revelação. Eu pensei que o pai dele estivesse feliz com isso.

Eu fico dura.

Esqueci que essa parte ainda era segredo. Que eu nunca revelara a verdade sobre minha ligação com Warner. Porque, embora Adam pudesse ter suspeitado de que Warner tinha mais do que um interesse profissional por mim, eu nunca contara a ninguém sobre meus momentos íntimos com Warner. Nem nenhuma das coisas que ele disse para mim.

Eu engulo, com dificuldade.

— Juliette — Kenji diz, um tom de alerta na voz. — Você não pode mais esconder essa merda. Você tem que me contar o que está acontecendo.

Eu me sinto balançar.

— *Juliette…*

— Ele está apaixonado por mim — eu sussurro.

Eu nunca admitira isso em voz alta antes, nem para mim mesma. Acho que esperava conseguir ignorar. Esconder. Fazer sumir para Adam nunca descobrir.

— Ele está… Espere... *O quê*?

Eu respiro fundo. De repente, sinto-me exausta.

— Por favor, diga que está brincando — Kenji fala.

Faço que não com a cabeça, esquecendo que ele não pode me ver.

— Uau.

— Kenji, eu…

— Isso é tãão estranho. Porque eu sempre pensei que Warner fosse louco, sabe?

Kenji ri.

— Mas, agora, digo, agora não há dúvidas.

Meus olhos se arregalam de repente, deixando-me chocada e me fazendo rir. Eu empurro o ombro invisível dele, com força.

Kenji ri de novo, meio alegre, meio hesitante por não acreditar. Ele respira fundo.

— Então, certo, espere, então, como você sabe que ele está apaixonado por você?

— O que você quer dizer?

— Quero dizer, tipo… O quê? Ele a levou em um encontro ou algo assim? Comprou chocolates e escreveu para você um poema bem porcaria? Warner não parece exatamente o tipo afetuoso, se é que me entende.

— Ah.

Eu mordo o lado de dentro da bochecha.

— Não, não foi nada assim.

— Então?

— Ele só… falou para mim.

Kenji para de andar tão bruscamente que eu quase caio.

— Ele não fez isso.

Não sei como responder.

— Ele usou mesmo essas palavras? Na sua cara? Tipo, direto na sua cara?

— Sim.

— Então… Então… Então, espere, então ele diz que a ama... e você disse? O quê? — Kenji pergunta, pasmo. — “Obrigada”?

— Não.

Eu me contenho para não me encolher, lembrando-me muito bem de que eu, na verdade, atirei em Warner por causa disso na primeira vez.

— Digo, eu não… Digo… Eu não sei, Kenji, é tudo muito estranho para mim agora. Ainda não achei um jeito de lidar com isso.

Minha voz baixa para um sussurro:

— Warner é muito… intenso — eu digo e sou dominada por uma enxurrada de lembranças, minhas emoções colidindo em uma confusão de insanidade.

Os beijos dele em meu corpo. Minha calça no chão. As confissões desesperadas dele deixando minhas articulações fracas.

Fecho e aperto os olhos, sentindo-me muito quente, muito instável, tudo muito de repente.

— Essa é, sem dúvida, uma maneira de dizer isso — Kenji murmura, arrancando-me de meu devaneio.

Eu o ouço suspirar.

— Então Warner não faz ideia de que ele e Kent são irmãos?

— Não — digo, imediatamente voltando à realidade.

Irmãos.

Irmãos que se odeiam. Irmãos que querem se matar. E estou presa no meio deles. Meu Deus, o que aconteceu com a minha vida?

— E os dois conseguem tocar em você?

— Sim? Mas… Bem, não, na verdade, não.

Eu tento explicar.

— O Adam... não pode tocar em mim de verdade. Digo, ele pode, mais ou menos?

Minha voz some.

— É complicado. Ele precisa trabalhar e treinar ativamente para neutralizar minha energia com a dele. Mas, com Warner…

Eu faço que não com a cabeça, olhando para meus pés invisíveis enquanto ando.

— Warner pode tocar em mim sem consequências. Não acontece nada com ele. Ele apenas absorve a energia.

— Maldição — Kenji diz depois de um momento. — Maldição maldição maldição. Isso é loucura.

— Eu sei.

— Então… Certo… Você está me dizendo que Warner salvou sua vida? Que ele realmente implorou para as garotas o ajudarem a curá-la? E que ele depois a escondeu no seu próprio quarto e cuidou de você? Alimentou e deu roupas e tudo mais e a deixou dormir na cama dele?

— Sim.

— É. Certo. Eu tenho muita dificuldade em acreditar nisso.

— Eu sei — repito, desta vez soltando um suspiro exasperado. — Mas ele não é mesmo o que vocês pensam. Sei que ele parece meio louco, mas ele na verdade é muito...

— Uau, espere… Você o está *defendendo*? — A voz de Kenji está mudada pelo choque. — Estamos falando sobre o mesmo cara que a trancou e tentou torná-la sua *escrava* militar, certo?

Estou fazendo que não com a cabeça, desejando que eu pudesse tentar explicar tudo o que Warner me contara sem parecer uma idiota inocente e fácil de enganar.

— Não é...

Eu suspiro.

— Ele não queria me usar assim de verdade... — eu tento dizer.

Kenji solta uma risada como um latido.

— Puta que pariu — ele diz. — Você acredita mesmo nele, não é? Você está aceitando toda a bobagem que ele falou...

— Você não o conhece, Kenji, isso não é justo…

— Ah, meu Deus. — Ele suspira, rindo de novo. — Você vai mesmo tentar me dizer que eu não conheço o homem que me liderou para a batalha? Ele era o meu maldito comandante — Kenji diz para mim. — Eu sei exatamente quem ele é...

— Não estou tentando discutir com você, certo? Não espero que você entenda...

— Isso é hilário — Kenji diz, a respiração chiando com outra risada. — Você não entende mesmo, entende?

— Entendo o quê?

— Ahhh, *cara* — ele diz, de repente. — O Kent vai ficar *doido* — ele fala, arrastando a palavra com alegria.

Ele chega até a rir.

— Espere… O quê? O que o Adam tem a ver com isso?

— Você percebe que não me fez nenhuma pergunta a respeito dele, certo?

Uma pausa.

— Digo, eu acabei de contar toda a saga de toda a merda que aconteceu com a gente e você ficou, tipo, ah, certo, que história legal, cara, obrigada por contar. Você não enlouqueceu ou perguntou se o Adam estava ferido. Você não me perguntou o que aconteceu com ele, nem mesmo como ele está lidando com tudo agora, em especial já que ele acha que você está *morta* e tal.

Sinto-me enjoada de repente. Sem andar mais. Mortificada e culpada culpada culpada.

— E, agora, você está aqui, defendendo o *Warner* — Kenji está dizendo. — O mesmo cara que tentou *matar o Adam*, e você está agindo como se ele fosse seu amigo ou uma merda assim. Como se ele fosse apenas um cara normal que é um pouco mal compreendido. Como se todas as outras pessoas do planeta tivessem entendido errado e, provavelmente, nós somos apenas um monte de imbecis ciumentos e cheios de julgamentos que o odeiam por ter um rostinho tão, tão bonito.

A vergonha chamusca minha pele.

— Não sou uma idiota, Kenji. Eu tenho motivos para as coisas que eu digo.

— É, e talvez eu só esteja dizendo que você não faz ideia do que está falando.

— Que seja.

— Não vem com “que seja” para cima de mim...

— *Que seja* — falo de novo.

— Ah, meu Deus — Kenji diz para ninguém em especial. — Acho que essa garota quer levar um pé no traseiro.

— Você não conseguiria chutar meu traseiro nem se eu tivesse dez deles.

Kenji está rindo alto.

— Isso é um desafio?

— É um aviso — digo a ele.

— Óóóóó, então você está me ameaçando agora? Como se a bebê chorona soubesse fazer ameaças?

— Cale a boa, Kenji.

— *Cale a boca, Kenji* — ele repete em uma voz chorosa, fazendo piada de mim.

— Temos que ir muito mais longe? — pergunto alto demais, irritada e tentando mudar de assunto.

— Estamos quase chegando — ele dispara de volta, as palavras claras e rápidas.

Nenhum de nós fala por alguns minutos.

Depois

— Então… Por que você andou até aqui? — pergunto. — Você não disse que vocês tinham um tanque?

— É — Kenji diz com um suspiro, nossa discussão momentaneamente esquecida. — Temos dois, na verdade. Kent disse que ele roubou um quando vocês escaparam da primeira vez; ainda está na garagem dele.

É claro.

Como eu pude esquecer?

— Mas eu gosto de andar — Kenji continua. — Não preciso me preocupar com ninguém me vendo e sempre espero que, se eu estiver a pé, eu consiga reparar em coisas que eu não veria de outro jeito. Ainda tenho esperança — afirma, a voz tensa de novo — de encontrarmos mais dos nossos escondidos aqui fora em algum lugar.

Eu aperto a mão de Kenji de novo, aproximando-me mais dele.

— Eu também — sussurro.

# 17



A antiga casa de Adam está exatamente como eu me lembro.

Kenji e eu entramos escondidos pelo estacionamento no subsolo e subimos alguns lances de escada até os andares superiores. De repente, estou tão nervosa que mal consigo falar. Eu tive de sofrer pela morte dos meus amigos duas vezes já e parte de mim sente que isso não pode estar acontecendo de verdade. Mas deve estar. Tem de estar.

Eu vou ver Adam.

Eu vou ver o rosto de Adam.

Ele vai ser *real.*

— Eles estouraram a porta quando estavam procurando por nós naquela primeira vez — Kenji está dizendo — e, por isso, ela está bem emperrada... Temos empilhado um monte de móveis contra ela para mantê-la fechada, mas, depois, ela ficou emperrada do outro lado, entãão... É, pode levar um tempo para eles a abrirem. Tirando isso, esse lugarzinho tem sido bom para nós. O Kent ainda tem um

monte de comida estocada e todo o encanamento ainda funciona, porque ele tinha pagado por quase tudo até o final do ano. No final das contas, demos muita sorte — ele diz.

Estou fazendo que sim com a cabeça, com medo demais para abrir a boca. O café daquela manhã de repente não faz muito bem a meu estômago e estou tremendo dos pés à cabeça.

Adam.

Estou prestes a ver Adam.

Kenji bate na porta.

— Abram — ele grita. — Sou eu.

Por um minuto, tudo o que escuto é o som de movimentos pesados. Madeira rangendo, metal raspando e uma série de baques secos. Observo a moldura da porta conforme ela treme; alguém do outro lado está puxando a porta, tentando desemperrá-la.

E, então, ela se abre. Tão devagar. Estou apertando as mãos para me manter equilibrada.

Winston está parado na porta.

Olhando-me pasmo.

— Puta que pariu — ele diz.

Ele tira os óculos — percebo que eles foram colados com fita — e pisca para mim. Seu rosto está machucado e machucado, seu lábio inferior, inchado e rachado. Sua mão esquerda está com bandagem, a gaze enrolada várias vezes em volta da palma.

Dou para ele um sorriso tímido.

Winston agarra a camisa de Kenji e o puxa para a frente, os olhos ainda focados em meu rosto.

— Estou tendo alucinações de novo? — ele pergunta. — Porque vou ficar muito bravo se estiver tendo alucinações de novo. *Droga* — ele diz, sem esperar Kenji responder. — Se eu tivesse ideia do que

seria ter uma concussão, eu teria atirado no meu rosto quando tive a chance...

— Você não está tendo alucinações — Kenji o interrompe com uma risada. — Agora deixe a gente entrar.

Winston ainda está piscando para mim, os olhos arregalados enquanto recua, dando-nos espaço para entrar. Porém, no minuto em que eu passo pela soleira, sou jogada em outro mundo, um conjunto completamente diferente de memórias. Esta é a casa de Adam. O primeiro lugar que foi um santuário para mim na vida. O primeiro lugar em que já me senti segura.

E, agora, está cheio de pessoas, o espaço pequeno demais para abrigar tantos corpos grandes. Castle e Brendan e Lily e Ian e Alia e James; todos congelados no meio dos movimentos, no meio das frases. Todos estão me encarando sem acreditar. E estou prestes a falar alguma coisa, prestes a achar algo aceitável para dizer ao meu único grupo de amigos destruídos e quebrados, quando Adam sai do pequeno quarto que eu sei que costumava ser de James. Ele está segurando alguma coisa, distraído, sem reparar na mudança abrupta na atmosfera.

Porém, ele então levanta o olhar.

Seus lábios estão abertos como se ele fosse falar e o que quer que ele estivesse segurando atinge o chão, estilhaçando-se em tantos sons que assusta todos e os traz de volta à realidade.

Adam está me encarando, os olhos presos em meu rosto, o peito arfando, o rosto lutando com muitas emoções diferentes. Ele parece meio aterrorizado, meio esperançoso. Ou, talvez, aterrorizado por estar esperançoso.

E, embora eu perceba que provavelmente deveria ser a primeira a falar, de repente não tenho ideia do que dizer.

Kenji para a meu lado, seu rosto dividindo-se com um grande sorriso. Ele desliza o braço em volta do meu ombro. Aperta. Diz:

— Olha só o que eu encontrei.

Adam começa a atravessar a sala, mas isso é estranho… Como se tudo tivesse começado a desacelerar, como se este momento não parecesse real, de alguma forma. Há muita dor em seus olhos.

Eu sinto como se tivesse levado um soco no estômago.

No entanto, lá está ele, bem em frente a mim, suas mãos vasculhando meu corpo como se para garantir que sou real, que ainda estou intacta. Ele está examinando meu rosto, meus traços, seus dedos entrelaçando-se em meus cabelos. E, então, de uma vez, ele parece aceitar que não sou um fantasma, não sou um pesadelo, e ele me puxa contra seu corpo tão rápido que não posso deixar de arfar como resposta.

— Juliette — ele suspira.

Seu coração está batendo forte contra meu ouvido, seus braços bem apertados em volta de mim, e eu me derreto no abraço dele, aproveitando o conforto quente, a familiaridade de seu corpo, seu aroma, sua pele. Minhas mãos o envolvem, sobem pelas suas costas e o apertam com força, e eu nem percebo que lágrimas silenciosas caíram pelo meu rosto até ele se afastar para me olhar nos olhos. Ele me diz para não chorar, diz que está tudo bem, que tudo vai ficar bem, e eu sei que é tudo mentira, mas, ainda assim, é tão bom ouvir.

Ele está estudando meu rosto de novo, suas mãos cuidadosamente aninhando a parte de trás da minha cabeça, com muita cautela para não tocar na minha pele. Essa lembrança manda uma dor cortante pelo meu coração.

— Não acredito que você está mesmo aqui — ele diz, a voz falhando. — Não acredito que isso está acontecendo mesmo...

Kenji limpa a garganta.

— Ei… pessoal? Sua paixão carnal está deixando os pequenos com nojo.

— Eu não sou um *pequeno* — James diz, claramente ofendido. — E não acho nojento.

Kenji se vira.

— Você não está nem um pouco incomodado com toda a respiração pesada que está rolando aqui?

Ele faz um gesto descuidado em nossa direção.

Eu pulo para longe de Adam por reflexo.

— Não — James responde cruzando os braços. — Você está?

— Aversão é minha reação geral, sim.

— Aposto que não acharia nojento se fosse você.

Uma longa pausa.

— Você tem um bom argumento — Kenji diz finalmente. — Talvez eu devesse achar uma mocinha para mim neste setor horrível. Pode ser qualquer pessoa entre os 18 e os 35 anos.

Ele aponta para James.

— Então que tal trabalhar nisso, obrigado.

James parece levar o desafio um pouco a sério demais. Ele faz que sim com a cabeça várias vezes.

— Certo — diz. — Que tal a Alia? Ou a Lily? — pergunta, apontando imediatamente para as únicas mulheres do lugar.

A boca de Kenji se abre e se fecha algumas vezes antes de ele dizer:

— É, não, obrigado, menino. Essas duas são como irmãs para mim.

— Que sutil — Lily diz para Kenji, e eu percebo que é a primeira vez em que eu realmente a ouço falar. — Aposto que você ganha todas as mulheres viáveis dizendo a elas que elas são como irmãs para você. Aposto que as mulheres estão simplesmente fazendo fila para pular na cama com você, seu babaca.

— Que grosseria.

Kenji cruza os braços.

James está rindo.

— Viu o que eu tenho que aguentar? — Kenji diz para ele. — Não há amor para o Kenji. Eu dou e dou e dou e não recebo nada em troca. Preciso de uma mulher que saiba dar valor para tudo isto — ele fala, fazendo um gesto ao longo do corpo.

É claro que ele está exagerando muito, esperando distrair James com suas bobagens, e seus esforços são bem-vindos. Kenji provavelmente é a única chance de se ter um pouco de comédia para aliviar aquele espaço lotado, e eu me pergunto se é por isso que ele sai sozinho todo dia. Talvez ele precise de tempo para sofrer em silêncio. Em um lugar onde ninguém espere que ele seja o engraçado.

Meu coração acelera e para conforme eu hesito, pensando em como deve ser difícil, para Kenji, manter a compostura mesmo quando ele quer desmoronar. Eu tive um gostinho desse lado dele pela primeira vez hoje, e isso me surpreendeu mais do que deveria.

Adam aperta meu ombro e eu me viro para olhá-lo. Ele abre um sorriso doce e torturado, os olhos pesados com dor e alegria.

E, de todas as coisas que eu poderia estar sentindo neste momento, a culpa me atinge com mais força.

Todos nesta sala parecem estar carregando fardos muito pesados. Breves momentos de leveza pontuam a tristeza geral que cobre o espaço, e, assim que as piadas somem, a dor desliza de volta. Embora eu saiba que deveria sofrer pelas vidas perdidas, não sei como fazê-lo. Elas eram todas estranhas para mim. Eu estava apenas começando a criar um relacionamento com Sonya e Sara.

Porém, quando olho ao redor, vejo que sou a única a se sentir assim. Vejo rugas de perda vincando os rostos de meus amigos. Vejo a tristeza enterrada em suas roupas, empoleirada em suas testas franzidas. E alguma coisa no fundo de minha mente está me incomodando, decepcionada comigo, dizendo para mim que eu deveria ser um deles, que eu deveria estar tão derrotada quanto eles.

Mas não estou.

Não posso mais ser essa menina.

Por muitos anos, vivi em constante terror comigo mesma. A dúvida tinha se casado com meu medo e se mudado para minha mente, onde construiu castelos e governou reinos e mandou em mim, subjugando minha vontade a seus sussurros até eu ser pouco mais do que um peão obediente, muito aterrorizada para desobedecer, muito aterrorizada para discordar.

Eu tinha sido algemada, uma prisioneira em minha própria mente.

Mas, enfim, enfim eu havia aprendido a me libertar.

*Estou* chateada por nossas perdas. Estou horrorizada. E também estou ansiosa e inquieta. Sonya e Sara ainda estão vivas, vivendo da misericórdia de Anderson. Elas ainda precisam de nossa ajuda, Assim, não sei como ficar triste quando tudo o que sinto é uma determinação incansável de fazer algo.

Não tenho mais medo do medo, e não vou deixá-lo mandar em mim.

O medo vai aprender a me temer.

# 18



Adam começa a me levar para o sofá, mas Kenji nos intercepta.

— Vocês podem ter seu momento, prometo — ele diz —, só que, agora, todos nós precisamos entrar no mesmo ritmo, dizer oi e como vai e sei lá sei lá e precisamos fazer isso rápido; Juliette tem informações que todos precisam ouvir.

Adam olha de Kenji para mim.

— O que está acontecendo?

Eu me viro para Kenji.

— Do que você está falando?

Ele revira os olhos para mim e diz:

— Sente-se, Kent.

Adam recua — apenas alguns centímetros —, sua curiosidade derrotando-o neste momento, e Kenji me puxa para a frente para eu ficar de pé no meio desta sala pequenina. Todos estão olhando para mim como se eu pudesse tirar nabos da minha calça.

— Kenji, o quê…

— Alia, você se lembra da Juliette — Kenji diz, fazendo que sim com a cabeça para uma menina loira magra sentada em um canto nos fundos da sala.

Ela me dá um sorriso rápido antes de desviar o olhar, corando sem motivo aparente. Eu me lembro dela; foi ela que criou os socos ingleses personalizados para os nós dos meus dedos: as peças intrincadas que eu usara por cima das minhas luvas nas duas vezes em que saímos para a batalha. Eu nunca prestara muita atenção nela antes e, agora, percebo que é porque ela tenta ser invisível. Ela é uma menina suave e de aparência doce com olhos castanhos gentis; acontece que ela também é uma designer fenomenal. Pergunto-me como ela desenvolveu sua habilidade.

— Lily… você com certeza se lembra de Juliette — Kenji está dizendo para ela. — Nós todos invadimos os aglomerados de armazenamento juntos.

Ele olha para mim.

— Você se lembra, certo?

Faço que sim. Dou um sorriso para Lily. Eu não a conheço de verdade, mas gosto de sua energia. Ela me faz uma saudação de brincadeira, com um sorriso largo enquanto seus cachos parecendo molas caem no rosto.

— É bom vê-la de novo — ela diz. — E obrigada por não estar morta. É uma droga ser a única menina por aqui.

A cabeça loira de Alia aparece por apenas um segundo antes de ela recuar ainda mais para o canto.

— Desculpe — Lily diz, parecendo apenas um pouco arrependida. — Eu quis dizer a única menina *que fala* por aqui. Por favor, diga que você fala — ela diz para mim.

— Ah, ela fala — Kenji afirma, lançando-me um olhar feio. — Fala palavrões feito uma marinheira também.

— Eu não falo palavrões feito uma...

— Brendan, Winston — Kenji me interrompe, apontando para os dois caras sentados no sofá. — Esses dois definitivamente não precisam de apresentações, mas, como você pode ver — ele diz —, eles estão diferentes agora. Repare nos poderes transformadores de ser mantido refém por um monte de imbecis sádicos!

Ele faz um floreio com a mão na direção deles, seu sarcasmo acompanhado de um sorriso falso.

— Agora eles parecem um par de gnus. Mas, sabe, em comparação, eu pareço um maldito rei. Então, são só boas notícias.

Winston aponta para o meu rosto. Seus olhos estão um pouco sem foco e ele tem de piscar várias vezes antes de dizer:

— Gosto de você. É muito bom você não estar morta.

— Concordo com isso, amigo.

Brendan dá um tapinha no ombro de Winston, mas está sorrindo para mim. Seus olhos ainda são muito azul-claros e seu cabelo, muito loiro-branco. Mas ele tem um corte profundo que vai da têmpora direita até o maxilar e parece que está só começando a cicatrizar. Não posso imaginar onde mais ele está machucado. O que mais Anderson deve ter feito tanto com ele quanto com Winston. Uma sensação enjoativa e escorregadia se mexe dentro de mim. Tenho de fechar e apertar os olhos para afastá-la.

— É muito bom vê-la de novo — Brendan está dizendo, seu sotaque britânico sempre me surpreendendo. — Desculpe por a gente não poder estar um pouco mais apresentável.

Sorrio para os dois.

— Estou muito feliz por ver que vocês estão bem.

— Ian — Kenji diz, fazendo um gesto para o cara alto e magrelo empoleirado no braço do sofá.

Ian Sanchez. Lembro-me dele como um cara no meu grupo da linha de montagem quando invadimos o aglomerado de

armazenamento, e, mais importante que isso, sei que ele é um dos quatro caras que foram raptados pelos homens de Anderson. Ele, Winston, Brendan e outro cara chamado Emory.

Havíamos conseguido trazer Ian e Emory de volta, mas não Brendan e Winston. Lembro-me de Kenji dizendo que Ian e Emory estavam tão detonados quando os trouxemos de volta que, mesmo com as garotas ajudando a curá-los, eles tinham levado um tempo para ficar bem. Ian parece bem para mim, mas ele, também, deve ter passado por umas coisas horríveis.

E Emory claramente não está aqui.

Eu engulo a seco, com dificuldade, dando a Ian o que espero ser um sorriso forte.

Ele não sorri de volta.

— Como você ainda está viva? — ele pergunta, sem preâmbulos. — Não parece que alguém deu uma surra em você, então, sem querer ofender, mas eu não confio em você.

— Vamos chegar a essa parte — Kenji diz, interrompendo Adam assim que ele começa a protestar para me defender. — Ela tem uma ótima explicação, prometo. Já sei de todos os detalhes.

Ele lança um olhar cortante para Ian, mas Ian não parece notar. Ele ainda está me encarando, uma sobrancelha levantada como em desafio.

Eu tombo a cabeça para ele, observando-o com atenção.

Kenji estala os dedos em frente a meu rosto.

— Concentre-se, princesa, eu já estou ficando entediado.

Ele olha ao redor da sala, procurando qualquer um que ele pudesse ter esquecido nas reapresentações.

— James — ele diz, os olhos parando no rosto de meu único amigo de 10 anos. — Quer dizer alguma coisa para a Juliette antes de começarmos?

James olha para mim, seus olhos azuis brilhando abaixo de seu cabelo loiro cor de areia. Ele encolhe os ombros.

— Eu nunca achei que você estivesse morta — ele diz, simplesmente.

— É mesmo? — Kenji diz com uma risada.

James faz que sim.

— Eu tinha uma sensação — ele fala, batendo na cabeça.

Kenji sorri.

— Certo, tudo bem, é isso. Vamos começar.

— E quanto ao Ca… — eu começo a dizer, mas paro de repente com a centelha de alerta que aparece e some do rosto de Kenji.

Meu olhar para em Castle, estudando seu rosto de uma maneira que não fiz quando cheguei.

Os olhos de Castle estão sem foco, suas sobrancelhas franzidas como se ele estivesse preso em uma conversa frustrante e interminável consigo mesmo; suas mãos enlaçadas no colo; seu cabelo está liberto do rabo de cavalo sempre perfeito na nuca e seus *dreads* se espalharam em volta do rosto, caindo em seus olhos. Ele não fez a barba e parece ter sido arrastado pela lama; como se tivesse se sentado naquela cadeira assim que entrara e nunca tivesse saído dali.

E eu percebo que, do nosso grupo, Castle foi o mais atingido.

O Ponto Ômega era sua vida. Seus sonhos estavam em cada tijolo, em cada eco daquele espaço. E, em uma noite, ele perdeu tudo. Suas esperanças, sua visão para o futuro, toda a comunidade que ele lutara para construir. Sua única família.

Acabada.

— Foi muito difícil para ele — Adam sussurra para mim e fico assustada com sua presença, sem perceber que ele está parado a meu lado de novo.

— O Castle está assim há algum tempo.

Meu coração se despedaça.

Tento cruzar meu olhar com o de Kenji, tento me desculpar sem palavras, dizer que entendo. Mas Kenji não olha para mim. Ele leva alguns minutos para se recompor e, só então, percebo quão difícil tudo isso deve ser para ele agora. Não é apenas o Ponto Ômega. Não são apenas todos que ele perdeu, não apenas todo o trabalho que fora destruído.

É Castle.

Castle, que fora como um pai para Kenji, seu confidente mais íntimo, seu amigo mais querido.

Ele se transformou em uma casca do que fora.

Meu coração parece pesado com a profundidade da dor de Kenji; desejo tanto poder fazer algo para ajudar. Consertar a situação. E, neste momento, prometo a mim mesma que o farei.

Farei tudo o que puder.

— Certo.

Kenji bate as mãos; faz que sim com a cabeça algumas vezes antes de tomar um fôlego tenso.

— Todos quentinhos e confortáveis? Tudo bem? Tudo bem.

Ele faz que sim de novo.

— Agora deixem-me contar a vocês a história de como nossa amiga Juliette levou um tiro no peito.

# 19



Todos estão me olhando, abismados.

Kenji acabou de lhes dar cada detalhe que eu compartilhara com ele, tomando cuidado para deixar de fora as partes sobre Warner dizendo que me ama, e eu estou secretamente grata. Embora eu tenha dito a Adam que ele e eu não deveríamos mais ficar juntos, tudo entre nós ainda está muito recente e sem ser resolvido. Eu tentei seguir em frente, distanciar-me dele porque queria protegê-lo; e eu tive que ficar de luto pela perda de Adam de tantas formas diferentes até agora que nem tenho certeza se ainda sei como me sinto.

E não tenho ideia do que ele pensa de mim.

Há tantas coisas sobre as quais Adam e eu precisamos conversar; só não quero que Warner seja uma delas. Warner sempre foi um assunto tenso entre nós — em especial agora que Adam sabe que eles são irmãos — e eu não estou com vontade de discutir, principalmente no meu primeiro dia de volta.

No entanto, parece que não vou conseguir escapar tão fácil assim.

— *Warner* salvou a sua vida? — Lily pergunta, sem se preocupar em esconder seu choque ou sua repulsa.

Até Alia está sentada ereta e prestando atenção agora, seus olhos colados em meu rosto.

— Por que ele faria isso?

— Cara, esquece isso — Ian interrompe. — O que vamos fazer com essa merda de que Warner pode simplesmente roubar nossos poderes e tal?

— Você não tem poderes — Winston responde para ele. — Então não tem nada com que se preocupar.

— Você sabe o que eu quero dizer — Ian dispara, um toque de cor subindo por seu pescoço. — Não é seguro um psicopata como ele ter esse tipo de habilidade. Isso me assusta demais.

— Ele não é um psico… — tento dizer, mas a sala explode em uma cacofonia de vozes, todas competindo por uma chance de serem ouvidas.

— O que isso significa afinal…

— … perigoso?

— Então Sonya e Sara ainda estão *vivas*…

— ... você viu mesmo o Anderson? Como ele era?

— Mas por que ele iria...

— ... certo, mas isso não...

— ESPEREM — Adam interrompe todo mundo. — Onde ele está *agora*?

Ele se vira para me olhar nos olhos.

— Você disse que o Warner a trouxe aqui para mostrar o que aconteceu com o Ponto Ômega, mas, então, no instante em que o Kenji aparece, ele simplesmente some.

Uma pausa.

— Certo?

Faço que sim com a cabeça.

— Então… o quê? — ele diz. — Ele acabou? Simplesmente vai embora?

Adam se vira, olha para todos.

— Pessoal, ele sabe que pelo menos um de nós ainda está vivo! Provavelmente ele foi buscar reforços, para encontrar um jeito de pegar o resto de nós…

Ele para, faz que não com a cabeça.

— Merda — fala em voz baixa. — MERDA.

Todos congelam ao mesmo tempo. Horrorizados.

— Não — digo depressa, levantando as duas mãos. — Não... Ele não vai fazer isso...

Oito pares de olhos se viram para mim.

— Ele não se preocupa em matar vocês. Ele nem gosta d'O Restabelecimento. E ele odeia o pai…

— Do que você está falando? — Adam me interrompe, assustado. — Warner é um *animal*...

E eu respiro, equilibrada. Preciso me lembrar do quão pouco eles sabem sobre Warner, quão pouco ouviram de seu ponto de vista; preciso me lembrar do que eu costumava pensar dele há apenas alguns dias.

As revelações de Warner ainda são muito recentes. Não sei como defendê-lo adequadamente ou como reconciliar essas impressões polarizadas dele e, por um momento, fico furiosa com ele e seus fingimentos idiotas, por ter um dia me colocado nesta situação. Se ao menos ele não parecesse um psicopata doente e louco, eu não teria de defendê-lo agora.

— Ele *quer* derrubar O Restabelecimento — tento explicar. — E quer matar Anderson também...

A sala explode em mais discussões. Gritos e insultos que se resumem a ninguém acreditar em mim, todos pensarem que sou louca e que Warner fez uma lavagem no meu cérebro; que eles acham que Warner é um assassino comprovado que me prendeu e tentou me usar para torturar pessoas.

E não estão errados. Mas estão.

Quero tão desesperadamente dizer a eles que eles não entendem.

Nenhum deles sabe a verdade e não me dão uma chance de explicar. Porém, quando que estou prestes a dizer mais alguma coisa em minha própria defesa, tenho um vislumbre de Ian pelo canto do olho.

Ele está rindo de mim.

Alto, batendo no joelho, a cabeça jogada para trás, uivando de alegria com o que ele acha que é minha estupidez e, por um momento, eu começo seriamente a duvidar de mim mesma e de tudo que Warner me disse.

Eu fecho os olhos, apertados.

Como um dia vou saber de verdade se posso confiar nele? Como sei que ele não estava mentindo para mim como sempre fez, como ele alega que tem feito desde o começo?

Estou tão cansada dessa incerteza. Muito exausta com ela.

Porém, eu pisco e sou puxada para longe do grupo, puxada na direção da porta do quarto de James; ao armário da despensa que costumava ser seu quarto. Adam me puxa para dentro e fecha a porta para a insanidade atrás de nós. Ele está segurando meus braços, olhando em meus olhos com uma intensidade estranha e dolorida que me assusta.

Não tenho saída.

— O que está acontecendo? — ele pergunta. — Por que você está defendendo o Warner? Depois de tudo que ele fez com você,

você devia odiá-lo... Devia estar furiosa...

— Não posso Adam, eu...

— O que quer dizer com *não pode*?

— Eu só… Não é tão fácil mais.

Faço que não com a cabeça, tento explicar o inexplicável.

— Não sei o que pensar dele agora. Há muitas coisas que eu entendi errado. Coisas que eu não conseguia compreender.

Baixo os olhos.

— Ele é muito…

Eu hesito, em conflito.

Não sei como dizer a verdade sem parecer uma mentirosa.

— Não sei — digo enfim, olhando minhas mãos. — Não sei. Ele apenas... Ele apenas não é tão ruim quanto eu pensava.

— Uau.

Adam suspira, chocado.

— *Ele não é tão ruim quanto você pensava.* Ele não é tão ruim quanto você pensava? Como é possível ele poder ser melhor do que você *pensava*...?

— Adam…

— Que você está *pensando*, Juliette?

Eu levanto o olhar. Ele não consegue esconder o nojo em seus olhos.

Eu entro em pânico.

Eu preciso encontrar uma forma de explicar, de apresentar um exemplo irrefutável — prova de que Warner não é quem eu pensava que ele fosse —, mas já posso dizer que Adam perdeu a confiança em mim, que ele não confia nem acredita mais em mim, e fico confusa.

Ele abre a boca para falar.

Falo antes dele.

— Você se lembra daquele dia em que me encontrou chorando no chuveiro? Depois de Warner me forçar a torturar aquela criancinha?

Adam hesita antes de anuir lentamente, relutante.

— Esse é um dos motivos por eu odiá-lo tanto. Achei que ele tinha mesmo colocado uma criança naquela sala... Que ele tinha roubado o filho de alguém e queria me ver torturá-lo. Era simplesmente tão desprezível — digo. — Tão nojento, tão horripilante. Eu pensei que ele não fosse humano. Completamente mau. Mas… não foi real — sussurro.

Adam parece confuso.

— Era apenas uma simulação — eu tento explicar. — Warner me disse que era uma câmara de simulação, não uma sala de tortura. Ele disse que tudo aconteceu na minha imaginação.

— Juliette — Adam diz.

Suspira.

Ele desvia o olhar, olha de volta para mim.

— Do que você está falando? É claro que foi uma simulação.

— O quê?

Adam dá uma risadinha, uma risada confusa.

— Você sabia que não era real...? — pergunto.

Ele me encara.

— Mas, quando você me encontrou… você disse que não foi minha culpa… você me disse que tinha ouvido falar do que aconteceu e que não era minha culpa...

Adam passa uma mão pela nuca.

— Pensei que você estivesse chateada por ter quebrado a parede — ele diz. — Digo, eu sabia que a simulação provavelmente seria

assustadora feito o diabo, mas pensei que Warner tivesse dito para você o que era antes. Eu não fazia ideia de que você tinha ido para algo assim achando que seria real.

Ele fecha e aperta os olhos por um segundo.

— Pensei que você estivesse chateada por saber que tinha essa habilidade nova e maluca. E por causa dos soldados que você tinha machucado depois.

Estou piscando para ele, abismada.

Durante todo esse tempo, uma pequena parte de mim ainda estava se segurando à dúvida; acreditando que, talvez, a câmara de tortura *fosse* real e que Warner estava apenas mentindo para mim. De novo.

E, agora, ter a confirmação do próprio Adam.

Fui derrubada.

Adam está fazendo que não com a cabeça.

— Aquele cretino — ele está dizendo. — Não acredito que ele fez isso com você.

Eu baixo os olhos.

— Warner fez muitas coisas malucas — digo —, e ele realmente achou que estava me ajudando.

— Mas ele não estava ajudando — Adam fala, bravo de novo. — Ele a estava *torturando*...

— Não. Isso não é verdade.

Eu foco os olhos em uma rachadura na parede.

— De alguma maneira estranha… Ele me ajudou mesmo.

Hesito antes de olhar nos olhos de Adam.

— Aquele momento na câmara de simulação foi a primeira vez em que eu me permiti ficar brava. Eu nunca soube quanto mais eu podia

fazer… Que eu podia ser tão forte fisicamente… Até aquele momento.

Desvio o olhar.

Junto e separo as mãos.

— Warner cria uma fachada — estou dizendo. — Ele age como se fosse um monstro doente e sem coração, mas ele é... Não sei...

Minha voz some, meus olhos mirando algo que não consigo ver bem. Uma lembrança, talvez. De Warner sorrindo. Suas mãos gentis limpando minhas lágrimas. *Está tudo bem, você está bem*, ele disse para mim.

— Ele é realmente...

— Eu não, hum…

Adam se afasta, solta um fôlego estranho e trêmulo.

— Não sei como eu devo entender isso — ele fala, parecendo desequilibrado. — Você... O quê? Você gosta dele agora? Você é amiga dele? O mesmo cara que tentou me *matar*?

Ele mal consegue esconder a dor na sua voz.

— Ele me fez ser pendurado em uma esteira em um matadouro, Juliette. Ou você já se esqueceu disso?

Eu me retraio. Baixo a cabeça envergonhada.

Eu *tinha* me esquecido disso.

Eu tinha me esquecido de que Warner quase matara Adam, que ele atirara em Adam bem na minha frente. Ele via Adam como um traidor, um soldado que segurou uma arma atrás da cabeça dele; desafiou-o e me roubou.

Fico enjoada.

— Eu só… Estou tão confusa — enfim consigo dizer. — Quero odiá-lo, só não sei mais como...

Adam está me encarando como se não fizesse ideia de quem sou.

Preciso falar sobre outro assunto.

— O que está acontecendo com o Castle? — pergunto. — Ele está doente?

Adam hesita antes de responder, percebendo que estou tentando mudar de assunto. Por fim, ele cede. Suspira,

— É ruim — ele fala. — Ele foi atingido com mais força que o resto de nós. E Castle sofrendo tanto realmente afetou o Kenji.

Estudo o rosto de Adam enquanto ele fala, incapaz de não procurar similaridades com Anderson e Warner.

— Ele não sai daquela cadeira — Adam está dizendo. — Fica sentado ali o dia todo até que desaba de exaustão e, mesmo nessa hora, simplesmente pega no sono sentado no mesmo lugar. Depois, acorda na manhã seguinte e faz a mesma coisa, o dia todo. Ele só come quando o forçamos e só se mexe para ir ao banheiro.

Adam faz que não com a cabeça.

— Estamos todos esperando que ele saia dessa logo, mas tem sido muito estranho perder um líder assim. Castle estava no comando de tudo. E, agora, ele não parece se importar com nada.

— Ele provavelmente ainda está em choque — digo, lembrando-me de que faz apenas três dias desde a batalha. — Com sorte, depois de um tempo — falo para ele —, ele ficará bem.

— É — Adam diz.

Faz que sim com a cabeça. Estuda suas mãos.

— Precisamos mesmo pensar no que vamos fazer. Não sei por mais quanto tempo podemos viver assim. Vamos ficar sem comida em algumas semanas no máximo — conta. — Temos quase dez pessoas para alimentar agora. Além disso, Brendan e Winston ainda estão machucados; fiz o que pude por eles usando o estoque limitado que tenho aqui, mas eles precisam de cuidados médicos de verdade e remédios contra a dor, se conseguirmos.

Uma pausa.

— Não sei o que o Kenji contou, mas eles estavam em uma condição séria quando os trouxemos para cá. O inchaço do Winston só diminuiu agora. Não podemos mesmo ficar aqui por muito mais tempo. Precisamos de um plano.

— Sim.

Estou muito aliviada por ouvir que ele está pronto para ser proativo.

— Sim. Sim. Precisamos de um plano. No que você está pensando? Já tem algo em mente?

Adam nega com a cabeça.

— Não sei — admite. — Talvez possamos continuar invadindo unidades de armazenamento como fazíamos... Roubar suprimentos de vez em quando... E ficar quietos em um espaço maior na área sem regulamentação. Mas nunca conseguiremos colocar os pés nos aglomerados — diz. — Tem muito risco. Eles vão atirar na hora para nos matar se formos pegos. Então… Não sei.

Ele parece envergonhado enquanto ri.

— Estou meio que esperando que eu não seja o único a ter ideias.

— Mas…

Eu hesito, confusa.

— Isso é tudo? Você não está pensando mais em lutar? Você acha que deveríamos simplesmente achar uma maneira de viver... *assim*?

Faço um gesto para a porta, para o que está além dela.

Adam olha para mim, surpreso com a minha reação.

— Não é como se eu *quisesse* isso — afirma. — Mas não vejo como poderíamos lutar sem acabarmos mortos. Estou tentando ser prático.

Ele passa uma mão agitada pelo cabelo.

— Eu tentei — ele diz, baixando a voz. — Tentei lutar e isso nos fez ser massacrados. Eu nem devia estar vivo agora. Mas, por algum motivo louco, estou, e James também e, por Deus, Juliette, você também. E eu não sei — ele fala, fazendo que não com a cabeça, desviando o olhar. — Sinto que recebi uma chance de viver minha vida. Terei que pensar em outras maneiras de encontrar comida e colocar um teto sobre a minha cabeça. Não tenho dinheiro entrando, nunca serei capaz de entrar no exército neste setor de novo, e não sou um cidadão registrado, então, nunca poderei trabalhar. Neste momento, tudo em que estou concentrado é em como conseguirei alimentar minha família e meus amigos em algumas semanas.

Seu maxilar fica tenso.

— Talvez, um dia, outro grupo seja mais esperto... Mais forte… Mas não acho mais que sejamos nós. Acho que não temos nenhuma chance.

Estou piscando para ele, pasma.

— Não acredito nisso.

— Não acredita no quê?

— Você está desistindo. — Ouço a acusação em minha voz e não faço nada para esconder. — Você está simplesmente desistindo.

— Que escolha eu tenho? — ele pergunta, os olhos feridos, bravos. — Não estou tentando ser um mártir. Fizemos uma tentativa. Tentamos lutar e deu merda. Todo mundo que conhecemos está morto, e aquele grupo abatido de pessoas que você viu lá fora é tudo o que sobrou da nossa resistência. Como nós nove vamos lutar contra o mundo? — ele pergunta. — Não é uma luta justa, Juliette.

Estou assentindo com a cabeça. Olhando para minhas mãos. Tentando e não conseguindo esconder meu choque.

— Não sou covarde — ele me diz, esforçando-se para controlar a voz. — Eu só quero proteger minha família. Não quero que James

tenha que se preocupar todos os dias se vou aparecer morto. Ele precisa que eu seja racional.

— E viver assim? — digo a ele. — Como fugitivos? Roubando para sobreviver e nos escondendo do mundo? Como isso é melhor? Você vai ficar preocupado todo santo dia, sempre olhando para trás, morrendo de medo de deixar o James sozinho. Você vai ser infeliz.

— Mas vou estar vivo.

— Isso não é estar vivo — afirmo. — Isso não é viver...

— Como você pode saber? — ele dispara.

Seu humor muda tão de repente e eu fico tão admirada que me calo.

— O que você sabe sobre estar viva? — ele questiona. — Você não falava uma palavra quando eu a conheci. Você tinha medo da sua própria sombra. Você estava tão consumida pela dor e pela culpa que tinha enlouquecido quase completamente... Vivia tão fundo dentro da sua própria cabeça que não fazia ideia do que aconteceu com o mundo quando você sumiu.

Eu me retraio, ferida pelo veneno na voz dele. Nunca vi Adam tão amargo ou cruel. Este não é o Adam que conheço. Quero que ele pare. Volte para o começo. Peça desculpas. Apague o que acabou de dizer.

Mas ele não faz isso.

— Você acha que teve uma vida difícil — ele está me dizendo. — Vivendo em alas psiquiátricas e sendo jogada na prisão... Você acha que isso foi difícil. Mas o que você não percebe é que sempre teve um teto sobre a sua cabeça e comida entregue a você regularmente.

Suas mãos estão se abrindo e se fechando.

— E isso é mais do que a maioria das pessoas terá. Você não faz ideia de como é viver aqui fora de verdade… Não faz ideia do que é passar fome e ver sua família morrer na sua frente. Você não tem ideia do que significa sofrer de verdade. Às vezes, eu acho que você

vive em algum tipo de terra da fantasia onde todos sobrevivem do otimismo... Mas não funciona assim aqui fora. Neste mundo, ou você está vivo, prestes a morrer, ou morto. Não há romance nisso. Nenhuma ilusão. Então não tente fingir que você tem alguma ideia do que significa estar vivo hoje. *Neste instante*. Porque não sabe.

Palavras, eu penso, são criaturas muito imprevisíveis.

Nenhuma arma, nenhuma espada, nenhum exército nem rei um dia será mais poderoso que uma frase. As espadas podem cortar e matar, mas as palavras vão golpear e ficar, enterrando-se em nossos ossos para virarem corpos mortos que carregamos para o futuro, sempre cavando e sem conseguir arrancar seus esqueletos de nossa carne.

Eu engulo a seco, com dificuldade

um

dois

três

e me recomponho para responder em voz baixa. Com cuidado.

Ele só está chateado, estou dizendo a mim mesma. Ele só está assustado e preocupado e estressado e ele não falou sério, não de verdade, eu fico me dizendo.

Ele só está chateado.

Ele não falou sério.

— Talvez — eu digo. — Talvez você esteja certo. Talvez eu não saiba o que é viver. Talvez eu ainda não seja humana o bastante para saber mais do que aquilo que está bem na minha frente.

Eu olho direto nos olhos dele.

— Mas sei como é me esconder do mundo. Sei como é viver como se eu não existisse, trancada e isolada da sociedade. E não quero isso de novo. Não posso. Finalmente cheguei a um ponto na minha vida em que não tenho medo de falar. Em que minha sombra

não me assusta mais. E não quero perder essa liberdade… De novo, não. Não posso andar para trás. Eu prefiro levar um tiro e ser morta gritando por justiça a morrer sozinha em uma prisão feita por mim mesma.

Adam olha na direção da parede, ri, olha de volta para mim.

— Você está sequer se ouvindo agora? — ele pergunta. — Está me dizendo que quer pular na frente de um monte de soldados e dizer a eles o quanto você odeia O Restabelecimento, só para provar um argumento? Só para eles poderem matá-la antes do seu aniversário de 18 anos? Isso não faz nenhum sentido — ele fala. — Não adianta nada. E não parece coisa sua — diz, fazendo que não com a cabeça. — Pensei que você quisesse viver sozinha. Você nunca quis ficar no meio de uma guerra… Você só queria ficar livre do Warner e do hospício e dos seus pais malucos. Pensei que você ficaria feliz em ter acabado toda a luta.

— Do que você está falando? — pergunto. — Eu sempre disse que queria lutar. Eu disse isso desde o começo... Desde o momento em que falei para você que eu queria escapar quando estávamos na base. Esta *sou* eu — insisto. — É assim que me sinto. É a mesma forma como sempre me senti.

— Não — ele responde. — Não, nós não saímos da base para começar uma guerra. Saímos para ficar bem longe d'O Restabelecimento, para resistir do nosso jeito, mas, acima de tudo, para encontrar uma vida juntos. Então, o Kenji apareceu e nos levou para o Ponto Ômega e tudo mudou, e nós decidimos lutar. Porque parecia que poderia mesmo dar certo… Porque parecia que poderíamos mesmo ter uma chance. Mas, agora... — Ele olha ao redor pelo quarto, para a porta fechada. — O que nos resta? Estamos todos meio mortos — ele afirma. — Somos oito homens e mulheres mal armados e um menino de dez anos tentando lutar contra exércitos inteiros. Simplesmente não é *possível* — diz. — E, se vou morrer, não quero que seja por um motivo idiota. Se eu for para a guerra, se eu arriscar minha vida, será porque as chances estão a meu favor. Não o contrário.

— Não acho idiota lutar pela *humanidade*...

— Você não tem ideia do que está dizendo — ele dispara, o maxilar ficando tenso. — Não há nada que a gente possa fazer agora.

— Sempre há alguma coisa, Adam. Tem que haver. Porque eu não vou viver assim mais. Nunca mais.

— Juliette, por favor — ele fala, suas palavras desesperadas de repente, angustiadas. — Não quero que você seja morta... Não quero perdê-la de novo…

— Não se trata de você, Adam.

Sinto-me horrível por falar isso, mas ele precisa entender.

— Você é muito importante para mim. Você me amou e ficou a meu lado quando ninguém mais estava. Nunca quero que pense que não me importo com você, porque me importo — digo a ele. — Mas esta decisão não tem nada a ver com você. Tem a ver *comigo* — explico a ele. — E esta vida — aponto para a porta —, a vida do outro lado desta parede? Não é isso que eu quero.

Minhas palavras parecem chateá-lo mais.

— Então você prefere estar morta? — ele pergunta, bravo de novo. — É isso que está dizendo? Prefere estar morta a tentar construir uma vida comigo aqui?

— Eu prefiro estar morta — respondo, afastando-me devagar de sua mão estendida — a voltar a estar em silêncio e sufocada.

E Adam está prestes a responder — ele está separando os lábios para falar — quando o som de caos chega até nós do outro lado da parede. Compartilhamos um olhar de pânico antes de abrirmos a porta do quarto com violência e corrermos para a sala.

Meu coração para. Volta a bater. Para de novo.

Warner está aqui.

# 20



Ele está parado na porta da frente, as mãos enfiadas casualmente nos bolsos, nada menos de seis armas diferentes apontadas para seu rosto. Meus pensamentos estão acelerados enquanto tento processar o que fazer em seguida, a melhor maneira de agir. Mas o rosto de Warner muda quando entro na sala: a linha fria em sua boca floresce em um sorriso alegre. Seus olhos brilham e ele sorri para mim, sem parecer se importar ou mesmo notar as muitas armas letais miradas em sua direção.

Não posso deixar de me perguntar como foi que ele me achou.

Começo a andar para a frente, mas Adam agarra meu braço. Eu me viro, tentando entender minha repentina irritação com ele. Estou quase irritada comigo mesma por estar irritada com ele. Não foi assim que eu imaginei que seria ver Adam de novo. Não quero que seja assim. Quero começar de novo.

— O que você está fazendo? — Adam diz para mim. — Não se aproxime dele

Encaro a mão dele no meu braço. Levanto os olhos para cruzar meu olhar com o seu.

Adam não se mexe.

— Me solte — digo a ele.

De repente, um entendimento aparece em seu rosto, como se ele estivesse de alguma forma assustado. Ele olha para sua mão; solta-me sem uma palavra.

Dou tanta distância entre nós quanto posso, o tempo todo passando os olhos pela sala à procura de Kenji. Seus olhos pretos e cortantes se encontram com os meus imediatamente e ele levanta uma sobrancelha; a cabeça tombada para o lado, os lábios torcidos me dizendo que a próxima jogada é minha, e é melhor valer a pena. Suspiro e abro caminho entre meus amigos até estar parada em frente a Warner, numa tentativa ruim de protegê-lo com minha forma pequena e nada impressionante, olhando meus amigos e suas armas e esperando que não atirem em mim em vez disso.

Faço um esforço para parecer calma.

— Por favor — digo. — Não atirem nele.

— E por que não? — Ian pergunta, aumentando seu aperto em volta da arma.

— Juliette, amor — Warner diz, inclinando-se para a minha orelha.

A voz dele ainda está alta o suficiente para todos ouvirem.

— Eu agradeço por você me defender, mas, de verdade, sou bem capaz de lidar com a situação.

— São oito contra um — digo a ele, esquecendo meu medo na tentação de revirar os olhos. — Todos eles têm armas apontadas para o seu rosto. Tenho quase certeza de que você precisa da minha interferência.

Eu o ouço rir atrás de mim, apenas uma vez, um pouco antes de cada arma da sala ser arrancada de cada mão e jogada contra o

teto. Eu me viro, em choque, e tenho um vislumbre do completo assombro no rosto de todos atrás de mim.

— Por que vocês sempre hesitam? — Warner está perguntando, fazendo que não com a cabeça enquanto olha pela sala. — Atirem se quiserem atirar. Não percam tempo com teatros.

— Como você fez isso? — Ian pergunta.

Warner não diz nada. Ele tira as luvas com cuidado, puxando cada dedo antes de deslizá-las para fora da mão. Ele parece estar pensando em alguma coisa.

— Está tudo bem — eu falo para ele. — Eles já sabem.

Warner levanta o olhar. Ergue uma sobrancelha para mim. Sorri um pouco.

— Ah, sabem?

— Sim. Eu contei.

O sorriso de Warner muda, quase como se ele fizesse piada de si mesmo, conforme se vira para o outro lado, os olhos rindo enquanto ele contempla o teto. Por fim, faz um aceno com a cabeça para Castle, que está olhando para a comoção com uma expressão vaga de desgosto.

— Eu peguei emprestado — Warner responde para Ian — da companhia presente.

— Que maldição — Ian suspira.

— O que você quer? — Lily pergunta, desafiadora, os punhos cerrados, parada no canto mais distante da sala.

— Nada de você — Warner diz para ela. — Vim até aqui para buscar a Juliette. Não tenho nenhum desejo de perturbar sua... festa do pijama — ele fala, olhando ao redor para os travesseiros e as cobertas empilhados no chão da sala de estar.

Adam fica alerta e firme.

— Do que está falando? — questiona. — Ela não vai a lugar nenhum com você.

Warner coça a parte de trás da cabeça.

— Você nunca se cansa de ser tão completamente insuportável? Você tem tanto carisma quanto as entranhas apodrecidas de animais não identificados mortos na estrada.

Ouço um barulho abrupto de chiado e risada e me viro para o som.

Kenji apertou uma mão contra a boca, tentando desesperadamente conter um sorriso. Ele está balançando a cabeça de um lado para o outro, levantando a mão para se desculpar. E, então, ele explode, rindo alto, roncando enquanto tenta disfarçar o barulho.

— Desculpe — ele diz, apertando os lábios, fazendo que não com a cabeça de novo. — Não é um momento engraçado. Não é. Não estou rindo.

Adam parece que vai dar um soco no rosto de Kenji.

— Então você não quer nos matar? — Winston quebra o silêncio. — Porque, se não vai nos matar, você provavelmente deveria dar o fora daqui antes de nós o matarmos primeiro.

— Não — Warner diz, com calma. — Não vou matá-los. E, embora eu não me importasse de me livrar desses dois — ele acena para Adam e Kenji —, a ideia é pouco mais do que cansativa para mim agora. Não estou mais interessado nas vidas tristes e patéticas de vocês. Só estou aqui para acompanhar e transportar Juliette em segurança para casa. Ela e eu temos assuntos urgentes para tratar.

— Não — ouço James dizer de repente.

Ele se levanta desajeitado, olha direto nos olhos de Warner.

— *Esta* é a casa dela agora. Você não pode levar a Juliette. Não quero que ninguém faça mal a ela.

As sobrancelhas de Warner disparam para cima de surpresa. Ele parece genuinamente pasmo, embora apenas agora repare no menino de dez anos. Warner e James nunca se conheceram de verdade antes; nenhum deles sabe que são irmãos.

Olho para Kenji. Ele olha de volta.

Este é um momento importante.

Warner estuda o rosto de James com uma fascinação extasiada. Ele se apoia em um joelho, fica no nível do olhar de James.

— E quem é você? — pergunta.

Todos na sala estão em silêncio, observando.

James pisca várias vezes e não responde na hora. Ele enfim enfia as mãos nos bolsos e olha para o chão enquanto diz:

— Eu sou o James. Irmão do Adam. Quem é você?

Warner tomba a cabeça um pouco.

— Ninguém importante — diz.

Ele tenta sorrir.

— Mas é um prazer conhecê-lo, James. Gostei de ver sua preocupação pela segurança da Juliette. Você deve saber, no entanto, que não tenho intenção de fazer mal a ela. É que ela me fez uma promessa e quero vê-la cumprir.

— Que tipo de promessa? — James pergunta.

— É, que tipo de promessa? — Kenji interrompe, a voz alta, e brava, de repente.

Eu levanto o olhar, olho ao redor. Todos estão me encarando, esperando minha resposta. Os olhos de Adam estão arregalados de horror e descrença.

Cruzo meu olhar com o de Warner.

— Não vou embora — digo a ele. — Nunca prometi que ficaria na base com você.

Ele franze as sobrancelhas.

— Você prefere ficar *aqui*? — pergunta. — Por quê?

— Eu preciso dos meus amigos — respondo a ele. — E eles precisam de mim. Além disso, todos nós vamos ter que trabalhar juntos e, assim, podemos muito bem começar agora. Eu não quero ter de ser levada para dentro e para fora da base escondida — acrescento. — Você pode simplesmente me encontrar aqui.

— Opa… Espere… O que você quer dizer com todos nós podermos trabalhar juntos? — Ian interrompe. — E por que o está convidando para voltar aqui? Do que vocês estão falando?

— Que tipo de promessa você fez a ele, Juliette? — a voz de Adam está alta e acusadora.

Viro-me para o grupo. Eu, parada ao lado de Warner, encarando os olhos bravos de Adam junto com os rostos confusos, e que logo estarão bravos, dos meus amigos.

Ah, como tudo isso ficou estranho em um período muito curto.

Respiro tensa, preparando-me.

— Estou pronta para lutar — digo, dirigindo-me ao grupo todo. — Sei que alguns de vocês podem se sentir derrotados; alguns de vocês podem pensar que não resta esperança, em especial depois do que aconteceu com o Ponto Ômega. Mas Sonya e Sara ainda estão lá fora e precisam da nossa ajuda. Assim como o resto do mundo. E eu não cheguei tão longe assim para recuar agora. Estou pronta para agir e Warner se ofereceu para me ajudar.

Olho direto para Kenji.

— Eu aceitei a oferta dele. Prometi ser sua aliada; lutar ao seu lado; matar Anderson e derrubar O Restabelecimento.

Kenji aperta os olhos em minha direção e não sei dizer se ele está bravo ou muito, muito bravo.

Eu olho para o restante de meus amigos.

— Mas todos nós podemos trabalhar juntos — digo. — Tenho pensado muito nisso e acho que o nosso grupo ainda tem chance, em especial se combinarmos nossas forças com as do Warner. Ele sabe coisas sobre O Restabelecimento e o pai dele que nunca poderíamos saber de outra forma.

Engulo a seco com dificuldade enquanto absorvo as expressões chocadas, horrorizadas nos rostos das pessoas a meu redor.

— Porém — eu me apresso a dizer —, se vocês não estiverem interessados em lutar mais, eu entendo totalmente. E, se vocês preferirem que eu não fique aqui, eu respeito a opinião de vocês. De qualquer forma, já tomei minha decisão — falo para eles. — Queiram vocês se juntarem ou não a mim, eu decidi lutar. Vou derrubar O Restabelecimento ou vou morrer tentando. Não restou nada para mim de outra forma.

# 21



A sala fica em silêncio por um longo tempo e eu baixo os olhos, com muito medo de ver as expressões deles.

Alia é a primeira a falar.

— Vou lutar com você — ela diz, sua voz suave soando forte e confiante no silêncio.

Eu levanto os olhos para encontrar os dela e ela sorri para mim, suas bochechas pintadas de cor e determinação.

Porém, antes mesmo de eu ter uma chance de responder, Winston entra na conversa.

— Eu também — diz. — Assim que minha cabeça parar de doer, mas, é, eu também. Não tenho mais nada a perder — ele fala, encolhendo os ombros. — E vou dar umas porradas para trazer as garotas de volta, mesmo se não pudermos salvar o resto do mundo.

— Eu também — Brendan diz, fazendo que sim com a cabeça na minha direção. — Estou dentro também.

Ian está fazendo que não com a cabeça, ainda olhando para mim como se eu fosse a maior idiota que ele já conheceu.

— Como podemos confiar nesse cara, inferno? — ele pergunta. — Como sabemos que ele não está só falando merda?

— É — Lily acrescenta. — Isso não parece certo.

Ela olha para Warner.

— Por que você iria querer ajudar qualquer um de nós? — ela pergunta para ele. — Desde quando você já foi confiável?

Warner passa uma mão pelo cabelo. Sorri sem gentileza. Olha para mim.

Ele não está feliz.

— Eu *não* sou confiável — Warner enfim diz, levantando os olhos para encontrar os de Lily. — E não tenho nenhum interesse em ajudar vocês — fala. — Na verdade, acho que fui muito claro há um instante quando disse que estava aqui por causa da Juliette. Eu não concordei em ajudar os amigos dela e não darei nenhuma garantia para a sobrevivência ou a segurança de vocês. Então, se estão buscando alguma certeza — ele diz —, não posso, nem vou, oferecer nenhuma.

Ian está realmente sorrindo.

Lily parece um pouco mortificada.

Kenji está fazendo que não com a cabeça.

— Certo.

Ian faz que sim com a cabeça.

— Tudo bem.

Ele esfrega a testa.

— Então qual é o plano de jogo?

— Vocês todos perderam a *cabeça*? — Adam explode. — Estão se esquecendo de com quem estão falando? Ele acabou de detonar

a nossa porta e exige levar a Juliette embora e vocês querem ficar ao lado dele e lutar com ele? O mesmo cara que é responsável por destruir o Ponto Ômega? Todo mundo morreu por causa dele!

— Não sou responsável por isso — Warner fala, cortante, sua expressão fechando. — Não foi minha decisão e eu nem fazia ideia do que estava acontecendo. Quando eu consegui fugir do Ponto Ômega e encontrei o caminho de volta para a base, os planos do meu pai já estavam em ação. Eu não participei da batalha, nem participei do ataque ao Ponto Ômega.

— É verdade — Lily concorda. — Foi o Supremo que ordenou o ataque aéreo contra o Ponto Ômega.

— É, por mais que eu odeie esse cara — Winston acrescenta, lançando um dedo na direção de Warner —, odeio o pai dele muitíssimo mais. Foi ele que nos sequestrou. Foram os homens dele que nos mantiveram em cativeiro; não soldados do Setor 45. Então, é — Winston diz, alongando-se para trás no sofá —, eu adoraria ver o Supremo ter uma morte lenta e horrível.

— Tenho de admitir — Brendan começa — que geralmente não gosto muito de vingança, mas ela parece muito doce mesmo neste momento.

— Quero ver aquele cretino sangrar — Ian fala.

— Que bonito todos nós termos alguma coisa em comum — Warner balbucia, irritado.

Ele suspira. Olha para mim.

— Juliette, podemos conversar, por favor?

— Isso é bobagem! — Adam grita. Olha ao redor. — Como vocês podem se esquecer tão fácil? Como podem esquecer o que ele fez... O que ele fez comigo... O que ele fez com o Kenji?

Adam se vira para ficar de frente para mim.

— Como você pode sequer olhar para ele — diz para mim — sabendo como ele nos tratou? Ele quase me matou… Deixando que

eu sangrasse devagar para ele poder levar bastante tempo me torturando até a morte...

— Kent, cara, por favor… Você precisa se acalmar, tudo bem?

Kenji dá um passo para a frente.

— Entendo que você esteja furioso… Não estou muito feliz com isso também… Mas as coisas ficam malucas depois da guerra. Alianças se formam de maneiras imprevisíveis.

Ele encolhe os ombros.

— Se esta for a única forma de acabar com o Anderson, talvez a gente devesse levar em consideração...

— Não acredito nisso — Adam o interrompe, olhando à sua volta. — Não acredito que isto esteja acontecendo. Vocês todos perderam a cabeça. Vocês todos estão *malucos* — ele diz, agarrando a parte de trás da cabeça. — Esse cara é um psicopata... Ele é um *assassino*...

— Adam — tento dizer. — Por favor.

— O que aconteceu com você?

Ele se volta contra mim.

— Eu nem sei mais quem você é. Pensei que estivesse morta... Pensei que *ele* tinha te matado — diz, apontando para Warner. — E, agora, você está parada aqui, juntando forças com um cara que tentou arruinar sua vida? Falando de lutar porque você não tem mais nada pelo que viver? E quanto a *mim*? — ele pergunta. — E quanto ao nosso relacionamento? Quando isso deixou de ser suficiente para você?

— Não se trata de nós — estou tentando dizer a ele. — Por favor, Adam... Deixe que eu explique…

— Preciso sair daqui — ele fala, abruptamente, indo na direção da porta. — Não posso ficar aqui agora... Não consigo processar tudo isto em um dia. É demais. É demais para mim…

— Adam…

Eu seguro o braço dele em uma última tentativa, um último esforço de tentar conversar com ele, mas ele se liberta.

— Tudo isto — ele começa, olhando em meus olhos, a voz baixando para um sussurro áspero e dolorido — foi por você. Eu abandonei tudo o que conhecia porque achei que estávamos nessa juntos. Pensei que seríamos você e eu.

Os olhos dele estão muito escuros, muito profundos, muito feridos. Olhar para ele faz com que eu queira me encolher e morrer.

— O que você está fazendo? — ele diz, desesperado agora. — No que está *pensando*?

E percebo que ele quer mesmo uma resposta.

Porque ele espera.

Fica parado ali e espera. Espera para ouvir minha resposta enquanto todos nos observam, provavelmente entretidos com o espetáculo que fizemos. Não acredito que ele está fazendo isso comigo. Aqui. Agora. Na frente de todos.

Na frente de *Warner*.

Tento olhar nos olhos de Adam, mas descubro que não consigo suportar seu olhar por muito tempo.

— Não quero mais viver com medo — digo, esperando parecer mais forte do que me sinto. — Preciso revidar. Achei que nós quiséssemos as mesmas coisas.

— Não… O que eu queria era *você* — ele fala, esforçando-se para manter a voz estável. — Era tudo que eu queria. Desde o início, Juliette. Era você. Você era tudo que eu queria.

E eu não consigo falar.

Não consigo falar

Não consigo vomitar as palavras porque não posso partir o coração dele assim, e ele está esperando, ele está esperando e está

olhando para mim e “eu preciso de mais”, consigo dizer.

— Eu o queria também, Adam, mas preciso de mais que isso. Preciso ser livre. Por favor, tente entender…

— PARE! — Adam explode. — Pare de tentar me fazer entender um monte de *bobagens*! — ele grita. — Não consigo mais lidar com você.

E, assim, ele pega o casaco apoiado no sofá, puxa a porta para abri-la e bate depois de sair.

Há um momento de silêncio completo.

Tento correr atrás dele.

Kenji me segura pela cintura e me puxa para trás. Vira para mim com um olhar duro e compreensivo.

— Eu cuido do Kent. Você fica aqui e arruma a bagunça que fez — ele diz, tombando a cabeça para Warner.

Eu engulo a seco, com dificuldade. Não digo uma palavra.

Só depois de Kenji ter desaparecido me viro para olhar os membros restantes de nossa plateia, e ainda estou procurando a coisa certa a dizer quando ouço a única voz que eu menos esperava.

— Ah, senhorita Ferrars — Castle diz. — É tão bom tê-la de volta. As coisas sempre são muito mais divertidas com você por perto.

Ian explode em lágrimas.

# 22



Todos se amontoam em volta de Castle imediatamente; James praticamente o derruba. Ian empurra todos os outros do caminho em sua tentativa de se aproximar. Castle está sorrindo, rindo um pouco. Ele enfim se parece mais com o homem de que me lembro.

— Estou bem — ele está dizendo.

Ele parece exausto, como se as palavras estivessem lhe custando muito para sair.

— Muito obrigada pela preocupação. Vou ficar bem. Só preciso de mais um pouco de tempo, só isso.

Eu olho nos olhos dele. Estou com medo de me aproximar.

— Por favor — Castle diz para Alia e Winston, os dois que estão mais perto de cada lado dele —, me ajudem a levantar. Quero cumprimentar nosso mais recente visitante.

Ele não está falando de mim.

Castle fica de pé com alguma dificuldade, mesmo com todos se apressando para ajudá-lo. A sala toda de repente parece diferente: mais leve, mais feliz, de alguma forma. Eu não tinha percebido o quanto do sofrimento de todos estava ligado ao bem-estar de Castle.

— Senhor Warner — Castle diz, cruzando seu olhar com o dele do outro lado da sala. — Que gentileza a sua de se juntar a nós.

— Não estou me juntando a nad…

— Eu sempre soube que faria isso — Castle diz.

Ele sorri um pouco.

— E estou contente.

Warner parece estar tentando não revirar os olhos.

— Você pode baixar as armas agora — Castle diz para ele. — Prometo cuidar bem delas na sua ausência.

Todos nós olhamos para o teto. Ouço Warner suspirar. De uma vez, todas as armas flutuam até o chão, apoiando-se gentilmente no tapete.

— Muito bom — Castle fala. — Agora, se me dão licença, estou com uma necessidade desesperadora de um longo banho. Espero que você não confunda minha saída tão rápida com grosseria — ele acrescenta. — É que eu tenho certeza de que nos veremos muitas vezes nestas próximas semanas.

O maxilar de Warner fica tenso como forma de resposta.

Castle sorri.

Winston e Brendan ajudam Castle a ir ao banheiro, enquanto Ian grita ansioso para que peguem uma troca de roupa para ele. Eu, Warner, James, Alia e Lily somos os únicos que ficam na sala.

— Juliette? — Warner diz.

Olho na direção dele.

— Posso tomar um minuto do seu tempo, por favor? Em particular?

Eu hesito.

— Vocês podem usar meu quarto — James entra na conversa. — Não me importo.

Olho para ele, chocada por ter oferecido seu espaço pessoal de tão boa vontade para pessoas como eu e Warner; em especial depois de ver a explosão do irmão há pouco.

— Adam vai ficar bem — James diz para mim, como se lesse meus pensamentos. — Ele só está estressado. Ele está preocupado com muitas coisas. Ele acha que vamos ficar sem comida e tal.

— James...

— Está tudo bem mesmo — James afirma. — Vou ficar aqui com a Alia e a Lily.

Eu olho para as duas meninas, mas seus rostos não revelam nada. Alia me oferece apenas o mais leve dos sorrisos de compreensão. Lily está encarando Warner, olhando-o de cima a baixo.

Enfim, eu suspiro, me rendendo.

Sigo Warner para dentro do pequeno armário, fechando a porta atrás de mim.

Ele não perde tempo.

— Por que está convidando seus amigos a se unirem a nós? Eu disse que não queria trabalhar com eles.

— Como você me encontrou? — eu rebato. — Eu nunca apertei o botão daquele *pager* que você me deu.

Warner estuda meus olhos, seu olhar verde afiado preso no meu como se tentasse me ler à procura de pistas. Porém, a intensidade de seu olhar sempre é demais para mim; quebro a conexão cedo demais, sentindo-me de alguma forma livre.

— Foi um simples raciocínio de dedução — ele diz enfim. — Kent era o único membro do seu grupo com uma vida fora do Ponto Ômega; sua antiga casa era o único lugar para onde ele conseguia se retirar sem causar perturbações. Assim — Warner diz —, foi o primeiro lugar que verifiquei.

Um leve balançar da cabeça de um lado para o outro.

— Ao contrário do que você pode pensar, amor, eu não sou idiota.

— Nunca pensei que você fosse idiota — digo, surpresa. — Pensei que você fosse louco — conto a ele —, mas não idiota.

Eu hesito.

— Na verdade, acho que você é brilhante — confesso. — Queria poder pensar como você.

Desvio o olhar e volto a encará-lo rápido demais, sentindo com força que preciso aprender a ficar de boca fechada.

A expressão de Warner se alivia. Seus olhos ganham rugas de diversão conforme ele sorri.

— Não quero seus amigos no meu time — ele diz. — Não gosto deles.

— Não me importo.

— Eles só vão nos atrasar.

— Eles vão nos dar uma vantagem — insisto. — Sei que acha que eles não fizeram as coisas direito no Ponto Ômega, mas eles sabiam como sobreviver. Todos eles têm forças importantes.

— Estão completamente arrasados.

— Estão sofrendo — digo a ele, incomodada. — Não os subestime. Castle é um líder nato — afirmo. — Kenji é um gênio e um excelente guerreiro. Ele age como um imbecil às vezes, mas você sabe melhor do que ninguém que isso é apenas teatro. Ele é mais esperto que todos nós. Além disso, Winston e Alia podem criar qualquer coisa de que precisemos desde que tenham os materiais;

Lily tem uma memória fotográfica incrível; Brendan pode aguentar a eletricidade e Winston pode esticar os membros para formar quase qualquer coisa. E Ian…

Eu vacilo.

— Bem, Ian é… bom para alguma coisa, tenho certeza.

Warner ri um pouco, seu sorriso suavizando-se até desaparecer totalmente. Seu rosto estabiliza-se em uma expressão incerta.

— E o Kent? — Warner pergunta enfim.

Sinto meu rosto ficar pálido.

— O que tem ele?

— Ele é bom em quê?

Eu hesito antes de responder.

— Adam é um ótimo soldado.

— Isso é tudo?

Meu coração está batendo muito forte. Forte demais.

Warner desvia o olhar, neutralizando cuidadosamente sua expressão, seu tom.

— Você se importa com ele.

Não é uma pergunta.

— Sim — consigo dizer. — É claro que sim.

— E o que isso inclui exatamente?

— Não sei o que você quer dizer — minto.

Warner está encarando a parede, mantendo-se muito imóvel, os olhos sem revelar nada do que ele está pensando de verdade, do que ele está sentindo.

— Você o ama?

Estou pasma.

Nem consigo imaginar quanto deve custar a ele fazer essa pergunta tão diretamente. Eu quase o admiro por ser corajoso o suficiente para fazer isso.

Porém, pela primeira vez, não estou bem certa do que dizer. Se fosse apenas uma semana antes, duas semanas antes, eu teria respondido sem hesitação. Eu teria sabido, definitivamente, que amava Adam, e não teria tido medo de dizer. Porém, agora, eu não posso deixar de me perguntar se ao menos sei o que é o amor; se o que senti por Adam foi amor ou apenas uma mistura de afeição profunda e atração física. Porque, se eu o amasse — se eu o amasse mesmo, de verdade —, eu hesitaria agora? Eu conseguiria com tanta facilidade me desligar da vida dele? Da dor dele?

Eu me preocupei tanto com Adam nas últimas semanas — os efeitos de seu treinamento, a notícia sobre seu pai —, mas não sei se foi por causa de amor, ou se tinha sido por culpa. Ele abandonara tudo por mim; porque queria ficar comigo. Porém, por mais que me doa admitir, eu sei que não fugi para ficar com ele. Adam não era meu principal motivo; ele não era a força motriz.

Eu fugi por mim. Porque eu queria ser livre.

— Juliette?

O sussurro suave de Warner me traz de volta ao presente, puxa-me e leva-me para dentro de mim mesma, chacoalhando minha consciência de volta à realidade. Estou com medo de ficar pensando nas verdades que acabei de descobrir.

Eu olho nos olhos de Warner.

— Sim?

— Você o ama? — ele pergunta de novo, com a voz mais baixa dessa vez.

E, de repente, tenho de me forçar a dizer duas palavras que eu nunca, nunca pensei que diria:

— Não sei.

Warner fecha os olhos.

Ele solta a respiração, a tensão clara em seus ombros e no contorno de seu maxilar e, quando ele enfim olha para mim de novo, há histórias em seus olhos, pensamentos e sentimentos e sussurros de coisas que eu nunca nem vira antes. Verdades que ele talvez nunca se force a dizer; coisas impossíveis e coisas inacreditáveis e uma abundância de sentimentos dos quais eu nunca pensei que ele fosse capaz. Todo o seu corpo parece relaxar de alívio.

Eu não conheço esse rapaz parado em frente a mim. Ele é um perfeito estranho, um ser inteiramente diferente; o tipo de pessoa que eu poderia nunca ter conhecido se meus pais não tivessem me jogado fora.

— Juliette. — Ele suspira.

Só agora estou percebendo exatamente quão perto ele está. Eu poderia apertar o rosto contra o pescoço dele se quisesse. Poderia colocar minhas mãos no peito dele se quisesse.

Se quisesse.

— Eu adoraria que você voltasse comigo — ele diz.

— Não posso — respondo para ele, o coração de repente disparado. — Preciso ficar aqui.

— Mas não é prático — ele fala. — Precisamos planejar. Precisamos conversar sobre estratégia… Poderia levar dias…

— Já tenho um plano.

Suas sobrancelhas se levantam depressa e eu tombo a cabeça, encarando-o com um olhar duro antes de estender minha mão para a porta.

# 23



Kenji está esperando do outro lado.

— O *quê* vocês acham que estão fazendo? — ele pergunta. — Deem o fora daqui, *agora*.

Eu sigo direto para a sala de estar, ansiosa para dar distância entre mim e o que quer que esteja acontecendo em minha mente quando Warner se aproxima demais. Preciso de ar. Preciso de um cérebro novo. Preciso pular de uma janela e pegar carona em um dragão para um mundo longe daqui.

Porém, no momento em que eu levanto o olhar e tento me recompor, encontro Adam me encarando. Piscando os dois olhos na minha direção como se estivesse começando a ver algo que ele desejaria poder esquecer, e sinto meu rosto queimar tão rápido que, por um momento, fico surpresa por eu não estar de pé em cima de uma brasa.

— Adam — eu me ouço dizer. — Não... Não é…

— Não posso nem falar com você agora.

Ele está fazendo que não com a cabeça, a voz abafada.

— Não posso nem ficar perto de você agora...

— Por favor — tento dizer. — Estávamos apenas conversando...

— Vocês estavam apenas *conversando*? Sozinhos? No quarto do meu irmão?

Ele está segurando o casaco. Joga-o no sofá. Ri como se pudesse estar enlouquecendo. Passa uma mão pelo cabelo e olha para o teto. Encara-me de novo.

— Que diabos está acontecendo, Juliette? — ele pergunta, o queixo ficando tenso. — O que está acontecendo exatamente agora?

— Podemos conversar sobre isso em particular…?

— Não.

Seu peito está arfando.

— Quero conversar sobre isso agora. Não me importa quem ouça.

Meus olhos vão para Warner imediatamente. Ele está se apoiando contra a parede logo do lado de fora do quarto de James, os braços cruzados e frouxos em frente ao peito. Ele está observando Adam com um interesse calmo e focado.

Warner fica imóvel de repente, como se pudesse sentir meus olhos nele.

Ele olha para cima, olha para mim por exatamente dois segundos antes de se virar para o outro lado. Parece estar rindo.

— Por que você continua olhando para ele? — Adam pergunta, os olhos faiscando. — Por que está olhando para ele, para início de conversa? Por que você está interessada em um *psicopata* insano...

Estou tão cansada disto.

Estou cansada de todos os segredos e todo o meu tormento interno e da culpa e da confusão que senti por causa destes dois

irmãos. Mais do que qualquer outra coisa, não gosto deste Adam furioso em frente a mim.

Tento conversar com ele e ele não me escuta. Tento argumentar com ele e ele me ataca. Tento ser honesta com ele e ele não acredita em mim. Não faço ideia do que mais fazer.

— O que está acontecendo de verdade entre vocês? — Adam ainda está me perguntando. — O que está acontecendo *de verdade*, Juliette? Preciso que você pare de mentir para mim...

— Adam — eu o interrompo.

Estou surpresa com quão calma minha voz parece.

— Há tantas coisas que precisamos discutir agora — digo a ele —, e esta não é uma delas. Nossos problemas pessoais não precisam ser compartilhados com todos.

— Então você admite? — ele diz, de alguma forma mais bravo. — Que algo está errado...

— Algo está errado há algum tempo — eu falo. — Eu nem consigo conversar com vo...

— É, desde que fomos arrastados por este babaca para o Ponto Ômega — Adam diz.

Ele se vira para olhar para Kenji.

— Foi ideia *sua*...

— Ei, não me arraste para as suas bobagens, ok? — Kenji retruca. — Não me culpe pelos seus problemas.

— Nós estávamos bem até ela começar a passar tanto tempo com ele, maldição… — Adam começa a dizer.

— Ela passou a mesma quantidade de tempo com ele enquanto ainda estávamos na base, gênio...

— *Pare.* Por favor, entenda, Warner está aqui para nos ajudar. Ele quer derrubar O Restabelecimento e matar o Supremo assim como nós… Ele não é mais nosso inimigo…

— Ele vai *nos ajudar*? — Adam pergunta, os olhos arregalados, fingindo surpresa. — Ah, você quer dizer assim como ele nos ajudou da última vez em que disse que iria lutar ao nosso lado? Bem antes de ele escapar do Ponto Ômega e *fugir*?

Adam ri alto, descrente.

— Não acredito que você está caindo nesse monte de *bobagem* dele…

— Não é um truque, Adam… Eu não sou idiota…

— Tem certeza?

— O quê?

Não acredito que ele acabou de me ofender.

— Perguntei se você tem certeza — ele dispara. — Porque está agindo de um jeito bem idiota agora, por isso não sei se ainda posso confiar no seu julgamento...

— Qual é o seu *problema*…

— Qual é o *seu* problema? — ele grita de volta, os olhos flamejando. — Você não faz isso. Você não age assim — ele diz. — Você parece uma pessoa completamente diferente...

— Eu? — pergunto, minha voz ficando mais alta.

Tenho me esforçado muito para controlar meu temperamento, mas simplesmente não acho que consigo continuar. Ele diz que quer ter essa conversa na frente de todo mundo?

Tudo bem.

Vamos ter essa conversa diante de todo mundo.

— Se eu mudei — digo a ele —, então você mudou também. Porque o Adam de quem me lembro era bom e gentil e ele nunca me insultaria assim. Eu sei que as coisas têm sido difíceis para você ultimamente e estou tentando entender, ser paciente, dar espaço... Mas estas últimas semanas têm sido difíceis para todos nós. Todos nós estamos passando por um momento duro, só que não

chateamos uns aos outros. Não machucamos uns aos outros. E você não consegue nem ser legal com o Kenji — digo a ele. — Você costumava ser *amigo* do Kenji, lembra? Agora, toda vez que ele faz uma piada, você olha para ele como se quisesse matá-lo, e eu não sei por quê...

— Você vai defender todo mundo nesta sala, menos eu, não vai? — Adam diz. — Você ama tanto o Kenji, passa todo o seu tempo com o Kenji, maldição...

— Ele é meu amigo!

— Eu sou seu namorado!

— Não — falo para ele. — Não é.

Adam está tremendo, os punhos cerrados.

— Nem acredito em você agora.

— Nós terminamos, Adam. — Minha voz está estável. — Nós terminamos há um mês.

— Certo — Adam diz. — Nós terminamos porque você disse que me amava. Porque você disse que não queria me machucar.

— Não quero — digo a ele. — Não quero machucá-lo. Eu nunca quis machucá-lo.

— Que diabos você acha que está fazendo neste momento? — ele grita.

— Não sei como falar com você — respondo a ele, fazendo que não com a cabeça. — Não entendo...

— Não... Você não entende nada — ele dispara. — Você não me entende, você não se entende e você não entende que está agindo como uma criança idiota que se deixou ganhar uma lavagem cerebral de um psicopata.

O tempo parece parar.

Tudo o que quero dizer e tudo o que eu tinha desejado dizer começa a tomar forma, caindo no chão e se erguendo sem jeito.

Parágrafos e parágrafos começam a construir paredes à minha volta, formando blocos e alinhando-se conforme encontram maneiras de se encaixar, unindo-se e costurando-se e não deixando espaço para fuga. E cada espacinho entre cada palavra não dita escala e entra em minha boca, desce por minha garganta e entra em meu peito, enchendo-me de tanto vazio que acho que posso simplesmente sair flutuando.

Estou respirando.

Bem depressa.

Um pigarro é ouvido.

— Sim, certo, sinto muito por interromper — Warner diz, dando um passo para a frente. — Mas, Juliette, eu preciso ir. Tem certeza de que quer ficar aqui?

Eu congelo.

— SAIA — Adam grita. — Dê o fora da minha casa, seu merda. E não volte aqui.

— Bem — Warner fala, tombando a cabeça para mim. — Deixe para lá. Parece que você não tem escolha, na verdade.

Ele estende a mão.

— Vamos?

— Você não vai levá-la para lugar nenhum.

Adam se vira para ele.

— Ela não vai embora com você e ela não vai fazer parceria com você. Agora, suma.

— Adam. PARE.

Minha voz está mais brava do que eu queria, mas não consigo mais evitar.

— Não preciso da sua permissão. Não vou viver assim. Não vou me esconder mais. Você não precisa vir comigo... Você nem precisa

entender — declaro. — E, se me amasse, você não ficaria no meu caminho.

Warner está sorrindo.

Adam repara.

— Tem algo que você queira dizer?

Adam se vira para ele.

— Por Deus, não — Warner responde. — Juliette não precisa da minha ajuda. E *você* pode não ter percebido ainda, mas é óbvio para todo mundo que você perdeu essa briga, Kent.

Adam estoura.

Ele avança, o punho recuado e pronto para ser lançado, e tudo acontece tão depressa que só tenho tempo de segurar um grito antes de ouvir o barulho nítido de algo sendo quebrado.

O punho de Adam está congelado a apenas alguns centímetros do rosto de Adam. Está preso na mão de Warner.

Adam fica em silêncio, chocado, todo o seu corpo chacoalhando com a energia não gasta. Warner inclina-se para o rosto do irmão, sussurra “você não quer brigar comigo, seu idiota” e lança o punho de Adam de volta com tanta força que Adam voa para trás, conseguindo se equilibrar um pouco antes de atingir o chão.

Adam está em pé. Disparando para o outro lado da sala. Mais bravo.

Kenji o ataca.

Adam está gritado para Kenji soltá-lo, para deixar de se envolver, e Kenji está puxando Adam pela sala contra a sua vontade. De alguma forma, ele consegue abrir a porta da frente com violência e arrastar Adam e a si mesmo para fora.

A porta é batida atrás deles.



*James* é meu primeiro pensamento.

Eu me viro, procurando-o pela sala, esperando que ele esteja bem e descubro que Lily já teve a precaução de levá-lo para seu quarto.

Todos os outros estão me encarando.

— O *que* foi aquilo? — Ian é o primeiro a quebrar o silêncio.

Ele, Brendan e Winston estão me olhando admirados. Alia está parada no canto, os braços envolvendo o corpo. Castle ainda deve estar no banho.

Eu me retraio quando alguém toca no meu ombro.

Warner.

Ele se inclina em direção à minha orelha, falando baixo para que só eu possa ouvi-lo.

— Está ficando tarde, amor, e eu preciso mesmo voltar para a base.

Uma pausa.

— E, desculpe por eu ficar perguntando, mas você tem certeza de que quer ficar aqui?

Levanto o olhar para ver os olhos dele. Faço que sim com a cabeça.

— Preciso conversar com o Kenji — digo a ele. — Não sei mais como os outros se sentem, mas não quero fazer isto sem o Kenji.

Hesito.

— Digo, eu posso — falo —, se precisar. Mas não quero.

Warner faz que sim com a cabeça. Olha para além de mim, para um ponto atrás da minha cabeça.

— Certo.

Ele franze um pouco as sobrancelhas.

— Um dia você vai me contar o que acha tão incrivelmente atraente nele?

— Em quem? No Kenji?

Outro aceno da cabeça.

— Ah — eu digo, piscando de surpresa. — Ele é o meu melhor amigo.

Warner olha para mim. Levanta uma sobrancelha.

Olho de volta.

— Isso vai ser um problema?

Ele olha para as próprias mãos.

— Não, é claro que não — diz, em voz baixa.

Ele limpa a garganta.

— Então, eu volto amanhã? Às 1300 horas.

— Mil e trezentas horas… contando a partir de *agora*?

Warner ri. Olha para cima.

— À uma da tarde.

— Certo.

Ele olha nos meus olhos então. Sorri por apenas um momento mais longo que o usual antes de se virar e sair pela porta. Sem falar nada para ninguém.

Ian está me olhando admirado. De novo.

— Eu… Certo, estou confuso — Brendan diz, piscando. — Agora pouco... O que acabou de acontecer? Ele estava *sorrindo* para você? Sorrindo de verdade para você?

— Para mim pareceu que ele estava apaixonado por você — Winston diz, franzindo as sobrancelhas. — Mas isso provavelmente só aconteceu porque minha cabeça está estragada, certo?

Estou fazendo o melhor que posso para olhar para a parede.

Kenji abre a porta da frente com força.

Entra.

Sozinho.

— Você — ele diz, apontando para mim, os olhos apertados. — Vem já para cá, agora. Você e eu precisamos conversar.

# 25



Eu me arrasto para a porta e Kenji agarra meu braço para me levar para fora. Ele se vira e grita “vão jantar, vocês” para todos os outros, logo antes de sair.

Estamos parados no patamar da escada logo do lado de fora da casa de Adam e eu percebo, pela primeira vez, que há mais degraus levando para cima. Para algum lugar.

— Venha, princesa — Kenji diz. — Siga-me.

E subimos.

Quatro, cinco lances de escada. Talvez oito. Ou cinquenta. Não faço ideia. Tudo o que sei é que, quando chegamos ao topo, estou sem fôlego e também envergonhada por estar sem fôlego.

Quando enfim consigo inspirar o ar como um ser humano, arrisco-me a olhar em volta.

Incrível.

Estamos no telhado, do lado de fora, onde o mundo está preto como breu a não ser pelas estrelas e a fatia de lua que alguém pendurou no céu. Às vezes, pergunto-me se os planetas ainda estão lá em cima, ainda alinhados, ainda conseguindo se dar bem depois de todo esse tempo. Talvez pudéssemos aprender uma coisa ou outra com eles.

O vento se enrosca em volta de nós e eu tremo conforme meu corpo se acostuma com a temperatura.

— Venha aqui — Kenji diz para mim.

Ele faz um gesto para a borda do telhado e se senta bem na ponta, as pernas se balançando acima do que poderia ser seu caminho mais rápido para a morte.

— Não se preocupe — ele diz, quando vê minha expressão. — Vou ficar bem. Eu me sento aqui muitas vezes.

Quando enfim estou sentada ao lado dele, ouso olhar para baixo. Meus pés estão dependurados no topo do mundo.

Kenji desce um braço ao redor de meu corpo. Esfrega meu ombro para me manter aquecida.

— Então — ele diz. — Quando é o grande dia? Você já marcou uma data?

— O quê?

Eu me assusto.

— Para o quê?

— Para o dia em que você vai parar de ser tão *imbecil* — ele diz, lançando-me um olhar cortante.

— Ah.

Eu me retraio. Chuto o ar.

— É, isso provavelmente nunca vai acontecer.

— É, provavelmente você está certa.

— Cale a boca.

— Sabe — ele diz —, não tenho ideia de onde o Adam está.

Eu fico dura. Sento-me ereta.

— Ele está bem?

— Ele vai ficar bem — Kenji diz com um suspiro resignado. — Ele só está superfurioso. E ferido. E toda essa merda emocional.

Eu baixo os olhos de novo. O braço de Kenji está pendurado frouxamente em volta de meu pescoço e ele me puxa mais para perto, apertando-me contra a lateral de seu corpo. Descanso a cabeça no peito dele.

Momentos e minutos e memórias crescem e quebram-se entre nós.

— Eu realmente pensei que o relacionamento de vocês fosse firme — Kenji enfim me diz.

— É — sussurro. — Eu também.

Alguns segundos pulam do telhado.

— Sou uma pessoa tão horrível — digo, em voz muito baixa.

— É, bem.

Kenji suspira.

Eu resmungo. Baixo a cabeça para as mãos.

Kenji suspira de novo.

— Não se preocupe, Kent está sendo um babaca também.

Ele respira fundo.

— Mas, droga, princesa.

Kenji olha para mim, balança a cabeça um centímetro para um lado e para o outro, olha de volta para a noite.

— Sério? *Warner?*

Olho para cima.

— Do que você está falando?

Kenji levanta uma sobrancelha para mim.

— Sei com certeza que você não é idiota, então, por favor, não aja como se fosse.

Eu reviro os olhos.

— Eu realmente não quero ter essa conversa de novo...

— Não me importa se você não quer ter essa conversa de novo. Você precisa conversar sobre isso. Não pode simplesmente se apaixonar por um cara como Warner sem me dizer por quê. Preciso garantir que ele não enfiou um chip na sua cabeça ou outra merda do tipo.

Fico em silêncio por quase um minuto inteiro.

— Não estou apaixonada pelo Warner — digo em voz baixa.

— É claro que não.

— Não estou — eu insisto. — Eu só... Não sei.

Suspiro.

— Não sei o que está acontecendo comigo.

— Chamam-se hormônios.

Lanço um olhar feio para ele.

— Estou falando sério.

— Eu também.

Ele tomba a cabeça para mim.

— É tipo, biológico e tal. Científico. Talvez suas partes de mulher estejam cientificamente confusas.

— Minhas *partes de mulher*?

— Ah, desculpe — Kenji finge estar ofendido —, prefere que eu use a terminologia anatômica adequada? Porque suas partes de mulher não me assustam…

— É, não, obrigada.

Eu consigo rir um pouco, minha tentativa triste dissolvendo-se em um suspiro.

Meu Deus, tudo está mudando.

— Ele simplesmente está… tão diferente — eu me ouço dizer. — Warner. Ele não é o que vocês pensam. Ele é doce. E gentil. E o pai dele é muito, muito horrível com ele. Você nem imagina. — Minha voz some, pensando nas cicatrizes que vi nas costas de Warner. — E, mais do que tudo... Não sei — digo, olhando para a escuridão. — Ele realmente... acredita em mim?

Levanto o olhar para Kenji.

— Isso parece idiota?

Kenji me lança um olhar de dúvida.

— Adam acredita em você também.

— É — eu falo, olhando para a escuridão. — Acho que sim.

— O que quer dizer com *acha*? O cara acha que você inventou o ar.

Eu quase abro um sorriso.

— Não sei de qual versão minha o Adam gosta. Não sou agora a mesma pessoa que era quando estávamos na escola. Não sou mais aquela menina. Acho que ele quer isso — afirmo, levantando o olhar para Kenji. — Acho que ele quer fingir que sou a menina que não fala de verdade e passa a maior parte do tempo tendo medo. O tipo de menina que ele precisa proteger e de quem precisa cuidar o tempo todo. Não sei se ele gosta de quem eu sou agora. Não sei se ele consegue lidar com isso.

— Então, no minuto em que você abriu a boca, destruiu os sonhos dele, hã?

— Vou empurrá-lo do telhado.

— É, eu definitivamente consigo ver por que o Adam gosta de você.

Eu reviro os olhos.

Kenji ri. Inclina-se para trás e me puxa para baixo com ele. O concreto está sob nossas cabeças agora, o céu derramado a nosso redor. É como se eu tivesse sido jogada em um barril de tinta.

— Sabe, na verdade, faz muito sentido — Kenji diz finalmente.

— O quê?

— Não sei, digo… você ficou trancada basicamente sempre, certo? Não é como se você tivesse tocado em um monte de caras a sua vida toda.

— *O quê*?

— Tipo… Adam foi o primeiro cara que foi… legal com você. Droga, ele provavelmente foi a primeira pessoa no mundo a ser legal com você. E ele consegue tocar em você. E ele não é, sabe, horrível de se olhar.

Uma pausa.

— Não posso culpá-la, para ser sincero. É difícil ficar sozinha. Todos nós ficamos um pouco desesperados às vezes.

— Certo — digo, devagar.

— Só estou dizendo — Kenji começa — que eu acho que faz sentido você se apaixonar por ele. Tipo, como padrão. Porque, se não fosse ele, quem mais? Suas opções eram superlimitadas.

— Ah — falo baixinho. — Certo. Por *padrão*.

Tento rir e não consigo, engolindo a seco, com dificuldade, a emoção presa na minha garganta.

— Às vezes nem tenho certeza se eu ao menos ainda sei o que é real.

— O que você quer dizer?

Faço que não com a cabeça.

— Não sei — sussurro, principalmente para mim mesma.

Uma pausa pesada.

— Você o amou de verdade…?

Hesito antes de responder.

— Acho que sim?

Suspiro.

— É possível amar alguém e, depois, parar de amar? Nem acho que sei o que é amor.

Kenji expira. Passa uma mão pelo cabelo.

— Puta que pariu — ele balbucia.

— Você já se apaixonou? — pergunto, virando-me de lado para olhá-lo.

Ele olha para o céu. Pisca algumas vezes.

— Não.

Eu me viro de novo, decepcionada.

— Ah.

— Isso é tão deprimente — Kenji diz.

— É.

— Nós somos péssimos.

— É.

— Então, conte de novo por que você gosta tanto do Warner. Ele, tipo, tirou toda a roupa ou algo assim?

— O quê? — Eu ofego, muito feliz por estar escuro demais para ele me ver corar. — Não — digo depressa. — Não, ele...

— Caramba, princesa.

Kenji ri, muito.

— Eu não fazia ideia.

Eu dou um soco no braço dele.

— Ei… Seja delicada comigo! — ele protesta, esfregando o ponto dolorido. — Sou mais fraco do que você!

— Sabe, eu meio que consigo controlar agora — conto a ele, sorrindo para o céu. — Posso moderar meus níveis de força.

— Que bom para você. Vou comprar uma bexiga para você no minuto em que o mundo parar de borrar a calça.

— Obrigada — digo, feliz. — Você é um bom professor.

— Sou bom em tudo — ele observa.

— Humilde também.

— E muito bonito.

Eu seguro uma risada.

— Você ainda não respondeu a minha pergunta — Kenji diz.

Ele se vira, dobra a mão atrás da cabeça.

— Por que você gosta tanto do riquinho?

Eu puxo um fôlego tenso. Concentro-me na estrela mais brilhante do céu.

— Eu gosto da maneira como me sinto em relação a mim mesma quando estou com ele — respondo em voz baixa. — Warner acha que sou forte e esperta e capaz e ele realmente valoriza minha opinião. Ele faz com que eu me sinta igual… Como se eu pudesse realizar tantas coisas quanto ele, e mais. E, se faço alguma coisa incrível, ele nem fica surpreso. Ele *espera* por isso. Ele não me trata

como se eu fosse uma menininha frágil que precisa ser protegida o tempo todo.

Kenji solta um rosnado.

— Isso é porque você *não* é frágil — afirma. — Na verdade, todo mundo precisa se proteger *de você*. Você é como uma besta, droga — ele diz.

Depois, acrescenta:

— Digo, você sabe… Tipo, uma besta fofa. Uma pequena besta que rasga as coisas e quebra a terra e suga a vida das pessoas.

— Legal.

— Estou aqui para ajudá-la.

— Estou vendo.

— Então, é isso? — Kenji diz. — Você simplesmente gosta dele por causa da personalidade dele, hein?

— O quê?

— Tudo isso — Kenji diz, balançando uma mão no ar — não tem nada a ver com ele ser sexy e essa merda toda e com ele poder tocar em você o tempo todo?

— Você acha o Warner sexy?

— Não foi isso que eu disse.

Eu rio.

— Eu gosto do rosto dele, sim.

— E do toque?

— Que toque?

Kenji olha para mim, os olhos arregalados, as sobrancelhas levantadas.

— Eu não sou o Adam, certo? Não pode me enganar com seu teatro de inocente. Você me diz que esse cara consegue *tocar* em

você e que ele gosta de você, e você claramente gosta dele, e passou a noite anterior na cama dele e, então, eu pego vocês dois em um maldito armário... Não, espere, desculpe, não um armário… Um *quarto de criança*… E está me dizendo que não houve *nada* de toque?

Ele me encara.

— É isso que está me dizendo?

— Não — eu sussurro, o rosto pegando fogo.

— Olhe, tudo o que estou tentando dizer é que você simplesmente está crescendo muito rápido. Você está ficando toda animada por poder tocar em coisas pela primeira vez, e eu só quero que você tenha certeza de que está cumprindo as regulamentações sanitárias...

— Pare de ser tão nojento.

— Ei... Só estou cuidando de v…

— Kenji?

— Sim?

Eu respiro fundo. Tento contar as estrelas.

— O que eu vou fazer?

— A respeito do quê?

Eu hesito.

— A respeito de tudo.

Kenji solta um som estranho.

— Que merda, eu é que não sei.

— Não quero fazer isso sem você — sussurro.

Ele se inclina para trás.

— Quem disse que você vai fazer qualquer coisa sem mim?

Eu levo um susto. Olho para ele.

— O quê? — ele pergunta.

Levanta as sobrancelhas.

— Você está surpresa?

— Você vai lutar comigo? — pergunto a ele, quase sem respirar. — Revidar comigo? Mesmo que seja com o Warner?

Kenji sorri. Olha para o céu.

— Pode apostar — diz.

— *Mesmo*?

— Estou ao seu lado, menina. É para isso que servem os amigos.

# 26



Quando voltamos para a casa, Castle está em pé no canto mais distante, conversando com Winston.

Kenji congela sob a moldura da porta.

Eu tinha esquecido que Kenji não havia tido chance de ver Castle de pé ainda e sinto uma dor verdadeira ao olhar para ele. Sou uma amiga horrível. Tudo o que faço é jogar meus problemas nele, sem pensar em perguntar sobre os dele. Ele deve ter tantas coisas na cabeça.

Kenji atravessa a sala entorpecido, sem parar até chegar a Castle. Coloca uma mão no ombro dele, Castle se vira. A sala toda para e assiste.

Castle sorri. Faz que sim com a cabeça, só uma vez.

Kenji o puxa em um abraço forte, segurando-o por apenas alguns segundos antes de se afastar. Os dois encaram um o outro com um tipo de reconhecimento silencioso. Castle apoia uma mão no braço de Kenji.

Kenji sorri.

E, depois, ele se vira e sorri para mim e, de repente, fico muito feliz, muito aliviada e emocionada e extasiada porque Kenji vai poder dormir com o coração mais leve esta noite. Eu sinto que poderia explodir de felicidade.

A porta se abre com violência.

Eu me viro.

Adam entra.

Meu coração murcha.

Adam nem olha para mim enquanto entra.

— James — ele diz, cruzando a sala. — Vamos, amigão. É hora de dormir.

James faz que sim com a cabeça e vai depressa para o quarto. Adam o segue. A porta se fecha atrás dele.

— Ele está em casa — Castle diz.

Ele parece aliviado.

Ninguém diz nada por um segundo.

— Certo, a gente deveria se preparar para ir dormir também — Kenji diz, olhando ao redor.

Ele anda até o canto e agarra uma pilha de cobertas. Passa-as para os outros.

— Todos dormem no chão? — pergunto.

Kenji faz que sim com a cabeça.

— É — ele diz. — Warner não estava errado. É mesmo como uma festa do pijama.

Eu tento rir.

Não consigo.

Todos se ocupam em arrumar as cobertas no chão. Winston, Brendan e Ian pegam um lado da sala, Alia e Lily, o outro. Castle dorme no sofá.

Kenji aponta para o meio.

— Você e eu vamos ali.

— Romântico.

— Bem que você queria.

— Onde o Adam dorme? — pergunto, baixando a voz.

Kenji para no meio do movimento de jogar um cobertor no chão. Levanta o olhar.

— O Kent não vai voltar — diz para mim. — Ele dorme com o James. O pobrezinho tem pesadelos muito ruins todas as noites.

— Ah — eu falo, surpresa e envergonhada de mim mesma por não me lembrar disso. — É claro.

É claro que ele dorme lá. Kenji deve saber disso em primeira mão também. Eles costumavam dividir um quarto no Ponto Ômega.

Winston aperta um interruptor. As luzes se apagam. Há um farfalhar de cobertores.

— Se eu ouvir algum de vocês conversar — Winston avisa —, vou pessoalmente enviar o Brendan para chutar a cara de vocês.

— Não vou chutar a cara de ninguém.

— Chute a sua própria cara, Brendan.

— Eu nem sei por que somos amigos.

— Por favor, calem a boca — Lily grita do canto.

— Vocês ouviram a dama — Winston diz. — Todo mundo cale a boca.

— É você que está falando, babaca — Ian retruca.

— Brendan, chute a cara dele, por favor.

— Cale a boca, cara, não vou chutar ninguém…

— *Boa noite* — Castle diz.

Todos param de respirar.

— Boa noite, senhor — Kenji sussurra.

Eu me viro e fico cara a cara com Kenji. Ele sorri para mim no escuro. Eu sorrio de volta.

— Boa noite — mexo a boca sem som.

Ele pisca para mim.

Meus olhos se fecham.

# 27



Adam está me ignorando.

Ele não disse uma palavra sobre ontem; não deixa transparecer nem um toque de raiva ou frustração. Ele conversa com todo mundo, ri com James, ajuda a preparar o café da manhã. E também finge que eu não existo.

Eu tentei dizer bom-dia para ele e ele fingiu não me ouvir. Ou talvez ele não tenha me ouvido mesmo. Talvez ele tenha conseguido treinar seu cérebro para não me ouvir nem ver mais.

Sinto como se eu estivesse levando um soco no coração.

Várias vezes.

— Então, o que vocês fazem o dia todo? — pergunto, tentando desesperadamente iniciar uma conversa.

Todos nós estamos sentados no chão, comendo tigelas de granola. Acordamos tarde, tomamos o café da manhã tarde. Ninguém se deu ao trabalho de guardar os cobertores ainda e Warner deve chegar em cerca de uma hora.

— Nada — Ian diz.

— Tentamos não morrer, na maior parte do tempo — Winston fala.

— É entediante *pra* burro — Lily conta.

— Por quê? — Kenji pergunta. — Você tem alguma coisa em mente?

— Ah — digo. — Não, eu só...

Hesito.

— Bem, o Warner vai chegar daqui a uma hora e, assim, eu não tinha certeza se...

Algo se quebra na cozinha. Uma tigela. Na pia. Talheres voando por toda a parte.

Adam sai para a sala de estar.

Os *olhos* dele.

— Ele não vai voltar para cá.

Essas, as primeiras seis palavras que Adam me diz.

— Mas eu já disse a ele — tento falar. — Ele vai…

— Esta é a *minha* casa — ele diz, os olhos faiscando. — Não vou deixá-lo entrar aqui.

Estou encarando Adam, o coração batendo fora do meu peito. Eu nunca achei que ele seria capaz de me olhar como se me odiasse. Como se me odiasse muito, muito.

— Kent, cara… — ouço Kenji dizer.

— NÃO.

— Vamos, cara, não precisa ser assim…

— Se você quer tanto vê-lo — Adam diz para mim —, pode dar o fora da minha casa. Mas ele não vai voltar para cá. Nunca.

Eu pisco.

Isso não está acontecendo de verdade.

— Aonde ela deve ir? — Kenji pergunta a ele. — Quer que ela fique na calçada? Para alguém denunciá-la e ela ser morta? Você está maluco?

— Não dou mais a mínima — Adam grita. — Ela pode fazer a merda que quiser.

Ele se vira para mim de novo.

— Quer ficar com ele? — Ele aponta para a porta. — Vá. Vê se morre.

O gelo está corroendo meu corpo.

Eu me levanto desajeitada. Minhas pernas estão instáveis. Estou fazendo que sim com a cabeça e não sei por quê, mas parece que não consigo parar. Ando em direção à porta.

— Juliette…

Eu me viro, embora seja Kenji quem chama meu nome, não Adam.

— Não vá a lugar nenhum — Kenji diz para mim. — Não se mexa. Isso é ridículo.

A situação saiu do controle. Não é só mais uma briga. Há um ódio puro e inalterado nos olhos de Adam, e estou tão pasma com a impossibilidade disso — tão pega de surpresa — que não sei como reagir. Eu nunca poderia ter previsto isso; nunca poderia ter imaginado que a situação poderia ficar assim.

O Adam real não me expulsaria de sua casa dessa maneira. Ele nunca falaria comigo assim. Não o Adam que eu conheço. O Adam que eu achava que conhecia.

— Kent — Kenji diz de novo —, você precisa se acalmar. Não está acontecendo nada entre ela e o Warner, ok? Ela só está tentando fazer o que acha certo...

— *Mentira!* — Adam explode. — Isso é mentira e você sabe e é um imbecil por negar. Ela tem mentido para mim esse tempo todo, maldição...

— Vocês dois nem estão juntos, cara, você não pode agir como se ela fosse sua...

— Nós nunca terminamos! — Adam grita.

— É claro que terminaram — Kenji retruca. — Todas as pessoas do Ponto Ômega ouviram sua bobagem melodramática pelos corredores. Todos nós sabemos que vocês terminaram. Então pare de lutar contra isso.

— Aquilo não contou como fim de namoro — Adam diz, sua voz rouca. — Nós ainda nos amamos...

— Certo, quer saber? Tanto faz. Não me importo.

Kenji balança a mão, revira os olhos.

— Mas estamos no meio de uma *guerra* agora. Que merda, ela levou um tiro no peito alguns dias atrás e quase morreu. Não acha possível que ela realmente esteja pensando em algo maior do que apenas vocês dois? Warner é louco, mas ele pode ajudar…

— Ela olha para aquele psicopata como se estivesse *apaixonada* por ele — Adam rosna de volta. — Acha que não sei como é esse olhar? Acha que eu não saberia reconhecer? Ela costumava olhar para *mim* desse jeito. Eu a conheço… Eu a conheço tão bem…

— Talvez não conheça.

— Pare de defendê-la!

— Você nem sabe o que está dizendo — Kenji diz a ele. — Você está agindo como um louco...

— Eu estava mais feliz quando pensava que ela estava *morta*.

— Você não está falando sério. Não diga coisas assim, cara. Depois de falar esse tipo de merda, você não pode retirar...

— Ah, eu falo sério — Adam diz. — Eu falo muito, muito sério.

Ele finalmente olha para mim. Os punhos cerrados. Olhos faiscando com raiva e angústia e coração partido.

— Pensar que você estava morta — ele diz para mim — era muito melhor. Doía muito menos.

As paredes estão se mexendo. Estou vendo pontos pretos, piscando para o nada.

Isso não está acontecendo de verdade, fico dizendo a mim mesma.

É apenas um pesadelo horrível e, quando eu acordar, Adam vai ser bom e gentil e maravilhoso de novo. Porque ele não é cruel assim. Não comigo. Nunca comigo.

— Você, mais que todas as outras pessoas — Adam diz para mim.

Ele parece muito enojado.

— Eu confiei em você… Contei coisas que nunca devia ter lhe contado… E, agora, você vai se esforçar ao máximo para jogar tudo de volta na minha cara. Não acredito que você faria isso comigo. Que você se apaixonaria por *ele*. Qual é o seu problema? — ele pergunta, a voz ficando mais aguda. — Quão doente da cabeça você está?

Estou com muito medo de falar.

Muito medo de mexer os lábios.

Estou tão assustada que, se me mexer um centímetro, meu corpo vai se partir em dois e todo mundo verá que minhas entranhas são feitas de nada, além das lágrimas que estou engolindo neste instante.

Adam faz que não com a cabeça. Solta uma risada triste e distorcida.

— Você nem mesmo nega — diz. — Inacreditável.

— Deixe-a em paz, Kent — Kenji fala, de repente, sua voz mortalmente cortante. — Estou falando sério.

— Isso não tem *nada* a ver com você...

— Você está sendo um babaca...

— Acha que dou a mínima para o que você pensa?

Adam se vira para ele.

— Esta luta não é sua, Kenji. Só porque ela é covarde demais para falar alguma coisa, não significa quer você precisa defendê-la...

Sinto como se eu tivesse saído de mim mesma. Como se meu corpo tivesse desabado no chão e estou olhando, observando conforme Adam se transforma em um ser humano completamente diferente. Todas as palavras. Todos os insultos que ele joga em mim parecem fraturar meus ossos. Logo, eu não serei nada além de sangue e um coração batendo.

— Vou sair — Adam está dizendo. — Vou sair e, quando voltar, quero que ela tenha ido embora.

Não chore, fico dizendo para mim mesma.

Não chore.

Isto não é real.

— Você e eu — Adam está dizendo agora, a voz muito áspera, muito brava — *acabou*. Terminou para nós — ele dispara. — Nunca mais quero vê-la. Em nenhum lugar deste mundo e, definitivamente, não na minha própria casa.

Ele me encara, o peito arfando.

— Então dê o fora. Dê o fora antes de eu voltar.

Ele atravessa a sala nervoso. Pega um casaco. Abre a porta com força.

As paredes tremem quando ele a bate.



Estou parada no meio da sala, olhando para o nada.

De repente, estou congelando. Minhas mãos, penso, estão tremendo. Ou talvez sejam meus ossos. Talvez meus ossos estejam tremendo. Eu me mexo mecanicamente, muito devagar, a mente ainda confusa. Estou vagamente ciente de que alguém pode estar me dizendo alguma coisa, mas estou muito concentrada em pegar meu casaco porque estou com muito frio. Está tão *frio* aqui. Preciso mesmo do meu casaco. E talvez das minhas luvas. Não consigo parar de tremer.

Eu visto o casaco. Enfio as mãos nos bolsos. Sinto que alguém pode estar falando comigo, mas não consigo ouvir nada em meio à estranha névoa que silencia meus sentidos. Cerro meus punhos e meus dedos e apalpo algo de plástico.

O *pager*. Eu tinha quase me esquecido.

Eu o tiro do bolso. É uma coisinha pequena; um retângulo fino e preto com um botão não saliente que ocupa todo o seu comprimento. Eu o aperto sem pensar. Eu o aperto de novo e de

novo e de novo, porque a ação me acalma. Conforta-me, de alguma forma. *Clique clique*. Gosto do movimento repetitivo. *Clique. Clique clique.* Não sei o que mais fazer.

*Clique.*

Mãos se apoiam em meus ombros.

Eu me viro. Castle está parado logo atrás de mim, os olhos pesados de preocupação.

— Você não vai embora — ele me diz. — Vamos resolver as coisas. Vai ficar tudo bem.

— Não.

Minha língua é pó. Meus dentes quebram-se em pedacinhos.

— Tenho de ir.

Não consigo parar de apertar o botão deste *pager*.

*Clique.*

*Clique clique.*

— Venha se sentar — Castle está falando para mim. — Adam está chateado, mas ele vai ficar bem. Tenho certeza de que ele não falou sério.

— Estou bem certo de que falou — Ian diz.

Castle lança um olhar cortante para ele.

— Você não pode ir embora — diz Winston. — Achei que fôssemos dar umas porradas juntos. Você prometeu.

— É — Lily entra na conversa, tentando soar animada.

Porém, seus olhos estão cuidadosos, apertados de temor ou preocupação e percebo que ela está morrendo de medo por mim.

Não *de* mim.

*Por* mim.

É a sensação mais estranha.

*Clique clique clique.*

*Clique clique.*

— Se você for embora — ela está dizendo, tentando sorrir —, teremos que viver assim para sempre. E eu não quero viver como um monte de meninos fedidos pelo resto da vida.

*Clique*.

*Clique clique.*

— Não vá embora — James pede.

Ele parece muito triste. Muito sério.

— Eu sinto muito pelo Adam ter sido mau com você. Mas não quero que você morra — ele declara. — E eu não queria que você estivesse morta. Juro que não.

James. Doce James. Seus olhos partem meu coração.

— Não posso ficar.

Minha voz soa estranha para mim. Quebrada.

— Ele falou sério…

— Vamos ser um grupo triste e patético se você for embora — Brendan me interrompe. — E tenho de concordar com a Lily. Não quero viver assim por muito mais tempo.

— Mas como…

A porta da frente é aberta com violência.

— JULIETTE… *Juliette…*

Eu me viro.

Warner está parado ali, o rosto corado, o peito subindo e descendo, encarando-me como se eu pudesse ser um fantasma. Ele atravessa a sala a passos largos antes de eu ter chance de dizer uma palavra e aninha meu rosto nas mãos, seus olhos me procurando.

— Você está bem? — ele está dizendo. — Meu Deus... Você está bem? O que aconteceu? Você está bem?

*Ele está aqui.*

Ele está aqui e tudo o que quero fazer é desmoronar, mas não o faço.

Não vou fazer.

— Obrigada — consigo dizer para ele. — Obrigada por ter vindo...

Ele me envolve em seus braços, sem se importar com os sete pares de olhos que nos observam. Ele apenas me abraça, um braço apertado em volta de minha cintura, o outro colocado atrás de minha cabeça. Meu rosto está enterrado em seu peito e o calor dele é muito familiar para mim agora. Estranhamente reconfortante. Ele sobe e desce a mão pelas minhas costas, tomba sua cabeça na direção da minha.

— Qual é o problema, amor? — ele sussurra. — O que aconteceu? Conte para mim, por favor…

Eu pisco.

— Quer que eu a leve de volta?

Não respondo.

Não sei mais o que quero ou preciso fazer. Todos estão me dizendo para ficar, mas esta não é a casa deles. Esta é a casa de Adam e está bem claro que ele me odeia agora. No entanto, eu também não quero deixar meus amigos. Não quero deixar Kenji.

— Você quer que *eu* vá embora? — Warner pergunta.

— Não — digo rápido demais. — Não.

Warner inclina-se para trás, só um pouco.

— Diga o que você quer — ele pede com desespero. — Diga para mim o que fazer — ele fala — e eu farei.

— Isto é, de longe, a merda mais louca que já vi — Kenji declara. — Eu realmente nunca teria acreditado. Nem em um milhão de anos.

— É como uma novela.

Ian faz que sim com a cabeça.

— Mas com atores piores.

— Eu acho meio fofo — Winston diz.

Eu recuo depressa, meio girando. Todos estão olhando para nós. Winston é o único que está sorrindo.

— O que está acontecendo? — Warner pergunta para eles. — Por que ela parece prestes a chorar?

Ninguém responde.

— Cadê o Kent? — Warner pergunta, os olhos se apertando enquanto ele estuda os rostos dos outros. — O que ele fez com ela?

— Ele não está — Lily conta. — Saiu faz pouco tempo.

Os olhos de Warner se escurecem conforme ele processa a informação. Vira-se para mim.

— Por favor, diga que você não quer mais ficar aqui.

Eu baixo a cabeça para as minhas mãos.

— Todos querem ajudar… a lutar… exceto Adam. Mas eles não podem sair daqui. E eu não quero deixá-los para trás.

Warner suspira. Fecha os olhos.

— Então fique — ele diz, com gentileza. — Se é o que você quer. Fique aqui. Eu sempre posso vir encontrá-la.

— Não posso. Tenho de ir. Não tenho permissão para voltar para cá.

— O quê?

Raiva. Entra e sai dos olhos dele.

— O que quer dizer com não ter *permissão*?

— Adam não quer mais que eu fique aqui. Eu tenho que ir embora antes de ele voltar.

O queixo de Warner fica duro. Ele me encara pelo que parece durar um século. Eu quase posso *vê-lo* pensando — sua mente trabalhando em um nível impossível — para encontrar uma solução.

— Certo — ele diz enfim. — Certo.

Ele solta o ar.

— Kishimoto — diz rapidamente, sem quebrar o contato visual comigo.

— Presente, senhor.

Warner tenta não revirar os olhos quando se vira na direção de Kenji.

— Vou acomodar seu grupo no meu espaço de treinamento privativo na base. Precisarei de um dia para acertar os detalhes, mas vou garantir que vocês tenham acesso fácil e portas abertas para entrar no terreno ao chegar. Você vai tornar sua equipe e a si mesmo invisíveis e seguir minhas ordens. Fiquem à vontade para permanecer naquele espaço até estarmos prontos para dar prosseguimento à primeira etapa do nosso plano.

Uma pausa.

— Esse esquema vai funcionar para você?

Kenji realmente parece enojado.

— De jeito nenhum.

— Por que não?

— Você vai nos trancar no seu “espaço de treinamento privativo”? — Kenji indaga, fazendo aspas com os dedos. — Por que não diz simplesmente que vai nos colocar em uma gaiola e nos matar devagar? Acha que sou imbecil? Que motivo eu teria para acreditar nesse tipo de merda?

— Vou garantir que vocês sejam alimentados bem e com regularidade — Warner diz como resposta. — Suas acomodações serão simples, mas não serão mais simples do que isto — ele diz, fazendo um gesto para a sala. — O esquema vai nos dar diversas oportunidades de nos reunirmos e estruturarmos nossos próximos passos. Vocês devem saber que estão colocando todos em risco ao ficarem em área não regulamentada. Você e seus amigos estarão mais seguros comigo.

— Mas por que você faria isso? — Ian pergunta. — Por que iria querer nos ajudar e nos alimentar e nos manter vivos? Isso não faz nenhum sentido…

— Não precisa fazer nenhum sentido.

— É claro que precisa — Lily rebate.

Seus olhos estão duros, bravos.

— Não vamos entrar em uma base militar apenas para acabarmos mortos — ela dispara. — Isso pode ser um truque doentio.

— Tudo bem — Warner diz.

— Tudo bem o quê? — Lily pergunta.

— Não venham.

— Ah.

Lily pisca.

Warner vira-se para Kenji.

— Você está recusando minha oferta oficialmente, então?

— É, não, obrigado — Kenji diz.

Warner faz que sim com a cabeça. Olha para mim.

— Vamos indo?

— Mas… Não…

Estou em pânico agora, olhando de Warner para Kenji e de volta para Warner.

— Eu não posso simplesmente *ir embora*… Não posso simplesmente nunca mais vê-los...

Viro-me para Kenji.

— Você vai simplesmente ficar aqui? — pergunto. — E eu nunca mais vou vê-lo?

— Você pode ficar aqui com a gente.

Kenji cruza os braços na frente do peito.

— Não precisa ir embora.

— Você sabe que eu não posso ficar — digo a ele, brava e ferida.

— Você sabe que Adam falou sério... Ele vai enlouquecer se voltar e eu ainda estiver aqui…

— Então você simplesmente vai embora? — Kenji pergunta, cortante. — Vai abandonar todos nós — ele faz um gesto para todos — só porque o Adam decidiu ser um babaca? Você está trocando todos nós pelo Warner?

— Kenji… Eu não estou… Eu não tenho nenhum outro lugar para morar! O que eu devo…

— *Fique.*

— Adam vai me expulsar…

— Não, não vai — Kenji diz. — Nós não vamos deixar.

— Eu não vou forçá-lo a me aceitar. Não vou implorar para ele. Deixe-me pelo menos ir embora com um fiapo de dignidade…

Kenji joga os braços para cima, frustrado.

— Isso é *bobagem*!

— Venha comigo — digo a ele. — Por favor… Eu quero que a gente fique junto...

— Não podemos — ele responde. — Não podemos arriscar isso, J. Não sei o que está acontecendo entre vocês dois — ele continua, fazendo um gesto entre Warner e mim. — Talvez ele seja mesmo

diferente com você, não sei, tanto faz... Mas não posso colocar a vida de todos nós em risco com base em emoções e em uma suposição. Talvez ele se importe com *você* — Kenji diz —, mas ele não dá a mínima para o resto de nós.

Ele olha para Warner.

— Não é?

— Não é o quê? — Warner pergunta.

— Você se importa com qualquer um de nós? Com a nossa sobrevivência... o nosso bem-estar?

— Não.

Kenji quase ri.

— Bem, pelo menos você é sincero.

— A minha oferta, entretanto, ainda está de pé. E você é um idiota de recusar — Warner afirma. — Vocês todos vão morrer aqui fora, e você sabe disso melhor do que eu.

— Vamos arriscar.

— Não — eu ofego. — Kenji...

— Vai ficar tudo bem — ele fala para mim.

Sua testa está franzida, os olhos, pesados.

— Tenho certeza de que vamos encontrar uma forma de nos vermos um dia. Faça o que você precisa fazer.

— Não — estou tentando dizer.

Estou tentando respirar. Meus pulmões estão inchando, meu coração está batendo tão depressa que posso ouvi-lo martelando em meu ouvido. Estou me sentindo quente e fria e muito quente, muito fria. E tudo em que consigo pensar é *não*, não era para isto estar acontecendo desta forma, não era para tudo desmoronar, não de novo não de novo...

Warner agarra meu braço.

— Por favor — ele está dizendo, com voz de urgência, em pânico. — Por favor, não faça isso, amor. Eu preciso que você não faça isso…

— Maldição, Kenji! — eu explodo, libertando-me de Warner. — Por favor, pelo amor de Deus, não seja idiota. Você tem que vir comigo… Eu preciso de você…

— Eu preciso de algum tipo de garantia, J.

Kenji está andando de um lado para o outro, as mãos no cabelo.

— Não posso apenas confiar que tudo vai ficar bem…

Eu me viro para Warner, o peito arfando, os punhos cerrados.

— Dê a eles o que eles querem. Eu não me importo o que seja — digo para ele. — Por favor, você precisa negociar. Você precisa fazer isso dar certo. Eu preciso dele. Eu preciso dos meus amigos.

Warner olha para mim por um longo tempo.

— Por favor — eu sussurro.

Ele desvia o olhar. Olha de volta para mim.

Enfim, concentra-se nos olhos de Kenji. Suspira.

— O que você quer?

— Eu quero um banho quente — ouço Winston dizer.

E, depois, ele ri.

Ele chega mesmo a rir.

— Dois dos meus homens estão doentes e feridos — Kenji diz, imediatamente mudando de atitude.

A voz dele está clara, cortante. Sem sentimento.

— Eles precisam de remédios e de cuidados médicos. Nós não queremos ser monitorados, não quero um toque de recolher e queremos poder comer mais do que comida tirada de máquinas. Queremos proteína. Frutas. Legumes. Refeições de verdade.

Queremos acesso regular a chuveiros. Vamos precisar de roupas novas. E queremos permanecer armados o tempo todo.

Warner está tão imóvel aa meu lado que eu mal consigo ouvi-lo respirar mais. Minha cabeça está latejando com muita força e meu coração ainda está acelerado em meu peito, mas me acalmei o suficiente para conseguir respirar com um pouco mais de facilidade.

Warner olha para baixo, para mim.

Ele sustenta meu olhar por apenas um momento antes de fechar os olhos. Exala uma respiração cortante. Olha para cima.

— Certo — ele fala.

Kenji o está encarando.

— Espere… *O quê*?

— Eu vou voltar amanhã às 14 horas para guiá-lo para seu novo alojamento

— Puta que pariu.

Winston está pulando no sofá.

— Puta que pariu puta que pariu puta que *pariu*.

— Você está com as suas coisas? — Warner pergunta para mim.

Faço que sim com a cabeça.

— Bom — ele diz. — Vamos.



Warner está segurando minha mão.

Eu só tenho energia suficiente para me concentrar nesse fato único e estranho enquanto ele me guia escada abaixo e até o estacionamento. Ele abre a porta do tanque e me ajuda a entrar antes de fechá-la atrás de mim.

Sobe para o outro lado.

Liga o motor.

Já estamos na estrada e eu pisquei apenas seis vezes desde que saímos da casa de Adam.

Ainda não consigo acreditar no que acabou de acontecer. Não consigo acreditar que todos nós vamos trabalhar juntos. Não consigo acreditar que eu disse a Warner o que fazer e que ele *me ouviu.*

Viro-me para olhar para ele. É estranho: nunca me senti tão segura nem tão aliviada de estar a seu lado. Nunca pensei que poderia me sentir dessa maneira com ele.

— Obrigada — eu sussurro, grata e culpada, de alguma forma, com tudo o que aconteceu.

Por deixar Adam para trás. Percebo agora que fiz o tipo de escolha que não posso desfazer. Meu coração ainda está se partindo.

— De verdade — digo de novo. — Muito obrigada. Por ter vindo me buscar. Eu agradeço...

— Por favor — ele fala. — Estou implorando para você parar.

Eu fico imóvel.

— Não consigo suportar sua dor — ele conta. — Consigo senti-la com intensidade e isso está me enlouquecendo... *Por favor*. Não fique triste. Ou machucada. Ou culpada. Você não fez nada de errado.

— Sinto muito...

— Também não sinta muito — Warner diz. — Por Deus, o único motivo de eu não matar o Kent por causa disso é eu saber que você só ficaria mais chateada.

— Você está certo — eu falo depois de um momento. — Mas não é só ele.

— O quê? — ele pergunta. — O que você quer dizer?

— Não quero que você mate absolutamente ninguém — digo. — Não apenas o Adam.

Warner dá uma risada cortante e estranha. Ele parece quase aliviado.

— Você tem mais alguma cláusula?

— Na verdade, não.

— Você não quer me consertar então? Você não tem uma longa lista de coisas nas quais eu preciso trabalhar?

— Não.

Eu olho para fora da janela. A vista é tão desolada. Tão fria. Coberta de gelo e neve.

— Não há nada errado com você que já não esteja errado comigo — declaro em voz baixa. — E, se eu fosse esperta, em primeiro lugar, descobriria como me consertar.

Nós dois ficamos em silêncio por um tempo. A tensão é muito espessa neste espaço pequeno.

— Aaron? — digo, ainda observando o cenário passar voando.

Ouço o pequeno aperto na respiração dele. A hesitação. Essa é a primeira vez em que eu uso o primeiro nome dele com tanta casualidade.

— Sim? — ele fala.

— Quero que você saiba — conto a ele — que eu não acho que você é louco.

— O quê?

Ele se assusta.

— Eu não acho que você é louco.

O mundo está sumindo, embaçado, conforme eu o observo através da janela.

— E eu não acho que você é um psicopata. Eu também não acho que você é um monstro doente e cruel. Não acho que você é um assassino sem coração e não acho que você merece morrer e não acho que você é patético. Ou idiota. Ou covarde. Não acho que você é nenhuma das coisas que as pessoas já falaram de você.

Eu me viro para olhar para ele.

Warner está olhando fixamente para o para-brisa.

— Não acha?

A voz dele está tão suave e tão assustada que eu mal consigo ouvi-la.

— Não — digo. — Não acho. E só achei que você deveria saber. Não estou tentando consertá-lo, não acho que você precisa ser consertado. Não estou tentando transformá-lo em outra pessoa. Só quero que você seja quem você é de verdade. Porque eu acho que conheço o seu verdadeiro eu. Acho que já o vi.

Warner não diz nada, seu peito subindo e descendo.

— Não me importa o que nenhuma outra pessoa diga de você — falo para ele. — Acho que você é uma pessoa boa.

Warner está piscando depressa agora. Posso ouvi-lo respirar.

Inspirando e expirando.

Irregularmente.

Ele não diz nada.

— Você… acredita em mim? — pergunto, depois de um momento. — Você consegue sentir que estou falando a verdade? Que estou falando sério mesmo?

As mãos de Warner estão apertadas em volta do volante. Os nós de seus dedos estão brancos.

Ele faz que sim com a cabeça.

Apenas uma vez.

# 30



Warner ainda não disse uma palavra para mim.

Estamos no quarto dele agora, cortesia de Delalieu, que Warner dispensou rapidamente. Parece estranho e familiar estar de volta aqui, neste quarto onde eu encontrei tanto medo como conforto.

Agora, parece certo para mim.

Este é o quarto de Warner. E Warner, para mim, não é mais algo a temer.

Estes últimos meses o transformaram aos meus olhos, e estes últimos dias foram cheios de revelações das quais ainda estou me recuperando. Não posso negar que ele parece diferente para mim agora.

Sinto que o entendo de uma maneira como nunca o entendi antes.

Ele é como um animal apavorado, torturado. Uma criatura que passou a vida toda apanhando, sendo maltratada e trancafiada. Ele foi forçado para uma vida que nunca pediu e nunca teve uma oportunidade de escolher nenhuma outra coisa. E, embora tenha

recebido todas as ferramentas para matar uma pessoa, ele é muito emocionalmente torturado para conseguir usar essas habilidades contra o próprio pai; a pessoa exata que o ensinou a ser um assassino. Porque, de alguma forma, de alguma maneira estranha e inexplicável, ele ainda quer que o pai o ame.

E eu entendo isso.

Entendo de verdade, mesmo.

— O que aconteceu? — Warner enfim me pergunta.

Estou sentada na cama dele; ele está parado ao lado da porta, olhando para a parede.

— O que você quer dizer?

— Com o Kent — ele fala. — Mais cedo. O que ele falou para você?

— Ah.

Eu fico corada. Constrangida.

— Ele me expulsou da casa dele.

— Mas por quê?

— Ele ficou bravo — explico. — Por eu o estar defendendo. Por eu tê-lo convidado para voltar, para início de conversa.

— Ah.

Eu quase consigo ouvir nossos corações baterem no silêncio entre nós.

— Você estava me defendendo — Warner diz enfim.

— Sim.

Ele não fala nada.

Eu não falo nada.

— Então, ele lhe disse para sair — Warner começa — porque você estava me defendendo.

— Sim.

— Isso é tudo?

Meu coração está disparado. De repente, estou nervosa.

— Não.

— Havia outras coisas?

— Sim.

Warner pisca para a parede. Sem emoção.

— É mesmo?

Faço que sim com a cabeça.

Ele não fala nada.

— Ele estava chateado — eu sussurro — porque eu não concordei que você é louco. E ele estava me acusando — eu hesito — de estar apaixonada por você.

Warner solta um suspiro cortante. Toca com uma mão a moldura da porta.

Meu coração está batendo com muita força.

Os olhos de Warner estão colados na parede.

— E você disse a ele que ele é um idiota.

Eu suspiro.

— Não.

Warner se vira, só meia-volta. Vejo o perfil dele, o subir e descer irregular de seu peito. Ele está olhando diretamente para a porta agora, e está claro que está lhe custando muito esforço para falar.

— Então você lhe disse que ele é louco. Você lhe disse que ele tinha de estar fora de si para dizer algo assim.

— Não.

— Não — ele ecoa.

Eu tento não me mexer.

Warner toma um fôlego difícil e trêmulo.

— Então, o que você disse para ele?

Sete segundos morrem entre nós.

— Nada — eu murmuro.

Warner fica imóvel.

Eu não respiro.

Ninguém fala pelo que parece uma eternidade.

— É claro — Warner diz enfim.

Ele parece pálido, desequilibrado.

— Você não disse nada. É claro.

— Aaron…

Eu fico em pé.

— Eu tenho muitas coisas a fazer antes de amanhã — ele fala. — Em especial se seus amigos vierem ficar com a gente na base.

Suas mãos tremem durante o segundo que ele leva para alcançar a porta.

— Desculpe — ele fala —, mas eu tenho que ir.



Eu decido tomar um banho de banheira.

Nunca tomei um banho de banheira antes.

Dou uma procurada pelo banheiro enquanto a banheira se enche de água quente e descubro pilhas e pilhas de sabonetes perfumados. Todos os diferentes tipos. Todos os diferentes tamanhos. Cada barra de sabonete foi embrulhada em um pedaço grosso de pergaminho e amarrada com um barbante. Há pequenos rótulos presos a cada pacote para distinguir um aroma do outro.

Eu pego um dos embrulhos.

MADRESSILVA

Eu aperto o sabonete e não posso deixar de pensar como era diferente tomar banho no Ponto Ômega. Não tínhamos nada assim tão chique. Nossos sabonetes eram ásperos e tinham um cheiro estranho e eram até certo ponto ineficazes. Kenji costumava levá-los às nossas sessões de treinamento e quebrá-los em pedaços para jogar em mim quando eu não estava me concentrando.

A lembrança me deixa inexplicavelmente emotiva.

Meu coração se inflama conforme me lembro de que meus amigos estarão aqui amanhã. Isso vai mesmo acontecer, eu acho. Somos incontroláveis, todos nós juntos. Mal posso esperar.

Olho com mais atenção para o rótulo.

*Notas de saída de jasmim e nuances de uva. Notas suaves de lilás, madressilva, rosa e canela. Notas de base de pó e flor de laranjeira completam a fragrância.*

Parece incrível.

Eu roubo um dos sabonetes de Warner.

Estou recém-esfregada e usando roupas limpas.

Fico cheirando minha pele, agradavelmente surpresa com o quanto é bom ter cheiro de flor. Eu nunca tive cheiro de nada antes. Fico descendo os dedos pelos braços, admirada com quanta diferença uma boa barra de sabonete pode fazer. Nunca me senti tão limpa na vida. Eu não sabia que sabonete podia fazer espuma assim ou reagir tão bem com o meu corpo. O único sabonete que eu já usara antes sempre ficava seco na minha pele e me deixava desconfortável por algumas horas. Mas isto é estranho. Maravilhoso. Sinto-me macia e suave e muito refrescada.

Também não tenho absolutamente nada para fazer.

Sento-me na cama de Warner, puxo os pés para debaixo de mim. Encaro a porta do escritório dele.

Estou muito tentada a ver se a porta está destrancada.

Minha consciência, no entanto, ganha de mim.

Afundo nos travesseiros com um suspiro. Chuto as cobertas para cima e me aconchego embaixo delas.

Fecho os olhos.

Minha mente é inundada no mesmo instante por imagens do rosto bravo de Adam, seus punhos trêmulos, suas palavras cruéis. Tento

afastar as lembranças e não consigo.

Meus olhos se abrem de repente.

Pergunto-me se um dia eu o verei e verei James de novo.

Talvez fosse isso que Adam queria. Ele pode voltar à sua vida com seu irmãozinho agora. Ele não terá de se preocupar em dividir as porções com outras oito pessoas e poderá sobreviver por muito mais tempo assim.

*Mas e depois?*, não posso deixar de pensar.

Ele ficará totalmente sozinho. Sem comida. Sem amigos. Sem fonte de renda.

Fico de coração partido ao imaginar isso. De imaginá-lo lutando para encontrar uma maneira de viver, de sustentar o irmão. Porque, embora Adam me odeie agora, eu acho que nunca vou poder ter um sentimento recíproco a esse.

Eu nem sei se entendo o que acabou de acontecer entre nós.

Parece impossível Adam e eu termos podido nos dividir e nos separar tão abruptamente. Eu me importo tanto com ele. Ele estava a meu lado quando mais ninguém estava; ele me deu esperança quando eu mais precisava dela; ele me amou quando ninguém mais me amava. Ele não é alguém que eu quero apagar da minha vida.

Eu o quero por perto. Eu quero meu amigo de volta.

Mas estou percebendo agora que Kenji estava certo.

Adam foi a primeira e única pessoa que mostrou compaixão por mim. A primeira e, na época, a única pessoa que era capaz de tocar em mim. Fui pega pela impossibilidade daquilo, muito convencida de que o destino tinha nos unido. A tatuagem dele era uma impressão perfeita dos meus sonhos.

Achei que se tratava de nós. Da minha fuga. Do nosso felizes-para-sempre.

E era.

E não era.

Quero rir da minha própria cegueira.

Ela nos ligou, eu percebo. Aquela tatuagem. Ela realmente me uniu a Adam, mas não porque estávamos destinados um para o outro. Não porque ele era meu voo para a liberdade. Mas porque nós temos uma ligação enorme entre nós. Um tipo de esperança que nenhum de nós pôde ver.

Warner.

Um pássaro branco com listras de ouro iguais a uma coroa sobre sua cabeça.

Um menino de pele clara e cabelos dourados, o líder do Setor 45.

Sempre foi. O tempo todo.

A ligação.

Warner, o irmão de Adam, meu captor e agora camarada. Ele inadvertidamente me uniu a Adam. E estar com Adam me deu um novo tipo de força. Eu ainda estava assustada e muito ferida e Adam cuidou de mim, deu-me um motivo para ficar em pé por conta própria quando eu era muito fraca para perceber que eu sempre fora motivo suficiente. Foi afeição e um desejo desesperado por ligação física. Duas coisas das quais eu fora muito privada e com as quais eu era tão completamente desacostumada. Eu não tinha nada com que comparar essas novas experiências.

É claro que eu pensei que fosse amor.

Porém, embora eu não saiba muito, sei que, se Adam me amasse de verdade, não teria me tratado como me tratou hoje. Ele não iria preferir que eu estivesse morta.

Sei disso porque eu tinha visto o contrário.

Porque eu *estava* morrendo.

E Warner poderia ter me deixado morrer. Ele estava bravo e ferido e tinha todos os motivos para ser amargo. Eu tinha acabado de

arrancar o coração dele; eu tinha deixado que ele acreditasse que algo sairia do nosso relacionamento. Eu tinha deixado que ele confessasse a profundidade de seus sentimentos por mim; eu o deixei tocar em mim de maneiras que Adam não tocara. Eu não pedi que ele parasse.

Cada centímetro meu estava dizendo sim.

E, depois, eu retirei tudo. Porque eu estava assustada, e confusa, e em conflito. Por causa de Adam.

Warner me disse que me amava e, em troca, eu o insultei e menti para ele e gritei com ele e o afastei. E, quando ele teve a chance de ficar de fora e me ver morrer, ele não o fez.

Ele achou uma maneira de salvar minha vida.

Sem exigências. Sem expectativas. Acreditando completamente que eu estava apaixonada por outra pessoa e que salvar minha vida significava me deixar inteira de novo, só para me devolver para outro cara.

E, neste momento, não posso dizer que sei o que Adam faria se eu estivesse morrendo na frente dele. Não tenho certeza se ele teria salvado minha vida. E essa incerteza por si só me faz saber que alguma coisa não estava certa entre nós. Alguma coisa não era real.

Talvez nós dois tenhamos nos apaixonado com a ilusão de algo mais.

# 32



Meus olhos se abrem de repente.

Está escuro como breu. Silencioso. Eu me levanto rápido demais.

Devo ter pegado no sono. Não faço ideia de que horas são, mas uma olhada rápida pelo quarto me diz que Warner não está aqui.

Deslizo para fora da cama. Ainda estou usando meias e, de repente, estou grata; tenho de enrolar os braços em volta do corpo, tremendo conforme o ar frio do inverno penetra pelo tecido fino da minha camiseta. Meu cabelo ainda está um pouco úmido do banho.

A porta do escritório de Warner está com uma fresta aberta.

Há uma faixa de luz espiando pela abertura e isso me fazer pensar se ele realmente se esqueceu de fechar ou se, talvez, acabou de entrar. Talvez ele nem esteja lá. Mas minha curiosidade ganha de minha consciência desta vez.

Eu quero saber onde ele trabalha e como é a escrivaninha dele; quero saber se ele é bagunceiro ou organizado ou se deixa seus

itens pessoais por perto. Pergunto-me se ele tem alguma foto de si mesmo quando criança.

Ou da mãe.

Eu avanço nas pontas dos pés, borboletas sendo acordadas no meu estômago. Eu não devia estar nervosa, digo a mim mesma. Não estou fazendo nada ilegal. Só vou ver se ele está lá e, se não estiver, vou embora. Só vou entrar por um segundo. Não vou mexer em nenhuma das coisas dele.

Não vou.

Eu hesito do lado de fora da porta. Está tão silencioso que tenho quase certeza de que meu coração está batendo alto e forte o bastante para ele ouvir. Não sei por que estou com tanto medo.

Bato duas vezes na porta conforme a empurro.

— Aaron, você está…

Algo se quebra no chão.

Eu empurro a porta e corro para dentro, parando de repente assim que cruzo a soleira. Pasma.

O escritório dele é enorme.

É do tamanho do quarto todo dele e do closet combinados. Maior. Há tanto espaço aqui… Espaço suficiente para abrigar uma enorme mesa de reunião e seis cadeiras localizadas de cada lado dela. Há um sofá e algumas mesinhas colocadas no canto, e uma das paredes é feita apenas de estantes de livros. Lotada de livros. Explodindo de livros. Livros antigos e livros novos e livros com as lombadas caindo.

Tudo aqui é feito de madeira escura.

Madeira tão marrom que parece preta. Linhas limpas e retas, cortes simples. Nada é ornamentado ou volumoso. Nada de couro. Nada de cadeiras de encosto alto e madeira com entalhes superdetalhados. Minimalista.

A mesa de reuniões está cheia de pilhas de pastas de arquivos e papéis e fichários e cadernos. O chão está coberto por um tapete oriental espesso e macio, parecido com o do quarto. E, no canto mais distante do escritório, está a mesa dele.

Warner está me encarando em choque.

Não está usando nada além de sua calça e um par de meias, a camisa e o cinto descartados. Está em pé em frente à sua mesa, agarrando algo… Algo que não posso ver bem.

— O que você está fazendo aqui?

A porta estava aberta.

Que resposta idiota.

Ele olha para mim.

— Que horas são? — pergunto.

— Uma e meia da manhã — ele fala automaticamente.

— Ah.

— Você deveria voltar para a cama.

Não sei por que ele parece tão nervoso. Por que seus olhos ficam pulando de mim para a porta.

— Não estou mais cansada.

— Ah.

Ele fica mexendo no que agora percebo que é um pequeno pote em suas mãos. Apoia-o na mesa atrás de si sem se virar.

Ele esteve tão estranho hoje, penso. Tão diferente. Ele costuma ser composto, muito seguro de si. Mas, recentemente, tem estado tão inquieto perto de mim. A inconsistência é enervante.

— O que você está fazendo? — pergunto.

Há cerca de 3 metros entre nós, e nenhum dos dois está fazendo qualquer esforço para reduzir o espaço. Estamos conversando como se não nos conhecêssemos, como se fôssemos estranhos que

acabaram de se encontrar em uma situação constrangedora. O que é ridículo.

Eu começo a cruzar o escritório, a caminhar até ele.

Ele congela.

Eu paro.

— Está tudo bem?

— Sim — ele diz, rápido demais.

— O que é isso? — pergunto, apontando para o pequeno pote de plástico.

— Você devia voltar a dormir, amor. Você provavelmente está mais cansada do que pensa...

Eu ando diretamente até ele, estendo a mão e agarro o pote antes de ele poder fazer algo para me impedir.

— Isso é uma violação de privacidade — diz, cortante, parecendo mais com ele mesmo. — Dê isso de volta para mim...

— Remédio? — pergunto, surpresa.

Eu viro o pequeno pote nas minhas mãos, lendo o rótulo. Levanto o olhar para ele. Enfim entendendo.

— Isso é para cicatrizes.

Ele passa uma mão pelo cabelo. Olha na direção da parede.

— Sim — ele diz. — Agora, por favor, devolva para mim.

— Você precisa de ajuda? — pergunto.

Ele fica imóvel.

— O quê?

— Isto é para as suas costas, não é?

Ele passa uma mão pela boca, descendo pelo queixo.

— Você não vai me permitir sair desta nem com um grama de respeito por mim mesmo, vai?

— Eu não sabia que você se importava com as suas cicatrizes — falo para ele.

Dou um passo para a frente.

Ele dá um passo para trás.

— Não me importo.

— Então, por que isto?

Eu levanto o pote.

— Onde você conseguiu, para início de conversa?

— Não é nada… É só…

Ele faz que não com a cabeça.

— Delalieu encontrou para mim. É ridículo — ele diz. — Eu me sinto ridículo.

— Porque você não consegue alcançar suas próprias costas?

Ele então me encara. Suspira.

— Vire-se — digo a ele.

— Não.

— Você está agindo de modo estranho sem motivo. Eu já vi suas cicatrizes.

— Não significa que você precisa vê-las de novo.

Não consigo deixar de sorrir um pouco.

— O que foi? — ele pergunta. — O que é tão engraçado?

— É só que você não parece o tipo de pessoa que teria vergonha de algo assim.

— Não tenho.

— Obviamente.

— Por favor — ele diz —, volte para a cama.

— Estou superacordada.

— Isso não é problema meu.

— Vire-se — eu falo de novo para ele.

Ele aperta os olhos para mim.

— Por que você está usando esta coisa? — pergunto a ele pela segunda vez. — Você não precisa disso. Não use se o faz se sentir desconfortável.

Ele fica quieto por um momento.

— Você não acha que eu preciso?

— É claro que não. Por quê…? Você sente dor? As cicatrizes doem?

— Às vezes — ele responde em voz baixa. — Não tanto quanto costumavam doer. Na verdade, eu não tenho mais muita sensibilidade nas costas.

Algo frio e afiado me atinge na barriga.

— É mesmo?

Ele faz que sim com a cabeça.

— Você vai me contar de onde elas vieram? — sussurro, sem conseguir olhar nos olhos dele.

Ele fica em silêncio por tanto tempo que, enfim, sou forçada a levantar o olhar.

Os olhos dele estão sem emoção, o rosto está muito neutro. Ele limpa a garganta.

— Elas foram meus presentes de aniversário — ele conta. — Todos os anos desde que eu tinha cinco anos. Até eu completar dezoito — diz. — Ele não voltou para o meu aniversário de dezenove.

Estou congelada de horror.

— Certo.

Warner olha para suas mãos.

— Então...

— Ele o *cortou*? — Minha voz está muito rouca.

— Chicote.

— Ah, meu Deus — eu ofego, cobrindo a boca.

Tenho de olhar na direção da parede para me recompor. Pisco várias vezes, esforço-me para engolir a dor e a raiva que crescem dentro de mim.

— Sinto muito — eu solto. — Aaron. Eu sinto muito.

— Não quero que você sinta repulsa por mim — ele diz em voz baixa.

Eu me viro, pasma. Levemente horrorizada.

— Você não está falando sério.

Seus olhos dizem que ele está falando sério.

— Você nunca se olhou no espelho? — pergunto, brava agora.

— Desculpe?

— Você é perfeito — falo para ele, tão tomada pela emoção que não me controlo. — Você todo. Todo o seu corpo. Proporcionalmente. Simetricamente. Você é absurda e matematicamente perfeito. Nem faz sentido uma pessoa poder ter a sua aparência — digo, fazendo que não com a cabeça. — Não acredito que você possa dizer uma coisa dessas...

— Juliette, por favor. Não fale comigo assim.

— O quê? Por quê?

— Porque é *cruel* — ele diz, perdendo a compostura. — É cruel e maldoso e você nem percebe...

— Aaron…

— Eu retiro o que eu disse — ele fala. — Eu não quero mais que você me chame de Aaron...

— Aaron — eu repito, com mais firmeza desta vez. — Por favor… você não pode pensar de verdade que vou sentir repulsa por você. Você não pode pensar de verdade que eu me importaria... Que eu seria afetada pelas suas cicatrizes...

— Não sei — ele diz.

Ele está andando de um lado para o outro em frente à sua mesa, os olhos fixos no chão.

— Pensei que você pudesse captar sentimentos — falo para ele. — Pensei que os meus seriam muito óbvios para você.

— Nem sempre eu consigo pensar com clareza — ele fala, frustrado, esfregando o rosto, a testa. — Em especial quando minhas emoções estão envolvidas. Nem sempre eu consigo ser objetivo… E, às vezes, eu faço suposições — ele conta — que não são verdade… E eu não… E apenas não confio mais no meu próprio julgamento. Porque eu já fiz isso — ele afirma — e o tiro saiu pela culatra. De forma terrível.

Ele levanta o olhar, enfim. Olha nos meus olhos.

— Você está certo — murmuro.

Ele desvia o olhar.

— Você cometeu muitos erros — digo a ele. — Você fez tudo errado.

Ele desce uma mão pelo comprimento do rosto.

— Mas não é tarde para consertar as coisas… Você pode corrigir…

— *Por favor…*

— Não é tarde demais...

— Pare de me dizer isso! — ele explode. — Você não me conhece... Você não sabe o que eu já fiz ou o que eu precisaria

fazer para consertar as coisas...

— Você não entende? Não importa… você pode escolher ser diferente agora...

— Pensei que você não iria tentar me mudar!

— Não estou tentando mudá-lo — digo, baixando a voz. — Só estou tentando fazê-lo entender que sua vida não acabou. Você não precisa ser quem você tem sido. Você pode fazer escolhas diferentes agora. Você pode ser *feliz*...

— *Juliette.*

Uma palavra cortante. Seus olhos verdes muito intensos.

Eu paro.

Olho para suas mãos trêmulas; ele as aperta em punhos.

— Vá — ele fala com a voz baixa. — Não quero que você fique aqui agora.

— Então, por que me trouxe de volta com você? — pergunto, brava. — Se você nem quer me ver...

— Por que você não entende?

Ele olha para cima e seus olhos estão tão cheios de dor e devastação que chegam mesmo a tirar meu fôlego.

Minhas mãos estão tremendo.

— Entender o quê…?

— Eu te *amo*.

Ele desmonta.

Sua voz. Suas costas. Seus joelhos. Seu rosto.

Ele desmonta.

Tem de segurar na lateral de sua mesa. Não consegue olhar nos meus olhos.

— Eu te amo — ele diz, suas palavras duras e suaves ao mesmo tempo. — Eu te amo e isso não é suficiente. Pensei que seria suficiente e estava errado. Pensei que eu poderia lutar por você e estava errado. Porque não posso. Não posso mais nem olhar para você…

— Aaron…

— Diga que não é verdade — ele fala. — Diga que estou errado. Diga que eu estou cego. Diga que você me ama.

Meu coração não para de gritar enquanto é partido ao meio.

Não posso mentir para ele.

— Eu não… Eu não sei como entender o que sinto — tento explicar.

— Por favor — ele sussurra. — Por favor, vá embora...

— Aaron, por favor, entenda… Eu pensei que soubesse o que era amor antes e estava errada… Não quero cometer esse erro de novo…

— Por favor — ele está implorando agora —, pelo amor de Deus, Juliette, eu perdi a minha *dignidade*…

— Certo.

Eu faço que sim com a cabeça.

— Certo. Desculpe. Certo.

Eu recuo.

Eu me viro.

E não olho para trás.

# 33



— Eu tenho de sair em sete minutos.

Warner e eu estamos completamente vestidos, conversando um com o outro sem nenhuma intimidade; como se a noite anterior não tivesse acontecido. Delalieu nos trouxe o café da manhã e nós comemos em silêncio em aposentos separados. Nenhuma conversa sobre ele e eu ou o que poderia ter sido ou o que pode ser.

Não existe nós.

Há a ausência de Adam e há a luta contra O Restabelecimento. E isso é tudo.

Eu entendo agora.

— Eu a levaria comigo — ele está falando —, mas acho que será difícil disfarçá-la nesta viagem. Se quiser, pode esperar nas salas de treinamento… Vou levar o grupo direto para lá. Você pode cumprimentar todos assim que eles chegarem.

Ele enfim olha para mim.

— Tudo bem?

Eu faço que sim com a cabeça.

— Muito bom — ele diz. — Vou mostrar a você como chegar lá.

Ele me guia de volta para seu escritório e até um dos cantos mais distantes perto do sofá. Há uma saída ali que eu não vi na noite passada. Warner aperta um botão na parede. As portas deslizam e abrem.

É um elevador.

Entramos e ele aperta o botão para o subsolo. As portas fecham e começamos a sair do lugar.

Eu levanto o olhar para ele.

— Eu nunca soube que você tinha um elevador no seu quarto.

— Eu precisava de acesso privativo ao meu espaço de treinamento.

— Você fica dizendo isso — falo para ele. — *Espaço de treinamento.* O que é um espaço de treinamento?

O elevador para.

As portas deslizam e abrem.

Ele as segura abertas para mim.

— Isto.

Eu nunca vira tantas máquinas na vida.

Máquinas de corrida e máquinas para as pernas e máquinas que trabalham os braços, os ombros, o abdômen. Há até máquinas que se parecem com bicicletas. Não sei o nome de nenhuma delas. Sei que uma dessas coisas é um banco para supino. Também sei qual é a aparência dos halteres, e há prateleiras e prateleiras deles, de todos os diferentes tamanhos. Pesos, eu penso. Também há barras fixadas no teto em alguns lugares, mas não consigo imaginar para o

que sejam. Há toneladas de coisas neste espaço, na verdade, que são totalmente estranhas para mim.

E cada parede é usada para algo diferente.

Uma parede parece feitas de pedras. Ou rochas. Há pequenos sulcos nela que são destacados pelo que parecem peças de plástico de cores diferentes. Outra parede está coberta de armas. Centenas de armas colocadas em pinos que as mantêm no lugar. Elas estão imaculadas. Brilhando como se tivessem acabado de ser polidas. Há uma porta na mesma parede; pergunto-me aonde ela dá. A terceira parede é coberta pelo mesmo material preto parecido com esponja que cobre o piso. Parece que pode ser macio e flexível. E a parede final é a que acabamos de atravessar. Ela abriga o elevador e outra porta, nada mais.

As dimensões são enormes. Este espaço é pelo menos duas ou três vezes maior que o quarto de Warner, seu closet e seu escritório juntos. Não parece possível tudo isto ser para só uma pessoa.

— É incrível — digo, virando-me para olhar para ele. — Você usa tudo isto?

Ele faz que sim com a cabeça.

— Eu costumo vir aqui pelo menos duas ou três vezes por dia — ele conta. — Saí do ritmo quando me machuquei, mas, em geral, sim.

Ele dá um passo para a frente, toca na parede preta esponjosa.

— Esta tem sido a minha vida desde que consigo lembrar. Treinamento — ele fala. — Eu treino desde sempre. E é aqui que vamos começar com você também.

— Eu?

Ele faz que sim.

— Mas eu não preciso treinar — digo a ele. — Não assim.

Ele tenta olhar nos meus olhos e não consegue.

— Tenho que ir — ele diz. — Se ficar entediada aqui, pegue o elevador para subir de novo. Este elevador só acessa dois andares, então você não tem como se perder.

Ele abotoa o paletó.

— Voltarei o mais rápido que puder.

— Certo.

Eu espero que ele saia, mas ele não sai.

— Você ainda vai estar aqui — ele fala enfim — quando eu voltar.

Não é exatamente uma pergunta.

Eu faço que sim com a cabeça de qualquer forma.

— Não parece possível — ele diz, muito baixinho — que você não vá tentar fugir.

Eu não falo nada.

Ele solta um fôlego pesado. Vira-se. E parte.



Estou sentada em um dos bancos, brincando com halteres de 2 quilos, quando ouço a voz dele.

— Puta que pariu — ele está dizendo. — Este lugar é de verdade.

Eu dou um pulo, quase derrubando os pesos no meu pé. Kenji e Winston e Castle e Brendan e Alia e Lily estão entrando pela porta extra na parede das armas.

O rosto de Kenji se ilumina quando ele me vê.

Eu corro para a frente e ele me pega nos braços, abraça-me com força antes de se afastar.

— Bem, macacos me mordam — Kenji diz. — Ele não a matou. Esse é um ótimo sinal.

Eu o empurro um pouco. Contenho um sorriso.

Digo oi rapidamente para todos. Estou praticamente pulando de tão alegre por tê-los aqui. Mas eles todos estão olhando ao redor em

choque. Como se estivessem mesmo achando que Warner os estava levando para uma armadilha.

— Há um vestiário por aqui — Warner está dizendo a eles.

Ele aponta para a porta ao lado do elevador.

— Há muitos chuveiros e cabines de banheiro e qualquer outra coisa de que vocês possam precisar para não ficarem com cheiro de animal. Toalhas, sabonetes, máquinas de lavar roupa. Tudo por aqui.

Estou tão concentrada em Warner que quase não reparo em Delalieu parado no canto.

Eu abafo um gritinho.

Ele está parado em silêncio, as mãos juntas atrás das costas, observando com atenção enquanto todos ouvem Warner falar. E, não pela primeira vez, pergunto-me quem ele é de verdade. Por que Warner parece confiar tanto nele.

— Suas refeições serão entregues para vocês três vezes ao dia — Warner está falando. — Se não comerem, ou se perderem uma refeição e ficarem com fome, fiquem à vontade para derramar suas lágrimas no chuveiro. E, então, aprendam a seguir horários. Não tragam suas reclamações para mim.

“Vocês já têm suas armas — ele continua —, mas, como podem ver, esta sala também está totalmente equipada e…”

— *Beleza* — Ian diz.

Ele parece um pouco animado demais enquanto anda até um conjunto de rifles.

— Se você tocar em alguma das minhas armas, vou quebrar suas duas mãos — Warner avisa.

Ian congela no lugar.

— Esta parede está proibida para você. Para todos vocês — ele afirma, olhando pela sala. — Todo o resto está disponível para vocês usarem. Não estraguem nenhum equipamento meu. Deixem as

coisas do jeito como as encontraram. E, se não tomarem banho regularmente, não cheguem a menos de três metros de mim.

Kenji resmunga.

— Tenho outros trabalhos para fazer — Warner diz. — Voltarei às 1900 horas, quando poderemos nos reunir e começar nossas discussões. Nesse ínterim, aproveitem a oportunidade para se situarem. Podem usar os tapetes extras no canto para dormir. Espero, pelo bem de vocês, que tenham trazido suas próprias cobertas.

A bolsa de Alia escorrega de suas mãos e cai com barulho no chão. Todos se viram na direção dela. Ela fica vermelho-escarlate.

— Vocês têm alguma pergunta? — Warner diz.

— É — Kenji fala. — Cadê o remédio?

Warner faz um aceno com a cabeça para Delalieu, que ainda está parado no canto.

— Dê ao meu tenente um relatório detalhado de todos os ferimentos e doenças. Ele providenciará os tratamentos necessários.

Kenji faz que sim com a cabeça, com sinceridade. Ele realmente parece grato.

— Obrigado — diz.

Warner encontra o olhar de Kenji por apenas um momento.

— De nada.

Kenji levanta as sobrancelhas.

Até eu estou surpresa.

Warner então olha para mim. Ele olha para mim apenas por um milésimo de segundo antes de desviar. E, depois, sem uma palavra, aperta o botão do elevador.

Entra.

Eu observo as portas se fecharem atrás dele.



Kenji está me encarando, preocupado.

— Que diabos foi aquilo?

Winston e Ian também estão olhando para mim, sem fazer nenhum esforço para esconder sua confusão. Lily está desfazendo a mala. Castle está me observando com atenção. Brendan e Alia estão concentrados em uma conversa.

— O que você quer dizer? — pergunto.

Tento ser casual, mas acho que minhas orelhas ficaram cor-de-rosa.

Kenji leva uma mão para à nuca. Encolhe os ombros.

— Vocês dois brigaram ou algo assim?

— Não — eu respondo rápido demais.

— A-hã.

Kenji tomba a cabeça para mim.

— Como está o Adam? — questiono, esperando mudar de assunto.

Kenji solta um suspiro longo; esfrega os olhos logo antes de deixar a bolsa cair no chão. Ele se apoia na parede atrás.

— Não vou mentir para você, J — ele fala, baixando a voz. — Essa merda com o Kent realmente está me estressando. O drama de vocês está complicando as coisas. Ele não facilitou em nada para nós irmos embora.

— O quê? Mas ele disse que não queria mais lutar...

— É, bem.

Kenji faz que sim com a cabeça.

— Aparentemente, isso não quer dizer que ele quer perder todos os amigos ao mesmo tempo.

Eu faço que não com a cabeça.

— Ele não está sendo justo.

— Eu sei — Kenji diz.

Ele suspira de novo

— De qualquer forma, é bom vê-la, princesa, mas estou cansado feito o diabo. E com fome. E mal-humorado. Você sabe.

Ele faz um movimento descuidado com a mão. Joga-se no chão. Tem alguma coisa que ele não está me dizendo.

— O que foi?

Eu me sento em frente a ele e baixo a voz.

Ele levanta os olhos, encontra os meus.

— Sinto falta do James, tudo bem? Sinto falta daquele menino.

Kenji parece muito cansado. Eu posso mesmo ver a exaustão em seus olhos

— Eu não queria deixá-lo para trás.

Meu coração se aperta depressa.

É claro.

*James.*

— Eu sinto muito. Queria que tivesse existido um jeito de podermos trazê-lo conosco.

Kenji dá um peteleco em um fiapo imaginário na camisa.

— Provavelmente é mais seguro para ele onde está — diz, mas é óbvio que Kenji não acredita em uma palavra. — Eu só queria que o Kent parasse de ser tão idiota.

Eu me retraio.

— Tudo isto poderia ser incrível se ele simplesmente resolvesse suas merdas — Kenji afirma. — Mas, não, ele tem que ser todo estranho e louco e dramático.

Ele dá um sopro.

— Ele é tão emocional — Kenji diz de repente. — Tudo é tão grande para ele. Ele simplesmente não consegue relaxar e seguir com a vida. Eu só… Não sei. Que seja. Eu só queria que o James estivesse aqui. Sinto a falta dele.

— Sinto muito — digo de novo.

Kenji faz uma expressão estranha. Balança a mão para o nada.

— Tudo bem. Vai ficar tudo bem.

Eu olho para cima e descubro que todos os outros se dispersaram.

Castle, Ian, Alia e Lily estão indo para o vestiário, enquanto Winston e Brendan ficam andando pelo local. Estão tocando na parede de pedra agora, tendo uma conversa que não consigo ouvir.

Eu me aproximo de Kenji. Apoio a cabeça nas mãos.

— Então — ele diz. — Eu não a vejo por 24 horas e você e Warner passam de vamos-nos-abraçar-de-um-jeito-superdramático

para deixe-me-ignorá-la, hein?

Kenji está traçando formas nos tapetes embaixo de nós.

— Deve ter uma história interessante aí.

— Duvido.

— Você não vai mesmo me contar o que aconteceu?

Ele levanta o olhar, ofendido.

— Eu conto tudo para você.

— É claro que não conta.

— Não seja grosseira.

— O que está acontecendo de verdade, Kenji?

Eu estudo o rosto dele, sua tentativa fraca de humor.

— Você parece diferente hoje. Distante.

— Nada — ele balbucia. — Eu acabei de falar. Eu só não queria deixar o James.

— Mas isso não é tudo, é?

Ele não fala nada.

Eu olho para meu colo.

— Você pode me dizer qualquer coisa, você sabe. Você sempre esteve ao meu lado e eu sempre estarei aqui se você precisar conversar também.

Kenji revira os olhos.

— Por que você tem que me fazer me sentir todo culpado por não querer participar da sua hora-da-historinha-para-compartilhar-sentimentos?

— Eu n…

— Eu só… Eu estou com um humor de merda, tudo bem?

Ele olha para o lado.

— Eu me sinto estranho. Como se eu simplesmente quisesse ficar furioso hoje. Como se eu simplesmente quisesse dar um soco na cara das pessoas sem motivo.

Eu puxo os joelhos até o peito. Apoio o queixo neles. Faço que sim com a cabeça.

— Você teve um dia difícil.

Ele resmunga. Faz que sim com a cabeça e olha para a parede. Aperta um punho contra o tapete.

— Às vezes, eu só fico muito cansado, sabe?

Kenji olha para o punho, para as formas que está fazendo apertando os nós dos dedos no material macio e esponjoso.

— Como se eu realmente ficasse de saco cheio.

Sua voz de repente está muito baixa, é quase como se ele não estivesse sequer falando comigo. Posso ver sua garganta se mexendo, as emoções presas no peito.

— Estou sempre perdendo pessoas — ele fala. — É como se todo dia eu perdesse pessoas. Todo maldito dia. Estou tão cansado disso… Só estou muito cansado disso…

— Kenji… — eu tento dizer.

— Senti sua falta, J.

Ele está observando os tapetes.

— Queria que estivesse lá na noite passada.

— Eu senti sua falta também.

— Não tenho mais ninguém para conversar.

— Pensei que você não gostasse de conversar sobre os seus sentimentos — eu o provoco, tentando aliviar o clima.

Ele não engole o truque.

— É que fica muito pesado às vezes.

Ele desvia o olhar.

— Pesado demais. Até para mim. E, em alguns dias, eu não quero rir — ele fala. — Eu não quero ser engraçado. Não quero dar a mínima para nada. Em alguns dias, eu só quero sentar a bunda e chorar. O dia todo.

Suas mãos param de se mexer contra os tapetes.

— Isso é loucura? — ele pergunta em voz baixa, ainda sem me olhar nos olhos.

Eu pisco com força contra a ardência nos meus olhos.

— Não — digo a ele. — Não, isso não é loucura nenhuma.

Ele olha para o chão.

— Passar o tempo com você me deixou estranho, J. Tudo o que eu faço é ficar sentado pensando nos meus sentimentos hoje em dia. Obrigado por isso.

Eu engatinho para a frente e o abraço bem no meio do corpo, e ele reage imediatamente, envolvendo-me e apertando-me. Meu rosto está tão pressionado contra o peito dele que posso ouvir seu coração batendo com muita força. Ele ainda está muito ferido, eu fico me esquecendo disso. Eu preciso não esquecer.

Eu me agarro a ele, desejando poder aliviar sua dor. Eu queria poder pegar os fardos dele e torná-los meus.

— É estranho, não é? — ele diz.

— O que é estranho?

— Se estivéssemos nus agora, eu estaria morto.

— Cale a boca — digo, rindo contra o peito dele.

Nós dois estamos usando mangas longas, calças longas. Desde que meu rosto e minhas mãos não toquem na pele dele, ele está perfeitamente seguro.

— Bem, é verdade.

— Em que universo alternativo eu um dia estaria nua com você?

— Só estou *dizendo* — ele fala. — Às vezes acontece. Nunca se sabe.

— Acho que você precisa de uma namorada.

— Não — ele diz. — Só preciso de um abraço. Da minha amiga.

Eu me inclino para trás para olhá-lo. Tento ler seus olhos.

— Você é meu *melhor* amigo, Kenji. Sabe disso, não?

— É, menina.

Ele sorri para mim.

— Sei. Não acredito que fiquei preso com você, magrela.

Eu me liberto dos braços dele. Aperto meus olhos na sua direção.

Ele ri.

— Então, como está o novo namorado?

Meu sorriso some.

— Ele não é meu namorado.

— Tem certeza disso? Porque estou bem certo de que o Romeu não teria nos deixado vir morar aqui se não estivesse um pouco louco de amor por você.

Olho para minhas mãos.

— Talvez, um dia, Warner e eu vamos aprender a ser amigos.

— *Sério*?

Kenji parece chocado.

— Achei que você fosse súper a fim dele.

Encolho os ombros.

— Eu… sinto atração por ele.

— Mas?

— Mas o Warner ainda tem um caminho longo a percorrer, sabe?

— Bem, sim — Kenji diz.

Ele expira. Inclina-se para trás.

— É. É, eu sei.

Nenhum de nós diz nada por um tempo.

— Essa merda ainda é superestranha, no entanto — Kenji fala, de repente.

— O que você quer dizer?

Eu levanto o olhar.

— Qual parte?

— Warner — Kenji diz. — Warner está absurdamente estranho comigo agora.

Kenji olha para mim. Olha mesmo para mim.

— Sabe… Em todo o meu tempo na base, eu nunca o vi ter, tipo, uma única conversa casual com um soldado antes. Nunca. Ele era frio como o gelo, J. *Frio. Como o gelo* — ele repete. — Nunca sorria. Nunca mostrava nenhuma emoção. E ele nunca, *nunca* falava a não ser que estivesse dando ordens. Ele era como uma máquina — Kenji conta. — E isto?

Ele aponta para o elevador.

— Esse cara que acabou de sair daqui? O cara que apareceu na casa ontem? Eu não sei quem diabos ele é. Nem consigo compreender a situação agora. Essa merda é irreal.

— Eu não sabia disso — falo para ele, surpresa. — Eu não fazia ideia de que ele era assim.

— Ele não era assim com você? — Kenji pergunta. — Quando você chegou aqui pela primeira vez?

— Não — eu respondo. — Ele sempre foi bem... animado comigo. Não do tipo animado *bom* — esclareço —, mas, digo... Não sei. Ele

falava muito.

Fico em silêncio conforme as lembranças ressurgem.

— Ele sempre estava falando, na verdade. Era tipo tudo o que ele fazia. E sorria para mim o tempo todo.

Faço uma pausa.

— Pensei que ele estivesse fazendo de propósito. Para fazer piada de mim. Ou tentar me assustar.

Kenji inclina-se para trás apoiado nas mãos.

— É, não.

— Hã? — digo, meus olhos focados em um ponto distante.

Kenji suspira.

— Ele é… Tipo… Gentil com você, pelo menos?

Eu olho para baixo. Encaro meus pés.

— É — sussurro. — Ele é muito gentil comigo.

— Mas vocês não estão juntos nem nada?

Faço uma careta.

— Certo — Kenji diz depressa, levantando as duas mãos. — Tudo bem… Eu só estava curioso. Não tem julgamentos aqui, J.

Eu solto um rosnado.

— É, não tem.

Kenji relaxa um pouco.

— Sabe, o Adam acha mesmo que você e o Warner são, tipo, um casal agora.

Eu reviro os olhos.

— O Adam é um idiota.

— Tsc, tsc, princesa. Precisamos conversar sobre o seu vocabulário...

— O Adam precisa contar ao Warner que eles são irmãos.

Kenji levanta os olhos, alarmado.

— Fale mais baixo — ele sussurra. — Não pode sair por aí falando isso. Sabe como o Kent se sente a respeito do assunto.

— Eu acho injusto. O Warner tem o direito de saber.

— Por quê? — Kenji questiona. — Acha que ele e o Kent vão se tornar melhores amigos de repente?

Eu olho para ele então, meus olhos firmes, sérios.

— O James é irmão dele também, Kenji.

O corpo de Kenji fica duro, seu rosto, pálido. Seus olhos se arregalam apenas um pouco.

Eu tombo a cabeça. Levanto uma sobrancelha.

— Eu nem… uau — ele diz.

Ele aperta um punho contra a testa.

— Eu nem tinha pensado nisso.

— Não é justo com nenhum deles — digo. — E eu realmente acho que o Warner adoraria saber que tem irmãos neste mundo. Pelo menos, James e Adam têm um ao outro — afirmo. — Mas o Warner sempre esteve sozinho.

Kenji está fazendo que não com a cabeça. A descrença cravada em seu rosto.

— Isto só fica pior e pior — ele fala. — É como se você pensasse que não tem como ficar mais enrolado e, então, *bam*.

— Ele merece saber, Kenji — eu repito. — Você sabe que o Warner pelo menos merece *saber*. É direito dele. É o sangue dele também.

Kenji levanta o olhar. Suspira.

— Maldição.

— Se o Adam não contar a ele — digo —, eu conto.

— Você não contaria.

Eu o encaro. Com dureza.

— Isso é errado, J.

Kenji parece surpreso.

— Você não pode fazer isso.

— Por que você fica me chamando de J? — pergunto a ele. — Quando foi que isso aconteceu? Você já me deu, tipo, cinquenta apelidos diferentes.

Ele encolhe os ombros.

— Você devia se sentir elogiada.

— É mesmo? — digo. — Apelidos são elogios, hein?

Ele faz que sim.

— Então, que tal eu chamá-lo de Kenny?

Kenji cruza os braços. Olha para baixo me encarando.

— Isso não é nem um pouco engraçado.

Eu dou um sorriso.

— É sim, um pouco.

— Que tal eu chamar seu novo namorado de Rei-Metido?

— Ele não é meu namorado, *Kenny*.

Kenji me lança um olhar de alerta. Aponta para meu rosto.

— Não estou gostando, princesa.

— Ei, você não precisa tomar banho? — pergunto a ele.

— Então agora você está me dizendo que estou fedido.

Eu reviro os olhos.

Ele fica em pé. Cheira a camisa.

— Droga, eu meio que estou fedido mesmo, não?

— Vá — eu digo. — Vá e volte depressa. Estou sentindo que está será uma noite longa.

# 36



Estamos todos sentados em bancos pela sala de treinamento. Warner está sentado a meu lado e estou fazendo tudo o que posso para garantir que nossos ombros não se toquem por acidente.

— Certo, então, vamos começar do início, ok? — Winston diz, olhando ao redor. — Precisamos trazer Sonya e Sara de volta. A pergunta é: como.

Uma pausa.

— Não temos ideia de como chegar ao Supremo.

Todos olham para Warner.

Warner olha para o relógio.

— *Então*? — Kenji diz.

— Então o quê? — Warner fala, entediado.

— Então, você vai nos ajudar? — Ian dispara. — Este é o seu território.

Warner olha para mim pela primeira vez a noite toda.

— Você tem certeza absoluta de que confia nestas pessoas? — ele me pergunta. — Em todas elas?

— Sim — respondo em voz baixa. — Confio mesmo.

— Muito bem.

Warner respira fundo antes de se dirigir ao grupo.

— Meu pai — ele fala com calma — está em um navio. No meio do oceano.

— Ele está em um navio? — Kenji pergunta, pasmo. — A capital é um *navio*?

— Não exatamente.

Warner hesita.

— Mas a questão é que temos de atraí-lo para *cá*. Ir até ele não vai funcionar. Temos que criar um problema grande o bastante para ele ser forçado a vir até nós.

Ele então olha para mim.

— Juliette disse que já tem um plano.

Eu faço que sim com a cabeça. Respiro fundo. Estudo os rostos diante de mim.

— Acho que deveríamos tomar o Setor 45.

Silêncio atordoado.

— Acho que, juntos — digo a eles —, conseguiremos convencer os soldados a lutar do nosso lado. No final das contas, ninguém recebe os benefícios d'O Restabelecimento exceto quem está no poder. Esses homens estão cansados e famintos e provavelmente só aceitaram esse emprego porque não tinham opções.

Eu faço uma pausa.

— Podemos convocar civis *e* soldados. Todos do setor. Fazê-los se juntarem a nós. E eles me conhecem — digo. — Os soldados. Eles já me viram… Sabem o que posso fazer. Mas todos nós juntos?

Balanço a cabeça de um lado para o outro.

— Seria incrível. Podemos mostrar a eles que somos diferentes. Mais fortes. Podemos lhes dar esperança… Um motivo para revidar. Depois de termos o apoio deles, a notícia vai se espalhar. E Anderson será forçado a voltar para cá. Ele terá de tentar nos derrubar; não vai ter escolha. E, quando voltar, nós o pegamos. Lutamos com ele e seu exército e ganhamos. E, então, tomamos conta do país.

— Minha nossa.

Castle é o primeiro a falar.

— Senhorita Ferrars — diz —, você pensou muito nisso.

Faço que sim com a cabeça.

Kenji está olhando para mim como se não tivesse certeza se deve rir ou aplaudir.

— O que vocês acham? — pergunto, olhando ao redor.

— E se não funcionar? — Lily questiona. — E se os soldados tiverem medo demais para mudar sua aliança? E se eles a matarem em vez disso?

— É com certeza uma possibilidade — afirmo. — Mas acho que, se formos fortes o bastante... Se nós oito ficarmos unidos, com todas as nossas forças combinadas... Acho que eles podem acreditar que podemos fazer algo muito incrível.

— É, mas como eles vão saber quais são as nossas forças? — Brendan pergunta. — E se não acreditarem em nós?

— Podemos mostrar a eles.

— E se atirarem em nós? — Ian retruca.

— Posso fazer isso sozinha, se estiverem preocupados com isso. Não me importo. Kenji estava me ensinando a projetar minha energia antes da guerra, e acho que, se aprender a usar bem isso,

posso fazer algumas coisas bem assustadoras. Coisas que podem impressioná-los o suficiente para se unirem a nós.

— Você consegue *projetar*? — Winston pergunta, os olhos arregalados. — Quer dizer que pode, tipo, fazer um assassinato em massa com sua coisa de sugar vidas?

— Hum, não — respondo. — Digo, bem, sim, acho que eu poderia fazer isso também, mas não estou falando disso. Digo que posso projetar minha força. Não a… coisa de sugar vidas...

— Espere, que força? — Brendan pergunta, confuso. — Eu pensei que sua pele é que fosse letal.

Estou prestes a responder quando me lembro de que Brendan e Winston e Ian eram todos reféns antes de eu começar a treinar seriamente. Eu não sei se eles sabem qualquer coisa sobre o meu progresso.

Assim, começo do início.

— Meu… poder — digo — tem a ver com mais do que apenas minha pele.

Olho para Kenji. Faço um gesto para ele.

— Nós estávamos trabalhando fazia um tempo, tentando descobrir do que, exatamente, eu era capaz, e Kenji percebeu que minha energia real está vindo bem de dentro de mim, não da superfície. Está nos meus ossos, meu sangue *e* minha pele — tento explicar. — Meu poder real é um tipo louco de superforça. Minha pele é um elemento disso — digo a eles. — É como a forma mais elevada da minha energia e a forma mais louca de proteção; é como se meu corpo tivesse sido vestido com um escudo. Arame farpado metafórico. Ela mantém os intrusos do lado de fora.

Eu quase rio, perguntando-me quando ficou tão fácil, para mim, falar sobre essas coisas. Ficar confortável com elas.

— Mas também sou forte o bastante para atravessar quase qualquer coisa — conto para eles — sem nem me machucar. Concreto. Tijolo. Vidro…

— A terra — Kenji acrescenta.

— Sim — falo, sorrindo para ele. — Até a terra.

— Ela criou um terremoto — Alia diz, animada, e eu fico, na verdade, surpresa de ouvir a voz dela. — Durante a primeira batalha — ela conta para Brendan e Winston e Ian. — Quando estávamos tentando salvá-los. Ela socou o chão e ele se partiu. Foi assim que conseguimos fugir.

Os meninos estão me olhando pasmos.

— Então, o que estou tentando dizer — falo para eles — é: e se eu puder projetar minha força e realmente aprender a controlá-la? Não sei. — Encolho os ombros. — Eu poderia mover montanhas, provavelmente.

— Isso é um pouco ambicioso.

Kenji sorri, sempre o pai orgulhoso.

— Ambicioso, mas provavelmente não impossível.

Eu sorrio de volta.

— Uau — Lily diz. — Então você pode simplesmente... destruir coisas? Tipo, qualquer coisa?

Eu faço que sim com a cabeça.

Olho para Warner.

— Você se importa?

— Nem um pouco — ele fala.

Seus olhos estão cuidadosamente impenetráveis.

Eu me levanto e ando até a pilha de halteres, o tempo todo me preparando mentalmente para aproveitar minha energia. Essa ainda é a parte mais difícil para mim: aprender como moderar minha força com *finesse*.

Eu pego um peso de 23 quilos e o levo até o grupo.

Por um momento, pergunto-me se ele deveria ser pesado para mim, em especial levando-se em consideração que ele pesa mais ou menos metade de mim, mas não consigo sentir de verdade.

Sento-me de novo no banco. Apoio o peso no chão.

— O que você vai fazer com isso? — Ian pergunta, os olhos arregalados.

— O que querem que eu faça? — pergunto a ele.

— Está me dizendo que pode simplesmente, tipo, rasgá-lo ou algo assim? — Winston diz.

Faço que sim com a cabeça.

— Faça isso — Kenji pede.

Ele está praticamente pulando sentado.

— Faça faça.

Assim, eu faço.

Pego-o e literalmente esmago o peso entre as mãos. Ele vira uma massa destroçada de metal. Um caroço de 23 quilos. Rasgo-o ao meio e derrubo os dois pedaços no chão.

Os bancos chacoalham.

— Desculpem — falo depressa, olhando ao redor. — Não tive a intenção de jogar assim...

— *Caramba!* — Ian diz. — Isso é muito legal.

— Faça de novo — Winston diz, os olhos brilhando.

— Eu realmente prefiro que ela não destrua todas as minhas coisas — Warner interrompe.

— Ei, então… Espere — Winston diz, percebendo algo enquanto encara Warner. — Você pode fazer isso também, não pode? Você pode simplesmente pegar o poder dela e usá-lo assim também?

— Posso pegar os poderes de todos vocês — Warner o corrige. — E fazer o que quiser com eles.

O terror na sala é algo muito palpável.

Franzo as sobrancelhas para Warner.

— Por favor, não os assuste.

Ele não diz nada. Olha para o nada.

— Então, vocês dois — Ian tenta encontrar sua voz —, digo, juntos… vocês poderiam basicamente…

— Tomar conta do mundo?

Warner está olhando para a parede agora.

— Eu ia dizer dar umas boas porradas, mas, é, isso também, eu acho.

Ian faz que não com a cabeça.

— Você tem certeza de que pode confiar nesse cara? — Lily me pergunta, mexendo um polegar para Warner e olhando para mim como se estivesse séria e genuinamente preocupada. — E se ele só a estiver usando pelo seu poder?

— Eu confio minha vida a ele — falo em voz baixa. — Já confiei e faria de novo.

Warner olha para mim e desvia o olhar, e, por um breve instante, eu vejo a carga da emoção em seus olhos.

— Então, veja se eu entendi — Winston diz. — Nosso plano é basicamente seduzir os soldados e os civis do Setor 45 para lutarem conosco?

Kenji cruza os braços.

— É, parece que vamos ter que dar uma de pavão e esperar que eles nos achem atraentes o suficiente para cruzarem conosco.

— Nojento.

Brendan franze as sobrancelhas.

— Apesar do quão estranho o Kenji tenha feito parecer — eu falo, virando um olhar ríspido na direção dele —, a resposta é sim,

basicamente. Podemos oferecer a eles um grupo em torno do qual eles podem se reunir. Tomaremos o controle do exército e, depois, tomaremos o controle das pessoas. E, então, vamos levá-los para a batalha. Nós revidamos mesmo, de verdade.

— E se você ganhar? — Castle pergunta. Ele ficara muito quieto esse tempo todo. — O que você planeja fazer então?

— O que você quer dizer? — questiono.

— Digamos que você tenha sucesso — ele começa. — Você derrota o Supremo. Você o mata e mata seus homens. E depois? Quem vai assumir como Comandante Supremo?

— Eu.

Todos ofegam. Sinto Warner ficar rígido a meu lado.

— Caramba, princesa — Kenji fala em voz baixa.

— E depois? — Castle pergunta, ignorando todos, menos eu. — Depois disso?

Seus olhos estão preocupados. Quase assustados.

— Você vai matar quem quer que fique no seu caminho? Todos os líderes dos outros setores, em todo o país? São mais 554 guerras...

— Alguns vão se render — digo a ele.

— E os outros? — ele questiona. — Como você pode liderar uma nação no caminho certo se simplesmente massacrar todos que se opõem a você? Como isso vai torná-la diferente daqueles que derrotou?

— Eu confio em mim mesma — falo para ele — para ser forte o suficiente para fazer o que é certo. Nosso mundo está morrendo agora. Você mesmo disse que temos meios para recuperar nossa terra... De fazer as coisas voltarem ao que eram antes. Depois de o poder estar no lugar certo, *conosco*, você pode reconstruir o que começou no Ponto Ômega. Você vai ter a liberdade de implantar aquelas mudanças com a nossa terra, a nossa água, os nossos animais e a atmosfera e salvar milhões de vidas no processo...

Dando às novas gerações a esperança de um futuro diferente. Temos de tentar — digo a ele. — Não podemos simplesmente ficar sentados e observar as pessoas morrerem quando temos poder para fazer a diferença.

A sala fica em silêncio. Parada.

— Que se dane — Winston diz. — Eu a seguiria na batalha.

— Eu também — Alia concorda.

— E eu.

Brendan.

— Você sabe que estou nessa — Kenji fala.

— Eu também — Lily e Ian dizem ao mesmo tempo.

Castle respira fundo.

— Talvez — ele diz.

Ele se inclina para trás em sua cadeira, junta as mãos.

— Talvez você consiga fazer do jeito certo o que eu fiz errado.

Ele faz que não com a cabeça.

— Tenho 27 anos a mais que você e nunca tive a sua confiança, mas entendo seu coração. E confio que você diz o que acredita ser verdade.

Uma pausa. Um olhar cuidadoso.

— Vamos apoiá-la. Mas saiba já que você está assumindo uma responsabilidade enorme e assustadora. Algo que pode dar errado de maneira irreversível.

— Eu entendo isso — falo baixinho.

— Muito bem então, senhorita Ferrars. Boa sorte e faça uma boa jornada. Nosso mundo está em suas mãos.



— Você não me disse o que achou do meu plano.

Warner e eu acabamos de entrar em seu quarto e ele ainda não disse uma palavra para mim. Está parado perto da porta do escritório, os olhos no chão.

— Não sabia que você queria minha opinião.

— É claro que eu quero a sua opinião.

— Eu tenho mesmo que voltar ao trabalho — ele diz e se vira para sair.

Toco em seu braço.

Warner fica rígido. Fica em pé, sem se mexer, os olhos voltados para a mão que coloquei no seu antebraço.

— Por favor — sussurro. — Não quero que seja assim entre nós. Quero que possamos conversar. Conhecer um ao outro de novo, *do jeito certo*... Ser amigos…

Warner faz um som estranho e profundo com a garganta. Coloca alguns metros de distância entre nós.

— Estou fazendo o melhor que posso, amor. Mas não sei como ser apenas seu amigo.

— Não tem que ser tudo ou nada — tento dizer a ele. — Pode haver passos no meio... Eu só preciso de tempo para entendê-lo assim… Como uma pessoa diferente...

— Mas é exatamente isso.

A voz dele vai sumindo.

— Você precisa de tempo para me entender como uma *pessoa diferente*. Você precisa de tempo para consertar sua percepção a meu respeito.

— Por que isso é tão errado...

— Porque eu não sou uma pessoa diferente — ele diz com firmeza. — Sou o homem que sempre fui e nunca tentei ser diferente. Você me entendeu errado, Juliette. Você me julgou, você me percebeu como algo que não sou, mas isso não é culpa minha. Eu não mudei e não vou mudar…

— Você já mudou.

Ele trava os dentes.

— Você tem muita audácia para falar com tanta convicção de assuntos sobre os quais não sabe nada.

Eu engulo a seco, com dificuldade.

Warner vem para tão perto de mim que chego mesmo a ter medo de me mexer.

— Uma vez você me acusou de não saber o significado do amor — ele diz. — Mas estava errada. Você me culpa, talvez, por amá-la demais.

Os olhos dele estão muito intensos. Muito verdes. Muito frios.

— Mas, pelo menos, eu não nego os meus próprios sentimentos.

— E acha que eu nego — eu sussurro.

Warner baixa os olhos. Não diz nada.

— O que você não entende — falo para ele, minha voz falhando — é que eu nem conheço meu próprio coração mais. Não sei que nome dar para o que eu sinto ainda e preciso de tempo para descobrir. Você quer mais agora, mas o que eu preciso é que você seja meu amigo...

Warner se retrai.

— Eu não tenho amigos — diz.

— Por que não pode tentar?

Ele faz que não com a cabeça.

— Por quê? Por que não dar uma chance a isso...

— Porque eu tenho medo — ele fala enfim, a voz tremendo — de que sua amizade seja o meu fim.

Ainda estou congelada no mesmo lugar quando a porta do escritório é fechada com violência atrás dele.

# 38



Eu nunca pensei que veria Warner usando calça de moletom.

Ou tênis.

E, neste instante, ele está usando ambos. E uma camiseta.

Agora que nosso grupo está ficando na área de treinamento de Warner, eu não tenho motivo para acompanhá-lo conforme ele começa o dia. Eu sempre soube que ele passava muito tempo trabalhando, mas nunca soube o quanto do seu tempo era gasto se exercitando. Ele é tão disciplinado, tão preciso com tudo. Isso me deixa admirada.

Ele começa suas manhãs em uma bicicleta ergométrica e termina as tardes com uma corrida na esteira. E em cada dia da semana ele exercita uma parte diferente do corpo.

— As segundas-feiras são para as pernas — eu o ouço explicar para Castle. — Nas terças, eu trabalho o peito. Nas quartas, trabalho os ombros e as costas. As quintas são para os tríceps e deltoides. Sextas são para os bíceps e antebraços. E todos os dias são para

abdominais e exercícios aeróbicos. Também passo a maioria dos fins de semana treinando tiro ao alvo — ele disse.

Hoje é terça-feira.

O que significa que, agora, eu o estou observando no banco de supino levantando pesos de 140 quilos. Três pratos de 20 quilos de cada lado do que Kenji me disse que se chama barra olímpica, que pesa mais 20 quilos. Não consigo parar de olhar. Acho que nunca me senti tão atraída por ele em todo o tempo em que o conheço.

Kenji para a meu lado. Faz um aceno com a cabeça na direção de Warner.

— Então, ele a deixa animada, hein?

Fico mortificada.

Kenji solta uma risada.

— Eu nunca o vi de calça de moletom antes.

Tento deixar a voz normal.

— Nunca nem o vi usar short.

Kenji levanta uma sobrancelha para mim.

— Aposto que já o viu com menos.

Eu quero morrer.

Kenji e eu devemos gastar a manhã seguinte treinando. Esse é o plano. Preciso treinar o suficiente para lutar e usar minha força sem nunca mais ser dominada. Este não é o tipo de situação em que podemos entrar sem confiança absoluta e, já que eu devo liderar a missão, ainda tenho muito trabalho a fazer. Preciso ser capaz de acessar minha energia em um instante e preciso ser capaz de moderar a quantidade de poder que emprego em um determinado momento. Em outras palavras: preciso alcançar o controle absoluto da minha habilidade.

Kenji também está treinando do seu jeito; ele quer aperfeiçoar sua habilidade de projetar; ele quer ser capaz de fazer isso sem precisar

ter contato direto com outra pessoa. Porém, ele e eu somos os únicos que têm um trabalho de verdade a fazer. Castle tem o controle de si mesmo há décadas e todos os outros têm habilidades bem óbvias às quais se adaptaram naturalmente. No meu caso, tenho 17 anos de trauma psicológico a desfazer.

Preciso quebrar estas paredes feitas por mim mesma.

Hoje, Kenji está começando aos poucos. Ele quer que eu desloque um haltere para o outro lado da sala por pura força de vontade. Mas tudo o que consegui foi fazê-lo estremecer. E nem tenho certeza se fui eu.

— Você não está se concentrando — Kenji me diz. — Você precisa se conectar... Achar seu centro e puxar de dentro dele — está dizendo. — Você precisa, tipo, *literalmente* puxar de dentro de você e, depois, empurrar para fora ao seu redor, J. Só é difícil no começo — afirma — porque seu corpo está muito acostumado a conter a energia. No seu caso, vai ser ainda mais difícil, porque você passou a vida toda reprimindo isso. Você precisa se dar permissão e se soltar. Baixar a guarda. Encontrá-la. Dominá-la. Soltá-la.

Ele faz o mesmo sermão para mim, de novo e de novo.

E eu continuo tentando, de novo e de novo.

Conto até três.

Fecho os olhos e tento me concentrar mesmo desta vez. Presto atenção na vontade repentina de levantar meus braços, plantando os pés com firmeza no chão. Solto a respiração em um sopro. Aperto ainda mais os olhos fechados. Sinto a energia subindo, através de meus ossos, meu sangue, ficando mais intensa e aumentando até culminar em uma massa tão potente que não posso mais conter. Sei que preciso liberar, e preciso disso agora.

Mas como?

Antes, eu sempre pensava que precisava tocar em alguma coisa para deixar o poder sair.

Nunca me ocorreu jogar a energia em um objeto imóvel. Eu achava que minhas mãos fossem o destino final; nunca pensei em usá-las como transmissoras, como um meio para a energia atravessar. Só agora estou percebendo que posso soltá-la *através* de minhas mãos… *Através* de minha pele. E, talvez, se eu for forte o bastante, posso conseguir aprender a manipular o poder no ar, forçando-o a se mover pelo caminho que eu quiser.

Minha compreensão repentina me dá uma onda renovada de confiança. Estou animada agora, ansiosa para ver se minha teoria está certa. Eu me preparo, sentindo o fluxo de poder me inundar de novo. Meus ombros ficam tensos conforme a energia reveste minhas mãos, meus pulsos, meus antebraços. Ela é tão quente, tão intensa, quase como se fosse algo tangível; o tipo de poder que poderia se entrelaçar em meus dedos.

Eu fecho os punhos.

Puxo os braços para trás.

E, depois, os empurro para a frente, abrindo as mãos com força ao mesmo tempo.

Silêncio.

Abro um pouco um dos olhos, espiando o haltere ainda parado no mesmo lugar.

Suspiro.

— ABAIXE — Kenji grita, puxando-me para baixo e me empurrando de cara no chão.

Posso ouvir todos gritando e caindo no chão em volta de nós. Eu levanto o pescoço e tudo o que vejo é que eles estão com as mãos sobre as cabeças, os rostos cobertos; tento olhar em volta.

O pânico me agarra pela garganta.

A parede de pedra está rachando no que podem ser centenas de pedaços, chiando e gemendo conforme desmorona. Eu observo,

horrorizada, enquanto um pedaço enorme e irregular treme logo antes de descolar da parede.

Warner está parado embaixo.

Estou prestes a gritar antes de vê-lo olhar para cima, as duas mãos estendidas na direção do caos. Imediatamente, a parede para de tremer. Os pedaços ficam suspensos, chacoalhando apenas um pouco, pegos entre tombar e voltar ao lugar.

Meu queixo ainda está caído.

Warner olha para a direita. Faz que sim com a cabeça.

Eu sigo seu olhar e vejo Castle, do outro lado, usando seu poder para segurar a outra ponta. Juntos, eles controlam os pedaços conforme caem no chão, permitindo que flutuem para baixo, apoiando cada lasca quebrada e cada pedaço irregular gentilmente contra o que resta da parede.

Todos começam a levantar a cabeça, percebendo que algo mudou. Devagar, ficamos em pé, e observamos, pasmos, conforme Castle e Warner contêm o desastre e o juntam em um único espaço. Mais nada está danificado. Ninguém está ferido. Ainda estou olhando, os olhos arregalados de admiração.

Quando o trabalho enfim está terminado, Warner e Castle compartilham um breve momento de reconhecimento antes de seguirem em direções opostas.

Warner vem me procurar. Castle vai até os outros.

— Você está bem? — Warner pergunta.

Seu tom é profissional, mas seus olhos o entregam.

— Você não está machucada?

Faço que não com a cabeça.

— Aquilo foi incrível.

— Não posso levar todo o crédito — Warner fala. — Foi o poder do Castle que eu peguei emprestado.

— Mas você é muito *bom* com ele — digo, esquecendo por um momento que deveríamos estar bravos um com o outro. — Você *acabou* de saber que tem essa habilidade e já pode controlá-la. Tão naturalmente. Mas, quando tento fazer alguma coisa, eu quase mato todo mundo no processo.

Eu baixo a cabeça.

— Sou a pior em tudo — murmuro. — A pior.

— Não se sinta mal — ele diz em voz baixa. — Você vai aprender.

— Já foi difícil para você? — Eu levanto os olhos, esperançosa. — Aprender a controlar a energia?

— Ah — ele diz, surpreso. — Não. Embora eu sempre tenha sido bom em tudo o que faço.

Baixo a cabeça de novo. Suspiro.

Warner ri e eu o espio.

Ele está sorrindo.

— O que foi?

— Nada — ele sussurra.

Eu ouço um assobio cortante. Dou um giro.

— Ei… Mãozinha de jazz! — Kenji grita. — Volte já aqui.

Ele faz questão de parecer o mais irritado possível.

— De volta ao trabalho. E, desta vez, *concentração.* Você não é um macaco. Não fique jogando sua merda para todo lado.

Warner ri de verdade.

Alto.

Olho de volta para ele e ele está olhando na direção da parede, tentando conter um sorriso largo conforme passa uma mão pelo cabelo, descendo até a nuca.

— Pelo menos alguém gosta do meu senso de humor — Kenji diz antes de me puxar pelo braço. — Venha, princesa. Vamos tentar de novo. E, por favor, tente não matar todos que estão nesta sala.



Estivemos praticando a semana toda.

Estou tão exausta que nem consigo mais ficar em pé, mas fiz mais progresso do que poderia ter esperado. Kenji ainda está trabalhando diretamente comigo, e Castle está supervisionando meu progresso, mas todos os outros passam o tempo treinando em todas as várias máquinas.

Winston e Brendan parecem estar com o humor melhor a cada dia — parecem mais saudáveis, mais animados —, e o corte no rosto de Brendan está começando a sumir. Estou muito feliz em ver o progresso deles e duas vezes mais feliz por Delalieu ter sido capaz de encontrar os remédios certos para eles.

Os dois passavam a maior parte dos dias comendo e dormindo e pulando das bicicletas para a esteira. Lily tem experimentado um pouco de tudo e, hoje, ela está se exercitando com as bolas medicinais no canto. Ian tem levantado pesos e cuidado de Castle, e Alia passou a semana toda sentada no canto, desenhando coisas em um bloco de papel. Ela parece mais feliz, mais confortável. E não

posso deixar de me perguntar se Adam e James estão bem também. Espero que eles estejam seguros.

Warner nunca está por aqui durante o dia.

De vez em quando, olho para as portas do elevador, esperando secretamente que elas se abram e o depositem de volta dentro desta sala. Às vezes, ele passa aqui rapidamente — pula na bicicleta ou dá uma corrida rápida —, mas, na maior parte do tempo, não está.

Eu só o vejo de verdade pelas manhãs para seus exercícios matinais e nos fins de tarde, quando ele faz outra rodada de exercícios aeróbicos. O fim da noite é minha parte favorita do dia. É quando nós oito nos sentamos e conversamos sobre nosso progresso. Winston e Brendan estão se curando, eu estou ficando mais forte, e Warner nos avisa se houve alguma novidade com os civis, os soldados ou O Restabelecimento... Até agora, tudo ainda está quieto.

E, depois, Warner e eu subimos de volta para os aposentos dele, onde tomamos banho e seguimos para lugares separados. Eu durmo na cama dele. Ele dorme no sofá de seu escritório.

Toda noite, eu digo a mim mesma que serei corajosa o bastante para bater na porta dele, mas nunca o fiz.

Ainda não sei o que dizer.

Kenji puxa meu braço.

— *Ai*…

Eu me afasto depressa, fazendo careta.

— Qual é o seu problema?

— Você recebeu uma dose extraforte de estupidez hoje.

— O quê? Pensei que você tivesse dito que eu estava me saindo bem...

— Você está. Mas está distraída. Você fica olhando para o elevador como se ele estivesse prestes a lhe conceder três desejos.

— Ah — eu digo. — Bem. Desculpe.

— Não peça desculpas — ele suspira. Franze um pouco as sobrancelhas. — Que diabos está acontecendo entre vocês dois, afinal? E eu vou querer saber?

Eu suspiro. Relaxo sobre os tapetes.

— Não faço ideia, Kenji. Ele fica mudando de comportamento. — Encolho os ombros. — Acho que não tem problema. Eu só preciso de um pouco de espaço por enquanto.

— Mas você gosta dele?

Kenji levanta uma sobrancelha.

Eu não falo nada. Sinto meu rosto ficar quente.

Kenji revira os olhos.

— Sabe, eu realmente nunca acharia que o Warner poderia fazê-la feliz.

— Eu *pareço* feliz? — retruco.

— Bom argumento.

Ele suspira.

— Só quis dizer que você sempre pareceu muito feliz com o Kent. Isso é um pouco difícil para eu processar.

Ele hesita. Esfrega a testa.

— Bem. Na verdade, você era muito, muito mais esquisita quando estava com o Kent. Super-reclamona. E muito dramática. E você chorava. O. Tempo. Todo. — Ele contorce o rosto. — Meu Deus. Não consigo decidir qual deles é pior.

— Você acha que *eu* sou dramática? — pergunto a ele, os olhos arregalados. — Você se conhece pelo menos um pouquinho?

— Eu não sou dramático, ok? Minha presença apenas exige um certo tipo de atenção...

Eu bufo.

— Ei — ele diz, apontando para o meu rosto. — Só estou dizendo que não sei mais em quê acreditar. Eu já estive nesse carrossel. Primeiro o Adam. Agora, o Warner. Na próxima semana, você vai tentar ficar comigo.

— Você queria mesmo que isso fosse verdade, não é?

— Tanto faz — ele diz, desviando o olhar. — Eu nem gosto de você.

— Você me acha bonita.

— Eu acho que você está delirando.

— Eu nem sei o que é isto, Kenji.

Olho nos olhos dele.

— Esse é o problema. Não sei como explicar e não tenho certeza se já entendo a profundidade disso. Tudo o que sei é que, o que quer que isso seja, nunca senti com o Adam.

Os olhos de Kenji se apertam, surpresos e assustados. Ele não fala nada por um segundo. Solta o ar em um sopro.

— É sério?

Faço que sim com a cabeça.

— É sério, sério?

— É — eu digo. — Eu me sinto tão... *leve*. Como se eu pudesse simplesmente... Não sei... — Minha voz some. — É como se eu sentisse que, pela primeira vez na vida, vou ficar bem. Como se eu fosse ficar forte.

— Mas parece que é apenas com *você* — ele fala. — Que não tem nada a ver com o Warner.

— Isso é verdade — digo a ele. — Mas, às vezes, as pessoas podem ser um peso para nós. E sei que Adam não tinha a intenção, mas ele estava sendo um peso para mim. Éramos duas pessoas tristes presas uma à outra.

— Hum.

Kenji inclina-se para trás apoiado nas mãos.

— O meu tempo com o Adam sempre era obscurecido por algum tipo de dor ou de dificuldade — explico —, e ele sempre foi muito sério. Ele era intenso de uma forma que me esgotava às vezes. Estávamos sempre nos escondendo, ou nos esgueirando pelos cantos, ou fugindo, e nunca encontramos momentos sem interrupção suficientes para estarmos juntos. Era quase como se o universo estivesse tentando me dizer que eu estava me esforçando demais para fazer as coisas darem certo com ele.

— O Kent não era tão ruim, J. — Kenji franze as sobrancelhas. — Você não está dando crédito suficiente para ele. Ele tem agido de um jeito meio babaca ultimamente, mas ele é um cara legal. Você sabe que ele é. A situação só está mesmo uma merda para ele agora.

— Eu sei. — Suspiro, sentindo-me de alguma forma triste. — Mas este mundo ainda está desmoronando. Mesmo se nós ganharmos esta guerra, tudo vai ficar muito, muito ruim antes de melhorar.

Faço uma pausa. Olho para minhas mãos.

— E eu acho que as pessoas se tornam quem realmente são quando as coisas estão difíceis. Eu já vi em primeira mão. Comigo, com meus pais, até com a sociedade. E, sim, o Adam é um cara legal. Ele é mesmo. Mas só porque ele é um cara legal não significa que ele é o cara certo para mim.

Eu levanto o olhar.

— Estou tão diferente agora. Não sou mais a pessoa certa para ele, e ele não é a pessoa certa para mim.

— Mas ele ainda te ama.

— Não — eu falo. — Não ama.

— Essa é uma acusação bem pesada.

— Não é uma acusação — digo. — Um dia, o Adam vai perceber que o que ele sentia por mim era apenas um tipo louco de desespero. Nós éramos duas pessoas que realmente precisavam de alguém a quem se agarrar, e tínhamos um passado que fazia parecer que éramos muito compatíveis. Mas não era o suficiente. Porque, se fosse, eu não teria sido capaz de abandonar tudo com tanta facilidade.

Eu baixo os olhos, a voz.

— O Warner não me seduziu, Kenji. Ele não me roubou do Adam. Eu só... Eu cheguei a um ponto em que tudo mudou para mim. Tudo o que eu achava que sabia sobre o Warner estava errado. Tudo em que eu achava que acreditava a respeito de mim mesma estava errado. E eu sabia que *eu* estava mudando — explico a ele. — Eu queria seguir em frente. Eu queria ficar brava e queria gritar pela primeira vez na minha vida e não podia. Não queria que as pessoas tivessem medo de mim e, por isso, tentei me calar e desaparecer, esperando que isso as deixasse mais confortáveis. Mas odeio o fato de eu ter me deixado ser tão passiva a vida toda, e vejo como as coisas poderiam ter sido diferentes se eu tivesse tido fé em mim mesma quando era importante. Não quero voltar a isso — digo a ele. — Não vou voltar. Nunca.

— Você não precisa voltar — Kenji observa. — Por que voltaria? Eu não acho que o Kent quisesse que você fosse passiva.

Eu encolho os ombros.

— Ainda me pergunto se ele quer que eu seja a menina por quem ele se apaixonou lá atrás. A pessoa que eu era quando nos conhecemos.

— E isso é ruim?

— Não é mais quem eu *sou*, Kenji. Eu ainda pareço aquela menina para você?

— Como é que eu vou saber?

— Você *não* sabe — digo, exasperada. — Por isso não entende. Você não sabe como eu costumava ser. Você não sabe como era dentro da minha cabeça. Eu vivia em um lugar muito escuro — digo a ele. — Eu não estava segura dentro da minha própria mente. Eu acordava todas as manhãs esperando morrer e passava o resto do dia me perguntando se eu já estava morta, porque nem sabia qual era a *diferença* — conto, mais áspera do que pretendo ser. — Eu tinha um pequeno fio de esperança e me agarrava a ele, mas a maior parte da minha vida foi passada esperando para ver se alguém teria dó de mim.

Kenji só está me encarando, os olhos tensos.

— Você não acha que eu percebi — falo para ele, mais brava agora — que, se eu tivesse me permitido ficar brava há muito tempo, eu teria descoberto que tinha força para quebrar e atravessar aquele manicômio com as minhas próprias mãos?

Kenji se retrai.

— Você acha que eu não penso nisso, o tempo todo? — pergunto a ele, minha voz tremendo. — Você não acha que me *mata* saber que foi minha própria resistência em me reconhecer como ser humano que me manteve presa por tanto tempo? Por 264 dias, Kenji — digo, engolindo a seco com dificuldade. — Fiquei lá por 264 dias e, durante o tempo todo, eu tinha o poder de quebrar tudo e escapar e não fiz isso, porque não fazia ideia de que conseguiria. Porque eu nunca nem mesmo tentei. Porque eu deixei o mundo me ensinar a odiar a mim mesma. Eu era uma *covarde* — afirmo — que precisava que outra pessoa me dissesse que eu valia alguma coisa antes de eu dar qualquer passo para me salvar. Não se trata de Adam nem de Warner — digo a ele. — Trata-se de mim e do que eu quero. Trata-se de enfim entender onde quero estar daqui a dez anos. Porque eu vou estar viva, Kenji. Vou estar viva daqui a dez anos e vou ser feliz. Vou ser forte. E não preciso mais de ninguém para me dizer isso. Eu sou suficiente e sempre vou ser.

Estou com a respiração pesada agora, tentando acalmar meu coração.

Kenji está me encarando, um pouco aterrorizado.

— Quero que o Adam seja feliz, Kenji, quero mesmo. Mas ele e eu poderíamos acabar como um rio que não vai a lugar nenhum.

— O que você quer dizer...?

— Água que nunca se mexe — falo para ele. — Ela fica boa por um tempinho. Você pode bebê-la e ela vai sustentá-lo. Mas, se ficar parada muito tempo, vai ficar ruim. Vai ficar velha. Vai se tornar tóxica.

Faço que não com a cabeça.

— Eu preciso de ondas. Eu preciso de cachoeiras. Eu quero correntes rápidas.

— Maldição — Kenji diz.

Ele dá uma risada nervosa, coça a parte de trás da cabeça.

— Acho que você deveria escrever esse discurso, princesa. Porque você vai ter que dizer tudo isso a ele pessoalmente.

— O quê?

Meu corpo fica rígido.

— É.

Kenji tosse.

— O Adam e o James virão para cá amanhã.

— *O quê*? — eu ofego.

— É. Constrangedor, não?

Ele tenta rir.

— Muuuito constrangedor.

— Por quê? Por que ele viria aqui? Como você sabe disso?

— Eu tenho, hum, tipo, voltado lá. — Ele limpa a garganta. — Para, você sabe, ver como eles estão. Principalmente o James. Mas você sabe.

Ele desvia o olhar. Olha a seu redor.

— Para ver como eles estão?

— É. Apenas para garantir que eles estão indo bem.

Ele faz que sim com a cabeça na direção do nada.

— Tipo, eu disse a ele que nós tínhamos um plano realmente incrível em ação — Kenji diz, apontando para mim. — Graças a você, é claro. Um plano incrível mesmo. Então. E eu disse a ele que a comida era boa — Kenji acrescenta. — E que os chuveiros eram quentes. Então, tipo, ele sabe que o Warner não foi muquirana com a gente nem nada. E, é, você sabe, algumas outras coisas.

— Que outras coisas? — pergunto, agora desconfiada. — O que você disse a ele?

— Hum?

Kenji está estudando a barra de sua camisa, puxando-a.

— *Kenji.*

— Certo, escute — Kenji diz, levantando as duas mãos. — Só… não fique brava, combinado?

— Já estou ficando brava...

— Eles iriam *morrer* lá fora. Eu não podia simplesmente deixá-los ficar naquele espacinho horroroso completamente sozinhos... Principalmente o James... E especialmente não agora que temos um plano sólido em ação...

— O que você disse a ele, Kenji?

Minha paciência está se esgotando.

— Talvez — ele diz, recuando agora —, talvez eu tenha dito a ele que você era uma pessoa calma, racional e muito gentil que não

gosta de magoar as pessoas, em especial não o seu amigo muito bonito Kenji...

— Maldição, Kenji, conte o que você fez…

— Preciso de um metro e meio — ele fala.

— O quê?

— Um metro e meio. De espaço — diz. — Entre nós.

— Vou dar um centímetro e meio.

Kenji engole a seco, com dificuldade.

— Certo, bem, talvez — ele começa —, talvez eu tenha dito a ele... que... hum, você sentia falta dele. Muita falta.

Eu quase balanço para trás, fugindo do impacto das palavras dele.

— Você fez o quê? — Minha voz baixa para um sussurro.

— Era o único jeito de eu conseguir trazê-lo para cá, tudo bem? Ele achou que você estava apaixonada pelo Warner e o orgulho é um *problema* tão grande com ele...

— Qual é o seu problema? — eu grito. — Eles vão se *matar*!

— Esta pode ser a chance deles de fazer as pazes — Kenji diz. — E, assim, todos nós poderemos ser amigos, do jeito que você queria...

— Ai, meu Deus — eu digo, passando uma mão sobre os olhos. — Você está *louco*? Por que você faria isso? Eu vou ter que partir o coração dele de novo!

— É, sabe, eu estava pensando que talvez você pudesse fingir que, tipo, *não* está interessada no Warner. Só até depois de esta guerra acabar? Porque isso deixaria as coisas um pouco menos estressantes. E, assim, todos nós nos daríamos bem, e o Adam e o James não iriam morrer lá fora completamente sozinhos. Sabe? Final feliz.

Estou tão brava agora que estou tremendo.

— Você falou mais alguma coisa para ele, não falou? — pergunto, meus olhos se estreitando. — Você disse algo mais para ele. Sobre mim. *Não disse*?

— O quê?

Kenji está andando para trás agora.

— Eu não...

— Isso foi tudo o que você disse para ele? — quero saber. — Que eu sentia falta dele? Ou você falou mais alguma coisa?

— Ah. Bem, agora que você tocou no assunto, é, hum, eu posso ter dito a ele, hum, que você ainda estava apaixonada por ele.

Meu cérebro está gritando.

— E… talvez que você fala dele o tempo todo. E talvez eu tenha dito a ele que você chora muito porque sente tanta falta dele. Não sei, nós conversamos sobre muitas coisas, então…

— Eu vou MATÁ-LO…

— Não — ele diz, apontando para mim conforme recua de novo. — Juliette feia. Você não gosta de matar pessoas, lembra? Você é contra isso, lembra? Você gosta de conversar sobre sentimentos e arco-íris...

— Por quê, Kenji? — Eu baixo a cabeça para as mãos. — Por quê? Por que você mentiria para ele?

— Porque — ele dispara, frustrado — isso é *uma merda*! Todo mundo já está morrendo neste mundo. Todo mundo perdeu sua casa, sua família... Tudo que já amaram. E você e o Kent deveriam conseguir resolver o seu drama de colégio idiota como dois adultos. Nós não deveríamos ter que perder uns aos outros assim. Já perdemos todas as outras pessoas — ele fala, bravo agora. — Eles estão *vivos*, J. Eles ainda estão vivos.

Kenji olha para mim, os olhos brilhando de uma emoção quase não contida.

— Isso é motivo suficiente para eu tentar mantê-los na minha vida.

Ele desvia o olhar. Baixa a voz.

— Por favor — diz. — Isso é uma merda tão grande. Essa coisa toda. Me sinto como se eu fosse o filho preso no meio de um divórcio. E eu não queria mentir para ele, tudo bem? Não queria. Mas, pelo menos, eu o convenci a vir para cá. E, talvez, depois de ele chegar aqui, ele queira ficar.

Eu olho feio para ele.

— Quando eles vão chegar aqui?

Kenji tira um momento para respirar.

— Vou pegá-los de manhã.

— Você sabe que eu vou contar para o Warner, não sabe? Você sabe que não pode simplesmente mantê-los aqui e deixá-los invisíveis.

— Eu sei — ele concorda.

— Ótimo.

Estou tão furiosa que nem sei mais o que dizer. Nem consigo olhar para ele agora.

— Então... — Kenji diz. — Foi uma boa conversa, não?

Eu me viro. Minha voz está mortalmente suave, meu rosto, apenas a centímetros do dele.

— Se eles se matarem — digo para ele —, eu vou quebrar o seu pescoço.

— Caramba, princesa. Quando foi que você se tornou tão violenta?

— Não estou brincado, Kenji. Eles já tentaram se matar antes, e quase conseguiram. Espero que você não tenha se esquecido desse detalhe quando estava fazendo seus planos felizes de arco-íris.

Eu olho para ele de cima.

— Esta não é apenas a história de dois caras que não gostam um do outro. Um quer o outro *morto.*

Kenji suspira. Olha na direção da parede.

— Vai ficar tudo bem — diz. — Vamos dar um jeito.

— Não. *Você* vai dar um jeito.

— Você não pode tentar ver os meus motivos? — ele pergunta. — Não consegue ver que seria muito melhor para nós ficarmos todos juntos? Não sobrou mais ninguém, J. Somos só nós. Não deveríamos ter que sofrer todos só porque você e o Kent não estão mais dando uns amassos. Não deveríamos estar vivendo assim.

Eu fecho os olhos. Solto um suspiro profundo e tento me acalmar.

— Eu entendo — falo em voz baixa. — Eu entendo seus motivos. Eu entendo mesmo, de verdade. E eu te amo por querer que todos fiquem bem e te amo por cuidar de mim e por querer que o Adam e eu fiquemos juntos de novo. Eu sei o quanto você está sofrendo agora. E sinto muito, muito, Kenji. De verdade. Sei que isto não é fácil para você. Mas também é exatamente por isso que eu não entendo por que você forçaria os dois a ficarem juntos. Você quer colocá-los na mesma sala. Em um espaço confinado. Pensei que você *não* quisesse que eles morressem.

— Acho que você está sendo um pouco pessimista a respeito disso.

— Caramba, Kenji!

Lanço um braço, exasperada, e nem percebo o que fiz até ouvir o barulho de algo quebrando. Olho na direção do som. Eu consegui derrubar uma prateleira inteira de pesos. Do outro lado da sala.

Sou uma catástrofe ambulante.

— Eu preciso me acalmar — digo a ele, tentando controlar minha voz. — Vou voltar para raspar sua cabeça quando você estiver dormindo.

Kenji parece verdadeiramente aterrorizado pela primeira vez.

— Você não faria isso.

Sigo na direção da parede oposta. Aperto o botão do elevador.

— Você tem o sono pesado, não tem?

— Isso não é engraçado, J… Isso não é nem um pouquinho engraçado...

O elevador solta um sonzinho agudo e abre. Eu entro.

— Boa noite, Kenji.

Ainda posso ouvi-lo gritar comigo conforme as portas se fecham.

# 40



Warner está no chuveiro quando subo de volta para o quarto.

Eu olho para o relógio. Este seria o horário em que ele começaria a descer para a sala de treinamento; eu geralmente o encontro lá para nossa recapitulação de toda noite.

Em vez disso, eu caio de cara na cama.

Não sei o que vou fazer.

Adam vai aparecer aqui amanhã pensando que eu ainda quero ficar com ele. Não quero ter de dar as costas para ele de novo, ver a mágoa em seus olhos. Eu não quero machucá-lo. Não quero mesmo. Nunca quis.

Eu vou *matar* o Kenji.

Eu enfio a cabeça sob os travesseiros, empilhando-os na minha cabeça e apertando-os em volta das minhas orelhas até eu sentir que consegui isolar o mundo. Eu não quero pensar nisso agora. Agora, entre todos os momentos em que posso pensar nisso. Por que as coisas sempre têm que ser tão complicadas? *Por quê?*

Sinto uma mão nas minhas costas.

Levanto de repente, travesseiros voando para todo lado, e fico tão estupidamente assustada que chego mesmo a cair da cama. Um travesseiro cai e me atinge no rosto.

Eu resmungo, agarrando o travesseiro contra meu peito. Aperto minha testa na maciez dele, fechando e apertando os olhos. Eu nunca tive uma dor de cabeça tão terrível.

— Juliette? — uma voz hesitante. — Você está bem?

Eu baixo o travesseiro. Pisco olhando para cima.

Warner está usando uma toalha.

Uma *toalha*.

Eu quero rolar para debaixo da cama.

— O Adam e o James vão vir para cá amanhã — conto para ele, de uma vez.

Eu simplesmente falo, assim mesmo.

Warner levanta uma sobrancelha.

— Eu não sabia que eles tinham recebido um convite.

— O Kenji vai trazê-los para cá. Ele tem saído escondido para ver como eles estão e, agora, vai trazê-los para cá. Amanhã de manhã.

O rosto de Warner está cuidadosamente neutro, sua voz, sem emoção. Ele poderia estar falando da cor das paredes.

— Pensei que ele não estivesse mais interessando em participar da sua resistência.

Por um momento, não consigo acreditar que ainda estou deitada no chão, apertando um travesseiro contra meu peito, encarando Warner, que está usando uma toalha e nada mais. Eu nem consigo me levar a sério.

— O Kenji disse ao Adam que eu ainda estou apaixonada por ele.

Ali está.

Um brilho de raiva. Aparecendo e desaparecendo. Os olhos de Warner faíscam e se apagam. Ele olha para a parede, em silêncio por um instante.

— Entendo.

Sua voz está baixa, controlada.

— Ele sabia que era a única maneira de conseguir que o Adam viesse para cá.

Warner não diz nada.

— Mas eu não estou, você sabe. Apaixonada por ele.

Estou surpresa com quão facilmente as palavras deixam meus lábios, e ainda mais surpresa por sentir a necessidade de dizê-las em voz alta. Por eu precisar tranquilizar Warner, entre todas as pessoas.

— Eu me importo com o Adam — falo para ele — da maneira como sempre me importei com as poucas pessoas que me mostraram gentileza na vida, mas todo o resto simplesmente... desapareceu.

— Eu entendo — ele diz.

Eu não acredito nele.

— Então, o que você quer fazer? — pergunto. — Quanto a amanhã? E ao Adam?

— O que você acha que deveria ser feito?

Suspiro.

— Vou ter que falar com ele. Vou ter que terminar com ele pela terceira vez — digo, resmungando de novo. — Isso é tão idiota — falo, abraçando o travesseiro contra o rosto. — Tão *idiota*.

Enfim, largo o travesseiro. Deixo os braços caírem ao lado do corpo.

Porém, quando olho para cima de novo, Warner se foi.

Eu me sento, alerta. Olho ao redor.

Ele está parado no canto, vestindo uma calça.

Tento não olhar para ele conforme subo para a cama de novo.

Chuto meus tênis e me afundo sob as cobertas, cavando um buraco entre os travesseiros até minha cabeça estar enterrada sob eles. Sinto o peso mudar na cama e percebo que Warner deve estar sentado a meu lado. Ele puxa um dos travesseiros da minha cabeça. Inclina-se. Nossos narizes estão a apenas centímetros de distância.

— Você não o ama nem um pouco? — Warner pergunta para mim.

Meu coração acelera de novo. Minha voz está sendo idiota.

— Romanticamente?

Ele faz que sim com a cabeça.

— Não.

— Você não se sente atraída por ele?

— Eu me sinto atraída por você.

— Estou falando sério — ele diz.

— Eu também.

Warner ainda está me encarando. Ele pisca, uma vez.

— Você não acredita em mim? — pergunto.

Ele desvia o olhar.

— Você não consegue perceber? — pergunto a ele. — Não consegue sentir?

E eu acho que ou estou perdendo a cabeça ou Warner acabou de ficar corado.

— Você me dá muito crédito, amor.

Seus olhos estão concentrados no cobertor, suas palavras são suaves.

— Vou decepcioná-la. Sou, de todas as formas, o ser humano cheio de defeitos que você não acha que sou.

Eu me sento. Olho para ele com atenção.

— Você está tão diferente — eu sussurro. — Tão diferente e exatamente igual.

— O que você quer dizer?

— Você está tão gentil agora. Você está muito... calmo — digo a ele. — Muito mais do que era antes.

Ele não diz nada por um longo tempo. E, depois, fica de pé. Seu tom é direto quando ele diz:

— Sim, bem, tenho certeza de que você e Kishimoto vão encontrar uma forma de resolver esta situação. Com licença.

E, então, ele sai. De novo.

Não sei mais o que pensar dele.

# 41



Adam já está aqui.

Warner está totalmente desinteressado em lidar com ele. Eu consegui acompanhá-lo por tempo suficiente para ele me dizer que não tinha uma opinião sobre Adam, de nenhum jeito. Assim, ele seguiu para seu dia e seus deveres, tendo dispensado os exercícios da manhã.

E, agora, eu estou aqui.

Acabei de sair do elevador e o som agudo que avisa a abertura das portas alertou todos a respeito de minha presença. Adam estava parado no canto. Conversando com James. Agora, está olhando para mim.

É estranho como me sinto ao olhar para ele agora. Não há emoção extrema em mim. Nenhum excesso de felicidade ou tristeza. Sinto-me perfeitamente normal. Não chateada. Não superanimada. O rosto dele é familiar para mim; seu corpo, familiar para mim. Seu sorriso sem firmeza, quando ele me olha, é familiar para mim.

Que estranho nós passarmos de amigos inseparáveis a pessoas que se odeiam e, depois, a conhecidos casuais no espaço de tempo de uma vida.

— Oi — eu falo.

— E aí.

Ele desvia o olhar.

— Oi, James.

Eu sorrio.

— Oi!

James acena, alegre. Ele está parado ao lado de Adam, os olhos iluminados, claramente animado por estar entre nós de novo.

— Este lugar é muito legal.

— É sim — eu concordo. — Você já teve chance de tomar um banho? A água é quente aqui.

— Ah, é — ele diz, com timidez agora. — O Kenji me contou sobre isso.

— Por que você não toma um? O Delalieu vai trazer o almoço daqui a pouco. Tenho certeza de que o Brendan pode mostrar o vestiário para você… E onde colocar todas as suas coisas. Você pode ter seu próprio armário — digo a ele, olhando para Brendan enquanto isso.

Ele faz que sim com a cabeça, entendendo a deixa, e fica de pé imediatamente.

— Sério? — James está dizendo. — Isso é muito legal. Então eles simplesmente trazem comida para vocês? E vocês podem tomar banho quando quiserem? Tem um toque de recolher?

— Sim, sim e não — Brendan responde para ele.

Ele toma a mão de James. Pega sua pequena bolsa.

— Podemos ficar acordados até a hora que quisermos — diz a ele. — Talvez, depois do jantar, eu mostre a você como usar as bicicletas daqui — ele diz, sua voz sumindo em um eco conforme ele e James desaparecem para dentro do vestiário.

Depois de James sair, todos parecem soltar a respiração.

Eu me preparo. Dou um passo à frente.

— Eu sinto muito — Adam fala primeiro, cruzando a sala para me encontrar. — Você não faz ideia...

— Adam — eu o interrompo, ansiosa.

Nervosa.

Tenho de falar isso e tenho de falar agora.

— Kenji mentiu para você.

Adam para. Fica imóvel.

— Eu não tenho chorado por você — conto, perguntando-me se é possível dar esse tipo de informação sem ao mesmo tempo humilhá-lo e partir seu coração.

Eu me sinto uma grande monstra.

— E estou muito, muito feliz por você estar aqui, mas não acho que a gente deva ficar junto.

— Ah — ele diz.

Balança para trás sobre os calcanhares. Baixa os olhos. Passa as duas mãos pelo cabelo.

— Certo.

Pelo canto dos olhos, vejo Kenji olhando para mim. Ele está balançando a mão, tentando chamar minha atenção, mas ainda estou muito brava com ele neste instante. Não quero falar com ele até ter consertado isto.

— Adam — falo. — Sinto muito…

— Não — ele diz, levantando uma mão para me interromper.

Ele parece entorpecido, mais ou menos. Estranho.

— Tudo bem. Mesmo. Eu já sabia que você iria me dizer isso.

Ele ri um pouco, mas de um jeito esquisito.

— Acho que pensei que saber com antecedência faria com que isso se parecesse muito menos com levar um soco no estômago.

Ele se encolhe.

— Mas, não. Ainda dói feito o diabo.

Ele recua contra a parede. Escorrega até o chão.

Não está olhando para mim.

— Como você sabia? — eu pergunto. — Como sabia o que eu iria dizer?

— Eu disse a ele antes de você chegar aqui — Kenji fala, dando um passo à frente.

Ele me lança um olhar cortante.

— Eu falei a verdade. Contei a ele o que nós conversamos ontem. Tudo o que você disse.

— Então, por que ainda está aqui? — questiono, pasma. — Viro-me para olhar Adam. — Pensei que você tivesse dito que nunca mais queria me ver.

— Eu nunca devia ter dito isso.

Adam ainda está olhando para o chão.

— Então… Não tem problema para você? — pergunto a ele. — Com o Warner?

Adam olha para cima, enojado, muito diferente de um segundo para o outro.

— Você ficou doida? Eu quero enfiar a cabeça dele pela droga da parede.

— Então por que você ainda está aqui? — pergunto de novo. — Eu não entendo...

— Porque eu não quero *morrer* — ele diz para mim. — Porque eu fiz de tudo para tentar pensar em como alimentar meu irmão e cheguei a exatamente merda nenhuma como solução. Porque está frio como o diabo lá fora, e ele está com fome e porque nossa eletricidade será desligada logo mais.

Adam está com a respiração pesada.

— Eu não sabia mais o que fazer. Então, agora, aqui estou, meu orgulho jogado pela privada, esperando que eu possa ficar no refúgio de solteiro do novo *namorado* da minha ex-namorada, e quero me matar.

Ele engole a seco.

— E eu posso aguentar esse sofrimento — diz —, se significar que James estará a salvo. Mas, neste instante, ainda estou esperando que seu namorado cabeça de merda apareça e tente me matar.

— Ele não é meu namorado — falo em voz baixa. — Ele não vai matá-lo. Ele nem liga para o fato de você estar aqui.

Adam ri alto.

— Mentira — ele diz.

— Estou falando sério.

Adam fica de pé. Estuda meus olhos.

— Você está me dizendo que eu posso ficar aqui, na sala dele, e ele simplesmente vai *deixar*?

Os olhos de Adam estão arregalados, incrédulos.

— Você ainda não entende esse cara. Ele não funciona do jeito que você acha, Juliette. Ele não pensa como um ser humano normal. Ele é um maldito sociopata. E você está mesmo louca — ele afirma — se acha que não tem problema ficar com alguém assim.

Eu me retraio, atingida.

— Tenha muito cuidado com o jeito como fala comigo, Adam. Eu não vou tolerar os seus insultos de novo.

— Eu nem consigo acreditar em você — ele diz. — Não acredito que você consegue ficar aí e me tratar dessa forma.

O rosto dele está contorcido em algo intensamente feio.

Fúria.

— Eu não estou tentando machucá-lo...

— Talvez você devesse ter se lembrado disso antes de correr para os braços de um psicopata!

— Sossegue esse facho aí, Kent — eu ouço o aviso cortante de Kenji vindo do canto da sala. — Pensei que você tivesse dito que ia ficar numa boa.

— Estou numa boa — ele fala, a voz ficando mais alta, os olhos pegando fogo. — Eu sou um santo, caramba. Não conheço ninguém que seria tão generoso quanto eu estou sendo agora.

Adam olha de novo para mim.

— Você estava mentindo para mim durante todo o tempo em que estávamos juntos. Você estava me *traindo*...

— Não, eu não estava.

— Esse tipo de merda não acontece simplesmente da noite para o dia! — ele grita. — Ninguém se apaixona por alguém assim...

— Já *acabamos*, Adam. Não vou fazer isso de novo. Você é bem-vindo aqui — digo a ele. — Em especial para o bem do James. Mas não pode ficar aqui e me insultar. Você não tem o direito.

Adam trava os dentes. Pega suas coisas. E entra depressa no vestiário.



— Eu vou matar você.

— Ele não estava assim quando eu fui visitá-lo — Kenji diz para mim. — Eu juro. Ele estava bem. Ele estava *triste*.

— É, bem, obviamente ver meu rosto não está trazendo lembranças felizes para ele.

Kenji suspira. Desvia o olhar.

— Eu sinto muito mesmo — ele diz. — Eu juro. Mas ele não estava mentindo, J. Eles estavam praticamente sem nada da última vez em que voltei para lá. Kent disse que metade dos suprimentos estragou porque ele não percebeu que a explosão tinha quebrado várias das prateleiras do armazém deles. Alguns dos potes quebraram e se abriram e havia ratos e tal comendo a comida deles. E eles estavam sozinhos lá fora. Está frio demais e você não faz ideia do quanto era deprimente vê-los daquele jeito, e o James...

— Eu entendo, Kenji.

Solto a respiração em um sopro. Sento-me com o corpo dobrado no chão.

— Entendo mesmo.

Olho para cima, olho ao redor. Todos estão se ocupando com algum tipo de tarefa. Correndo ou desenhando ou treinando ou levantando pesos. Acho que todos nós estamos esgotados com esse drama. Ninguém mais quer lidar com isso.

Kenji se senta diante de mim.

— Ele não pode continuar me tratando assim — eu digo, enfim. — Não vou continuar tendo a mesma conversa com ele.

Levanto o olhar.

— Você o trouxe para cá. Ele é sua responsabilidade. Temos três semanas antes de iniciar este plano e já estamos com o tempo bem apertado. Eu preciso poder descer aqui e treinar todo dia e não quero ter que me preocupar com ele estourando comigo.

— Eu sei — ele diz. — Eu sei.

— Ótimo.

— Ei, então… você estava falando sério? — Kenji pergunta. — Quando disse que o Warner não se importa com ele estar aqui?

— Sim. Por quê?

Kenji levanta uma sobrancelha.

— Isso é… estranho.

— Um dia — digo para ele — você vai perceber que o Warner não é tão louco quanto você acha que ele é.

— É — Kenji fala. — Ou, talvez, um dia nós possamos reprogramar esse chip na sua cabeça.

— Cala a boca — eu rio, empurrando-o um pouco.

— Certo. Levante. Vamos. É hora de trabalhar.



Alia desenvolveu um novo traje para mim.

Estamos sentados nos colchões como sempre fazemos à noite e, neste momento, Alia está nos mostrando seus desenhos.

Eu nunca a vi tão animada antes.

Ele fica mais confiante quando fala do conteúdo de seu caderno de rascunhos do que conversando sobre o tempo. Está falando rápido e com fluidez, descrevendo os detalhes e as dimensões, até mesmo dando uma ideia dos materiais que teremos de ter para fazê-lo.

Ele é feito de carbono.

Fibras de carbono, para ser exata. Ela explicou que fibras de carbono são tão duras e abrasivas que precisarão ser unidas a algo mais flexível para que se tornem utilizáveis em roupas e, assim, ela está planejando experimentar vários materiais diferentes. Alguma coisa a respeito de polímeros. E algo sintético. E várias outras palavras que eu não entendi, na verdade. Os desenhos dela

mostram como as fibras de carbono são literalmente entrelaçadas no tecido, criando um material durável e leve que servirá como uma base mais forte para o que eu preciso.

Sua ideia foi inspirada nos socos ingleses que ela fez para mim.

Ele disse que, originalmente, queria que o traje fosse feito por milhares de pedaços de bronze, mas, então, percebeu que nunca teria as ferramentas para fazer pedaços tão finos quanto gostaria e, assim, o traje ficaria muito pesado. Mas esta ideia está parecendo tão incrível quanto.

— Ele vai complementar e aumentar sua força — ela está dizendo para mim. — As fibras de carbono vão lhe dar um nível de proteção a mais; não vão se danificar com facilidade, então você vai poder se mexer com mais liberdade por diferentes terrenos. E, quando você estiver em um ambiente perigoso, tem que se lembrar de manter um estado de *electricum* o tempo todo; assim, o seu corpo vai se tornar praticamente indestrutível.

— O que você quer dizer...?

Eu olho dela para Castle à procura de esclarecimento.

— Como isso pode ser possível?

— Porque sim — Alia explica. — Da mesma maneira como você consegue atravessar o concreto sem se machucar, você deveria ser capaz de suportar o ataque de uma bala, por exemplo, sem ferimentos.

Ela sorri.

— Seus poderes a tornam praticamente invencível.

Uau.

— Este traje é uma precaução mais do que qualquer coisa — ela continua. — Já vimos que você *pode*, de fato, machucar sua pele se não tiver controle completo sobre seu poder. Quando você quebrou o chão nas salas de pesquisa — ela fala —, pensamos que tinha sido a enormidade do ato que a feriu. Mas, depois de examinar a

situação e as suas habilidades de maneira mais completa, Castle e eu descobrimos que essa dedução não era precisa.

— Nossas energias nunca são inconsistentes — Castle entra na conversa, fazendo que sim com a cabeça para Alia. — Elas seguem um padrão... Uma precisão quase matemática. Se você não consegue se machucar ao atravessar uma parede de concreto, então foge ao padrão o fato de você poder se machucar ao quebrar o chão e, depois, continuar *sem* ferimentos depois de quebrar o chão pela segunda vez.

Ele olha para mim.

— Seus ferimentos têm a ver com o seu controle sobre sua habilidade. Se você em algum momento abandonar o *electricum*, se você diminuí-lo até mesmo por um instante, vai ficar vulnerável. Lembre-se de estar *ligada*, o tempo todo. Se fizer isso, não poderá ser derrotada.

— Eu te odeio com muita força agora — Kenji murmura baixinho. — Praticamente invencível uma ova.

— Está com ciúmes?

Eu sorrio para ele.

— Nem consigo olhar para você.

— Você não deveria ficar tão surpresa.

Warner acabou de entrar. Eu me viro e vejo que ele está andando na direção do grupo, abrindo um sorriso frio para ninguém em especial. Ele se senta em frente a mim. Olha nos meus olhos enquanto diz:

— Eu sempre soube que seus poderes, depois de controlados, seriam inigualáveis.

Tento respirar.

Warner enfim quebra o contato visual comigo para olhar pela sala.

— Boa noite a todos — ele diz.

Faz um aceno com a cabeça para Castle. Um tipo especial de reconhecimento.

Adam tem seu próprio tipo especial de reconhecimento.

Ele está olhando para Warner com um ódio intenso e explícito, parecendo que realmente quer assassiná-lo, e, de repente, fico mais ansiosa do que estive durante todo o dia. Estou olhando de Adam para Warner e de volta e não sei o que fazer. Não sei se algo está prestes a acontecer e estou tão desesperada para que a situação seja civilizada que eu...

— Oi — James diz, tão alto que assusta todos.

Ele está olhando para Warner.

— O que você está fazendo aqui?

Warner levanta uma sobrancelha.

— Eu moro aqui.

— Esta é a sua *casa*? — James pergunta.

Estranho. Eu me pergunto o que Adam e Kenji falaram para ele sobre o lugar para onde iam.

Warner faz que sim com a cabeça.

— De certa forma, sim — responde. — Serve como casa para mim. Eu moro lá em cima.

— Isso é muito legal — James diz, sorrindo. — Este lugar todo é muito legal. — Ele franze as sobrancelhas. — Ei, mas eu achei que a gente deveria odiá-lo.

— *James* — Adam diz, lançando para o irmão um olhar de aviso.

— O que foi? — James pergunta.

— Fique à vontade para me odiar — Warner diz. — Se quiser. Eu não me importo.

— Bem você *deveria* se importar — James diz, surpreso. — Eu ficaria muito chateado se alguém me odiasse.

— Você é novinho.

— Tenho quase 12 anos — James diz para ele.

— Disseram para mim que você tinha dez.

— Eu disse *quase* 12.

James revira os olhos.

— Quantos anos você tem?

Todos estão observando. Escutando. Fascinados demais para desviar o olhar.

Warner examina James. Não se apressa para responder.

— Eu tenho 19 anos.

Os olhos de James se arregalam.

— Você só é um ano mais velho que o Adam — diz. — Como você tem tantas coisas legais se tem apenas um ano a mais que o Adam? Não conheço ninguém da sua idade que tenha coisas legais.

Warner olha para mim. Olha de volta para James. Olha para mim de novo.

— Não tem nada que você queira acrescentar a esta conversa, amor?

Eu faço que não com a cabeça. Sorrindo.

— Por que você chama a Juliette de “amor”? — James pergunta. — Eu já o ouvi dizer isso antes também. Muitas vezes. Você está apaixonado por ela? Eu acho que o Adam está apaixonado por ela. Mas o Kenji não está apaixonado por ela. Eu já perguntei para ele.

Warner pisca os dois olhos para ele.

— E então? — James pergunta.

— Então o quê?

— Você está apaixonado por ela?

— *Você* está apaixonado por ela?

— O quê? — James cora. — Não. Ela é tipo um milhão de anos mais velha que eu.

— Alguém gostaria de assumir esta conversa? — Warner pergunta, olhando para o grupo.

— Você não respondeu a minha pergunta — James diz. — Sobre por que você tem tantas coisas. Eu não estou tentando ser grosseiro — fala. — De verdade. Só estou me perguntando. Eu nunca tomei um banho de água quente antes. E você tem tanta comida. Deve ser muito bom ter tanta comida o tempo todo.

Warner se retrai, inesperadamente. Ele olha com mais cuidado para James.

— Não — ele diz, devagar. — Não é algo terrível ter comida e água quente o tempo todo.

— Então, você vai responder a minha pergunta? Sobre onde conseguiu todas essas coisas?

Warner suspira.

— Eu sou o comandante e regente do Setor 45 — diz. — Estamos agora em uma base do exército, onde meu trabalho é supervisionar nossos soldados e todos os civis que vivem nos aglomerados anexos. Sou pago para morar aqui.

— Ah.

James fica pálido no mesmo instante; de repente, ele parece desumanamente aterrorizado.

— Você trabalha para O Restabelecimento?

— Ei, está tudo bem, amigo — Kenji diz para James. — Você está seguro aqui. Certo? Ninguém vai machucá-lo.

— Esse é o tipo de cara pelo qual você está interessada, hã? — Adam dispara para mim. — O tipo de cara que deixa crianças petrificadas?

— É bom vê-lo de novo, Kent.

Warner está observando Adam agora.

— Está gostando da sua estada?

Adam parece estar contendo o impulso de dizer várias coisas grosseiras.

— Então, você trabalha mesmo para eles? — James está perguntando para Warner de novo, suas palavras apenas um sussurro, seus olhos ainda congelados no rosto de Warner.

Ele está tremendo tanto que meu coração se parte.

— Você trabalha para O Restabelecimento?

Warner hesita. Desvia o olhar e depois o traz de volta.

— Teoricamente — diz. — Sim.

— O que você quer dizer? — James questiona.

Warner está olhando para as mãos.

— O que você quer dizer com *teoricamente*? — James quer saber.

— Você está perguntando — Warner diz com um suspiro — porque está mesmo procurando um esclarecimento? Ou é porque você não sabe o que a palavra *teoricamente* quer dizer?

James hesita, seu pânico se dissolvendo em frustração por um momento. Ele retorce o rosto, irritado.

— Certo. O que *teoricamente* significa?

— Teoricamente — Warner fala — eu deveria trabalhar para O Restabelecimento. Mas, obviamente, já que estou hospedando um grupo de rebeldes nesta base militar de propriedade do governo... Nos meus aposentos privados, que surpresa… E sustentando tais rebeldes para que eles possam derrubar nosso regime atual, eu diria que não. Não estou trabalhando para O Restabelecimento exatamente. Eu cometi uma traição — ele diz para James. — Um crime que é punível com morte.

James o encara por um longo tempo.

— É *isso* o que *teoricamente* significa?

Warner levanta o olhar para a parede. Suspira de novo.

Eu seguro uma risada.

— Então, espere… Então você não é o vilão — James declara de repente. — Você está do nosso lado, certo?

Warner vira-se devagar para olhar nos olhos de James. Não diz nada.

— E então? — James pergunta, impaciente. — Você não está do nosso lado?

Warner pisca. Duas vezes.

— Assim parece — diz, como se mal pudesse acreditar que está falando isso.

— Talvez devêssemos voltar a falar do traje — Castle interrompe.

Ele está olhando para Warner, sorrindo triunfantemente.

— Alia passou muito tempo desenvolvendo-o, e sei que ela tem mais detalhes a compartilhar.

— É — Kenji diz, animado. — Isso parece incrível, Alia. Eu quero um. Posso ter um?

Eu me pergunto se sou a única pessoa a notar que as mãos de Warner estão tremendo.

# 44



— Dê um soco em mim.

Warner está em pé bem em frente a mim, a cabeça tombada para o lado. Todos estão nos observando.

Eu faço que não com a cabeça, depressa.

— Não tenha medo, amor — ele diz para mim. — Eu só quero que você tente.

Seus braços estão relaxados ao lado do corpo. Sua postura é muito casual. É sábado de manhã, o que significa que ele tem uma folga de sua rotina de exercícios diária. O que significa que ele decidiu trabalhar comigo em vez disso.

Eu faço que não com a cabeça de novo.

Ele ri.

— Seu treinamento com Kenji é bom — ele diz —, mas isto é tão importante quanto. Você precisa aprender a lutar. Você precisa ser capaz de se defender.

— Mas eu posso me defender — digo para ele. — Sou forte o suficiente.

— Força é excelente — ele fala —, mas não vale nada sem técnica. Se você pode ser dominada, então não é forte *o bastante*.

— Eu não acho que eu poderia ser dominada — declaro. — Não de verdade.

— Eu admiro sua confiança.

— Bem, é verdade.

— Quando você conheceu meu pai — ele começa —, não foi dominada de início?

Meu sangue fica frio.

— E, quando você partiu para lutar depois de eu deixar o Ponto Ômega — ele diz para mim —, você não foi dominada de novo?

Eu cerro os punhos.

— E, mesmo depois de você ser capturada — ele continua, em voz baixa —, meu pai não foi capaz de dominá-la mais uma vez?

Eu baixo a cabeça.

— Quero que você seja capaz de se defender — Warner afirma, sua voz suave agora. — Quero que você aprenda como lutar. Kenji estava certo no outro dia, quando ele disse que você não pode simplesmente jogar sua energia por aí. Você precisa ser capaz de projetar com precisão. Seus movimentos sempre devem ser deliberados. Você precisa ser capaz de prever seu oponente de todas as formas possíveis, tanto mental quanto fisicamente. A força é apenas o primeiro passo.

Eu levanto o rosto, olho nos olhos dele.

— Agora, dê um soco em mim — ele diz.

— Eu não sei como — enfim admito, constrangida.

Warner está se esforçando para não sorrir.

— Você está procurando voluntários? — ouço Kenji perguntar.

Ele se aproxima.

— Porque eu ficaria feliz em dar uma surra em você se a Juliette não estiver interessada.

— *Kenji* — eu disparo, virando-me.

Aperto os olhos.

— O que foi?

— Vamos, amor — Warner diz para mim.

Ele não se incomoda com o comentário de Kenji, olhando para mim como se mais ninguém naquela sala existisse.

— Eu quero que você tente. Use sua força. Aproveite cada pouquinho de poder que tiver. E, depois, dê um soco em mim.

— Tenho medo de machucá-lo.

Warner ri de novo. Desvia o olhar. Morde o lábio enquanto contém outro sorriso.

— Você não vai me machucar — ele diz. — Confie em mim.

— Porque você vai absorver meu poder?

— Não — ele diz. — Porque você não vai se *capaz* de me machucar. Você não sabe como fazer isso.

Eu franzo as sobrancelhas, incomodada.

— Tudo bem.

Balanço meu punho na forma como suponho que um soco deve ser. Porém, meu movimento é flácido e vacilante e tão humilhantemente ruim que eu quase desisto na metade do caminho.

Warner pega meu braço. Olha nos meus olhos.

— Concentre-se — diz para mim. — Imagine que está apavorada. Você está acuada. Está lutando pela sua vida. *Defenda-se* — ele exige.

Puxo meu braço para trás com mais intensidade, pronta para tentar com mais empenho desta vez, quando Warner me interrompe. Ele agarra meu cotovelo. Sacode-o um pouco.

— Você não está jogando beisebol — diz. — Não precisa balançar o braço antes de um soco e não precisa levantar o cotovelo até a orelha. Não dê ao oponente um aviso prévio do que você está prestes a fazer — ele fala. — O impacto deve ser inesperado.

Eu tento de novo.

— Meu rosto está no meio, amor, bem aqui — ele diz, batendo um dedo contra o queixo. — Por que você está tentando acertar meu ombro?

Eu tento de novo.

— Melhor… Controle seu braço… Mantenha o punho esquerdo alto... Proteja seu rosto...

Eu dou um soco forte, um movimento injusto, um golpe inesperado mesmo sabendo que ele não está pronto.

Os reflexos dele são rápidos demais.

Seu punho se prende em volta do meu antebraço imediatamente. Ele puxa, com força, levando meu braço para a frente e para baixo até eu ficar sem equilíbrio e tombar em direção a ele. Nossos rostos estão a centímetros de distância.

Eu levanto o olhar, envergonhada.

— Isso foi fofo — ele fala, sem bom humor, conforme me solta. — Tente de novo.

Eu tento.

Ele bloqueia meu soco com a parte de trás da mão, atingindo o espaço bem do lado de dentro do meu pulso, jogando meu braço para o lado.

Eu tento de novo.

Ele usa a mesma mão para agarrar meu braço no meio do ar e me puxar para perto de novo. Inclina-se para mim.

— Não permita que ninguém pegue seu braço assim — ele fala. — Porque, depois de fazerem isso, poderão controlá-la.

E, como se quisesse provar, ele usa a mão que aperta meu braço para me puxar e, depois, empurrar para trás com força.

Não tanta força.

Mas, ainda assim.

Estou começando a ficar irritada, e ele percebe.

Sorri.

— Você quer mesmo que eu o machuque? — pergunto a ele, meus olhos se apertando.

— Não acho que você consiga — ele responde.

— Eu acho que você é muito arrogante quanto a isso.

— Prove que estou errado, amor.

Ele levanta uma sobrancelha para mim.

— Por favor.

Eu dou um soco.

Ele bloqueia.

Golpeio de novo.

Ele bloqueia.

Os antebraços dele são feitos de *aço*.

— Eu pensei que se tratasse de *dar socos* — digo a ele, esfregando meus braços. — Por que você fica me atingindo nos antebraços?

— Seu punho não carrega sua força — ele diz. — É apenas uma ferramenta.

Eu dou outro soco, hesitando no último minuto, minha confiança me abandonando.

Ele pega meu braço. Larga-o.

— Se você vai hesitar — ele diz —, faça de propósito. Se vai machucar alguém, faça de propósito. Se vai perder uma briga — fala —, faça de *propósito*.

— Eu só… Não posso fazer isto agora — digo para ele. — Minhas mãos estão tremendo e meus braços estão começando a doer...

— Observe o que eu faço — ele fala. — Observe minha forma.

Seus pés estão plantados mais ou menos na distância dos ombros, as pernas levemente dobradas na altura dos joelhos. Seu punho esquerdo está levantado e recolhido, protegendo a lateral do rosto, e o punho direito está mais à frente, colocado mais alto e um pouco na diagonal em direção ao esquerdo. Os dois cotovelos estão perto do corpo, pairando próximos do peito dele.

Ele dá um soco em mim, devagar, para que eu possa estudar o movimento.

Seu corpo está tenso; a mira, focada; cada movimento, controlado. O poder vem de algum lugar profundo dentro dele; é o tipo de força que é consequência de anos de treinamento cuidadoso. Seus músculos sabem como se mexer. Sabem como lutar. Seu poder não é um truque de coincidência sobrenatural.

Os nós de seus dedos roçam levemente a ponta do meu queixo.

Ele faz parecer tão fácil socar alguém. Eu não fazia ideia de que era tão difícil assim.

— Você quer trocar? — ele pergunta.

— O quê?

— Se eu tentar dar um soco em você — ele começa. — Você consegue se defender?

— Não.

— Tente — ele diz para mim. — Só tente me bloquear.

— Certo — digo, sem querer de verdade.

Sinto-me idiota e petulante.

Ele dá outro soco, devagar, para o meu bem.

Eu dou um tapa para tirar o braço dele do caminho.

Ele baixa a mão. Tenta não rir.

— Você é muito pior nisto do que eu achei que seria.

Eu faço uma careta.

— Use seus antebraços — ele indica. — Bloqueie meu soco. Jogue-o para fora do caminho e mexa seu corpo junto com ele. Lembre-se de movimentar a cabeça quando bloquear. Você quer se *distanciar* do perigo. Não fique parada aí dando tapas.

Eu faço que sim com a cabeça.

Ele começa a dar o soco.

Eu bloqueio um pouco rápido demais, meu antebraço atingindo o punho dele. Com força.

Eu me retraio.

— É bom prever — ele diz para mim, os olhos cortantes. — Mas não fique ansiosa.

Outro soco.

Eu agarro o antebraço dele. Olho para ele. Tento puxá-lo para baixo como ele fez com o meu, mas ele literalmente não se mexe. Nem um pouco. Nem mesmo uns centímetros. É como puxar um poste de metal enterrado em concreto.

— Isso foi… bom — ele fala, sorrindo. — Tente de novo. Concentre-se.

Ele está estudando meus olhos.

— *Concentre-se*, amor.

— Eu *estou* concentrada — insisto, irritada.

— Olhe para os seus pés — ele diz. — Você está colocando o peso na parte da frente deles e parece que está prestes a tombar. Plante-se no lugar. Mas esteja pronta para se mexer. Seu peso deve ser apoiado nos calcanhares — ele ensina, batendo na parte de trás do próprio pé.

— Tudo bem — eu disparo, nervosa agora. — Estou apoiada nos calcanhares. Não estou mais tombando.

Warner olha para mim. Encontra meus olhos e os prende.

— Nunca lute quando estiver brava — ele fala, em voz baixa. — A raiva vai deixá-la fraca e desengonçada. Vai desviar sua concentração. Seus instintos não vão funcionar.

Eu mordo o lado de dentro da bochecha. Frustrada e envergonhada.

— Tente de novo — ele diz, devagar. — Fique calma. Tenha fé em você mesma. Se não acreditar que consegue — fala —, não vai conseguir.

Eu faço que sim com a cabeça, um pouco menos chateada. Tento me concentrar.

Digo a ele que estou pronta.

Ele dá um soco.

Meu braço esquerdo se dobra no cotovelo em um ângulo perfeito de 90° que se choca com o antebraço dele com tanta força que interrompe seu movimento. Minha cabeça saiu do caminho, meus pés se viraram na direção do soco dele; ainda estou em pé e estável.

Warner está feliz.

Ele dá um soco com a outra mão.

Eu agarro o antebraço dele em pleno ar, meu punho fechado em volta do espaço acima do seu pulso, e aproveito a vantagem da

surpresa dele para desequilibrá-lo, levando seu braço para baixo e puxando-o para a frente. Ele quase bate em mim. Seu rosto está bem em frente ao meu.

E estou tão surpresa que, por um momento, não sei o que fazer. Estou presa aos olhos dele.

— Empurre — ele sussurra.

Eu aumento meu aperto em volta do braço dele e, depois, jogo-o pela sala.

Ele voa para trás, conseguindo se equilibrar antes de cair no chão.

Estou congelada no mesmo lugar. Chocada.

Alguém assobia.

Eu me viro.

Kenji está batendo palmas.

— Muito bom, princesa! — Ele está tentando não rir. — Eu não sabia que você era capaz disso.

Dou um sorriso, meio envergonhada e meio absurdamente orgulhosa de mim mesma.

Cruzo meu olhar com o de Warner do outro lado da sala. Ele faz que sim com a cabeça, um sorriso muito largo no rosto.

— Bom — ele fala. — Muito bom. Você aprende rápido. Mas ainda temos muito trabalho a fazer.

Eu enfim desvio o olhar, tenho um vislumbre de Adam ao fazer isso.

Ele parece furioso.

# 45



Os dias voaram, pipas carregando-os para longe.

Warner tem trabalhado comigo todas as manhãs agora. Depois de seu treino e depois de meu treino com Kenji, ele conseguiu duas horas por dia para passar comigo. Sete dias por semana.

Ele é um professor extraordinário.

Tão paciente comigo. Tão agradável. Ele nunca fica frustrado, nunca se incomoda com quanto tempo eu levo para aprender algo. Ele é paciente para me explicar a lógica por trás de cada detalhe, cada movimento, cada posição. Ele quer que eu entenda o que estou fazendo em um nível elementar. Ele garante que eu esteja internalizando as informações e repetindo-as por conta própria, não apenas copiando os movimentos dele.

Eu enfim estou aprendendo a ser forte de mais de uma maneira.

É estranho. Nunca pensei que saber dar um soco pudesse fazer a diferença, mas o simples conhecimento de entender como me defender me deixou muito mais confiante.

Estou muito mais consciente de mim mesma agora.

Eu ando por aí sentindo a força nas minhas pernas e nos meus braços. Sou capaz de dar o nome de todos os músculos de meu corpo, sabendo exatamente como usá-los; e como abusar deles, se eu fizer do jeito errado. Meus reflexos estão melhorando, meus sentidos estão mais apurados. Estou começando a entender meus arredores, a prever perigos e a reconhecer as mudanças sutis na linguagem corporal que indicam raiva ou agressão.

E minha projeção está quase fácil demais agora.

Warner reuniu todo tipo de coisa para eu destruir, só para eu treinar com alvos. Pedaços de madeira e metal, mesas e cadeiras velhas. Blocos de concreto. Qualquer coisa que pudesse testar minha força. Castle usa sua energia para jogar os objetos no ar e é meu trabalho destruí-los do outro lado da sala. No começo, era praticamente impossível; é um exercício extremamente intenso que me exige estar em completo controle de mim mesma.

No entanto, agora é um de meus jogos favoritos.

Posso parar e destruir qualquer coisa no ar. De qualquer distância da sala. Tudo de que preciso são minhas mãos para controlar a energia. Posso movimentar meu poder em qualquer direção, focando-o em pequenos objetos e, depois, aumentando o escopo para uma massa maior.

Posso movimentar qualquer coisa da sala de treinamento. Nada mais é difícil.

Kenji acha que eu preciso de um novo desafio.

— Quero levá-la lá para fora — ele diz.

Está falando diretamente com Warner — bem casualmente —, algo que, para mim, ainda é estranho de se ver.

— Acho que ela precisa começar a experimentar com materiais naturais. Estamos muito limitados aqui.

Warner olha para mim.

— O que você acha?

— Vai ser seguro? — pergunto.

— Bem — ele fala —, não importa de verdade, importa? Em uma semana vamos nos expor de qualquer forma.

— Bom argumento.

Eu tento sorrir.

Adam tem estado estranhamente quieto nestas duas últimas semanas.

Não sei se é porque Kenji conversou com ele e lhe disse para ter cuidado ou se é porque ele realmente se resignou com esta situação. Talvez tenha percebido que não há nada romântico acontecendo entre Warner e mim. O que me agrada e também me decepciona.

Warner e eu parecemos ter chegado a algum tipo de entendimento. Um relacionamento civilizado e estranhamente formal que se equilibra de maneira precária entre a amizade e algo mais que nunca foi definido.

Não posso dizer que gosto disso.

No entanto, Adam não interfere quando James fala com Warner, e Kenji me disse que isso é porque Adam não quer traumatizar James dando-lhe um motivo para ter medo de morar aqui.

O que significa que ele está constantemente falando com Warner.

Ele é um menino curioso, e Warner é tão naturalmente fechado que é o alvo mais óbvio das perguntas de James. Suas conversas são sempre interessantes para todos nós. James não tem vergonha nenhuma e é mais ousado do que quase qualquer pessoa seria ao falar com Warner.

Na verdade, é meio fofo.

Exceto por isso, todos estão progredindo bem. Brendan e Winston estão em perfeitas condições de novo, Castle está com o humor

melhor a cada dia e Lily é uma menina autossuficiente que não precisa de muito para se entreter; embora ela e Ian pareçam ter encontrado um tipo de consolo na companhia um do outro.

Acho que faz sentido esse tipo de isolamento aproximar as pessoas.

Como Adam e Alia.

Ele tem passado muito tempo com ela ultimamente, e não sei o que isso significa; pode não ser nada além de amizade. Porém, na maior parte do tempo em que fico na sala de treinamento, eu o tenho visto sentado ao lado dela, apenas observando-a desenhar, fazendo uma pergunta de vez em quando.

Ela sempre está com o rosto corado.

De algumas maneiras, ela me lembra muito de como eu costumava ser.

Eu adoro a Alia, mas, às vezes, observá-los juntos me faz pensar se é isso que Adam sempre quis. Uma menina doce, quieta e gentil. Alguém que compensaria toda a dureza que ele viu na vida. Ele me disse isso uma vez, eu me lembro. Disse que amava essa característica minha. Que eu era muito *boa*. Muito doce. Que eu era a única coisa boa que restara neste mundo.

Acho que eu sempre soube que não era verdade.

Talvez ele esteja começando a perceber isso também.

# 46



— Tenho que visitar a minha mãe hoje.

Essas são as sete palavras que iniciam nossa manhã.

Warner acabou de sair do escritório, o cabelo uma bagunça dourada em volta da cabeça, os olhos tão verdes e, ao mesmo tempo, tão transparentes que são impossíveis de se descrever de verdade. Ele não se deu ao trabalho de abotoar a camisa amassada e sua calça social está sem cinto e baixa em sua cintura. Ele parece completamente desorientado. Acho que não dormiu a noite toda e quero desesperadamente saber o que está acontecendo na sua vida, mas sei que não devo perguntar. Ainda pior, sei que ele nem me contaria se eu perguntasse.

Não há mais nenhum nível de intimidade entre nós.

Tudo estava acontecendo muito depressa entre nós e, depois, parou completamente. Todos aqueles pensamentos e sentimentos e emoções congelados no mesmo lugar. E, agora, tenho muito medo de que, se eu der o passo errado, tudo se quebre.

Mas eu sinto falta dele.

Ele fica parado na minha frente todo dia e eu treino com ele e trabalho ao lado dele como uma colega e isso não é mais suficiente para mim. Eu sinto falta das nossas conversas fáceis, dos sorrisos abertos dele, da maneira como ele sempre costumava olhar nos meus olhos.

Eu sinto falta dele.

E preciso conversar com ele, mas não sei como. Ou quando. Ou o que dizer.

*Covarde*.

— Por que hoje...? — pergunto, hesitante. — Aconteceu alguma coisa?

Warner não fala nada por um longo tempo, apenas fica olhando para a parede.

— Hoje é aniversário dela.

— Ah — eu sussurro, meu coração se partindo.

— Você queria praticar lá fora — ele fala, ainda olhando direto para a frente. — Com o Kenji. Posso levá-la comigo quando eu sair, desde que ele prometa mantê-la invisível. Eu deixo os dois em algum lugar da área sem regulamentação e os pego quando estiver voltando. Tudo bem assim?

— Sim.

Ele não diz mais nada, e seus olhos estão loucos e sem foco. Ele está olhando para a parede como se pudesse ser uma janela.

— Aaron?

— Sim, amor.

— Você está com medo?

Ele puxa um fôlego tenso. Exala devagar.

— Nunca sei o que esperar quando a visito — ele responde em voz baixa. — Ela está diferente em cada vez. Às vezes está tão drogada que nem se mexe. Às vezes os olhos dela estão abertos e ela apenas encara o teto. Às vezes — ele conta — ela está completamente histérica.

Meu coração dá um nó.

— É bom você ainda visitá-la — digo a ele. — Você sabe disso, não é?

— É?

Ele solta uma risada estranha e nervosa.

— Às vezes eu não tenho certeza.

— Sim. É sim — eu falo, sendo sincera em cada centímetro daquelas palavras.

— Como você pode saber?

Ele olha para mim agora, olha para mim como se estivesse quase com medo de ouvir a resposta.

— Porque, se ela conseguir perceber, mesmo que por um segundo, que você está no quarto com ela, você lhe deu um presente extraordinário. Ela não se foi completamente — digo a ele. — Ela sabe. Mesmo que não seja o tempo todo e mesmo que ela não consiga demonstrar. Ela sabe que você foi até lá. E sei que deve ser muito importante para ela.

Ele toma outro fôlego trêmulo. Está encarando o teto agora.

— Isso é algo muito gentil de se dizer.

— Estou sendo sincera.

— Eu sei — ele diz. — Eu sei que está.

Olho para ele por mais um tempo, perguntando-me se existe um momento apropriado para fazer perguntas sobre sua mãe. E há algo que eu sempre quis perguntar. E, assim, eu pergunto.

— Ela deu esse anel para você, não foi?

Warner fica rígido. Acho que de onde estou consigo ouvir seu coração disparado.

— O quê?

Eu ando até ele e pego sua mão esquerda.

— Este — digo, apontando para o anel de jade que ele sempre usou no dedo mínimo esquerdo.

Warner nunca o tira. Nem para tomar banho. Nem para dormir. Nunca.

Ele faz que sim com a cabeça, bastante devagar.

— Mas… você não gosta de falar sobre isso — eu falo, lembrando-me da última vez em que perguntei sobre o anel dele.

Eu conto exatamente dez segundos antes de ele falar de novo.

— Nunca tive permissão — ele diz com a voz muito, muito baixa — para receber presentes. De ninguém. Meu pai odiava a ideia de presentes. Ele odiava festas de aniversário e feriados. Ele nunca deixou ninguém me dar nada, especialmente minha mãe. Ele dizia que aceitar presentes me deixaria fraco. Ele achava que me incentivariam a contar com a caridade dos outros. Mas nós estávamos nos escondendo um dia — ele conta. — Minha mãe e eu.

Seu olhar está direcionado para cima, distante, perdido em outro lugar. Ele pode nem estar falando comigo.

— Era meu aniversário de seis anos e ela estava tentando me esconder. Porque ela sabia o que ele queria fazer comigo.

Ele pisca. Sua voz é um sussurro, meio sem emoção.

— Lembro que as mãos dela estavam tremendo — Warner diz. — Eu me lembro porque fiquei olhando as mãos dela. Porque ela estava segurando as minhas contra o peito. E ela estava usando este anel.

Ele fica em silêncio, lembrando.

— Eu nunca tinha visto muitas joias na vida. Eu não sabia o que era, exatamente. Mas ela me viu olhar e quis me distrair — ele fala. — Ela queria me manter entretido.

Meu estômago está ameaçando ficar enjoado.

— Assim, ela me contou uma história. Uma história sobre um menino que nasceu com olhos muito verdes e o homem que ficou tão cativado pela cor deles que procurou pelo mundo uma pedra do exato mesmo tom.

A voz dele está sumindo agora, transformando-se em um sussurro tão baixo que eu mal consigo ouvi-lo.

— Ela disse que o menino era eu. Que aquele anel era feito com a mesmíssima pedra, e que o homem tinha dado o anel para ela, esperando que um dia ela pudesse dá-lo para mim. Era o presente dele, ela disse, pelo meu aniversário.

Warner para. Respira.

— E, depois, ela o tirou, deslizou-o pelo meu dedo indicador e disse “se você esconder seu coração, ele nunca vai poder tirá-lo de você”.

Ele olha na direção da parede.

— Foi o único presente — diz — que alguém já me deu.

Minhas lágrimas caem na direção contrária, queimando conforme chamuscam o caminho pela minha garganta abaixo.

# 47



Eu me sinto estranha, o dia todo.

Sinto-me distante, de alguma forma. Kenji está animadíssimo por sair da base, alegre por testar minha força em lugares novos, e todos os outros estão com inveja por nós podermos sair. Assim, eu deveria estar feliz. Eu deveria estar ansiosa.

Mas eu me sinto estranha.

Minha cabeça está estranha, e acho que é porque eu não consegui sacudir a história de Warner para fora de meus pensamentos. Não consigo parar de tentar imaginá-lo como ele era. Uma criança pequena e apavorada.

Ninguém sabe para onde ele está indo hoje. Ninguém sabe a profundidade disso. E ele não faz nada que revele como está se sentindo de verdade. Ele tem estado calmo como sempre, controlado e cuidadoso com suas palavras, suas ações.

Kenji e eu vamos nos encontrar com ele de novo em um instante.

Estamos passando pela porta da parede de armas e, enfim, eu posso ver, em primeira mão, como Warner os trouxe escondidos para dentro. Estamos atravessando uma área de treinamento de tiros.

Há postos com armas e pequenos cubículos com alvos colocados a centenas de metros de distância, e, agora, o lugar todo está deserto. Esta deve ser outra das salas de treinamento de Warner.

Há uma porta no final do corredor, e Kenji a empurra para abrir. Ele não precisa mais me tocar, nem um pouco, para me manter invisível, e é tão mais conveniente desta forma. Podemos nos mexer com liberdade, desde que eu fique, no máximo, a 15 metros dele, o que nos dá a flexibilidade de que precisamos para podermos trabalhar do lado de fora hoje.

Agora, estamos do outro lado da porta.

Parados em uma enorme área de armazenamento.

O lugar tem pelo menos uns 150 metros de um lado a outro, e talvez tenha o dobro de altura. Eu nunca tinha visto mais caixas na vida toda. Não faço ideia do que há nelas e não tenho tempo para imaginar.

Kenji está me puxando pelo labirinto.

Nós desviamos de caixas de todos os tamanhos diferentes, com cuidado para não tropeçarmos em cabos elétricos e no maquinário usado para mover os itens mais pesados. Há fileiras e fileiras e mais fileiras divididas em ainda mais fileiras que abrigam tudo em seções muito organizadas. Noto que há etiquetas em todas as prateleiras e em todos os corredores, mas não consigo me aproximar o suficiente para lê-las.

Quando enfim chegamos ao final do salão de armazenamento, há duas portas enormes de 15 metros que levam à saída. Esta é claramente uma área de carregamento para caminhões e tanques. Kenji agarra meu braço e me mantém perto de si conforme passamos por vários guardas parados ao lado da entrada.

Passamos depressa pelos caminhões estacionados ao redor de toda a área de carregamento, até finalmente chegarmos ao ponto onde devemos encontrar Warner.

Eu desejo que Kenji tivesse estado por perto para me deixar invisível da primeira vez em que tentei entrar e sair da base. Teria sido tão bom poder simplesmente sair andando como um ser humano, em vez de ser levada em um carrinho por corredores, sacudindo e balançando e me agarrando às pernas de uma mesinha com rodas.

Warner está inclinado contra um tanque.

As duas portas estão abertas e ele está olhando ao redor como se pudesse estar observando o trabalho que está sendo feito com as unidades de carregamento. Ele acena com a cabeça para vários soldados conforme eles passam.

Subimos para o lado do passageiro sem sermos notados.

E, quando estou prestes a sussurrar um aviso para Warner, ele dá a volta até o lado do passageiro, diz “cuidado com as pernas, amor” e fecha a porta.

E, depois, ele sobe pelo outro lado. Começa a dirigir.

Ainda estamos invisíveis.

— Como você sabia que estávamos aqui? — Kenji pergunta imediatamente. — Você pode, tipo, ver pessoas invisíveis também?

— Não — Warner diz para ele, os olhos focados à sua frente. — Posso sentir a presença de vocês. A dela, principalmente.

— É mesmo? — Kenji fala. — Que merda estranha. Qual é a sensação que eu passo? De manteiga de amendoim?

Warner não acha graça.

Kenji limpa a garganta.

— J, acho que você deveria trocar de lugar comigo.

— Por quê?

— Acho que seu namorado está tocando na minha perna.

— Você tem uma opinião muito elogiosa de si mesmo — Warner diz.

— Troque de lugar comigo, J. Ele está me dando arrepios e tal, como se talvez estivesse prestes a enfiar uma faca em mim.

— Está bem.

Eu suspiro. Tento passar por cima dele, mas é difícil, considerando que eu não consigo ver nem meu corpo nem o dele.

— Ai… *Maldição*… você quase chutou meu rosto…

— Desculpe! — digo, tentando passar desajeitadamente por cima dos joelhos dele.

— Só vá em frente — ele fala. — Meu Deus, quanto você pesa...

Ele se mexe, de repente, saindo de debaixo de mim, e me dá um pequeno empurrão para eu sair do lugar.

Eu caio de cara no colo de Warner.

Ouço o fôlego curto e cortante que Warner toma e me levanto sem jeito, corando muitíssimo, e, de repente, estou bastante aliviada por ninguém conseguir me ver agora.

Quero dar um soco no nariz de Kenji.

Ninguém conversa muito depois disso.

Conforme nos aproximamos da área sem regulamentação, o cenário começa a mudar. As estradas simples semipavimentadas dão lugar às ruas de nosso velho mundo. As casas estão pintadas com tons que prometeram ser coloridos tempos atrás e as ruas são contornadas por calçadas que podem ter levado crianças em segurança de casa para a escola. As casas estão desmoronando agora.

Tudo está quebrado, dilapidado. As janelas estão fechadas com tábuas. A grama está muito alta e com gelo por cima. O cheiro do inverno parece fresco no ar e lança uma melancolia sobre a cena de

uma forma que diz que tudo isso poderá ser diferente em outra estação. Quem sabe.

Warner para o tanque.

Ele sai e anda até a nossa porta, apenas para o caso de alguém ainda estar aqui fora, e faz parecer que a está abrindo por um motivo específico. Para verificar o interior. Para examinar um problema.

Não importa.

Kenji dá um pulo para fora primeiro, e Warner parece conseguir saber que ele saiu.

Eu alcanço a mão de Warner porque sei que ele não pode me ver. Os dedos dele imediatamente se apertam em volta dos meus. Seus olhos estão focados no chão.

— Vai ficar tudo bem — digo a ele. — Certo?

— Sim. Tenho certeza de que você está certa.

Eu hesito.

— Você vai voltar logo?

— Sim — ele sussurra. — Vou voltar para pegá-la em exatamente duas horas. Vai ser tempo suficiente?

— Sim.

— Bom. Eu a encontro aqui de volta então. Neste lugar exato.

— Combinado.

Ele não diz nada por um segundo. Depois:

— Combinado.

Eu aperto a mão dele.

Ele sorri para o chão.

Eu me levanto e ele vai para o lado, dando-me espaço para passar. Toco nele quando passo, apenas brevemente. Apenas como um lembrete. De que estou aqui para ajudá-lo.

Ele se retrai, assustado, e dá um passo para trás.

E, depois, sobe no tanque e vai embora.

# 48



Warner está atrasado.

Kenji e eu tivemos uma sessão semi-bem-sucedida, formada principalmente por nós dois discutindo sobre onde cada um estava e para o quê cada um estava olhando. Teremos de criar sinais muito melhores da próxima vez, porque tentar coordenar uma sessão de treinamento entre duas pessoas invisíveis é muito mais difícil do que parece. E já parece bem difícil.

Assim, agora estamos cansados e um pouco decepcionados, tendo conquistado pouco em termos de progresso, e estamos parados no exato mesmo local onde Warner nos deixou.

E Warner está atrasado.

Isso é muito incomum por vários motivos. O primeiro deles é que Warner nunca está atrasado. Para nada. E o segundo é que, se ele fosse se atrasar, com certeza não seria para algo assim. Esta situação é perigosa demais para ser tratada de modo casual. Ele não teria sido descuidado com isto. Eu sei que não.

Assim, estou andando de um lado para o outro.

— Tenho certeza de que está tudo bem — Kenji está dizendo para mim. — Ele provavelmente só ficou preso fazendo o que quer que esteja fazendo. Sabe, comandanteando e merdas assim.

— *Comandanteando* não é uma palavra.

— Tem letras, não tem? Parece uma palavra para mim.

Estou muito nervosa para brincadeiras agora.

Kenji suspira. Eu o ouço bater os pés contra o frio.

— Ele vai vir.

— Eu não me sinto bem, Kenji.

— Eu também não me sinto bem — ele fala. — Estou com uma fome dos infernos.

— Warner não se atrasaria. Ele não é de se atrasar.

— Como você sabe? — Kenji dispara de volta. — Você o conhece há quanto tempo exatamente? Cinco meses? E acha que o conhece tão bem? Talvez ele esteja em um clube secreto de jazz onde canta *a cappella* e usa coletes brilhantes e pensa que é legal dançar cancan.

— Warner não usaria coletes brilhantes — eu estouro.

— Mas você acha que ele toparia o cancan.

— Kenji, eu te amo, de verdade, mas, neste instante, estou tão ansiosa e me sinto tão enjoada que, quanto mais você fala, mais eu quero matá-lo.

— Não venha com essa conversa sexy para cima de mim, J.

Eu bufo, irritada. Meu Deus, estou muito preocupada.

— Que horas são?

— Duas e quarenta e cinco.

— Isto não está certo. Deveríamos ir procurá-lo.

— Nós nem sabemos onde ele está.

— Eu sei — digo. — Eu sei onde ele está.

— *O quê*? Como?

— Você se lembra de onde encontramos o Anderson pela primeira vez? — pergunto a ele. — Você se lembra de como voltar à Rua Sycamore?

— Sim… — Kenji diz devagar. — Por quê?

— Ele está a cerca de duas ruas dali.

— Hum. Que diabos? Por que ele está lá?

— Você vai comigo? — pergunto, nervosa. — Por favor? Agora?

— Certo — ele diz, sem convicção. — Mas só porque estou curioso. E porque está frio pra caramba aqui fora e eu preciso mexer as pernas antes de congelar até a morte.

— Obrigada — digo. — Onde você está?

Nós seguimos o som da voz um do outro até trombarmos. Kenji desliza seu braço para prendê-lo ao meu. Nós nos apertamos um no outro contra o frio.

Ele nos guia.



É esta.

A casa azul como um ovo de tordo americano. Aquela onde eu acordei. Aquela onde Warner morava. Aquela onde a mãe dele é mantida. Estamos parados diante dela e ela está exatamente do mesmo jeito que estava das últimas duas vezes em que eu estive aqui. Bonita e assustadora. Mensageiros dos ventos chicoteando para a frente e para trás.

— Por que diabos o Warner estaria aqui? — Kenji pergunta. — O que é este lugar?

— Na verdade, eu não posso contar — digo a ele.

— Por que não?

— Porque não é um segredo meu; não posso contar.

Kenji fica em silêncio por um momento.

— Então, o que você quer que eu faça?

— Você pode esperar aqui? — peço a ele. — Eu vou conseguir continuar invisível se eu entrar? Ou vou sair do alcance?

Kenji suspira.

— Não sei. Você com certeza pode tentar. Eu nunca tentei fazer isso pelo lado de fora de uma casa antes.

Ele hesita.

— Mas, se você vai entrar sem mim, pode, por favor, ser rápida? Já estou com a bunda congelando.

— Sim. Eu prometo. Serei rápida. Só quero ter certeza de que ele está bem... Ou que ele está aqui. Porque, se ele não estiver lá dentro, pode estar esperando por nós lá onde nos deixou.

— E tudo isso terá sido uma grande perda de tempo.

— Desculpe — digo a ele. — Eu sinto muito mesmo. Mas eu simplesmente tenho que ter certeza.

— Vá — ele fala. — Vá e volte depressa.

— Certo — eu sussurro. — Obrigada.

Eu me separo dele e subo os degraus para a pequena varanda. Testo a maçaneta. Não está trancada. Eu a viro, empurro a porta para abrir. Entro.

Foi aqui que eu levei um tiro.

A mancha de sangue onde eu estava deitada no chão já foi limpa. Ou, talvez, o tapete tenha sido trocado. Não tenho certeza. De qualquer forma, as memórias ainda me cercam. Não posso voltar a esta casa sem sentir um mal-estar no estômago. Tudo está errado aqui. Tudo está muito errado. Muito estranho.

Algo aconteceu.

Eu posso sentir.

Sou cuidadosa para fechar a porta com delicadeza atrás de mim. Eu subo a escada em silêncio, lembrando-me de como as tábuas do

chão chiaram quando fui capturada pela primeira vez e trazida para cá, e consigo desviar das partes mais barulhentas; o restante do barulho, felizmente, apenas parece poder ser causado pelo vento.

Quando estou no andar de cima, conto três portas. Três aposentos.

À esquerda: o antigo quarto de Warner. Aquele no qual eu acordei.

No meio: o banheiro. Aquele onde me deram banho.

Na ponta mais distante do corredor, bem à direita: o quarto da mãe dele. Aquele que estou procurando.

Meu coração está disparado no peito.

Eu mal consigo respirar conforme me aproximo na ponta dos pés. Não sei o que estou esperando encontrar. Não sei o que espero que seja o resultado disto. Eu nem faço ideia se Warner ainda está aqui.

E eu não faço ideia de como será ver a mãe dele.

Porém, alguma coisa está me puxando para a frente, instigando-me a abrir a porta e verificar. Eu preciso saber. Eu simplesmente preciso saber. Minha mente não descansará se eu não o fizer.

Assim, eu me aproximo devagar. Respiro profundamente várias vezes. Agarro a maçaneta e viro, muito devagar, sem nem perceber que perdi a invisibilidade até eu ver meus pés cruzando a soleira.

Entro em pânico no mesmo instante, meu cérebro calculando planos de contingência e, embora eu pense brevemente em me virar e sair correndo pela porta, meus olhos já varreram o quarto.

E eu sei que não posso recuar agora.



Há uma cama aqui.

Uma cama de solteiro. Cercada por máquinas e medicações intravenosas e frascos e comadres novíssimas. Há pilhas de lençóis e pilhas de cobertas e as mais belas estantes de livros e almofadas bordadas e animais de pelúcia adoráveis empilhados por toda a parte. Há flores frescas em cinco vasos diferentes e quatro paredes pintadas em cores alegres e há uma pequena escrivaninha no canto com uma cadeirinha combinando e há uma planta cultivada em um vaso e um conjunto de pincéis antigos e há porta-retratos, por toda a parte. Nas paredes, na escrivaninha, apoiados na mesa ao lado da cama.

Uma mulher loira. Um menininho loiro. Juntos.

Eles nunca envelhecem, eu noto. As fotos nunca vão além de um certo ano. Elas nunca mostram a evolução da vida da criança. O menino destas fotos é sempre pequeno, e sempre assustado, e sempre agarrando firme a mão da mulher em pé ao lado dele.

Mas essa mulher não está aqui. E sua enfermeira sumiu também.

As máquinas estão desligadas.

As luzes estão apagadas.

A cama está vazia.

Warner está caído no canto.

Ele está enrolado em si mesmo, os joelhos puxados para o peito, os braços envolvendo as pernas, a cabeça enterrada nos braços. E ele está tremendo.

Os tremores estão balançando seu corpo todo.

Eu nunca, nunca o tinha visto parecer uma criança antes. Nunca, nem uma vez, não durante o tempo todo em que o conheço. Porém, neste momento, ele está igual a um menininho. Assustado. Vulnerável. Totalmente só.

Não preciso de muito para entender por quê.

Caio de joelhos diante dele. Sei que ele deve conseguir sentir minha presença, mas não sei se quer me ver agora. Sei como ele vai reagir se eu estender a mão para ele.

Mas eu tenho de tentar.

Toco nos braços dele, com muita delicadeza. Desço a mão pelas costas dele, seus ombros. E, depois, ouso enrolar meu corpo ao redor do dele até ele lentamente se esticar, desdobrando-se diante de mim.

Ele ergue a cabeça.

Seus olhos estão com círculos vermelhos ao redor e com um tom de verde surpreendente e impressionante, brilhando com uma emoção mal contida. Seu rosto é o retrato de muita, muita dor.

Eu quase não consigo respirar.

Um terremoto atinge meu coração então, racha-o bem ao meio. E penso que aqui, nele, há mais sentimento do que qualquer pessoa deveria ter dentro de si.

Eu tento abraçá-lo mais apertado, mas ele se enrola em volta de meus quadris em vez disso, sua cabeça caindo no meu colo. Eu me curvo sobre ele instintivamente, protegendo seu corpo com o meu.

Aperto minha bochecha na testa dele. Dou um beijo em sua têmpora.

E, então, ele desmorona.

Tremendo com violência, estilhaçando-se em meus braços, um milhão de pedaços arfando e engasgando que estou me esforçando para manter juntos. E prometo a mim mesma, naquele momento, que vou abraçá-lo para sempre, exatamente desta maneira, até toda a dor e a tortura e o sofrimento terem sumido, até ele ter a chance de viver o tipo de vida em que ninguém nunca mais poderá machucá-lo tão profundamente assim.

E nós somos aspas, invertidas e de ponta-cabeça, agarradas uma à outra no final desta sentença de vida. Presos por vidas que não escolhemos.

Está na hora, eu penso, de nos libertarmos.



Kenji está esperando no tanque quando voltamos. Ele conseguiu encontrá-lo.

Está sentado no lado do passageiro, sem invisibilidade, e não diz uma única palavra quando Warner e eu subimos e entramos.

Eu tento olhar nos olhos dele, já preparada para inventar uma história louca para o motivo de eu ter levado uma hora para tirar Warner da casa, mas, então, Kenji olha para mim. Olha para mim de verdade.

E eu fecho a boca para sempre.

Warner não diz uma única palavra. Ele nem respira alto. E, quando voltamos à base, ele deixa que Kenji e eu desçamos do tanque sob nosso disfarce de invisibilidade e ainda não diz nada, nem para mim. Assim que saímos do tanque, ele fecha nossa porta e volta para dentro.

Eu o estou observando sair dirigindo de novo quando Kenji desliza o braço para prendê-lo ao meu.

Nós costuramos de volta pela área de armazenamento sem problemas. Cruzamos o espaço de treinamento de tiros sem problema. Porém, logo antes de chegarmos à porta da área de treinamento de Warner, Kenji me puxa para o lado.

— Eu a segui lá dentro — ele diz, sem preâmbulos. — Você demorou muito e eu fiquei preocupado e a segui até lá em cima.

Uma pausa. Uma pausa pesada.

— Eu os vi — ele diz, com a voz muito baixa. — Naquele quarto.

Não pela primeira vez hoje, fico feliz por ele não conseguir ver meu rosto.

— Certo — murmuro, sem saber o que mais dizer.

Sem saber o que Kenji fará com a informação.

— Eu só… — Kenji respira fundo. — Eu só estou confuso, ok? Não preciso saber de todos os detalhes… Eu entendo que o que quer que estivesse acontecendo lá não era da minha conta... Mas você está bem? Aconteceu alguma coisa?

Eu solto a respiração. Fecho meus olhos e digo:

— A mãe dele morreu hoje.

— O quê? — Kenji pergunta, pasmo. — O quê... C-como? A mãe dele estava lá?

— Ela estava doente fazia muito tempo — digo, as palavras saindo depressa de mim. — O Anderson a mantinha trancada naquela casa e a abandonou. Ele a deixou lá para morrer. Warner estava tentando ajudá-la e ele não sabia como. Ela não podia ser tocada, assim como eu não posso tocar em ninguém, e a dor dessa condição a estava matando a cada dia.

Estou perdendo o controle agora, incapaz de continuar mantendo meus sentimentos reprimidos.

— O Warner nunca quis me usar como arma — digo a ele. — Ele inventou isso para ter uma história para contar ao pai. Ele me

encontrou por acidente. Porque estava tentando achar uma solução. Para ajudar *a mãe*. Todos estes anos.

Kenji puxa um fôlego cortante.

— Eu não fazia ideia — ele diz. — Eu nem sabia que ele era próximo da mãe.

— Você não o conhece nem um pouco — eu falo, sem me importar com quão desesperada eu pareço estar. — Você acha que conhece, mas não conhece mesmo.

Eu me sinto em carne viva, como se eu tivesse sido lixada até o osso.

Ele não diz nada.

— Vamos — eu digo. — Preciso de um tempo para respirar. Para pensar.

— É — ele fala. — É, claro. Claro.

Eu me viro para ir.

— J — ele diz, sua mão ainda no meu braço.

Eu espero.

— Sinto muito. Sinto muito mesmo. Eu não sabia.

Eu pisco depressa de novo contra a queimação em meus olhos. Engulo de volta a emoção que vai aumentando em minha garganta.

— Tudo bem, Kenji. Não era para você saber.

# 52



Eu enfim consigo me recompor por tempo suficiente para voltar às salas de treinamento. Está ficando tarde, mas eu não tenho expectativa de ver Warner aqui embaixo esta noite. Acho que ele vai querer um tempo sozinho.

Estou me mantendo distante dele de propósito.

Já chega.

Cheguei muito perto de matar Anderson uma vez e vou garantir que terei essa chance de novo. Porém, desta vez, vou até o fim.

Eu não estava pronta da última vez. Eu não teria sabido o que fazer mesmo que o tivesse matado naquela vez. Eu teria entregado o controle para Castle e teria observado em silêncio enquanto outra pessoa tentava consertar nosso mundo de novo. No entanto, agora vejo que Castle era a pessoa errada para esse serviço. Ele é muito terno. Muito ansioso para agradar a todos.

Eu, por outro lado, não tenho mais nenhuma preocupação.

Não vou ficar me desculpando. Vou viver sem arrependimentos. Vou enfiar os dedos dentro da terra e arrancar a injustiça e esmagá-la com minhas próprias mãos. Quero que Anderson tenha medo de mim e quero que ele implore por misericórdia e eu quero dizer não, para você, não. Nunca para você.

E não me importa se isso não for gentil o bastante.

# 53



Eu fico de pé.

Adam está parado do outro lado da sala, conversando com Winston e Ian. Todos ficam em silêncio conforme eu me aproximo. E, se Adam está pensando ou sentindo qualquer coisa a meu respeito, ele não demonstra.

— Você tem que contar a ele — digo.

— O quê? — Adam se assusta.

— Você tem que contar a verdade para ele — falo. — E, se não contar, eu conto.

Imediatamente, os olhos de Adam são um oceano congelado, frio e isolado.

— Não me provoque, Juliette. Não diga coisas idiotas das quais vai se arrepender.

— Você não tem o direito de esconder isso dele. Ele não tem ninguém no mundo e merece saber.

— Isso não é *nem um pouco* da sua conta — Adam retruca.

Ele está enorme diante de mim, os punhos fechados.

— Fique fora disso. Não me force a fazer algo que eu não quero fazer.

— Você está mesmo me ameaçando? — pergunto. — Você está louco?

— Talvez você tenha esquecido — ele fala — que eu sou o único nesta sala que pode desligá-la. Mas não desliguei. Você não tem poder contra mim.

— É claro que eu tenho poder contra você. Meu toque o estava *matando* quando estávamos juntos...

— É, bem, a situação mudou muito desde então.

Ele agarra a minha mão, puxando-a com tanta força que eu quase caio para a frente. Tento me soltar, mas não consigo.

Ele é muito forte.

— Adam, me largue...

— Você consegue sentir isto? — ele pergunta, os olhos em um tom louco e tempestuoso de azul.

— O quê? — questiono. — Sentir o quê?

— Exatamente — ele diz. — Não tem nada aí. Você está vazia. Sem poder, sem fogo, sem superforça. Apenas uma menina que não consegue dar um soco nem se sua vida depender disso. E eu estou perfeitamente bem. Sem ferimentos.

Eu engulo a seco, com dificuldade, e encontro o olhar frio dele.

— Então, você conseguiu? — pergunto. — Você conseguiu controlar?

— É claro que consegui — ele responde, nervoso. — E você não podia esperar... Mesmo eu tendo dito a você que eu conseguiria…

Você não podia esperar, embora eu tenha dito que eu estava treinando para nós ficarmos juntos...

— Não importa mais.

Estou olhando para a minha mão na dele, sua recusa em me soltar.

— Nós acabaríamos no mesmo lugar mais cedo ou mais tarde.

— Isso não é verdade… Esta é a prova! — ele diz, levantando minha mão. — Poderíamos ter feito dar certo...

— Somos muito diferentes agora. Queremos coisas diferentes. E isto? — digo, acenando com a cabeça para nossas mãos. — Tudo o que isto conseguiu provar é que você é extremamente bom em me desligar.

Os dentes de Adam travam.

— Agora, solte a minha mão.

— Ei… Podemos não fazer um showzinho de merda esta noite? — a voz de Kenji ecoa desde o outro lado da sala.

Ele está caminhando em nossa direção. Furioso.

— Fique fora disso — Adam dispara para ele.

— Chama-se *consideração*. Tem outras pessoas vivendo nesta sala, seu babaca — Kenji diz depois de estar perto o bastante.

Ele agarra a mão de Adam.

— Então, pare com isso.

Adam se livra dele, bravo.

— Não toque em mim.

Kenji lança um olhar cortante para ele.

— Solte-a.

— Quer saber? — Adam diz, sua fúria assumindo o controle. — Você está tão obcecado por ela… Saindo para defendê-la o tempo

todo, entrando nas nossas conversas o tempo todo… Você gosta tanto assim dela? Ótimo. Pode ficar com ela.

O tempo congela por toda a nossa volta.

A cena está formada:

Adam e seus olhos enlouquecidos, sua ira e seu rosto vermelho.

Kenji parado a meu lado, incomodado, levemente confuso.

E eu, minha mão ainda presa no aperto de Adam, forte como o de um torno, o toque dele rápida e facilmente reduzindo-me a quem eu era quando nos conhecemos.

Estou completamente indefesa.

Mas, então, em um único movimento, tudo muda:

Adam agarra a mão descoberta de Kenji e a aperta na minha mão vazia.

Apenas por tempo suficiente.



Nós dois levamos alguns segundos para registrar o que acabou de acontecer antes de Kenji arrancar sua mão da minha e, em um momento de espontaneidade perfeita, usá-la para dar um soco no rosto de Adam.

Todos os outros na sala agora estão em pé e alertas. Castle avança correndo imediatamente, e Ian e Winston — que já estavam parados por perto — apressam-se para se juntar a ele. Brendan sai depressa do vestiário usando uma toalha, os olhos procurando a fonte da comoção; Lily e Alia saltam das bicicletas e se amontoam em volta de nós.

Temos sorte de ser tão tarde; James já está dormindo em silêncio no canto.

Adam foi jogado para trás pelo soco de Kenji, mas ele rapidamente recuperou o equilíbrio. Está com a respiração pesada, arrastando a parte de trás da mão pelo lábio agora ensanguentado. Ele não pede desculpas.

Eu penso que deveria gritar, mas nenhum som sai da minha boca aberta e horrorizada.

— O que, em nome de Deus, há de errado com você? — a voz de Kenji é suave, mas mortalmente cortante, seu punho direito ainda fechado. — Você estava tentando me fazer morrer?

Adam revira os olhos.

— Eu sabia que não iria matá-lo. Não tão rápido. Eu já senti antes — ele fala. — Só queima um pouco.

— Controle-se, seu imbecil! — Kenji dispara. — Você está agindo como um louco.

Adam não diz nada. Na verdade, ele ri, mostra o dedo do meio para Kenji e segue na direção do vestiário.

— Ei… você está bem? — pergunto para Kenji, tentando dar uma olhada na mão dele.

— Estou bem — ele suspira, olhando a figura de Adam se afastando antes de olhar de volta para mim. — Mas o queixo dele é duro feito o diabo.

Ele flexiona o punho um pouco.

— Mas o meu toque… Não o machucou?

Kenji faz que não com a cabeça.

— Não, eu não senti nada — ele conta. — E eu saberia se tivesse sentido.

Ele quase ri, e eu, em vez disso, franzo as sobrancelhas. Encolho o corpo com a lembrança da última vez em que isso aconteceu.

— Acho que era o Kent desviando o seu poder de alguma forma — Kenji diz.

— Não, ele não estava — eu sussurro. — Ele soltou a minha outra mão. Eu senti a energia voltar para dentro de mim.

Nós dois olhamos Adam se afastando.

Kenji encolhe os ombros.

— Mas, então, como…

— Não sei — Kenji diz de novo.

Ele suspira.

— Acho que eu dei sorte. Escute — ele olha ao redor, para todos —, eu não quero conversar agora, tudo bem? Vou me sentar. Preciso me acalmar.

O grupo se separa devagar, todos voltando a seus cantos.

Mas não consigo me afastar. Estou plantada no mesmo lugar.

Senti minha pele tocar na pele de Kenji, e isso não é algo que eu possa ignorar. Esse tipo de momento é tão raro para mim que não posso simplesmente tirá-lo da cabeça. Eu nunca posso ficar tão perto assim das pessoas sem consequências graves. E senti o poder dentro de meu corpo. Kenji devia ter sentido *alguma coisa*.

Meu cérebro está trabalhando depressa, tentando resolver uma equação impossível, e uma teoria louca cria raízes dentro de mim, cristalizando-se de uma maneira como eu nunca pensei que pudesse se cristalizar.

Durante este tempo todo, eu estive treinando para controlar meu poder, para restringi-lo, para concentrá-lo; mas eu nunca pensei que seria capaz de *desligá-lo*. E não sei por quê.

Adam tinha um problema parecido: ele estivera funcionando em *electricum* a vida toda. Mas, agora, ele aprendeu a controlar. A desligar quando precisa.

Eu não deveria conseguir fazer o mesmo?

Kenji pode ficar visível e invisível quando quer; foi algo que ele teve de ensinar a si mesmo depois de treinar por muito tempo, depois de entender como mudar de um estado para o outro. Eu me lembro da história que ele me contou sobre quando era pequeno: Kenji ficava invisível por alguns dias sem saber como mudar de volta. Mas acabava mudando.

Castle, Brendan, Winston, Lily: todos eles podem ligar e desligar suas habilidades. Castle não mexe os objetos com a mente por acidente. Brendan não eletrocuta tudo em que toca. Winston pode recolher e soltar as pernas e os braços quando quer e Lily pode olhar ao redor normalmente, sem tirar fotos de tudo com os olhos.

Por que eu sou a única sem um botão de desligar?

Minha mente está esmagada pela quantidade de pensamentos conforme eu processo as possibilidades. Começo a perceber que eu nunca *tentei* desligar meu poder, porque sempre pensei que seria impossível. Eu presumi que estava destinada a esta vida, a uma existência em que minhas mãos — minha pele — sempre, sempre me manteriam afastada dos outros.

Mas, agora?

— Kenji! — eu grito enquanto corro na direção dele.

Kenji olha para mim por cima do ombro, mas não tem a chance de se virar por completo antes de eu bater contra ele, agarrando suas mãos e apertando-as nas minhas.

— Não solte — digo a ele, meus olhos se enchendo de lágrimas depressa. — Não solte. Você não precisa soltar.

Kenji está paralisado, choque e admiração por todo o seu rosto. Ele olha para nossas mãos. Levanta o olhar de novo para mim.

— Você aprendeu a controlar seu poder? — ele pergunta.

Mal posso falar. Consigo fazer que sim com a cabeça, as lágrimas rolando pelo meu rosto.

— Acho que eu o mantive contido todo este tempo e não sabia. Eu nunca teria arriscado praticar em ninguém.

— Caramba, princesa — ele diz, com suavidade, seus próprios olhos brilhando. — Estou muito orgulhoso de você.

Todos estão se aglomerando em volta de nós.

Castle me aperta em um forte abraço e Brendan e Winston e Lily e Ian e Alia pulam em cima dele, me esmagando imediatamente. Eles estão comemorando e batendo palmas e apertando minhas mãos e eu nunca senti tanto apoio ou tanta força em nosso grupo antes. Nenhum momento em minha vida foi mais extraordinário que este.

Porém, quando os parabéns se esgotam e os boa-noites começam, puxo Kenji de lado para um último abraço.

— Então — digo a ele, balançando sobre os calcanhares. — Eu posso tocar em quem eu quiser agora.

— É, eu sei.

Ele ri, levantando uma sobrancelha.

— Você sabe o que isso significa?

— Você está me convidando para sair?

— Você sabe o que isso *significa*, certo?

— Porque eu me sinto lisonjeado, de verdade, mas ainda acho que ficamos muito melhor como amigos...

— *Kenji*.

Ele sorri. Bagunça meus cabelos.

— Não — ele diz. — Não sei. O que isso significa?

— Significa um milhão de coisas — falo para ele, ficando na ponta dos pés para olhá-lo nos olhos. — E também significa que, agora, eu nunca vou estar com alguém por falta de alternativa. Posso fazer o que quiser agora. Ficar com quem eu quiser. E a escolha vai ser minha.

Kenji apenas olha para mim por um longo tempo. Sorri. Finalmente, baixa os olhos. Faz que sim com a cabeça.

E diz:

— Faça o que você tem que fazer, J.

# 55



Quando saio do elevador e entro no escritório de Warner, todas as luzes estão apagadas. Tudo está nadando no escuro, e eu preciso de várias tentativas para adequar meus olhos. Ando em passos leves pelo escritório com cuidado, procurando algum sinal do dono, e não encontro nenhum.

Eu entro no quarto.

Warner está sentado na borda do colchão, o casaco jogado no chão, as botas chutadas para o lado. Ele está sentado em silêncio, as palmas para cima sobre o colo, olhando para as mãos como se estivesse procurando algo que não consegue encontrar.

— Aaron? — murmuro, andando para a frente.

Ele levanta a cabeça. Olha para mim.

E algo dentro de mim se estilhaça.

Cada vértebra, cada nó dos dedos, os dois joelhos, os quadris. Sou uma pilha de ossos no chão e ninguém sabe além de mim. Sou um esqueleto quebrado com um coração batendo.

Solte o ar, digo a mim mesma.

*Solte o ar*.

— Eu sinto muito — são as primeiras palavras que eu sussurro.

Ele faz que sim com a cabeça. Fica de pé.

— Obrigado — ele diz para ninguém conforme passa pela porta.

Eu o sigo pelo quarto e para o escritório. Chamo seu nome.

Ele para em frente à mesa da diretoria, de costas para mim, as mãos agarrando o canto.

— Por favor, Juliette, esta noite não, eu não consigo...

— Você está certo — eu falo enfim. — Você sempre esteve certo.

Ele se vira, muito devagar.

Estou olhando nos olhos dele e, de repente, estou paralisada. De repente, estou nervosa e, de repente, preocupada e, de repente, muito certa de que farei isso completamente errado, mas talvez errado seja a única maneira de fazer porque eu não consigo mais guardar para mim mesma. Há tantas coisas que eu preciso dizer a ele. Coisas que eu tenho sido covarde demais para admitir, até para mim mesma.

— Certo a respeito de quê?

Seus olhos verdes estão arregalados. Assustados.

Eu levo os dedos para a boca, ainda com muito medo de falar.

Eu faço tanto com estes lábios, eu penso.

Provo e toco e beijo e já os apertei contra as partes mais macias da pele dele e fiz promessas e contei mentiras e toquei vidas, tudo com estes dois lábios e as palavras que eles formam, as formas e os sons que eles formam ao se curvarem. No entanto, neste instante, meus lábios desejam que ele simplesmente leia meus pensamentos porque a verdade é que eu vinha esperando nunca ter de dizer nada disto, destes pensamentos, em voz alta.

— Eu o desejo, sim — falo para ele, minha voz tremendo. — Eu o desejo tanto que me assusta.

Vejo o movimento da garganta dele, o esforço que ele está fazendo para se manter imóvel. Seus olhos estão apavorados.

— Eu menti para você — admito, as palavras tropeçando e saindo desengonçadas de mim. — Naquela noite. Quando disse que não queria ficar com você. Eu menti. Porque você estava certo. Eu fui uma covarde. Eu não queria admitir a verdade para mim mesma, e me sentia muito culpada por preferi-lo, por querer passar todo o tempo com você, mesmo quando tudo estava desmoronando. Eu estava confusa em relação ao Adam, eu estava confusa em relação a quem eu deveria ser e não sabia o que estava fazendo e eu fui idiota — falo. — Fui idiota e insensível e tentei culpá-lo por isso e eu o machuquei, muito.

Tento respirar.

— E eu sinto muito, muito mesmo.

— O que…

Warner está piscando depressa. Sua voz está frágil, irregular.

— O que você está dizendo?

— Eu te amo — sussurro. — Eu te amo exatamente como você é.

Warner está olhando para mim como estivesse ficando surdo e cego ao mesmo tempo.

— Não — ele ofega.

Uma palavra quebrada, quebrada. Quase nem é um som. Ele está fazendo que não com a cabeça e está desviando o olhar de mim e sua mão está parada no ar, seu corpo virado na direção da mesa e ele diz:

— Não. Não, não…

— Aaron…

— Não — ele diz, recuando. — Não, você não sabe o que está dizendo...

— Eu te amo — falo de novo para ele. — Eu te amo e eu o desejo e eu o desejava naquela época — digo a ele —, eu o desejei muito e ainda desejo, eu o desejo agora...

Pare.

Pare o tempo.

Pare o mundo.

Pare tudo durante o momento em que ele cruza o escritório e me puxa em seus braços e me prende contra a parede e eu estou girando e eu estou de pé e eu nem estou respirando mas estou viva muito viva muito muito viva

e ele está me beijando.

Profundamente, desesperadamente. Suas mãos estão em volta da minha cintura e ele está com a respiração muito pesada e me levanta, me pega no colo e minhas pernas estão enroladas ao redor dos seus quadris e ele está beijando meu pescoço, minha garganta e me apoia na borda da mesa da diretoria.

Ele está com uma mão sob meu pescoço, a outra embaixo da minha blusa e está subindo os dedos pelas minhas costas e, de repente, sua coxa está entre as minhas pernas e sua mão está deslizando por trás do meu joelho e subindo, mais, puxando-me mais para perto e, quando ele interrompe o beijo, estou com a respiração muito acelerada, a cabeça girando enquanto tento me segurar a ele.

— Para cima — ele diz, ofegando em busca de ar. — Coloque os braços para cima.

Eu coloco.

Ele puxa minha blusa para cima. Tira-a pela minha cabeça. Joga-a no chão.

— Deite-se — ele diz para mim, ainda com a respiração pesada, guiando-me para a mesa conforme suas mãos descem pela minha coluna, por baixo das minhas nádegas. Ele desabotoa meu jeans. Baixa o zíper dele. Diz “erga seu quadril para mim, amor” e prende os dedos em volta da cintura da minha calça e da minha calcinha ao mesmo tempo. Puxa-as para baixo.

Eu ofego.

Estou deitada na mesa dele usando nada além do sutiã.

E, então, ele também se vai.

Suas mãos estão subindo pelas minhas pernas e a parte de dentro das minhas coxas e seus lábios estão descendo pelo meu peito, e ele está desfazendo o pouco que resta da minha compostura e cada pedaço da minha sanidade e estou dolorida, por toda a parte, provando cores e sons que eu nem sabia que existiam. Minha cabeça está pressionada contra a mesa e minhas mãos estão agarrando os ombros dele e ele está quente, por inteiro, delicado e de alguma forma ansioso, e eu estou tentando não gritar e ele já está descendo pelo meu corpo, ele já escolheu onde me beijar. Como me beijar.

E ele não vai parar.

Estou além do pensamento racional. Além das palavras, além das ideias compreensíveis. Segundos estão se fundindo em minutos e corações estão se chocando e mãos estão agarrando e eu tropecei em um planeta e não sei mais de nada, eu não sei de nada porque nunca nada será capaz de se comparar a isto. Nada nunca vai captar a maneira como estou me sentindo agora.

Nada mais importa.

Nada além deste momento e a boca dele no meu corpo, as mãos dele na minha pele, os beijos dele em lugares novíssimos deixando-me total e garantidamente louca. Eu grito e me agarro a ele, morrendo e de alguma forma sendo trazida de volta à vida no mesmo momento, no mesmo fôlego.

Ele está de joelhos.

Eu mordo os lábios para segurar um gemido preso na minha garganta logo antes de ele me erguer e me carregar para a cama. Ele está imediatamente em cima de mim, beijando-me com um tipo de intensidade que me faz perguntar por que eu não morri ou peguei fogo ou acordei deste sonho ainda. Ele está descendo as mãos pelo meu corpo só para subi-las de novo para o meu rosto e ele me beija uma vez, duas vezes, e seus dentes prendem meu lábio inferior por apenas um segundo e eu estou agarrada a ele, enrolando meus braços em torno do seu pescoço e passando as mãos pelo seu cabelo e puxando-o para mim. Ele tem um sabor tão doce. Tão quente e doce e eu fico tentando dizer seu nome, mas nem encontro tempo para respirar, muito menos para dizer uma única palavra.

Eu o empurro para cima, tirando-o de mim.

Abro a camisa dele, minhas mãos tremendo e se atrapalhando com os botões e fico tão frustrada que simplesmente a rasgo, botões voando para todo lado e não tenho a chance de empurrar o tecido para fora do corpo dele antes de ele me puxar para o seu colo. Ele prende minhas pernas ao redor do seu quadril e me deita para trás até o colchão estar embaixo da minha cabeça e ele se inclina sobre mim, aninhando meu rosto em suas mãos, seus polegares são dois parênteses em volta da minha boca e ele me puxa mais para perto e me beija, beija até o tempo tropeçar e minha cabeça girar até o esquecimento.

É um beijo pesado e inacreditável.

É o tipo de beijo que inspira estrelas a subirem ao céu e iluminarem o mundo. O tipo que demora para sempre e não demora tempo algum. As mãos dele estão segurando minhas bochechas e ele se afasta apenas para me olhar nos olhos e seu peito está arfando quando ele diz “eu acho”, ele diz, “que meu coração vai explodir” e eu desejo, mais do que nunca, saber como guardar momentos assim e revisitá-los para sempre.

Porque isto.

Isto é tudo.

# 56



Warner passou a manhã toda dormindo.

Ele não acordou para se exercitar. Não acordou para tomar banho. Não acordou para fazer nada. Ele simplesmente está deitado aqui, de bruços, os braços envolvendo um travesseiro.

Eu estou acordada desde as 8 horas e estou olhando para ele há duas horas.

Ele costuma acordar às 5h30. Às vezes, mais cedo.

Eu estou preocupada por ele poder ter perdido muitas coisas importantes até agora. Não faço ideia se ele tem reuniões ou lugares específicos para visitar hoje. Eu não sei se ele estragou por completo sua programação por estar dormindo até tão tarde. Não sei se alguém virá ver como ele está. Não faço ideia.

Eu sei que não quero acordá-lo.

Ficamos acordados até muito tarde na noite anterior.

Passo os dedos descendo pelas costas dele, ainda confusa com a palavra INCENDIAR tatuada na sua pele e viro meus olhos para ver suas cicatrizes como algo além dos aterrorizantes maus-tratos que ele sofreu a vida toda. Não consigo lidar com a verdade horrível delas. Enrolo meu corpo em volta do dele, descanso o rosto contra suas costas, meus braços apertados na lateral de seu corpo. Deixo um beijo em sua coluna. Posso senti-lo respirando, para dentro e para fora, muito regular. Muito firme.

Warner se mexe, apenas um pouco.

Eu me sento.

Ele se vira devagar, ainda meio adormecido. Usa a parte de trás de um punho para esfregar os olhos. Pisca várias vezes. E, então, ele me vê.

Sorri.

É um sorriso sonolento, sonolento.

Não posso deixar de sorrir de volta. Sinto que fui rasgada e aberta, e colocaram raios de sol dentro de mim. Nunca vi um Warner sonolento antes. Nunca acordei em seus braços. Nunca o vi ser nada além de desperto e alerta e rápido.

Ele parece quase preguiçoso agora.

É adorável.

— Venha aqui — ele diz, estendendo os braços para mim.

Eu me arrasto até seus braços e me agarro, e ele me aperta com força contra seu corpo. Deixa um beijo no topo da minha cabeça. Sussurra:

— Bom dia, querida.

— Eu gosto disso — falo em voz baixa, sorrindo, embora ele não consiga ver. — Gosto de quando você me chama de querida.

Ele então ri, os ombros chacoalhando com isso. Vira-se para cima, os braços abertos para os lados.

Meu Deus, ele é tão bonito sem as roupas.

— Eu nunca dormi tão bem na vida toda — ele diz com suavidade.

Sorri, os olhos ainda fechados. Covinhas nas duas bochechas.

— Eu me sinto tão estranho.

— Você dormiu por muito tempo — digo a ele, enlaçando seus dedos nos meus.

Me espia com um olho.

— Dormi?

Eu faço que sim com a cabeça.

— É tarde. Já são 10h30.

Ele fica tenso.

— Mesmo?

Faço que sim de novo.

— Eu não queria acordá-lo.

Ele suspira.

— Temo que eu tenha que ir então. O Delalieu provavelmente teve um aneurisma.

Uma pausa.

— Aaron — eu falo, hesitante. — Quem é o Delalieu exatamente? Por que ele é tão merecedor de tudo isso?

Uma respiração profunda.

— Eu o conheço há muitos, muitos anos.

— Isso é tudo? — pergunto, inclinando-me para trás para olhá-lo nos olhos. — Ele sabe muito sobre nós e o que estamos fazendo e isso me preocupa às vezes. Achei que você tivesse dito que todos os seus soldados o odeiam. Você não devia ficar desconfiado? Confiar menos nele?

— Sim — ele fala em voz baixa —, seria de se esperar.

— Mas você não faz isso.

Warner me olha nos olhos. Suaviza a voz.

— Ele é o pai da minha mãe, amor.

Eu fico rígida por um instante, recuando depressa.

— O quê?

Warner olha para o teto.

— Ele é seu *avô*?

Estou sentada bem ereta na cama agora.

Warner faz que sim com a cabeça.

— Há quanto tempo você sabe?

Não sei como ficar calma a respeito disso.

— A vida toda.

Warner encolhe os ombros.

— Ele sempre esteve por perto. Conheço o rosto dele desde que eu era criança; eu costumava vê-lo pela nossa casa, participando de reuniões para O Restabelecimento, todas organizadas pelo meu pai.

Estou tão pasma que mal sei o que dizer.

— Mas... você o trata como se ele fosse...

— Meu tenente?

Warner alonga o pescoço.

— Bem, ele é.

— Mas ele é da sua *família*...

— Ele foi designado para este setor pelo meu pai, e eu não tinha razão para acreditar que ele fosse diferente do homem que me deu metade do meu DNA. Ele nunca foi visitar minha mãe. Nunca pergunta sobre ela. Nunca mostrou nenhum interesse nela. Delalieu

levou 19 anos para conquistar minha confiança, e eu me permiti essa fraqueza há pouco tempo porque pude sentir a sinceridade dele com consistência ao longo dos anos.

Warner faz uma pausa.

— E, embora nós tenhamos chegado a certo nível de familiaridade, ele nunca reconheceu, nem reconhecerá, a nossa biologia compartilhada.

— Mas por que não?

— Porque ele não é mais meu avô do que eu sou filho do meu pai.

Eu encaro Warner por muito tempo antes de perceber que não há motivo para continuar esta conversa. Porque eu acho que entendo. Ele e Delalieu não têm nada além de um tipo estranho e formal de respeito um pelo outro. E as pessoas serem ligadas pelo sangue não é o suficiente para fazer uma família.

Eu sei bem.

— Então, você tem que ir agora? — eu sussurro, arrependida de ter puxado o assunto sobre Delalieu.

— Ainda não.

Ele sorri. Toca a minha bochecha.

Nós dois ficamos quietos por um momento.

— No que você está pensando? — pergunto.

Ele se inclina, me beija com muita suavidade. Faz que não com a cabeça.

Encosto a ponta do meu dedo nos lábios dele.

— Há segredos aqui — digo. — Quero que eles saiam.

Ele tenta morder meu dedo.

Eu o puxo de volta.

— Por que o seu cheiro é tão gostoso? — ele fala, ainda sorrindo enquanto evita minha pergunta.

Ele se inclina de novo, deixa beijos leves pela linha do meu maxilar, sob meu queixo.

— Está me deixando louco.

— Eu tenho roubado os seus sabonetes — conto a ele.

Ele ergue uma sobrancelha para mim.

— Desculpe.

Eu me sinto corar.

— Não se sinta mal — ele diz, de repente muito sério. — Você pode ter qualquer coisa minha que quiser. Você pode ter tudo.

Sou pega de surpresa, muito tocada pela sinceridade na voz dele.

— É mesmo? — pergunto. — Porque eu realmente amo aquele sabonete.

Ele então sorri para mim. Seus olhos estão maliciosos.

— O que foi?

Ele faz que não com a cabeça. Afasta-se. Desliza para fora da cama.

— Aaron…

— Eu já volto — ele fala.

Eu o vejo entrar no banheiro. Ouço o som de uma torneira, o fluxo de água enchendo uma banheira.

Meu coração começa a acelerar.

Ele volta para o quarto e eu estou agarrada aos lençóis, já protestando contra o que eu acho que ele está prestes a fazer.

Ele puxa uma coberta. Tomba a cabeça para mim.

— Solte, por favor.

— Não.

— Por que não?

— O que você vai fazer? — pergunto.

— Nada.

— Mentiroso.

— Está tudo bem, amor. — Seus olhos estão me provocando. — Não fique com vergonha.

— Está muito claro aqui. Apague as luzes.

Ele ri alto. Puxa os cobertores para fora da cama.

Eu seguro um grito.

— Aaron…

— Você é perfeita — ele diz. — Cada centímetro seu. Perfeita — repete. — Não se esconda de mim.

— Eu retiro o que disse — falo, em pânico, agarrando um travesseiro ao meu corpo. — Não quero seu sabonete... Eu retiro o que eu disse…

Mas ele então arranca o travesseiro dos meus braços, me pega no colo e me leva.



Meu traje está pronto.

Warner garantiu que Alia e Winston tivessem tudo de que precisavam para criá-lo e, embora eu os tenha visto tocar o projeto um pouco mais a cada dia, nunca pensei que todos aqueles materiais diferentes poderiam se transformar nisto.

Parece pele de cobra.

O material é tanto preto quanto cinza igual a bronze, mas parece quase dourado sob determinados raios de luz. A estampa se mexe quando eu me mexo e é de deixar tonta a maneira como os fios parecem convergir e divergir, parecendo que nadam juntos e se separam.

Ele serve em mim de uma forma que é ao mesmo tempo desconfortável e tranquilizadora; é justo ao corpo e um pouco duro no início, mas, assim que eu passo a movimentar as pernas e os braços, começo a entender o quanto de flexibilidade escondida ele tem. Tudo isso parece estranhamente contrário às expectativas. Este traje é ainda mais leve do que aquele que eu tinha antes —

quase nem parece que estou vestindo algo — e, ainda assim, parece muito mais durável, muito mais forte. Sinto que poderia parar uma faca com este traje. Como se eu pudesse ser arrastada por 1,5 quilômetro de asfalto usando este traje.

Também tenho botas novas.

Elas são parecidas com as minhas anteriores, mas chegam até a panturrilha, não até o tornozelo. Não têm salto, são flexíveis e não fazem barulho quando ando com elas.

Eu não pedi nenhuma luva.

Estou abrindo e fechando as mãos, andando até o final da sala e de volta, dobrando os joelhos e me familiarizando com a sensação de vestir um novo tipo de roupa. Ela tem uma finalidade diferente. Não estou mais tentando esconder minha pele do mundo. Só estou tentando aumentar o poder que já tenho.

A sensação é ótima.

— Isto é para você também — Alia diz, sorrindo enquanto seu rosto fica corado. — Achei que gostaria de um conjunto novo.

Ela estende réplicas exatas dos socos ingleses que já fez para mim uma vez.

Aqueles que eu perdi. Em uma batalha que nós perdemos.

Eles, mais do que qualquer outra coisa, representam muito para mim. São uma segunda chance. Uma oportunidade de fazer as coisas do jeito certo.

— Obrigada — digo a ela, esperando que saiba o quanto estou sendo sincera.

Eu coloco os socos ingleses sobre os nós de meus dedos descobertos, dobrando os dedos ao fazê-lo.

Levanto o olhar. Olho ao redor.

Todos estão me encarando.

— O que vocês acham? — pergunto.

— Seu traje é igual ao meu.

Kenji franze as sobrancelhas.

— Eu que devo ficar com o traje preto. Por que você não pode ter um traje cor-de-rosa? Ou um traje amarelo...

— Porque nós não somos os malditos Power Rangers — Winston diz, revirando os olhos.

— Que diabos é um Power Ranger? — Kenji dispara de volta.

— Eu acho que está incrível — James diz, sorrindo bastante. — Você parece muito mais legal do que antes.

— É, isso é incrível mesmo — Lily diz. — Eu adorei.

— É o melhor trabalho de vocês, pessoal — Brendan diz para Winston e Alia. — De verdade. E essas coisas… nos dedos — ele fala, fazendo um gesto para as minhas mãos. — Elas são simplesmente... Elas dão unidade para a coisa toda, eu acho. É brilhante.

— Você está muito impressionante, senhorita Ferrars — Castle diz para mim. — Acho que está muito bem trajada — afirma.

Eu dou um sorriso.

A mão de Warner está nas minhas costas. Ele se inclina, sussurra “é fácil tirar essa coisa?” e eu me forço a não olhar para ele e para o sorriso que ele com certeza abriu à custa de brincar comigo. Eu odeio o fato de ele ainda me fazer corar.

Meus olhos tentam encontrar um novo foco pela sala.

*Adam*.

Ele está me encarando, seus traços inesperadamente relaxados. Calmos. E, por um momento, um momento breve, tenho um vislumbre do menino que eu conhecia. O primeiro por quem me apaixonei.

Ele se vira.

Não posso deixar de esperar que ele fique bem, e ele tem apenas 12 horas para se recompor. Porque, esta noite, repassaremos o plano, uma última vez.

E, amanhã, tudo começa.



— Aaron? — murmuro.

As luzes estão apagadas. Nós estamos deitados na cama. Estou esticada ao longo do corpo dele, minha cabeça usando seu peito como travesseiro. Meus olhos estão no teto.

Ele está passando a mão em meu cabelo, seus dedos às vezes afundando entre as mechas.

— Seu cabelo é como água — ele sussurra. — É tão fluido. Como seda.

— Aaron.

Ele deixa um beijo leve no topo da minha cabeça. Esfrega as mãos pelos meus braços.

— Você está com frio? — ele pergunta.

— Você não pode evitar isso para sempre.

— Nós não temos que evitar isso, nem um pouco — ele diz. — Não há nada a evitar.

— Eu só quero saber se você está bem — digo. — Estou preocupada com você.

Ele ainda não disse uma única palavra para mim sobre a mãe. Ele não disse nem uma palavra durante o tempo todo em que ficamos no quarto dela, e não falou sobre isso desde então. Nem fez alusão ao assunto. Nenhuma vez.

Mesmo agora, ele não diz nada.

— Aaron?

— Sim, amor.

— Você não vai falar sobre isso?

Ele fica em silêncio de novo por tanto tempo que estou prestes a me virar para olhar para ele. Mas, então.

— Ela não está mais sentindo dor — ele diz, suavemente. — Isso é um grande consolo para mim.

Eu não o forço a falar depois disso.

— Juliette — ele diz.

— Sim?

Posso ouvi-lo respirar.

— Obrigado — ele sussurra. — Por ser minha amiga.

Eu então me viro. Aperto-me mais junto dele, meu nariz roçando seu pescoço.

— Sempre estarei ao seu lado se precisar de mim — digo, a escuridão prendendo e baixando minha voz. — Por favor, lembre-se disso. Lembre-se disso sempre.

Mais segundos se afogam na escuridão. Eu me sinto caindo no sono.

— Isto está acontecendo de verdade? — eu o ouço sussurrar.

— O quê?

Eu pisco, tentando ficar acordada.

— Você parece tão real — ele diz. — Sua voz parece tão real. Eu quero tanto que isto seja real.

— É real — eu falo. — E as coisas vão melhorar. As coisas vão melhorar muito, muito. Eu prometo.

Ele toma um fôlego tenso.

— A parte mais assustadora — declara, com a voz muito baixa — é que, pela primeira vez na vida, eu realmente acredito nisso.

— Que bom — digo suavemente, virando meu rosto para o peito dele.

Fecho os olhos.

Os braços de Warner deslizam ao redor de mim, puxando-me para mais perto.

— Por que você está usando tantas roupas? — ele sussurra.

— Hum?

— Eu não gosto delas — ele fala.

Puxa a minha calça.

Encosto os lábios no pescoço dele, quase nada. É um beijo como uma pena.

— Então, tire-as.

Ele empurra as cobertas.

Eu só tenho um segundo para controlar um tremor antes de ele estar ajoelhado entre as minhas pernas. Ele encontra o elástico da cintura da minha calça e puxa, tirando-a, do meu quadril, descendo pelas minhas coxas. Muito devagar.

Meu coração está me fazendo todo tipo de pergunta.

Ele dobra minha calça com um punho e a joga do outro lado do quarto.

E, depois, seus braços deslizam atrás de minhas costas, puxando-me para cima e contra seu peito. Suas mãos se mexem debaixo da minha blusa, subindo pela minha coluna.

Logo, minha blusa some.

Jogada na mesma direção da calça.

Eu tremo, apenas um pouco, e ele volta a me colocar devagar sobre os travesseiros, com cuidado para não me apertar sob seu peso. A temperatura de seu corpo é tão bem-vinda, tão quente. Minha cabeça tomba para trás. Meus olhos ainda estão fechados.

Meus lábios se separam sem motivo.

— Eu quero poder senti-la — ele sussurra, suas palavras em meu ouvido. — Quero a sua pele contra a minha.

As mãos delicadas dele descem pelo meu corpo.

— Meu Deus, você é tão macia — ele fala, a voz rouca de emoção.

Ele está beijando meu pescoço.

Minha cabeça está girando. Tudo fica quente e frio e algo está se agitando para ganhar vida dentro de mim e minhas mãos alcançam o peito dele, procurando algo para segurar e meus olhos estão tentando e não estão conseguindo ficar abertos e só estou consciente o bastante para sussurrar o nome dele.

— Sim, amor?

Eu tento dizer mais, mas minha boca não me escuta.

— Você está dormindo agora? — ele pergunta.

Sim, eu penso. Não sei. Sim.

Faço que sim com a cabeça.

— Isso é bom — ele fala em voz baixa.

Ele levanta minha cabeça, puxa o cabelo do meu pescoço para meu rosto cair com mais facilidade para o travesseiro. Muda de lugar

para ficar a meu lado na cama.

— Você precisa dormir mais — diz.

Faço que sim com a cabeça de novo, rolando o corpo para o lado. Ele puxa os cobertores para cima em volta de meus braços.

Ele beija a curva do meu ombro. Minha escápula. Cinco beijos descendo minha coluna, um mais suave que o outro.

— Eu vou ficar aqui a noite toda — ele sussurra, suas palavras tão suaves, tão torturadas — para mantê-la aquecida. Vou beijá-la até eu não conseguir ficar de olhos abertos.

Minha cabeça fica presa em uma nuvem.

*Você consegue ouvir meu coração?*, eu quero perguntar a ele.

*Eu quero fazer uma lista de todas as suas coisas favoritas, e quero estar entre elas.*

Mas estou adormecendo tão depressa que perdi a noção da realidade e não sei como mexer minha boca. O tempo caiu por toda a minha volta, envolveu-me neste momento.

E Warner ainda está falando. Com a voz muito baixa, muito suave. Ele acha que estou dormindo agora. Ele acha que não posso ouvi-lo.

— Você sabia — ele está sussurrando — que eu acordo todas as manhãs convencido de que você foi embora?

*Acorde*, eu fico dizendo a mim mesma. *Acorde*. *Preste atenção.*

— Que tudo isto — ele diz —, estes momentos, seriam confirmados como algum tipo de sonho extraordinário? Mas, então, eu a ouço falar comigo — ele conta. — Eu vejo a maneira como você olha para mim e posso sentir o quanto é real. Posso sentir a verdade nas suas emoções, na forma como você me toca — ele sussurra, sua mão roçando minha bochecha.

Meus olhos se abrem de repente. Eu pisco uma vez, duas.

Os lábios dele estão parados em um sorriso leve.

— Aaron — sussurro.

— Eu te amo — ele fala.

Meu coração já não cabe em meu peito.

— Tudo parece tão diferente para mim agora — ele diz. — A sensação é diferente. O sabor é diferente. Você me trouxe de volta à vida.

Ele fica em silêncio por um momento.

— Nunca tive este tipo de paz. Nunca tive esse tipo de conforto. E, às vezes, tenho medo — ele diz, baixando os olhos — de que meu amor a deixe apavorada.

Ele levanta o olhar, muito devagar, cílios dourados erguendo-se para revelar mais tristeza e beleza do que eu já vi no mesmo momento. Eu não sabia que uma pessoa podia comunicar tanto com apenas um olhar. Há uma dor extraordinária nele. Paixão extraordinária.

Ela me deixa sem fôlego.

Pego o rosto dele e o beijo, muito devagar.

Os olhos dele se fecham. Sua boca reage à minha. Suas mãos sobem para me puxar para mais perto e eu o interrompo.

— Não — sussurro. — Não se mexa.

Ele baixa as mãos.

— Deite — eu murmuro.

Ele deita.

Eu o beijo por toda a parte. Suas bochechas. Seu queixo. A ponta de seu nariz e o espaço entre suas sobrancelhas. Por toda sua testa e ao longo da linha do maxilar. Cada centímetro de seu rosto. Beijos curtos e suaves que dizem muito mais do que eu jamais poderia dizer. Quero que ele saiba como eu me sinto. Eu quero que ele saiba da forma como só ele pode, a maneira como ele pode sentir a

profundidade da emoção por trás dos meus movimentos. Eu quero que ele saiba e nunca duvide.

E eu não quero ter pressa.

Minha boca desce para o pescoço dele e ele ofega, e eu respiro o aroma de sua pele, absorvo o sabor dele e desço minhas mãos pelo seu peito, beijando de um lado para o outro e descendo pela linha de seu torso. Ele fica tentando me tocar e eu tenho de dizer que pare.

— Por favor — ele pede —, eu quero senti-la…

Eu baixo os braços dele com delicadeza.

— Ainda não. Agora não.

Minhas mãos vão para a calça dele. Seus olhos abrem de repente.

— Feche os olhos — tenho de dizer a ele.

— Não.

Ele mal consegue falar.

— Feche os olhos.

Ele faz que não com a cabeça.

— Tudo bem.

Eu desabotoo sua calça. Abro o zíper.

— Juliette — ele sussurra. — O que…

Estou tirando a calça dele.

Ele se senta.

— Deite. Por favor.

Ele está me encarando, os olhos enlouquecidos.

Ele enfim cai para trás.

Eu puxo sua calça até tirá-la. Jogo-a no chão.

Eu contorno a costura no algodão macio, seguindo as linhas dos pedaços sobrepostos da cueca boxer dele conforme eles se juntam no meio. A respiração dele está tão acelerada que posso ouvi-la, posso ver seu peito se mexer. Seus olhos estão fechados e apertados. A cabeça, tombada para trás. Os lábios, separados.

Toco nele de novo, com muita delicadeza.

Ele segura um gemido, vira o rosto para os travesseiros. Todo o seu corpo está tremendo, as mãos agarrando os lençóis. Eu desço as mãos pelas pernas dele, agarrando-as logo acima do joelho e afastando-as devagar para dar espaço para os beijos que eu deixo em uma trilha subindo pelo lado de dentro de suas coxas. Meu nariz passa depressa pela pele dele.

Ele parece estar sentindo dor. Muita dor.

Encontro o elástico da cintura da cueca. Puxo-a para baixo.

Devagar.

Devagar.

A tatuagem está logo abaixo do osso do quadril dele.

o i n f e r n o e s t á v a z i o

e t o d o s o s d e m ô n i o s e s t ã o a q u i

Eu cruzo as palavras beijando-as.

Beijando para afastar os demônios.

Beijando para afastar a dor.



Estou sentada na borda da cama, cotovelos apoiados nos joelhos, rosto baixado para as mãos.

— Você está bem? — ele pergunta para mim.

Ergo o olhar. Levanto-me. Faço que não com a cabeça.

— Respire, querida.

Ele para em frente a mim, desliza a mão em volta do meu rosto. Seus olhos estão brilhantes, intensos, firmes e cheios de confiança. Em mim.

— Você é magnífica. Você é extraordinária.

Eu tento rir e sai completamente errado.

Warner inclina sua testa contra a minha.

— Não há nada a temer. Não há nada com que se preocupar. Não se aflija com nada neste mundo transitório — ele fala suavemente.

Eu me inclino para trás, uma pergunta em meus olhos.

— É a única maneira como eu sei existir — ele fala. — Em um mundo onde há tanto com que se afligir e tão poucas coisas boas a aproveitar? Eu não me aflijo com nada. Eu aproveito tudo.

Eu olho nos olhos dele pelo que parece uma eternidade.

Ele se inclina para a minha orelha. Baixa a voz.

— Quero que você me incendeie, meu amor.

Warner convocou uma assembleia.

Ele diz que é um procedimento bem rotineiro, em que os soldados devem usar um uniforme preto padrão.

— E eles estarão desarmados — Warner diz para mim.

Kenji e Castle e todos os outros virão assistir, sob os cuidados da invisibilidade de Kenji, mas sou a única que vai falar hoje. Eu disse a eles que queria liderar. Eu disse a eles que estava disposta a correr o primeiro risco.

Assim, aqui estou.

Warner me acompanha para fora de seu quarto.

Os corredores estão abandonados. Os soldados que patrulham os aposentos dele se foram, já reunidos e esperando a sua presença. Estou apenas começando a compreender a realidade do que estou prestes a fazer.

Porque, independentemente do resultado de hoje, estou me expondo. É uma mensagem minha para Anderson. Uma mensagem que sei que ele vai receber.

Estou viva.

Vou usar seus próprios exércitos para assombrá-lo.

E vou matá-lo.

Algo nesta ideia me deixa absurdamente feliz.

Nós entramos no elevador e Warner pega minha mão. Eu aperto os dedos dele. Ele sorri olhando direto para a frente. E, de repente,

estamos saindo do elevador e passando por outra porta e indo diretamente para o pátio aberto no qual eu só estive uma vez antes.

Que estranho, eu penso, voltar a este terraço não como prisioneira. Sem medo mais. E me agarrando com força à mão do mesmo menino loiro que me trouxe para cá antes.

Como este mundo é estranho.

Warner hesita antes de caminhar para ficar à vista. Ele olha para mim em busca de confirmação. Eu faço que sim com a cabeça. Ele solta minha mão.

Damos um passo para a frente juntos.



Há um suspiro de espanto audível dos soldados parados logo abaixo.

Eles definitivamente se lembram de mim.

Warner tira um pedaço quadrado de malha de metal do bolso e o pressiona contra os lábios, apenas uma vez, antes de segurá-lo na mão fechada. A voz dele é amplificada pela multidão quando ele fala.

— Setor 45 — diz.

Eles se mexem. Seus punhos direitos sobem para se apoiar em seu peito, os punhos esquerdos soltos, caídos ao lado de seus corpos.

— Disseram a vocês — ele fala —, há pouco mais de um mês, que nós vencemos uma batalha contra um grupo de resistência chamado Ponto Ômega. Disseram a vocês que dizimamos a base deles e massacramos os homens e mulheres deles que restavam no campo de batalha. Disseram a vocês — ele continua — para nunca

duvidarem do poder d'O Restabelecimento. Somos imbatíveis. Insuperáveis em poder militar e controle de terra. Disseram a vocês que nós somos o futuro. A única esperança.

A voz dele ressoa sobre a multidão, os olhos passando pelos rostos de seus homens.

— E eu espero — ele diz — que vocês não tenham acreditado nisso.

Os soldados estão olhando fixamente, pasmos, enquanto Warner fala. Eles parecem ter medo de pisar fora da linha caso isso revele ser um tipo elaborado de piada, ou talvez um teste d'O Restabelecimento. Eles não fazem nada além de olhar, sem se importar mais em fazer seus rostos parecerem o mais estoicos possível.

— Juliette Ferrars — ele diz — não morreu. Ela está aqui, parada ao meu lado, apesar das alegações feitas por nosso Comandante Supremo. Ele realmente deu um tiro no peito dela. E ele realmente a deixou para morrer. Mas ela conseguiu sobreviver a esse atraque contra sua vida e chegou aqui hoje para fazer uma oferta a vocês.

Eu pego a malha de metal da mão de Warner, encosto-a em meus lábios como ele fez. Baixo-a para a minha mão fechada.

Respiro fundo. E digo cinco palavras.

— Eu quero destruir O Restabelecimento.

Minha voz está tão alta, tão poderosamente projetada sobre a multidão que, por um momento, ela me surpreende. Os soldados estão me encarando com horror. Choque. Descrença. Assombro. Estão começando a cochichar.

— Quero liderá-los para a batalha — digo a eles. — Quero revidar…

Ninguém está me ouvindo mais.

As linhas perfeitamente organizadas deles foram abandonadas. Eles agora estão se juntando em uma grande massa, falando e

gritando e tentando deliberar entre si. Tentando entender o que está acontecendo.

Não acredito que perdi a atenção deles tão depressa.

— Não hesite — Warner diz para mim. — Você precisa reagir. *Agora*.

Eu estava esperando guardar esta para mais tarde.

Neste instante, nós estamos a apenas uns 4,5 metros do chão, mas Warner me disse que há mais quatro andares, se eu quiser subir até o fim. O andar mais alto abriga os alto-falantes designados para esta área em especial. Tem uma pequena plataforma de manutenção que só é acessada por técnicos.

Já estou subindo.

Os soldados estão distraídos de novo, apontando para mim enquanto eu subo as escadas; ainda falando alto uns com os outros. Não faço ideia se é possível que a notícia desta situação já tenha chegado aos civis e aos espiões subordinados ao Supremo. Não tenho tempo para me importar agora porque nem terminei de fazer meu discurso e já os perdi.

Isto não é bom.

Quando eu enfim chego ao último andar, estou a cerca de 30 metros do chão. Tenho cuidado ao subir na plataforma, e tenho mais cuidado de não olhar para baixo por muito tempo. E, quando finalmente firmo meus pés, levanto o olhar e observo a multidão.

Tenho a atenção de todos de novo.

E fecho a mão em volta da malha de metal que serve de microfone.

— Tenho apenas uma pergunta — digo, minhas palavras poderosas e claras, projetando-se na distância. — O que O Restabelecimento já fez por vocês?

Eles estão mesmo olhando para mim agora. Ouvindo.

— Eles não lhes deram nada além de salários baixos e promessas de um futuro que nunca virá. Eles dividiram suas famílias e as forçaram a atravessar o que sobra desta terra. Eles fizeram seus filhos passar fome e destruíram seus lares. Eles mentem para vocês, de novo e de novo, forçando-os a aceitar empregos no exército para poderem controlá-los. E vocês não têm escolha — falo. — Nenhuma opção. Assim, vocês lutam as guerras deles e matam seus próprios amigos, só para poderem alimentar suas famílias.

Sim, eu tenho a atenção deles agora.

— A pessoa que vocês permitem que lidere esta nação é um covarde — digo para ele. — Ele é um homem fraco que tem medo demais de mostrar o rosto para o povo. Ele vive em segredo, esconde-se das pessoas que contam com ele e, ainda assim, ensinou-os a ter medo dele — afirmo. — Ele os ensinou a se curvarem quando seu nome é dito. Talvez vocês ainda não o tenham conhecido — continuo. — Mas eu conheci. E não fiquei impressionada.

Não acredito que ninguém atirou em mim ainda. Não me importa se eles deveriam estar desarmados. Alguém provavelmente tem uma arma. E ninguém atirou em mim ainda.

— Participem da uma nova resistência — digo, falando para a multidão. — Nós somos a maioria e podemos ficar unidos. Vocês vão continuar a viver assim? — pergunto a eles, apontando os aglomerados a distância. — Vocês vão continuar a passar fome? Porque eles vão continuar mentindo para vocês! Nosso mundo não passou do limite em que pode ser consertado. Não passou do limite em que pode ser salvo. Podemos ser o nosso próprio exército — digo a eles. — Podemos ficar juntos. Juntem-se a mim — peço — e prometo que a situação vai mudar.

— Como? — ouço alguém gritar. — Como você pode prometer algo assim?

— Não sou intimidada pelo Restabelecimento — respondo. — E tenho mais força do que vocês podem saber. Eu tenho o tipo de

poder que o Comandante Supremo não pode enfrentar.

— Nós já sabemos o que você pode fazer! — outra pessoa grita. — Isso não a salvou antes!

— Não — respondo a eles —, vocês não sabem o que eu posso fazer. Vocês não fazem ideia do que eu posso fazer.

Estendo os braços à minha frente, as duas mãos apontadas na direção da multidão. Tento achar um bom meio. E, depois, eu me concentro.

*Sinta o seu poder,* Kenji disse para mim certa vez. *Ele faz parte de você; parte do seu corpo e da sua mente. Ele vai ouvi-la se você aprender a controlá-lo*.

Eu fixo os pés. Preparo-me.

E, então, eu divido a multidão.

Devagar.

Foco minha energia em reconhecer cada corpo e permito que meu poder se movimente com fluidez, trabalhando em volta dos soldados com delicadeza, em vez de passar depressa entre eles e acidentalmente rasgá-los. Meu poder se agarra à forma deles como meus dedos fariam, enfim achando um meio perfeito que divide o grupo em duas partes. Eles já estão olhando um para o outro de cada lado do pátio, tentando entender por que não conseguem se mexer contra as paredes invisíveis que os separam.

Porém, assim que a energia se estabiliza no lugar, eu abro os braços, bem distantes.

Empurro.

Os soldados são jogados para trás. Metade para a esquerda. Metade para a direita. Não o suficiente para se machucarem, mas o suficiente para ficarem admirados. Quero que eles sintam o poder que tenho em mim. Quero que eles saibam que estou me segurando.

— Eu posso proteger vocês — digo a eles, minha voz ainda ressoando alta sobre todos. — E tenho amigos que poderiam fazer mais. Que vão ficar ao meu lado e lutar.

E, assim, como se seguissem uma deixa, eles aparecem do nada, bem no meio do pátio, no espaço que acabei de abrir.

Os soldados recuam depressa, pasmos, indo mais para cada canto.

Castle estende um braço, fazendo uma pequena árvore a distância se arrancar do chão. Ele usa as duas mãos para puxá-la do solo e, depois disso, a árvore avança, balançando sem controle, voando pelo ar, os galhos chacoalhando ao vento. Castle a empurra para trás, mexendo-a com nada além de sua mente.

Ele a joga ainda mais para o alto, logo acima da cabeça deles, e Brendan estende os braços.

Bate as mãos, com força.

Um raio de eletricidade atinge a árvore na base e sobe pelo tronco tão depressa, e com um poder tão extremo, que praticamente a desintegra; os pedaços restantes chovem no chão.

Eu não estava esperando isso; eles nem deveriam estar me ajudando hoje. Mas acabaram de criar a apresentação perfeita para mim.

Agora. Bem agora.

Todos os soldados estão assistindo. O pátio tem um espaço aberto. Vejo os olhos de Kenji lá embaixo e procuro uma confirmação.

Ele faz que sim com a cabeça.

Eu pulo.

Trinta metros no ar, olhos fechados, pernas estendidas, braços abertos. E eu sinto mais poder correr pelo meu ser do que já senti antes. Eu o controlo. Eu o projeto.

E pouso com tanta força no chão que ele se estilhaça debaixo de mim.

Estou agachada, uma mão estendida à minha frente. O pátio está tremendo tanto que, por um segundo, não tenho certeza se não provoquei outro terremoto.

Quando eu enfim fico de pé e olho ao redor, posso ver os soldados com muito mais clareza. Seus rostos, suas preocupações. Eles estão me olhando admirados, os olhos arregalados de assombro e um toque de medo.

— Vocês não vão ficar sozinhos — digo a eles, me virando para ver seus rostos. — Não precisam mais ter medo. Queremos retomar o nosso mundo. Queremos salvar a vida dos nossos parentes, dos nossos amigos. Queremos que seus filhos tenham a chance de um futuro melhor. E queremos lutar. Nós queremos *vencer*.

Eu prendo meu olhar no olhar deles.

— E estamos pedindo a ajuda de vocês.

Há um silêncio absoluto.

E, depois, um caos absoluto.

Comemorações. Gritos e berros. Pés batendo no chão.

Eu sinto o quadro de malha de metal ser puxado da minha mão. Ele voa pelo ar até a mão de Warner.

Ele se dirige a seus homens.

— Parabéns, senhores — diz. — Passem a notícia para suas famílias. Seus amigos. Amanhã, tudo mudará. O Supremo virá para cá em questão de dias — ele fala. — Preparem-se para a guerra.

E, depois, de uma só vez.

Kenji faz com que todos nós desapareçamos.



Estamos correndo pelo pátio e atravessando a base e, assim que estamos fora da vista, Kenji retira a invisibilidade. Ele corre na frente do grupo, guiando-nos em direção à sala de treinamento, serpenteando e virando e se apressando pela área de armazenamento e a área de treinamento de tiro até estarmos tropeçando para dentro da sala ao mesmo tempo.

James estava esperando por nós.

Ele se levanta, os olhos arregalados.

— Como foi?

Kenji avança e toma James em seus braços.

— Como você *acha* que foi?

— Hum. Bom?

James está rindo.

Castle me dá um tapinha nas costas. Eu me viro para olhar para ele. Ele está sorrindo para mim, os olhos brilhando, mais orgulhoso

do que eu já o vi.

— Muito bom, senhorita Ferrars — ele diz em voz baixa. — Muito bom.

Brendan e Winston chegam correndo, sorrindo de orelha a orelha.

— Aquilo foi tão totalmente legal — Winston diz. — Era como se fôssemos celebridades ou algo assim.

Lily, Ian e Alia se juntam ao grupo. Eu agradeço a todos pela ajuda, por sua demonstração de apoio no último minuto.

— Vocês realmente acham que vai funcionar? — estou perguntando. — Acham que é o suficiente?

— Com certeza é um começo — Castle fala. — Teremos que agir depressa agora. Imagino que a notícia já tenha se espalhado, mas os outros setores com certeza vão ficar quietos até o Supremo chegar.

Castle olha para mim.

— Espero que entenda que esta será uma luta contra todo o país.

— Não se os outros setores se juntarem a nós também — digo.

— Quanta confiança — Castle declara.

Ele está me encarando como se eu fosse um ser estranho e alienígena. Um que ele não sabe como entender ou identificar.

— Você me surpreende, senhorita Ferrars.

O elevador faz um barulho e se abre.

*Warner*.

Ele anda direto para mim.

— A base foi protegida — ele fala. — Estamos fechados aqui dentro até meu pai chegar. Ninguém vai entrar nem sair do prédio.

— Então, o que faremos agora? — Ian pergunta.

— Nós esperamos — Warner responde.

Ele olha ao redor para nós.

— Se ele ainda não sabe, vai ficar sabendo nos próximos cinco minutos. O Supremo vai saber que alguns membros do grupo ainda estão vivos. Que Juliette ainda está viva. Ele vai saber que eu o desafiei e fiquei contra ele publicamente. E ele vai ficar muito, muito bravo — Warner diz. — Isso eu posso garantir completamente.

— Então, nós vamos para a guerra — Brendan fala.

— Sim.

Warner está calmo, muito calmo.

— Nós lutaremos. Em breve.

— E os soldados? — pergunto a ele. — Eles toparam mesmo?

Ele fixa em meus olhos por apenas um momento além do normal.

— Sim — ele fala. — Eu posso sentir a força da paixão deles. Eles de repente a respeitam. Há muitos entre eles que ainda têm medo, e outros ainda estão firmes em seu ceticismo, mas você estava certa, amor. Eles podem temer, mas não querem ser soldados. Não assim. Não para O Restabelecimento. Eles estão prontos para se juntar a nós.

— E os civis? — eu pergunto, admirada.

— Eles também virão.

— Você tem certeza?

— Eu não posso ter certeza de nada — ele fala em voz baixa. — Mas eu nunca, em todo o meu tempo neste setor, senti o tipo de esperança em meus homens que senti hoje. Foi tão poderoso, tão absoluto que ainda posso sentir daqui. Está praticamente vibrando em meu sangue.

Eu mal consigo respirar.

— Juliette, amor — ele diz para mim, ainda me olhando nos olhos. — Você acabou de iniciar uma guerra.



Warner me puxa para o lado. Para longe de todo mundo.

Estamos parados em um canto da sala de treinamento e as mãos dele estão apertando firmemente meus ombros. Ele está me olhando como se eu tivesse acabado de tirar a lua do bolso.

— Eu tenho que ir — ele diz, apressado. — Há muitas coisas que precisam ser colocadas em ação e eu tenho que me reunir com o Delalieu de novo. Vou cuidar de todos os aspectos dos detalhes militares, amor. Vou cuidar para que você tenha tudo de que precisa e para que meus homens estejam equipados de todas as maneiras possíveis.

Estou fazendo que sim com a cabeça, tentando agradecer a ele.

Porém, ele ainda está olhando para mim, procurando meus olhos como se tivesse encontrado algo que não pode suportar deixar para trás. Suas mãos passam para o meu rosto; seu polegar roça minha bochecha. A voz dele está muito doce quando ele fala.

— Você vai fazer coisas grandiosas — ele sussurra. — Eu nunca a mereci.

Meu coração.

Ele se inclina, beija minha testa, com muita delicadeza.

E, depois, ele sai.

Eu ainda estou observando as portas do elevador se fecharem quando tenho um vislumbre de Adam pelo canto do olho. Ele anda até mim.

— Ei — ele fala.

Parece nervoso, desconfortável.

— Oi.

Ele está fazendo que sim com a cabeça, olhando para os pés.

— Então — ele diz.

Solta a respiração em um sopro. Ainda não está olhando para mim.

— Belo show.

Eu não tenho bem certeza do que dizer. Assim, não digo nada.

Adam suspira.

— Você mudou mesmo — ele sussurra. — Não é?

— Sim. Eu mudei.

Ele faz que sim com a cabeça, apenas uma vez. Solta uma risada estranha. E sai andando.



Todos nós estamos sentados pela sala de novo.

Conversando. Discutindo. Pensando e planejando. James está roncando tranquilo no canto.

Todos nós ficamos presos em algum lugar no meio do caminho entre estarmos animados e estarmos apavorados e, ainda assim, de alguma forma, o que mais temos é a animação. Isto é, no final das contas, o que todos do Ponto Ômega sempre planejaram; eles se juntaram a Castle esperando que a situação um dia chegasse a isto.

Uma chance de derrotar O Restabelecimento.

Todos eles têm treinado para isso. Até mesmo Adam, que de alguma maneira se convenceu a ficar conosco, já foi soldado. Kenji, soldado. Todos no ápice do condicionamento físico. Todos eles são lutadores; até mesmo Alia, cuja casca quieta guarda tanto. Eu não poderia ter pedido um grupo mais sólido.

— Então, quando vocês acham que ele vai chegar aqui? — Ian está perguntando. — Amanhã?

— Talvez — Kenji diz. — Mas não acho que ele vá levar mais de dois dias.

— Pensei que ele estivesse em um navio. No meio do oceano — Lily diz. — Como ele vai conseguir chegar aqui em dois dias?

— Eu acho que não é o tipo de navio que você está pensando — Castle diz para ela. — Imagino que ele esteja em uma embarcação do exército; equipada com pista de pouso. Se ele pedir um jato, vão trazê-lo para nós.

— Uau.

Brendan inclina-se para trás, apoia-se nas mãos.

— Então vai acontecer mesmo? *O Supremo Comandante d'O Restabelecimento*. Winston e eu nunca o vimos, nenhuma vez, embora os homens dele tenham nos mantido presos.

Ele faz que não com a cabeça. Olha para mim.

— Como é a aparência dele?

— Ele é extremamente bonito — digo.

Lily ri alto.

— Estou falando sério — falo para ela. — É quase doentio o quanto ele é bonito.

— É mesmo?

Winston está me encarando, os olhos arregalados.

Kenji faz que sim com a cabeça.

— Um cara muito bonito.

Lily está olhando admirada.

— E você disse que o nome dele é Anderson? — Alia pergunta.

Eu faço que sim.

— Isso é estranho — Lily observa. — Eu sempre pensei que o último nome do Warner fosse *Warner*, não Anderson.

Ela pensa por um segundo.

— Então o nome dele é Warner Anderson?

— Não — digo a ela. — Você está certa. Warner é o sobrenome dele... Mas não do pai dele. Ele adotou o sobrenome da mãe — conto. — Ele não queria ser associado ao pai.

Adam bufa.

Todos nós olhamos para ele.

— Então, qual é o nome do Warner? — Ian pergunta. — Você sabe?

Faço que sim com a cabeça.

— E? — Winston questiona. — Você não vai falar para a gente?

— Pergunte para ele você mesmo. Se ele quiser falar para você, tenho certeza de que vai contar.

— É, isso não vai acontecer — Winston diz. — Não vou fazer perguntas pessoais para aquele cara.

Eu tento não rir.

— Então… você sabe o nome do Anderson? — Ian pergunta. — Ou é segredo também? Digo, essa coisa toda é muito estranha, não é? Eles fazerem tanto segredo a respeito dos seus nomes?

— Ah — eu digo, pega de surpresa. — Não tenho certeza. Há muito poder em um nome, eu acho. E, não — respondo, fazendo que não com a cabeça. — Eu na verdade não sei o nome do Anderson. Nunca perguntei.

— Você não está perdendo nada — Adam diz, irritado. — É um nome idiota.

Ele está olhando para os próprios sapatos.

— O nome dele é Paris.

— Como você sabe disso?

Eu me viro e vejo Warner parado do lado de fora do elevador aberto. O elevador ainda está soltando o apito baixinho, só agora sinalizando a chegada. As portas se fecham atrás de Warner. Ele está encarando Adam em choque.

Adam pisca depressa olhando para Warner e, depois, para nós, claramente sem ter certeza do que fazer.

— Como você sabe disso? — Warner pergunta de novo.

Ele atravessa direto o nosso grupo e agarra Adam pela camisa, mexendo-se tão depressa que Adam não tem tempo de reagir.

Ele o aperta contra a parede.

Eu nunca ouvi Warner levantar a voz dessa forma. Nunca o vi tão bravo.

— A quem você obedece, soldado? — ele grita. — Quem é o seu comandante?

— Eu não sei do que você está falando! — Adam berra de volta.

Ele tenta se soltar e Warner o agarra com os dois punhos, empurrando-o com mais força contra a parede.

Estou começando a entrar em pânico.

— Há quanto tempo você está trabalhando para ele? — Warner grita de novo. — Há quanto tempo você está infiltrado na minha base...

Eu dou um pulo e fico em pé. Kenji está logo atrás de mim.

— Warner — eu digo —, por favor, ele não é espião...

— Não tem jeito de ele saber algo assim — Warner fala para mim, ainda olhando para Adam. — A não ser que ele seja membro da Guarda Suprema, e, mesmo assim, seria algo questionável. Um soldado raso nunca teria esse tipo de informação…

— Eu não sou um Soldado Supremo — Adam tenta dizer —, eu juro...

— Mentiroso — Warner dispara, empurrando-o com mais força contra a parede.

A camisa de Adam está começando a se rasgar.

— Por que você foi mandado para cá? Qual é a sua missão? Ele o mandou para me matar?

— Warner — eu o chamo de novo, implorando desta vez, correndo para a frente até eu estar em sua linha de visão. — Por favor... Ele não está trabalhando para o Supremo, eu juro…

— Como você pode saber? — Warner enfim olha para mim, apenas por um segundo. — Eu estou dizendo — ele fala —, é impossível ele saber disso...

— Ele é seu *irmão* — eu enfim solto. — Por favor. Ele é seu irmão. Vocês têm o mesmo pai.

Warner fica rígido.

Ele se vira para mim.

— O quê? — ele sussurra.

— É verdade — conto a ele, sentindo meu coração se despedaçar ao fazer isso. — E você vai saber que não estou mentindo.

Eu faço que não com a cabeça.

— Ele é seu irmão. Seu pai estava tendo uma vida dupla. Ele abandonou o Adam e o James há muito tempo. Depois de a mãe deles morrer.

Warner larga Adam no chão.

— Não — Warner diz.

Ele nem está piscando. Apenas encarando. As mãos tremendo.

Eu me viro para olhar para Adam, os olhos tensos de emoção.

— Fale para ele — eu digo, desesperada agora. — Conte a verdade para ele.

Adam não diz nada.

— Droga, Adam, *conte* para ele!

— Você sabia, este tempo todo? — Warner pergunta, virando-se para me olhar. — Você sabia disso e ainda assim não disse nada?

— Eu queria… Eu queria muito, mesmo, mas não achei que deveria me envolver...

— Não — ele fala, interrompendo-me.

Ele está fazendo que não com a cabeça.

— Não, isto não faz nenhum sentido. Como… Como pode ser possível?

Ele levanta o olhar, olha ao redor.

— Isso não…

Ele para.

Olha para Adam.

— Conte a verdade para mim — diz.

Caminha até Adam de novo, parecendo que talvez vá sacudi-lo.

— Conte para mim! Eu tenho o direito de saber!

E cada momento do mundo cai morto agora, porque eles acordaram e perceberam que nunca seriam tão importantes quanto agora.

— É verdade — Adam afirma.

Duas palavras para mudar o mundo.

Warner dá um passo para trás, a mão parada no ar. Ele está esfregando os olhos, a testa, descendo a mão pela boca, pelo pescoço. Ele está com a respiração muito acelerada.

— Como? — ele enfim pergunta.

E então.

E então.

A verdade.

Pouco a pouco. É tirada de Adam. Uma palavra por vez. E o restante de nós está observando, e James ainda está dormindo, e eu fico quieta enquanto estes dois irmãos têm a conversa mais difícil a que eu já tive de assistir.



Warner está sentado em um canto. Adam, no outro. Os dois pediram para serem deixados em paz.

E os dois estão encarando James.

James, que ainda é apenas um montinho roncando.

Adam parece exausto, mas não derrotado. Cansado, mas não chateado. Ele parece mais livre. Suas sobrancelhas não estão franzidas. As mãos estão abertas. Seu rosto está calmo de uma maneira que eu não vejo há o que parece muito tempo.

Ele parece *aliviado*.

Como se tivesse carregado um grande fardo que pensou que poderia matá-lo. Como se tivesse pensado que compartilhar essa verdade com Warner pudesse de alguma forma inspirar uma guerra pela vida toda entre ele e seu novíssimo irmão biológico.

Mas Warner não estava nem um pouco bravo. Ele nem estava chateado.

Ele só estava tão chocado que não conseguia acreditar.

Um pai, eu penso. Três irmãos. Dois que quase mataram um ao outro, tudo por causa do mundo em que foram criados. Por causa das muitas palavras, das muitas mentiras que tiveram de engolir.

As palavras são como sementes, eu acho, plantadas em nosso coração em uma idade tenra.

Elas criam raízes em nós conforme crescemos, acomodando-se profundamente na nossa alma. As boas palavras são boas plantações. Elas florescem e encontram morada no nosso coração. Elas criam troncos em volta da nossa coluna, estabilizando-nos quando nos sentimos mais frágeis; plantando nossos pés com firmeza quando estamos nos sentindo menos seguros. Mas as palavras ruins crescem mal. Nosso tronco é infestado e estragado até estarmos ocos e abrigando os interesses de outras pessoas e não os nossos. Somos forçados a comer os frutos que essas palavras geraram, mantidos como reféns pelos galhos que criam ramificações em volta do nosso pescoço, sufocando-nos até morrermos, uma palavra por vez.

Não sei como Adam e Warner darão a notícia para James. Talvez não contem até ele estar mais velho e poder lidar com as consequências de conhecer sua linhagem. Não sei o que acontecerá com James quando ele souber que o pai é na verdade um assassino em massa e um ser humano desprezível que destruiu todas as vidas em que tocou.

Não.

Talvez seja melhor James não saber, ainda não.

Talvez já seja suficiente por ora que Warner saiba.

Não posso deixar de achar ao mesmo tempo doloroso e belo o fato de Warner ter perdido uma mãe e ganhado dois irmãos na mesma semana. E, embora eu entenda que ele pediu para ser deixado em paz, não consigo me impedir de andar até ele. Não direi

uma palavra, prometo a mim mesma. Mas eu só quero ficar perto dele agora.

Assim, eu me sento a seu lado e inclino a cabeça contra a parede. Apenas respirando.

— Você devia ter me contado — ele sussurra.

Eu hesito antes de responder.

— Você não faz ideia de quantas vezes eu quis isso.

— Você devia ter me contado.

— Eu sinto muito — digo, baixando a cabeça. Baixando a voz. — Eu sinto muito mesmo.

Silêncio.

Mais silêncio.

Então.

Um sussurro.

— Eu tenho dois irmãos.

Eu levanto a cabeça. Olho para ele.

— Eu tenho dois irmãos — ele repete, a voz muito suave. — E quase matei um deles.

Seus olhos estão focados em um ponto longe, longe daqui, apertados de dor e confusão, e algo que parece arrependimento.

— Eu acho que eu devia ter percebido — ele diz para mim. — Ele consegue tocar em você. Ele mora no mesmo setor. E os olhos dele sempre foram estranhamente familiares para mim. Eu percebo agora que eles têm o formato igual aos do meu pai.

Ele suspira.

— Isso é tão insuportavelmente inconveniente — diz. — Eu estava preparado para odiá-lo pelo resto da vida.

Eu me assusto, surpresa.

— Você quer dizer… que não o odeia mais?

Warner baixa a cabeça. Sua voz está tão fraca que eu mal consigo ouvir.

— Como eu posso odiar a raiva dele — ele começa — quando sei muito bem de onde ela vem?

Estou olhando para ele. Pasma.

— Eu posso imaginar muito bem até onde foi o relacionamento dele com o meu pai — Warner afirma, fazendo que não com a cabeça. — E ele ter conseguido pelo menos sobreviver, e com mais humanidade do que eu?

Uma pausa.

— Eu não posso odiá-lo. E estaria mentindo se dissesse que não o admirei.

Eu acho que posso chorar.

Os minutos passam entre nós, quietos e imóveis, parando apenas para nos ouvir respirar.

— Venha — eu enfim sussurro, pegando a mão dele. — Vamos para a cama.

Warner faz que sim com a cabeça, fica em pé, mas, então, para. Confuso. Muito torturado. Ele olha para Adam. Adam olha de volta.

Eles ficam se encarando por muito tempo.

— Com licença — Warner diz.

E eu observo, atônita, conforme ele cruza a sala. Adam fica de pé imediatamente, defensivo, incerto. Conforme Warner se aproxima, Adam parece relaxar.

Os dois agora estão cara a cara, e Warner está falando.

Adam trava os dentes. Vira os olhos para o chão.

Faz que sim com a cabeça.

Warner ainda está falando.

Adam engole a seco, com dificuldade. Faz que sim com a cabeça de novo.

Depois, levanta o olhar.

Os dois trocam um olhar de reconhecimento por um longo instante. E, depois, Warner coloca uma mão no ombro de Adam.

Eu devo estar sonhando.

Os dois trocam mais algumas palavras antes de Warner se virar e sair andando.



— O que você disse para ele? — eu pergunto assim que as portas do elevador se fecham.

Warner respira fundo. Não diz nada.

— Você não vai me contar?

— Prefiro assim — ele fala, em voz baixa.

Pego a mão dele. Aperto-a.

As portas do elevador se abrem.

— Vai ser estranho para você? — Warner pergunta.

Ele parece surpreso com a própria pergunta, como se não pudesse acreditar que sequer a está fazendo.

— O que vai ser estranho?

— Kent e eu sermos… irmãos.

— Não — respondo para ele. — Eu já sei há algum tempo. Isso não muda nada para mim.

— Isso é bom — ele fala baixinho.

Estou fazendo que sim com a cabeça, confusa.

Nós entramos no quarto. Estamos sentados na cama agora.

— Você não se importaria, então? — Warner pergunta.

Ainda estou confusa.

— Se ele e eu — Warner continua — passarmos um tempo juntos?

— O quê? — eu pergunto, incapaz de esconder minha descrença. — Não — respondo depressa. — Não, é claro que não... Eu acho que seria incrível.

Os olhos de Warner estão na parede.

— Então… você quer passar um tempo com ele?

Estou me esforçando muito para dar espaço a Warner e não quero me intrometer, mas não consigo me controlar.

— Eu gostaria de conhecer meu próprio irmão, sim.

— E o James? — questiono.

Warner ri um pouco.

— Sim. E o James.

— Então você está… feliz com isso?

Ele não responde na hora.

— Não estou infeliz.

Eu subo no colo dele. Aninho seu rosto entre minhas mãos, levantando seu queixo para poder ver seus olhos. Estou com um sorriso idiota.

— Eu acho que isso é maravilhoso — digo a ele.

— Acha? — Ele sorri. — Que interessante.

Eu faço que sim com a cabeça. De novo e de novo. E o beijo uma vez, bem delicadamente.

Warner fecha os olhos. Sorri um pouco, ganhando uma covinha em uma das bochechas. Parece pensativo agora.

— Que estranho isso tudo se tornou.

Eu sinto que posso morrer de felicidade.

Warner me tira do seu colo, deita-me de volta na cama. Arrasta-se até mim, para cima de mim.

— E por que você está tão animada? — ele pergunta, tentando não rir. — Você está praticamente radiante.

— Quero que você seja feliz — digo, meus olhos procurando os olhos dele. — Quero que você tenha uma família. Quero que você seja cercado por pessoas que se importam com você — falo. — Você merece isso.

— Eu a tenho — ele diz, descansando sua testa contra a minha.

Seus olhos se fecham.

— Você deveria ter mais do que eu.

— Não — ele sussurra.

Faz que não com a cabeça. Seu nariz roça no meu.

— Sim.

— E quanto a você? E seus pais? — ele pergunta para mim. — Você um dia quer encontrá-los?

— Não — respondo em voz baixa. — Eles nunca foram pais para mim. Além disso, tenho meus amigos.

— E eu — ele diz.

— Você é meu amigo — falo para ele.

— Mas não o seu melhor amigo. O Kenji é o seu melhor amigo.

Eu me esforço muito para não rir com o ciúme na voz dele.

— Sim, mas você é meu amigo *favorito*.

Warner se inclina para mim, passa além dos meus lábios.

— Que bom — ele sussurra, beijando meu pescoço. — Agora, vire-se — diz. — De barriga para baixo.

Eu olho para ele.

— Por favor — ele fala.

Sorri.

Eu me viro. Muito devagar.

— O que você vai fazer? — murmuro, virando-me para olhá-lo.

Ele delicadamente baixa meu corpo de novo.

— Eu quero que você saiba — ele começa, puxando o zíper que mantém este traje no lugar — o quanto eu valorizo sua amizade.

As partes de tecido estão se separando e minha pele agora está aberta para os elementos; controlo um tremor.

O zíper para na base da minha coluna.

— Mas eu gostaria que você pensasse de novo no meu título — Warner fala.

Ele deixa um beijo suave no meio das minhas costas. Sobe as mãos pela minha pele e tira as mangas do meu ombro, deixando beijos de novo nas minhas escápulas, na minha nuca.

— Porque a minha amizade — ele sussurra — vem com muito mais benefícios do que Kenji jamais poderia oferecer.

Eu não consigo respirar. Não consigo.

— Não acha? — Warner pergunta.

— Sim — eu respondo rápido demais. — Sim.

E, então, estou me virando, perdida nas sensações e perguntando-me daqui a quanto tempo perderemos estes momentos e perguntando-me quanto tempo vai demorar até os termos de novo.

Eu não sei para onde estamos indo, ele e eu, mas sei que quero chegar lá. Somos horas e minutos tentando alcançar o mesmo segundo, dando as mãos conforme avançamos em giros para novos dias e a promessa de algo melhor.

Porém, apesar do fato de que iremos conhecer o depois e de que já conhecemos o antes, nunca conheceremos o presente. Este momento e o próximo e mesmo o que teria sido imediatamente agora se foram, já se passaram, e tudo o que nos resta são estes corpos cansados, a única prova de que atravessamos o tempo e sobrevivemos a ele.

Terá valido a pena, no final.

Lutar por uma vida inteira disto.



Levou um dia.

— Eu quero uma.

Estou encarando a parede de armas da sala de treinamento.

— Qual é a melhor?

Delalieu acabou de chegar nesta manhã para trazer as notícias. O Supremo chegou. Ele foi transportado do oceano de jato, mas agora está em um dos navios do exército do Setor 45, aportado no cais.

Seus guardas vieram logo atrás. E seus exércitos o seguirão em breve.

Às vezes, não tenho certeza de que não vamos morrer.

— Você não precisa de arma — Warner diz para mim. — Você com certeza pode pegar uma, mas não acho que precise.

— Eu quero duas.

— Tudo bem — ele ri.

Mas ele é o único.

Todos os outros estão congelados nos momentos antes de o medo tomar conta deles. Todos nós estamos cautelosamente otimistas, mas preocupados mesmo assim. Warner já reuniu suas tropas e os civis já foram avisados; se quiserem se juntar a nós, uma estação foi montada para fornecer armas e munição. Tudo o que precisam fazer é apresentar seus cartões RR para provar que são residentes do Setor 45 e lhes será concedida anistia. Abrigos e centros de emergência foram criados nas casernas dos soldados para receber quaisquer homens, mulheres e crianças que não puderem, ou não quiserem, entrar na batalha. Eles poderão buscar refúgio ali e ficar esperando de fora do banho de sangue.

Essa organização extra foi toda coordenada por Warner.

— E se ele simplesmente bombardear todo mundo de novo? — Ian pergunta, quebrando o silêncio. — Assim como fez com o Ponto Ômega?

— Ele não vai — Warner diz para ele. — Ele é muito arrogante e esta guerra ficou pessoal. Ele vai querer brincar conosco. Vai querer arrastar isto pelo máximo de tempo possível. Ele é um homem que sempre foi fascinado pela ideia de tortura. Isto vai ser divertido para ele.

— É, essa ideia está me fazendo sentir muito bem — Kenji fala. — Obrigado pelo discurso motivacional.

— Disponha — Warner responde.

Kenji quase ri. Quase.

— Então, ele está em outro navio? — Winston questiona. — Aqui?

— Foi o que fiquei sabendo, sim — Warner confirma. — Geralmente, ele ficaria na base, mas, como nós atualmente somos os inimigos, isso virou um problema. Aparentemente, ele também concedeu acesso ao setor para soldados de todo o país, para que se juntem a ele. Ele tem a sua própria guarda de elite, além dos soldados que cuidam da capital, mas parece que também está

reunindo homens de todo o país. Mas é tudo para fazer uma cena — Warner conta. — Não somos tantos assim para ele precisar de tantos homens. Ele só quer nos apavorar.

— Bem, está funcionando — Ian declara.

— E você tem certeza — eu pergunto a Warner — de que ele não vai para o campo de batalha? Certeza absoluta?

Esta é parte do plano que é mais importante. Mais crítica.

Warner faz que sim com a cabeça.

Anderson nunca luta nas suas próprias guerras. Ele nunca mostra o rosto. E estamos contando com sua covardia para ser nossa maior vantagem. Porque, embora ele possa ser capaz de prever um atentado contra sua vida, estamos esperando que ele não consiga prever ataques de inimigos invisíveis.

Warner tem de supervisionar os soldados. Castle, Brendan, Winston, Lily, Alia e Adam vão ajudá-lo. James ficará para trás, na base.

Mas Kenji e eu vamos à fonte.

E, neste instante, estamos prontos para ir. Estamos com nossos trajes, armados e altos de cafeína.

Eu ouço o barulho de uma arma sendo recarregada.

Me viro.

Warner está me olhando.

É hora de ir.



Kenji agarra meu braço.

Todos os outros vão subir e sair pelo quarto de Warner, mas Kenji e eu vamos sair pelo acesso de trás, sem alertar ninguém sobre nossa presença. Queremos que todos, até mesmo os soldados, pensem que estamos no meio da batalha. Não queremos aparecer e, depois, desaparecer; não queremos que ninguém repare que não estamos lá.

Por isso, ficamos para trás e vemos nossos amigos entrarem no elevador para subir até o andar principal. James ainda está acenando conforme as portas se fecham e o deixam para trás.

Meu coração para por um segundo.

Kenji dá um beijo de despedida em James. É um beijo desagradável e barulhento bem no topo da cabeça dele.

— Cuide de tudo para mim, combinado? — ele fala para James. — Se alguém entrar aqui, eu quero que você encha de porrada.

— Combinado — James responde.

Ele está rindo para fingir que não está chorando.

— Estou falando sério — Kenji continua. — Simplesmente comece a disparar socos neles. Tipo, enlouqueça para cima deles.

Ele faz um movimento de luta estranho com as mãos.

— Fique superdoido — fala. — Combata a loucura com loucura…

— Ninguém vai vir aqui, James — eu digo, lançando um olhar cortante para Kenji. — Você não vai ter que se preocupar em se defender. Você vai estar perfeitamente seguro. E, depois, nós vamos voltar.

— De verdade? — ele pergunta, virando os olhos para mim. — Todos vocês?

Menino esperto.

— Sim — eu minto. — Todos nós vamos voltar.

— Certo — ele sussurra.

Ele morde o lábio trêmulo.

— Boa sorte.

— Não precisa de lágrimas — Kenji diz para ele, envolvendo-o em um abraço violento. — Vamos voltar logo.

James faz que sim com a cabeça.

Kenji se afasta.

E, depois, saímos pela porta da parede das armas.

A primeira parte, eu acho, vai ser a mais difícil. Nossa jornada até o porto será feita toda a pé, porque não podemos correr o risco de roubar veículos. Mesmo que Kenji pudesse tornar o tanque invisível, teríamos de abandoná-lo em sua forma visível, e um tanque a mais e inesperado estacionado no porto seria bandeira demais.

Anderson deve estar com o lugar completamente protegido.

Kenji e eu não conversamos enquanto avançamos. Quando Delalieu nos disse que o Supremo fixaria base no porto, Kenji imediatamente sabia onde era. Assim como Warner e Adam e Castle e praticamente todos, exceto eu.

— Eu passei um tempo em um daqueles navios — Kenji conta. — Pouco tempo apenas. Por causa de mau comportamento.

Ele sorri.

— Sei me virar por ali.

Assim, estou segurando o braço dele e ele está mostrando o caminho.

Nunca houve um dia tão frio, eu acho. Nunca houve mais gelo no ar.

Este navio parece uma pequena cidade; é tão enorme que eu nem consigo ver o fim dele. Nós varremos o perímetro, tentando avaliar exatamente quão difícil será nos infiltrarmos no local.

Extremamente difícil.

Quase impossível.

Essas são as exatas palavras de Kenji.

Mais ou menos.

— *Merda* — ele fala. — Isto é ridículo. Nunca vi este nível de segurança antes. Isso é que são *reforços*.

E ele está certo. Há soldados por toda a parte. Na terra. Na estrada. No convés. E estão todos tão fortemente armados que fazem com que eu me sinta idiota com minhas duas armas pequenas e o coldre simples pendurado ao redor dos ombros.

— Então, o que vamos fazer?

Ele fica quieto por um momento.

— Você sabe nadar?

— O quê? Não.

— Merda.

— Não podemos simplesmente pular no oceano, Kenji…

— Bem, não é como se nós pudéssemos *voar*.

— Talvez possamos lutar contra eles?

— Você está completamente louca? Acha que podemos derrotar 200 soldados? Eu sei que sou um homem muito atraente, J, mas não sou o Bruce Lee.

— Quem é Bruce Lee?

— *Quem é Bruce Lee*? — Kenji pergunta, horrorizado. — Ai, meu Deus. Nós nem podemos ser amigos mais.

— Por quê? Ele era seu amigo?

— Quer saber? — ele diz. — Apenas pare. Apenas… Eu nem consigo conversar com você agora.

— Então, como vamos fazer para entrar?

— E você acha que eu sei? Como vamos tirar todos aqueles caras do navio?

— Ah — eu ofego. — Ai, meu Deus. Kenji...

Agarro o braço invisível dele.

— É, isso é a minha perna e você está quase, quase lá, princesa.

— Kenji, eu posso *empurrá-los* para fora — digo, ignorando-o. — Eu posso simplesmente jogá-los na água. Vai funcionar?

Silêncio.

— E então? — pergunto.

— Sua mão ainda está na minha perna.

— Ah.

Eu me afasto depressa.

— E então? O que você acha? Vai funcionar?

— *Obviamente* — Kenji fala, exasperado. — Faça isso agora, por favor. E depressa.

Assim, eu faço.

Eu recuo e puxo toda a minha energia para cima e para os meus braços.

Poder, controlado.

Braços, posicionados.

Energia, projetada.

Eu mexo meu braço pelo ar como se eu estivesse tirando coisas de cima de uma mesa.

E todos os soldados tombam para a água.

É quase cômico assistir daqui. Como se eles fossem um monte de brinquedos que eu estivesse empurrando para fora da minha escrivaninha. E, agora, eles estão subindo e descendo na água, tentando entender o que acabou de acontecer.

— Vamos — Kenji fala de repente, agarrando meu braço.

Estamos avançando e correndo pelo píer de 30 metros.

— Eles não são idiotas — ele fala. — Alguém vai disparar o alarme e eles vão selar as portas logo. Provavelmente, temos um minuto antes de tudo ser fechado.

Assim, estamos seguindo depressa.

Estamos correndo pelo píer e subindo, chegando ao convés, e Kenji puxa meu braço para me dizer aonde ir. Estamos ficando muito mais cientes do corpo um do outro agora. Eu quase consigo sentir a presença dele a meu lado, embora não possa vê-lo.

— Aqui embaixo — ele grita e eu olho para baixo, vendo o que parece uma abertura estreita e circular com uma escada presa ao lado de dentro. — Vou entrar — ele fala. — Comece a descer daqui a cinco segundos!

Posso ouvir os alarmes já sendo disparados, sirenes choramingando a distância. O navio está firme contra o cais, mas a água a distância se estende para sempre, desaparecendo na borda da terra.

Meus cinco segundos se passaram.

Estou descendo depois dele.



Não faço ideia de onde Kenji está.

Aqui embaixo é apertado e claustrofóbico e eu já consigo ouvir um barulho de passos vindo na minha direção, gritos e berros ecoando pelo corredor; eles devem saber que alguma coisa aconteceu no convés lá em cima. Estou me esforçando muito para não entrar em pânico, mas não tenho mais certeza de qual deve ser o próximo passo.

Eu nunca previ que faria isto sozinha.

Fico sussurrando o nome de Kenji e esperando uma resposta, mas não há nada. Não posso acreditar que já o perdi. Pelo menos, ainda estou invisível, o que significa que ele não pode estar a mais de 15 metros de distância, e os soldados estão muito perto para eu correr qualquer risco agora. Não posso fazer nada que chamaria a atenção para a minha presença... ou para a presença de Kenji.

Assim, tenho de me forçar a ficar calma.

O problema é que não faço ideia de onde estou. Não tenho ideia de para o quê estou olhando. Nunca estive em um *barco* antes, muito menos um navio do exército desta magnitude.

Mas eu tenho de tentar entender meus arredores.

Estou parada no meio do que parece um corredor muito longo, painéis de madeira se estendem pelo chão, pelas paredes e até pelo teto baixo acima da minha cabeça. Há pequenos recuos de metros em metros, onde a parede parece ser escavada.

São portas, eu percebo.

Pergunto-me para onde levam. Para onde tenho de ir.

Botas estão trovejando por perto agora.

Meu coração começa a acelerar e eu tento me empurrar contra a parede, mas o corredor é muito estreito; embora eles não consigam me ver, não há como eu passar por eles. Posso ver um grupo se aproximando agora, posso ouvi-los gritando ordens uns para os outros. A qualquer momento, eles vão bater direto em mim.

Eu recuo o mais rápido que consigo e corro, equilibrando meu peso nos dedos dos pés para minimizar o som o máximo possível. Deslizo e paro. Atinjo a parede atrás de mim. Mais soldados estão correndo pelos corredores agora, claramente alertas para alguma coisa e, por um segundo, sinto meu coração parar. Estou muito preocupada com Kenji.

Porém, enquanto eu continuar invisível, Kenji deve estar por perto, eu acho. Ele deve estar vivo.

Eu me agarro a essa esperança conforme os soldados se aproximam.

Olho para a esquerda. Olho para a direita. Eles estão se aproximando de mim sem nem perceber. Não faço ideia de para onde eles estão indo — talvez estejam subindo, para o lado de fora —, mas tenho de me mexer, rápido, e não quero avisá-los da minha presença. Ainda não. É muito cedo para tentar derrotá-los. Sei que Alia prometeu que eu conseguiria aguentar uma bala desde que

meu poder estivesse ativado, mas a minha última experiência de levar um tiro no peito me deixou traumatizada o bastante para querer evitar essa opção o máximo possível.

Assim, faço a única coisa em que consigo pensar.

Eu pulo para dentro de um dos recuos das portas e planto as mãos contra a moldura interna, segurando-me no lugar, as costas apertadas contra a porta. *Por favor por favor por favor*, eu penso, *por favor, que não tenha ninguém nesta sala*. Tudo o que uma pessoa qualquer precisaria fazer seria abrir a porta e eu estaria morta.

Os soldados estão se aproximando.

Eu paro de respirar quando eles passam.

Um dos cotovelos deles roça meu braço.

Meu coração está acelerado, muito acelerado. Assim que eles se vão, eu saio depressa do recuo da porta e corro, percorrendo corredores que só levam a mais corredores. Este lugar é como um labirinto. Não faço ideia de onde estou, nenhuma ideia do que está acontecendo.

Nem uma única pista de onde vou encontrar Anderson.

E os soldados não vão parar de vir. Eles estão por toda a parte, todos juntos e, de repente, nenhum deles, e eu estou virando em esquinas e girando em direções diferentes e estou me esforçando ao máximo para correr mais que eles. Mas, então, eu reparo nas minhas mãos.

Não estou mais invisível.

Seguro um grito.

Pulo para outro corredor, esperando me apertar para fora da vista, mas, agora, estou nervosa e horrorizada, porque não só não sei o que aconteceu com Kenji como não sei o que vai acontecer comigo também. Foi uma ideia tão idiota. Eu sou uma pessoa tão idiota. Não sei no que eu estava pensando.

Achar que eu conseguiria fazer isto.

Botas.

Martelando o chão em direção a mim. Eu me preparo e engulo o medo e tento estar o mais pronta possível. Não há como eles não prestarem atenção em mim agora. Eu puxo minha energia para cima e para dentro de mim, sinto meus ossos tamborilando com o fluxo dela e a emoção do poder queimando pelo meu corpo. Se eu conseguir manter este estado durante todo o tempo em que estiver aqui embaixo, eu devo conseguir me proteger. Eu sei lutar agora. Posso desarmar um homem, roubar sua arma. Eu aprendi a fazer tantas coisas.

Mas ainda estou um tanto apavorada e nunca precisei usar o banheiro tanto quanto preciso neste instante.

*Pense*, fico dizendo para mim mesma. *Pense*. *O que você pode fazer*? *Aonde você pode ir*? *Onde Anderson estaria escondido*? *Mais para dentro*? *Mais para baixo*?

*Onde ficaria a maior sala deste navio*? *Com certeza não no andar mais alto*. *Preciso descer.*

*Mas como*?

Os soldados estão se aproximando.

Fico me perguntando o que essas salas guardam, a quê esta porta leva. Se for apenas uma sala, então é um caminho sem saída. Mas, se for uma entrada para um espaço maior, então talvez eu tenha uma chance. Mas, se houver alguém aqui, eu definitivamente estarei encrencada. Não sei se devo arriscar.

Um grito.

Um berro.

Um tiro.

Eles me viram.



Eu bato meu cotovelo na porta atrás de mim, estilhaçando a madeira em lascas que voam para todo lado. Viro-me e abro o restante da passagem com golpes, chutando e derrubando a porta em uma explosão repentina de adrenalina, e, assim que vejo que esta sala é apenas um pequeno armazém de carvão e um caminho sem saída, faço a única coisa em que consigo pensar.

Pulo.

E aterrisso.

E atravesso direto o chão.

Eu caio sem jeito, mas consigo me equilibrar antes de tombar no chão. Os soldados estão pulando atrás de mim, gritando e berrando. Botas me perseguem enquanto abro a porta com violência e sigo voando pelo corredor. Alarmes estão sendo disparados por toda a parte, sons tão altos e desagradáveis que mal consigo me ouvir pensar. Sinto como se estivesse correndo por um nevoeiro, as sirenes disparando luzes vermelhas, guinchando e berrando e sinalizando uma intrusa.

Estou sozinha agora.

Estou virando depressa em mais corredores, me virando nas curvas deste andar e tentando ter uma ideia da diferença entre ele e aquele logo acima. Não parece haver nenhuma. Eles parecem exatamente iguais e os soldados são tão agressivos quanto.

Eles estão atirando livremente agora, o som ensurdecedor dos tiros colidindo com o berro das sirenes. Nem tenho certeza se já não fiquei surda.

Não acredito que eles continuam conseguindo me *errar*.

Parece impossível, estatisticamente falando, que tantos soldados a uma distância tão pequena não consigam achar um alvo no meu corpo. Não pode estar certo.

Eu atravesso o chão de novo.

Caio em pé desta vez.

Estou agachada, olhando ao redor, e, pela primeira vez, vejo que este andar é diferente. O corredor é mais largo, as portas estão mais separadas umas das outras. Eu queria que Kenji estivesse aqui. Eu queria ter alguma ideia do que isto significa, qual é a diferença entre os andares. Eu queria saber aonde ir, onde começar a procurar.

Eu chuto uma porta para abri-la.

Nada.

Sigo correndo, chuto outra porta.

Nada.

Continuo correndo. Estou começando a ver o mecanismo interno do navio. Máquinas, canos, vigas de aço, tanques enormes, jatos de vapor. Devo estar indo na direção errada.

Porém, não faço ideia de quantos andares o navio tem e não faço ideia se posso continuar descendo.

Ainda estou levando tiros e estou apenas um passo à frente. Estou deslizando por curvas estreitas e me empurrando contra a

parede, e virando em esquinas escuras e esperando que eles não me vejam.

*Onde está Kenji?*, fico me perguntando. *Onde ele está?*

Eu preciso ir para o outro lado deste navio, não quero casas de caldeiras ou tanques de água. Isto não pode estar certo. Tudo é diferente neste lado do navio. Até as portas são diferentes. Elas são feitas de aço, não madeira.

Chuto uma para abri-la, só para ter certeza.

Uma sala de controle por rádio, abandonada.

Uma sala de reunião, abandonada.

Não. Eu quero salas de verdade. Grandes escritórios e aposentos. Anderson não estaria aqui. Ele não seria encontrado ao lado dos canos de gás e dos motores chiando.

Eu saio na ponta dos pés do meu mais novo esconderijo, coloco a cabeça para fora.

Gritos. Berros.

Mais tiros.

Eu recuo. Respiro fundo. Controlo toda a minha energia ao mesmo tempo, e decido que não tenho escolha a não ser testar a teoria de Alia.

Eu pulo para fora e disparo pelo corredor.

Correndo, acelerando como nunca fiz antes. As balas passam voando pela minha cabeça e jorrando sobre meu corpo, atingindo meu rosto, minhas costas, meus braços, e eu me forço a continuar correndo, eu me forço a continuar respirando, sem sentir dor, sem me sentir aterrorizada, e me agarrando à minha energia como a uma corda de segurança e sem deixar nada me parar. Estou tropeçando por cima de soldados, derrubando-os com golpes do cotovelo, sem hesitar por tempo suficiente para fazer mais que empurrá-los para fora do meu caminho.

Três deles vêm voando para cima de mim, tentando me prender ao chão e eu empurro todos de volta. Um avança de novo e eu dou um soco direto no rosto dele, sentindo seu nariz quebrar contra meus nós de dedo de metal. Outro tenta agarrar meu braço por trás e eu pego a mão dele, quebrando seus dedos ao apertá-los, e depois pego seu antebraço, puxo-o para perto e jogo-o através de uma parede. Viro-me para encarar o restante deles e todos estão olhando para mim, pânico e terror misturados em seus rostos.

— Lutem comigo — digo a eles, sangue e pressa e um tipo louco de adrenalina fluindo pelo meu corpo. — Eu os desafio.

Cinco deles levantam suas armas na minha direção. Apontam-nas para meu rosto.

Atiram.

De novo e de novo e de novo, esvaziando carga após carga. Meu instinto é o de me proteger das balas, mas eu me concentro nos homens em vez disso, em seus corpos e em seus rostos bravos e retorcidos. Tenho de fechar os olhos por um segundo, porque não consigo enxergar através da barra de metal sendo esmagada contra meu corpo. E, quando estou pronta, trago o punho para perto do peito, sentindo o poder aumentar dentro de mim, e o jogo para a frente, de repente, derrubando 75 soldados como se fossem feitos de palitos de fósforo.

Eu tiro alguns momentos para respirar.

Meu peito está arfando, meu coração está disparado e olho ao redor, sentindo a calmaria dentro da loucura, piscando com força contra os flashes de luz vermelha do alarme, e percebo que os soldados não se mexem. Ainda estão vivos, eu posso ver, mas estão inconscientes. E eu me permito um instante para olhar para baixo.

Estou cercada.

Balas. Centenas de balas. Uma poça de balas. Por toda parte em volta dos meus pés. Caindo do meu traje.

Do meu rosto.

Sinto algo frio e duro em minha boca e cuspo para a mão. Parece um pedaço quebrado e destroçado de metal. Como se tivesse sido frágil demais para me enfrentar.

*Balinha esperta*, eu penso.

E, então, eu corro.



Os corredores estão sem movimento agora. Os passos são menos.

Já joguei 200 soldados no mar.

Derrubei cerca de 100 mais.

Não faço ideia de quantos soldados mais Anderson deixou protegendo este navio. Mas vou descobrir.

Estou com a respiração acelerada conforme avanço por este labirinto. É uma triste verdade o fato de que, apesar de eu ter aprendido a lutar e ter aprendido a projetar, ainda não faço ideia de como correr.

Para alguém com tanto poder, estou terrivelmente fora de forma.

Eu chuto e derrubo a primeira porta que vejo.

Outra.

Depois, outra.

Eu vou rasgar cada centímetro deste navio até encontrar Anderson. Vou destruí-lo com minhas próprias mãos se precisar.

Porque ele está com Sonya e Sara. E ele pode estar com Kenji.

E, em primeiro lugar, eu preciso deixá-los em segurança.

E, em segundo, preciso que ele morra.

Outra porta se abre em pedaços.

Eu chuto a porta seguinte e a derrubo.

Todas estão vazias.

Vejo um par de portas vaivém no fim do corredor e me jogo através delas, esperando alguma coisa, qualquer coisa, qualquer sinal de vida.

É uma cozinha.

Facas e fogões e comida e mesas. Fileiras e fileiras de alimentos enlatados. Guardo um lembrete mental de voltar para pegá-los. Parece uma pena desperdiçar toda essa comida.

Atravesso de novo as portas, rápido.

E pulo. Com força. Atravessando o convés com os pés e esperando que haja outro andar neste navio.

Esperando.

Aterrisso mal sobre os dedos dos pés, levemente desequilibrada e tombando para trás. Eu me recupero bem a tempo.

Olho ao redor.

Isto, eu penso. É isto. Isto é totalmente diferente.

Os corredores são enormes aqui embaixo; janelas para o exterior cortadas nas paredes. O chão é feito de madeira de novo, painéis longos e finos que estão lustrados e polidos com brilho. É bonito aqui embaixo. Chique. Limpo. As sirenes parecem mudas neste andar, como uma ameaça distante que significa pouco agora, e percebo que devo estar perto.

Passos, apressando-se na minha direção.

Eu me viro.

Há um soldado avançando em direção a mim e, desta vez, não me escondo. Eu corro para ele, baixando a cabeça enquanto isso, e meu ombro direito bate com tanta força no peito dele que ele sai voando pelo corredor.

Alguém tenta atirar em mim por trás.

Eu me viro e ando direto até ele, tirando as balas do meu rosto com tapas como se elas fossem moscas. E então agarro os ombros dele, puxo-o para perto e dou um golpe com o joelho na virilha dele. Ele dobra o corpo, ofegando e gemendo e enrolando-se no chão. Eu me abaixo, arranco a arma da mão dele e agarro um punho cheio do tecido da camisa dele. Levanto-o com uma mão. Jogo-o na parede. Aperto a arma contra a cabeça dele.

Estou cansada de esperar.

— Onde ele está? — eu exijo saber.

Ele não responde para mim.

— *Onde*? — eu grito.

— Eu n-não sei — enfim diz, a voz tremendo, o corpo se contorcendo, tremendo na minha mão.

E, por algum motivo, acredito nele. Tento ler alguma coisa em seus olhos e não vejo nada além de terror. Eu o derrubo no chão. Esmago sua arma na mão. Jogo-a no colo dele.

Chuto outra porta para abri-la.

Estou ficando frustrada, muito brava agora, e estou tão cegamente aterrorizada quanto ao bem-estar de Kenji que estou tremendo de raiva. Nem sei quem procurar primeiro.

Sonya.

Sara.

Kenji.

Anderson.

Fico parada em frente a outra porta, derrotada. Os soldados pararam de vir. As sirenes ainda estão berrando, mas a distância agora. E, de repente, estou me perguntando se tudo isso foi uma perda de tempo. Se talvez Anderson nem está neste navio. Talvez não estejamos nem no navio *certo*.

E, por algum motivo, eu não chuto a porta desta vez.

Por algum motivo, eu decido tentar a maçaneta antes.

Está destrancada.



Há uma cama enorme aqui com uma grande janela e uma bela vista do oceano. É adorável, na verdade, quão amplo e expansivo tudo é. Ainda mais adoráveis são suas ocupantes.

Sonya e Sara estão me encarando.

Elas estão perfeitas. Vivas.

Tão lindas quanto sempre foram.

Eu corro até elas, tão aliviada que quase explodo em lágrimas.

— Vocês estão bem? — pergunto, incapaz de me controlar. — Vocês estão bem?

Elas se jogam em meus braços, parecendo que desceram até o inferno e voltaram, torturadas por dentro, e tudo o que quero fazer é carregá-las para fora deste navio e levá-las para casa.

Porém, assim que a ansiedade inicial sai do caminho, Sonya diz algo que faz meu coração parar.

— O Kenji estava procurando por você — ela fala. — Ele acabou de vir aqui, não faz muito tempo, e perguntou se nós a tínhamos visto...

— Ele disse que vocês se separaram — Sara acrescenta.

— E que ele não sabia o que tinha acontecido com você — Sonya diz.

— Estávamos com tanto medo de que você estivesse morta — elas declaram juntas.

— Não — digo a elas, sentindo-me enlouquecida agora. — Não, não, eu não morri. Mas tenho que ir. Fiquem aqui — estou falando para elas. — Não saiam daqui. Não vão a lugar nenhum. Eu já volto, prometo — afirmo. — Eu só tenho que ir achar o Kenji... Eu tenho que encontrar o Anderson.

— Ele está a duas portas daqui — Sara conta, os olhos arregalados.

— A sala que fica no final do corredor — Sonya avisa.

— É a que tem a porta azul — elas me informam.

— Espere!

Sonya me para conforme eu me viro para sair.

— Tenha cuidado — Sara fala. — Ouvimos algumas coisas...

— Sobre uma arma que ele trouxe — Sonya diz.

— Que tipo de arma? — pergunto, o coração desacelerando.

— Não sabemos — elas falam juntas.

— Mas ele ficou bem feliz com ela — Sara sussurra.

— Sim, muito feliz — Sonya acrescenta.

Eu fecho os punhos.

— Obrigada — digo a elas. — Obrigada... Até daqui a pouco — estou falando. — Daqui a muito pouco...

E estou recuando, saindo, correndo pelo corredor e as ouço gritar para eu ter cuidado, e boa sorte, logo atrás de mim.

Mas eu não preciso mais de sorte. Eu preciso destes dois punhos e desta coluna de aço. Eu não perco nada de tempo para chegar à sala azul. Não estou mais com medo.

Eu não hesito. Não vou hesitar. Nunca mais.

Chuto a porta.

— JULIETTE… NÃO…



A voz de Kenji me atinge como um soco na garganta.

Eu nem tenho tempo de piscar antes de ser jogada contra a parede.

Minhas costas, eu penso. Algo está errado com as minhas costas. A dor é tão lancinante que não posso deixar de pensar se elas estão quebradas. Estou tonta e me sinto lenta; minha cabeça está girando e há uma estranha campainha em meus ouvidos.

Eu me levanto desajeitada.

Sou atingida, de novo, com muita força. E nem sei de onde a dor está vindo. Não consigo piscar rápido o bastante, não consigo equilibrar a cabeça por tempo suficiente para me livrar da confusão.

Tudo está tombando para o lado.

Estou me esforçando muito para me livrar disto.

Sou mais forte do que isso. Melhor do que isto. Eu deveria ser indestrutível.

Levanto, de novo.

Devagar.

Algo me atinge com tanta força que eu voo pela sala, batendo na parede. Eu escorrego até o chão. Estou curvada agora, segurando a cabeça com as duas mãos, tentando piscar, tentando entender o que está acontecendo.

Eu não entendo o que poderia estar me acertando.

*Tão forte*.

Nada deveria ser capaz de me atingir com tanta força assim. Não de novo e de novo.

Parece que alguém está chamando meu nome, mas eu não consigo ouvir. Tudo está tão abafado, tão escorregadio e desequilibrado, como se estivesse ali, só um pouco além do meu alcance e eu não pareço conseguir encontrar. Sentir.

Preciso de um novo plano.

Eu não me levanto de novo. Fico ajoelhada, rastejando para a frente e, desta vez, quando o golpe vem, tento mandá-lo de volta. Estou me esforçando muito para empurrar minha energia para a frente, mas todos os golpes na minha cabeça me deixaram desestabilizada. Estou me agarrando à minha energia com um desespero maníaco e, embora eu não consiga avançar, também não sou jogada para trás.

Tento levantar a cabeça.

Devagar.

Não há nada em frente a mim. Nenhuma máquina. Nenhum elemento estranho que possa ser capaz de criar esses impactos poderosos. Eu pisco com força contra a campainha em meus ouvidos, tentando freneticamente limpar minha visão.

Algo me atinge de novo.

A intensidade ameaça me empurrar paras trás, mas eu enterro os dedos no chão até eles atravessarem a madeira e estou me agarrando ao piso.

Eu gritaria, se pudesse. Se ainda tivesse alguma energia.

Levanto a cabeça de novo. Tento de novo ver.

E, desta vez, duas figuras entram em foco.

Uma é Anderson.

A outra é alguém que não reconheço.

É um loiro atarracado com cabelo cortado bem curto e olhos cruéis. Ele parece vagamente familiar para mim. E está parado ao lado de Anderson com um sorriso convencido, as mãos estendidas à sua frente.

Ele bate as mãos.

Apenas uma vez.

Sou arrancada do chão e jogada para trás contra a parede.

*Ondas de som.*

São *ondas de pressão*, eu percebo.

Anderson encontrou um brinquedinho.

Eu balanço a cabeça e tento limpá-la de novo, mas os golpes estão vindo mais depressa agora. Com mais força. Com mais intensidade. Eu tenho de fechar os olhos contra a pressão dos ataques e tento engatinhar, desesperadamente, quebrando as tábuas do chão para ter algo em que agarrar.

Outro golpe.

Com força na cabeça.

É como se ele causasse uma explosão cada vez que junta as mãos, e o que está me matando não é a explosão. Não é seu impacto direto. É a pressão liberada por uma bomba.

De novo e de novo e de novo.

Eu sei que o único motivo de eu conseguir sobreviver é porque sou muito forte.

Mas *Kenji*, eu penso.

Kenji deve estar em algum lugar desta sala. Foi ele que chamou meu nome, que tentou me avisar. Ele deve estar aqui, em algum lugar, e, se eu mal consigo sobreviver a isto agora, não sei como ele poderia estar se saindo melhor.

Ele deve estar se saindo pior.

Muito pior.

Esse medo é suficiente para mim. Sou fortalecida com um novo tipo de força, uma intensidade desesperada, animal, que me domina e me força a me levantar. Eu consigo ficar de pé diante de cada impacto, cada golpe, conforme ele chacoalha minha cabeça e ressoa em meus ouvidos.

E eu ando.

Um passo por vez, eu ando.

Ouço um tiro de pistola. Três. Mais cinco. E percebo que são todos direcionados a mim. Balas quebrando-se em meu corpo.

O loiro está se mexendo. Recuando. Tentando se afastar de mim. Ele está aumentando a frequência de seus golpes, esperando me tirar do caminho, mas eu cheguei muito longe para perder esta luta. Nem estou pensando agora, quase nem estou lúcida, concentrada unicamente em chegar até ele e silenciá-lo para sempre. Não faço ideia se ele já conseguiu matar Kenji. Não faço ideia se estou prestes a morrer. Não faço ideia de quanto tempo mais posso aguentar isto.

Porém, tenho de tentar.

Mais um passo, digo a mim mesma.

Mexa sua perna. Agora, o pé. Dobre o joelho.

Você está quase lá, digo a mim mesma.

Pense em Kenji. Pense em James. Pense nas promessas que você fez para aquele menino de dez anos, digo a mim mesma. Leve Kenji para casa. Leve a si mesma para casa.

Lá está ele. Bem na sua frente.

Eu estendo o braço como se atravessasse uma nuvem. E aperto o punho em volta do pescoço dele.

Aperto.

Aperto até as ondas de som pararem.

Ouço algo se quebrar.

O loiro cai no chão.

E eu desmaio.



Anderson está parado sobre mim agora, apontando uma arma para o meu rosto.

Ele atira.

De novo.

Mais uma vez.

Eu fecho os olhos e puxo de dentro de mim, bem profundo, os últimos pingos de força, porque, de alguma maneira, algum instinto dentro do meu corpo ainda está gritando para que eu fique viva. Eu me lembro de Sonya e Sara me falando certa vez que nossas energias poderiam ser esgotadas. Que poderíamos nos extenuar. Que elas estavam tentando fazer remédios para ajudar com esse tipo de coisa.

Eu queria ter esse tipo de remédio agora.

Pisco olhando para Anderson, sua forma embaçada nos cantos. Ele está parado logo atrás da minha cabeça, a ponta de suas botas brilhantes tocando o topo do meu crânio. Não consigo ouvir muita

coisa além dos ecos reverberando em meus ossos, não consigo ver nada a não ser as balas que chovem sobre mim. Ele ainda está atirando. Ainda descarregando sua arma no meu corpo, esperando pelo momento em que ele sabe que não serei capaz de aguentar mais.

Estou morrendo, eu penso. Devo estar. Eu pensei que soubesse qual é a sensação de morrer, mas devia estar errada. Porque este é um tipo completamente diferente de morte. Um tipo completamente diferente de dor.

Mas acho que, se eu tenho que morrer, posso muito bem fazer mais uma coisa antes de partir.

Eu estendo as mãos. Agarro os tornozelos de Anderson. Aperto os punhos.

E esmago os ossos dele nas minhas mãos.

Seus gritos furam a névoa na minha cabeça, por tempo suficiente para trazer o mundo de volta ao foco. Estou piscando depressa, olhando ao redor e capaz de ver com clareza pela primeira vez. Kenji está caído no canto. O menino loiro está no chão.

Anderson foi separado de seus pés.

Meus pensamentos estão mais afiados de repente, como se eu estivesse no controle de novo. Não sei se é isso que a esperança faz com uma pessoa, se ela tem mesmo o poder de trazer alguém de volta à vida, mas ver Anderson se contorcendo no chão faz algo comigo. Faz com que eu pense que ainda tenho uma chance.

Ele está gritando muito, recuando sem jeito e se arrastando pelo chão com os braços. Deixou a arma cair, claramente com dor demais e apavorado demais para ainda tentar alcançá-la e eu consigo ver a agonia em seus olhos. A fraqueza. O terror. Apenas agora ele está entendendo o horror do que está prestes a acontecer com ele. Como tinha de acontecer com ele. Que ele seria dizimado por uma criança idiota que era covarde demais, ele disse, para se defender.

E é então que eu percebo que ele está tentando me dizer alguma coisa. Ele está tentando falar. Talvez esteja implorando.

Talvez ele esteja chorando. Talvez ele esteja implorando por misericórdia. Mas não estou ouvindo mais.

Eu não tenho nada para dizer.

Levo as mãos para trás, puxo a arma do meu coldre.

E atiro nele, na testa.



Duas vezes.

Uma pelo Adam e uma pelo Warner.



Eu enfio a arma de volta no coldre. Ando até a forma mole, ainda respirando, de Kenji, e o jogo por cima do meu ombro.

Chuto e derrubo a porta.

Volto diretamente pelo corredor.

Dou um chute para entrar no quarto de Sonya e Sara e deixo Kenji cair na cama.

— Consertem-no — digo, mal respirando agora. — Por favor, consertem-no.

Eu caio de joelhos.

Sonya e Sara começam imediatamente. Elas não falam. Elas não choram. Elas não gritam. Elas não desmoronam. Elas começam a trabalhar no mesmo instante e eu não acho que já as amei mais do que amo neste momento. Elas o deitam esticado na cama, Sara parada de um lado dele, Sonya, do outro, e juntam as mãos na cabeça dele, primeiro. Depois, no coração.

Depois, alternam, cada vez uma forçando a vida a voltar para partes diferentes do corpo dele até Kenji estar se mexendo, seus olhos tremendo, mas não se abrindo, a cabeça chicoteando para frente e para trás.

Estou começando a ficar preocupada, mas tenho muito medo e estou muito cansada para me mexer, até mesmo um centímetro.

Finalmente, finalmente, elas se afastam.

Os olhos de Kenji ainda não estão abertos.

— Funcionou? — pergunto, morrendo de medo de ouvir a resposta.

Sonya e Sara fazem que sim com a cabeça.

— Ele está dormindo — elas falam.

— Ele vai melhorar? Completamente? — pergunto, desesperada agora.

— Esperamos que sim — Sonya fala.

— Mas ele vai ficar dormindo por alguns dias — Sara acrescenta.

— O dano foi muito profundo — elas contam juntas. — O que aconteceu?

— Ondas de pressão — digo a elas, minhas palavras são um sussurro. — Ele nem deveria ter conseguido sobreviver.

Sonya e Sara estão me encarando, ainda esperando.

Eu me forço a ficar em pé.

— Anderson está morto.

— Você o matou — elas sussurram.

Não é uma pergunta.

Eu faço que sim com a cabeça.

Elas estão me encarando, de queixo caído e atônitas.

— Vamos — eu falo. — Esta guerra acabou. Temos de contar aos outros.

— Mas como vamos sair? — Sara pergunta.

— Há soldados por toda a parte — Sonya argumenta.

— Não mais — conto a elas, muito cansada para explicar, mas muito grata por sua ajuda.

Por sua existência. Pelo fato de elas ainda estarem vivas. Eu lhes dou um sorrisinho antes de andar até a cama e levantar o corpo de Kenji e colocá-lo sobre meus ombros. Seu peito está curvado sobre as minhas costas, um dos braços jogado sobre meu ombro esquerdo, o outro pendurado em frente a mim. Meu braço direito está envolvendo as duas pernas dele.

Eu o coloco mais para cima dos meus ombros.

— Prontas? — falo, olhando para as duas meninas.

Elas fazem que sim com a cabeça.

Eu as guio para fora da porta e pelos corredores, esquecendo por um momento que não faço ideia de como sair deste navio. Mas os corredores estão sem vida. Todos estão machucados ou inconscientes ou se foram. Nós desviamos dos corpos caídos, tiramos os braços e as pernas do caminho. Somos tudo o que restou.

Eu, carregando Kenji.

Sonya e Sara logo atrás.

Eu enfim encontro uma escada. Subo. Sonya e Sara dividem o peso de Kenji entre si e eu estendo as mãos para baixo para puxá-lo. Temos de fazer isso mais três vezes, até estarmos finalmente no convés superior, onde eu o jogo sobre meus ombros pela última vez.

E, depois, nós andamos, em silêncio, pelo navio abandonado, pelo píer e de volta para terra firme. Desta vez, eu não me importo em roubar tanques. Não me importo em ser vista. Não me importo

com nada além de encontrar meus amigos. E acabar com esta guerra.

Há um tanque do exército abandonado na margem da estrada. Eu testo a porta.

Destrancada.

As meninas sobem e me ajudam a puxar Kenji para o colo delas. Eu fecho a porta atrás delas. Subo para o lado do motorista. Aperto o polegar no escâner para ligar o motor; muito agradecida por Warner ter nos programado para ter acesso ao sistema.

É apenas então que eu me lembro de que ainda não faço ideia de como dirigir.

Provavelmente, é bom que eu esteja dirigindo um tanque.

Não presto atenção a semáforos ou ruas. Dirijo o tanque para fora da estrada e diretamente de volta ao coração do setor, na direção geral de onde nós viemos. Exagero na força no acelerador, exagero na força no freio, mas minha mente está em um lugar onde mais nada importa.

Eu tinha um objetivo. O primeiro passo foi realizado.

E, agora, vou cuidar dele até o final.

Deixo Sonya e Sara na base e as ajudo a carregar Kenji para fora. Aqui, eles estarão seguros. Aqui, eles podem descansar. Mas ainda não é a minha vez de parar.

Eu sigo direto para cima e atravesso a base militar, subo pelo elevador até onde eu me lembro que foi de onde saímos para a assembleia. Atravesso com violência porta depois de porta, seguindo diretamente para o lado de fora e o pátio, onde subo até alcançar o topo. Trinta metros no ar.

Onde tudo começou.

Há uma cabine para técnicos ali, um sistema de manutenção para os alto-falantes que estão espalhados pelo setor. Eu me lembro

disso. Eu me lembro de tudo isso agora, embora meu cérebro esteja entorpecido e minhas mãos ainda estejam tremendo, e sangue que não pertence a mim esteja escorrendo pelo meu rosto até meu pescoço.

Mas este era o plano.

Tenho de terminar o plano.

Eu digito a senha no teclado e espero para ouvir o clique. A cabine do técnico se abre com um estalo. Eu passo os olhos pelos diferentes fusíveis e botões e viro o interruptor que está identificado como TODOS OS ALTO-FALANTES e respiro fundo. Aperto o botão do interfone.

— Atenção, Setor 45 — digo, as palavras ásperas e altas e confusas no meu ouvido. — O Supremo Comandante d'O Restabelecimento está morto. A capital se rendeu. A guerra acabou.

Estou tremendo bastante agora, meu dedo escorregando do botão enquanto tento mantê-lo apertado.

— Eu repito, o Supremo Comandante d'O Restabelecimento está morto. A capital se rendeu. A guerra acabou.

Termine, digo a mim mesma.

Termine agora.

— Sou Juliette Ferrars e vou liderar esta nação. Desafio qualquer um que se oponha a mim.



Dou um passo para a frente e minhas pernas tremem, ameaçando se dobrar e quebrar embaixo de mim, mas eu me empurro e continuo me mexendo. Eu me empurro para atravessar a porta, para descer pelo elevador e para sair, para o campo de batalha.

Não demoro muito para chegar lá.

Há centenas de corpos em massas amontoadas e sangrentas no chão, mas há centenas mais ainda em pé; mais vivos do que eu poderia ter esperado. A notícia se espalhou mais rápido do que eu imaginava. É quase como se eles já soubessem há um tempo, um curto tempo, que a batalha estava acabada. Os soldados sobreviventes do navio de Anderson estão em pé ao lado dos nossos, alguns ainda encharcados, congelados até os ossos com este tempo frio. Eles devem ter achado o caminho até a costa e compartilhado a notícia sobre o ataque, sobre o fim iminente de Anderson. Todos estão olhando ao redor, encarando uns aos outros em choque, encarando as próprias mãos ou olhando para o céu. Outros ainda estão verificando a massa de corpos de amigos e

parentes, alívio e medo aparentes em seus rostos. Seus corpos exaustos não querem continuar assim.

As portas das casernas foram abertas com violência e os civis restantes inundam o terreno, correndo para se reunir a seus entes queridos e, por um momento, a cena é tão terrivelmente desoladora e, ao mesmo tempo, tão terrivelmente bela que eu não sei se devo chorar de dor ou alegria.

Eu não choro, nem um pouco.

Sigo em frente, forçando meus membros a se mexerem, implorando a meus ossos para se manterem firmes, para me carregarem até o final deste dia e para o resto da minha vida.

Quero ver meus amigos. Preciso saber se eles estão bem. Preciso da confirmação visual de que eles estão bem.

Porém, assim que eu entro no meio da multidão, os soldados do Setor 45 perdem o controle.

Os homens que sangraram e foram atacados em nosso campo de batalha estão gritando e comemorando apesar da mancha de morte sobre a qual estão, saudando-me enquanto eu passo. Conforme eu olho ao redor, percebo que eles são *meus* soldados agora. Eles confiaram em mim, lutaram comigo e pelo mesmo objetivo que eu, e agora vou confiar neles. Vou lutar por eles. Esta é a primeira de muitas batalhas que virão.

Haverá muitos outros dias como este.

Estou coberta de sangue, meu traje rasgado e crivado com lascas de madeira e pedaços de metal. Minhas mãos estão tremendo tanto que eu nem as reconheço mais.

E, ainda assim, sinto-me muito calma.

Tão inacreditavelmente calma.

Como se a profundidade do que acabou de acontecer ainda não tivesse conseguido me atingir.

É impossível não roçar em mãos e braços estendidos conforme eu cruzo o campo de batalha, e é estranho para mim, de alguma forma, estranho eu não me retrair, estranho eu não esconder minhas mãos, estranho eu não ficar preocupada em machucá-los.

Eles podem tocar em mim se quiserem e talvez eu cause ferimentos, mas minha pele não vai matar mais.

Porque eu nunca vou deixar chegar tão longe.

Porque agora eu sei como controlar o poder.



Os aglomerados são lugares tão desolados e estéreis, eu penso ao passar por eles. Eles têm de ser os primeiros a sumir. Nossos lares devem ser reconstruídos. Restaurados.

Precisamos começar de novo.

Eu escalo a lateral de uma das pequenas casas de um aglomerado. Subo pelo segundo andar também. Estendo a mão para cima, agarrando o telhado, e me puxo. Chuto os painéis solares para o chão e me firmo no topo, bem no meio, enquanto olho para a multidão.

Procurando rostos conhecidos.

Esperando que eles me vejam e venham para cá.

Esperando.

Fico em pé no telhado desta casa pelo que parecem dias, meses, anos e não vejo nada além dos rostos dos soldados e de suas famílias. Nenhum dos meus amigos.

Eu me sinto balançar, a tontura ameaçando me dominar, meus batimentos acelerados e fortes. Estou pronta para desistir. Fiquei aqui tempo o bastante para as pessoas apontarem, para meu rosto ser reconhecido, para que se espalhasse a notícia de que estou aqui, esperando alguma coisa. Alguém. Qualquer um.

Estou prestes a mergulhar de volta na multidão para procurar os corpos caídos deles quando a esperança agarra meu coração.

Um a um, eles emergem, de todos os cantos do campo, bem de dentro das casernas, do outro lado dos aglomerados. Sangrando e machucados. Adam, Alia, Castle, Ian, Brendan e Winston, cada um abre caminho até mim, mas viram-se e esperam os outros chegarem. Winston está chorando bastante.

Sonya e Sara estão arrastando Kenji para fora das casernas, pequenos passos empurrando-o para frente. Vejo que seus olhos estão abertos agora, apenas um pouco. Kenji teimoso, teimoso. É claro que ele está acordado quando deveria estar dormindo.

James vem correndo na direção deles.

Ele bate contra Adam, agarrando-se às suas pernas, e Adam levanta o irmãozinho, pega-o nos braços, sorrindo como eu nunca o vi sorrir antes. Castle acena para mim com um movimento da cabeça, sorrindo muito. Lily me manda um beijo. Ian faz um movimento estranho como uma arma com os dedos e Brendan acena. Alia nunca pareceu mais radiante.

Estou olhando para eles, meu sorriso firme, seguro nos lábios por nada além de pura força de vontade. Ainda estou olhando, esperando meu último amigo aparecer. Esperando que ele nos encontre.

Mas ele não está aqui.

Estou passando os olhos pelas centenas de pessoas espalhadas por este terreno gelado, gelado e não o vejo, em nenhum lugar, e o terror deste momento me golpeia no estômago até eu estar sem

fôlego e sem esperança, piscando depressa e tentando me manter firme.

O telhado de metal sob meus pés está balançando.

Eu me viro na direção do som, o coração acelerado, e vejo uma mão alcançar o topo.



Ele vai para cima do telhado e anda até mim, muito equilibrado. Calmo, como se não houvesse nada no mundo que tivéssemos planejado fazer hoje além de ficar aqui, juntos, olhando para um campo de corpos mortos e crianças felizes.

— Aaron — eu sussurro.

Ele me puxa em seus braços.

E eu caio.

Cada osso, cada músculo, cada nervo do meu corpo se desfaz com o toque dele e eu o agarro, segurando-me para salvar minha vida.

— Eu sei — ele sussurra, seus lábios na minha orelha —, todo mundo virá atrás de nós agora.

Eu me inclino para trás. Olho nos olhos dele.

— Mal posso esperar para vê-los tentar.